

DEREK LANDY



Sr. Ardiloso Cortês

ESPIRAL DA MORTE



DE QUE LADO VOCÊ ESTÁ?



Série Sr. Ardiloso Cortês

Sr. Ardiloso Cortês

Brincando com fogo

Os Sem-Rosto

Dias sombrios

Espiral da morte

DEREK LANDY

**Sr. Ardiloso
Cortês
ESPIRAL DA MORTE**

Tradução de
LARISSA HELENA

1ª edição



Rio de Janeiro | 2013

Landy, Derek, 1973-
L255e

Espiral da morte [recurso eletrônico] / Derek Landy; tradução Larissa Helena. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2013.

recurso digital (Sr. Ardiloso Cortês; 5)

Tradução de: Skulduggery Pleasant Mortal coil

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 9788501100566 (recurso eletrônico)

1. Novela irlandesa. 2. Livros eletrônicos. I. Helena, Larissa. II. Título. III. Série.
13-04858

CDD: 828.99153

CDU: 811.111(41)-3

Título original em inglês:

Skulduggery Pleasant: Mortal Coil

Copyright © Derek Landy 2010

Ilustrações © Tom Percival 2010

SP Logo™ & Skull Head Logo™ Harper Collins Publishers.

Marcas registradas e materiais utilizados sob permissão de Harper Collins Publishers.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 9788501100566

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

Dedico este livro, com grande relutância, ao meu editor, Nick Lake, porque ele está me obrigando a isso.

Pessoalmente, eu gostaria de ter incluído Gillie Russell e Michael Stearns que, assim como Nick, me receberam realmente bem no mundo editorial com o meu primeiro livro.

Infelizmente, visto que Nick é agora meu único editor, ele ameaçou editar esta dedicatória até que virasse uma confusão de quadrados pretos, por isso esta dedicatória é para ele, e só para ele.

Pessoalmente, acho que isso demonstra uma quantidade absurda de [REDACTED] e [REDACTED], a prova de que Nick não passa de um [REDACTED] com um [REDACTED] de [REDACTED], mas bem, essa é só minha opinião.

Pronto, Nick. Finalmente conseguiu um livro dedicado a você. Espero que esteja satisfeito pra [REDACTED].

[REDACTED].

(Nota do Editor: Nick Lake é um cara incrível.)

A TAREFA DE MORTALHA

As portas se abriram repentinamente, e o Sumo Sacerdote Aurão Tenebross marchou aposento adentro, o manto revolvendo-se em torno de sua figura alta e estreita. À sua direita estava Tremor, um avarento com as palavras, mas generoso até demais com os olhares intimidadores. À esquerda de Tenebross estava Poltrão, um puxa-saco insosso, possuidor de uma excepcional habilidade de rastejar para abrir caminho até as boas graças dos superiores. Ultimamente, a frequência com que Salomão Mortalha andava vendo esses três estava alta demais para seu gosto.

— Clérigo Mortalha — disse Tenebross, assentindo imperiosamente na direção dele.

— Sua Eminência — respondeu Mortalha, com uma profunda reverência. — A que devo esta honra?

— Por que acha que estamos aqui? — disse Poltrão, quase com desdém. — Seu relatório está atrasado. Achou que o Sumo Sacerdote ia esquecer? Você o toma por um tolo?

— Não, não acho que seja um tolo — respondeu Mortalha, calmamente. — Mas quanto à inteligência daqueles que o acompanham, temo não poder dizer o mesmo.

— Um insulto! — guinchou Poltrão. — Como ousa? Como ousa usar esse tom depreciativo na presença do Sumo Sacerdote!

— Basta — suspirou Tenebross —, vocês dois. Suas constantes discussões desafiam minha paciência.

— Minhas mais humildes desculpas — disse Poltrão imediatamente, se curvando e fechando os olhos, o lábio inferior tremendo, à beira das lágrimas. Uma atuação magnífica, como sempre.

— Sim — disse Mortalha. — Lamento por isso.

— Apesar do evidente dramatismo do Clérigo Poltrão — prosseguiu Tenebross —, ele foi bastante correto ao observar que você está atrasado com o relatório. Como está o progresso de Valquíria Caos nos estudos?

— Ela aprende rápido — disse Mortalha. — Pelo menos do ponto de vista prático. Lança sombras com naturalidade, e a cada vez que a encontro, parece ter melhorado.

— E o aspecto filosófico? — perguntou Tremor.

— Não está progredindo tão bem — admitiu Mortalha. — Ela não parece nem um pouco interessada na história ou nos ensinamentos da Ordem. Vai dar trabalho abrir a mente dela para isso.

— O esqueleto já a envenenou contra nós — disse Tenebross, amargamente.

— Temo que possa estar certo. Mas acho que vale a pena o esforço.

— E ainda não estou convencido.

— Só porque a garota aprende rápido — disse Tremor —, não significa que seja o Arauto da Morte.

— Clérigo Tremor diz a verdade. — Tenebross assentiu.

Mortalha fez o possível para parecer humilde, guardando seus comentários para si. Ele passara a vida procurando pelo salvador deles, por aquele que resgataria o mundo de si mesmo. Ele sabia perfeitamente bem dos perigos da falsa esperança e dos becos sem saída — tivera sua cota de ambos. Mas Valquíria Caos era diferente. Ele podia sentir. Valquíria Caos era a *escolhida*.

— Ela me preocupa — disse Tenebross. — Ela tem potencial? Sem dúvida. Com treinamento e estudo, poderia ser a melhor entre nós. Mas o melhor entre nós ainda está muito longe do que o Arauto da Morte deveria ser.

— Continuarei trabalhando com ela — disse Mortalha. — Em dois anos, talvez três, teremos uma compreensão melhor do que ela é capaz.

— Três anos? — Tenebross riu. — Muito pode acontecer, como vimos, em um curto espaço de tempo. Serpênteo. Vingança. A Diablerie. Ousaremos correr o risco de desviarmos do caminho por conta de um erro? Enquanto estamos ocupados testando a Srta. Caos, outro dos discípulos de Malevolente pode realmente ser bem-sucedido em seus objetivos insanos e trazer de volta os Sem-Rosto de uma vez por todas. E se, como você mesmo teme, Clérigo Mortalha, Lorde Vil retornar para punir a todos nós? Se isso acontecer, nossos planos não significam nada. Não haverá mais mundo para salvar.

— Então o que Vossa Eminência sugere? — perguntou Mortalha.

— Um Sensitivo — disse Poltrão, assentindo.

— Já tentamos isso antes — argumentou Mortalha. — Nenhum dos nossos psíquicos consegue nos revelar coisa alguma.

— Ler o futuro nunca foi um talento particular da Ordem dos Necromantes — disse Tenebross. — Nossos sensitivos deixam um pouco a desejar no que diz respeito a previsões do futuro. Mas tem um outro de que sempre ouço falar. Um tal de Finbar alguma coisa...

— Finbar Errado — disse Mortalha. — Mas ele conhece Valquíria pessoalmente. Isso geraria perguntas demais. Ainda que não a conhecesse, duvido que ajudaria nossa causa. Como vivo lembrando, ninguém lá fora gosta de nós.

— Estamos trabalhando para salvar todos eles! — vociferou Poltrão, e desta vez nem mesmo o Sumo Sacerdote lhe deu atenção.

— O psíquico vai nos ajudar — disse Tenebross —, e em seguida não se lembrará de ter feito isso. Clérigo Mortalha, quero que pegue o Apanhador de Almas e liberte o Remanescente que está preso dentro dele.

A expressão de Mortalha vacilou.

— Vossa Eminência, os Remanescentes são extremamente perigosos...

— Ah, confio em sua habilidade para lidar com qualquer situação — disse Tenebross, com um aceno despreocupado. — Faça com que ele possua esse tal de Finbar, e se ele contemplar um futuro em que Valquíria Caos é o Arauto da Morte e a vir salvar o mundo, então podemos concentrar toda a nossa energia em nos certificarmos de que ela atinja seu potencial. Se ele não vislumbrar esse futuro, esquecemos dela, e nossa busca continua.

— Mas usar o Remanescente...

— Uma vez que o serviço esteja feito, simplesmente o coloque de volta no Apanhador de Almas. O que poderia ser mais simples?

O DETETIVE SORRIDENTE

O Natal seria dali a poucos dias, e em todas as casas dessa rua no subúrbio de Dublin havia luzinhas nas janelas, exceto por uma. Três dos vizinhos mais competitivos haviam enchido seus pequenos jardins com Papais Noéis piscantes e renas saltitantes, e algum idiota tinha até amarrado um fio de pisca-piscas no poste de luz na frente do portão da casa dele. Não nevava, mas a noite estava fria, e o gelo grudava pela cidade feito purpurina.

O carrão que freou do lado de fora da casa sem luzinhas era um Bentley R-Type Continental ano 1954, um dos únicos 208 fabricados. Era um carro requintado, retrô mas equipado com todas as conveniências modernas, adaptado às necessidades do dono. Era rápido, potente e, se recebesse o menor amassado, cairia aos pedaços.

Foi o que o mecânico disse. Ele fez todo o possível, usara todo o seu conhecimento e habilidade para trazer o carro de volta à vida tantas vezes — mas o próximo arranhão, prometera ele, seria o último. Todos os truques que usara para manter o carro andando, para trazê-lo de volta à forma, seriam neutralizados. O vidro se despedaçaria, o chassi se romperia, os pneus explodiriam, o motor racharia... A única maneira de evitar a completa e absoluta catástrofe, dissera o mecânico por fim, era se assegurar de não estar *dentro* do carro quando tudo isso acontecesse.

Ardiloso Cortês saiu primeiro. Ele era alto, magro e usava um terno azul-escuro com luvas pretas. O cabelo era castanho e ondulado, as maçãs do rosto altas, e a mandíbula, quadrada. A pele tinha aspecto de cera, e os olhos não pareciam capazes de focar em nada, mas, dadas as condições, até que era um rosto muito bom. Um dos melhores.

Valquíria Caos saiu do banco do carona. Fechou o zíper do casaco preto para se proteger do frio e se juntou a Ardiloso conforme ele andava até a porta da frente. Ela olhou para ele e viu que estava sorrindo.

— Pare de fazer isso — suspirou ela.

— De fazer o quê? — quis saber Ardiloso, com sua gloriosa voz aveludada.

— Pare de sorrir. A pessoa com quem queremos falar mora na única casa sombria de uma rua radiante. Não é um bom sinal.

— Eu não percebi que *estava* sorrindo — disse ele.

Pararam diante da porta, e Ardiloso fez um esforço consciente para mudar de expressão. Sua boca se curvou para baixo.

— Estou sorrindo agora?

— Não.

— Excelente — disse, e o sorriso imediatamente surgiu de novo.

Valquíria lhe entregou o chapéu.

— Por que não se livra do rosto? Não vai precisar dele aqui.

— Você é quem vive me dizendo que eu deveria praticar mais — falou ele, mas passou os dedos enluvados por baixo da gola da blusa mesmo assim, apertando os símbolos marcados em sua clavícula. O rosto e o cabelo se retraíram, deixando-o com um crânio reluzente.

Ele recolocou o chapéu, reclinou a cabeça num ângulo confiante e perguntou:

— Melhor?

— Muito.

— Bom. — Ele bateu na porta e sacou a arma. — Se alguém perguntar, somos um coral natalino assustador.

Cantarolando uma musiquinha de Natal para si mesmo, ele bateu de novo, e de novo, mas ninguém abriu a porta e nenhuma luz se acendeu.

— Aposto quanto que está todo mundo morto? — perguntou Valquíria.

— Você só está sendo incrivelmente pessimista — perguntou Ardiloso — ou esse seu anel está lhe dizendo alguma coisa?

O anel de Necromante estava frio contra seu dedo, mas não mais que o normal.

— Não está me dizendo nada. Só consigo sentir a morte através dele quando estou praticamente em cima do cadáver.

— O que é uma habilidade incrivelmente útil, preciso dizer. Segure isto.

Ele lhe entregou a arma e se abaixou para tentar arrombar a fechadura. Valquíria olhou em volta, mas ninguém os observava.

— Pode ser uma armadilha — disse ela, mantendo a voz baixa.

— Improvável — sussurrou ele. — Armadilhas costumam ser instigantes.

— Pode ser uma armadilha muito ruim.

— Sempre uma possibilidade.

A fechadura se abriu com um clique. Ardiloso se ergueu, guardou as ferramentas e pegou a arma de volta.

— Preciso de uma arma — balbuciou Valquíria.

— Você é uma Elemental com um anel de Necromante, treinada em diversas artes marciais por uma das melhores guerreiras do mundo — observou Ardiloso. — Tenho bastante certeza de que isso *faz* de você uma arma.

— Quis dizer uma arma que pode ser empunhada. Você tem uma pistola, Tanith tem uma espada... Eu quero um bastão.

— Vou te comprar um bastão de Natal.

Valquíria lançou um olhar ameaçador a Ardiloso enquanto ele empurrava a porta. Esta se abriu silenciosamente, sem nem mesmo o velho rangido assustador. Ardiloso entrou primeiro, e Valquíria o seguiu, fechando a porta. Levou um momento até que seus olhos se ajustassem ao nível de penumbra, e Ardiloso, que não tinha olhos, portanto, não tinha esse problema, esperou até que a parceira lhe desse uma batida no ombro antes de continuar. Eles passaram pela sala de estar, onde ela lhe deu outro tapinha. Ele olhou para Valquíria, que apontou para o anel de Necromante. Estava zumbindo com um tipo terrível de energia fria conforme se alimentava da morte que havia na sala.

Eles encontraram o primeiro cadáver esparramado no sofá. O segundo estava largado num canto, em meio aos destroços do que um dia fora uma mesinha lateral. Ardiloso olhou de perto para cada um deles, então balançou a cabeça para Valquíria. Nenhum era o homem que estavam procurando.

Caminharam até a cozinha, onde encontraram um terceiro cadáver, com o rosto voltado para o chão. Se sua cabeça não estivesse completamente virada ao contrário, ele estaria olhando para o teto. Havia uma garrafa ao lado da mão dele, quebrada contra os azulejos, e o cheiro de cerveja ainda era forte.

Não havia mais nenhum cadáver no restante do andar térreo, então eles seguiram para as escadas. O primeiro degrau rangeu, e Ardiloso recuou. Então envolveu a cintura de Valquíria com o braço, e eles se ergueram do solo e flutuaram até o corpo no patamar. Era uma mulher, que morrera em posição fetal.

Havia três quartos e um banheiro. O banheiro estava vazio, assim como o primeiro dos quartos que verificaram. O segundo tinha marcas de queimaduras nas paredes e outra mulher morta, com metade do corpo para fora da janela. Valquíria imaginou que essa seria a responsável pelas marcas — ela tentara se defender, então fugir. Nenhuma das tentativas funcionou.

Havia alguém vivo no último quarto. Conseguiram ouvir quem quer que fosse no armário, tentando não fazer barulho. Ouviram uma longa inspiração conforme se aproximavam, e então silêncio absoluto por 13 segundos inteiros. O silêncio terminou com um arquejo ridiculamente alto em busca de ar. Ardiloso usou o polegar para puxar o cão da pistola para trás.

— Saia — disse ele.

O guarda-roupa se abriu em um golpe, e um homem enlouquecido guinchou e se jogou em cima de Valquíria. Ela golpeou o braço dele, agarrou sua camisa e girou o quadril na direção dele, fazendo seu guincho se transformar num ganido quando ele atingiu o chão.

— Não me matem — soluçou ele. — Oh, Deus, por favor, não me matem.

— Se tivesse me deixado terminar — disse Ardiloso, levemente irritado —, teria

me ouvido dizer “Saia daí, não vamos machucá-lo”. Idiota.

— Ele provavelmente não teria dito *idiota* — explicou Valquíria para o homem que soluçava. — Estamos nos esforçando para ser legais.

O homem piscou através das lágrimas e olhou para cima.

— Vocês... vocês não vão me matar?

— Não, não vamos — disse Valquíria, gentilmente —, desde que limpe seu nariz agora mesmo.

O homem fungou na manga da camisa, e ela se afastou, tentando não estremecer de repulsa. Ele se levantou.

— Você é Ardiloso Cortês — disse ele. — Já ouvi falar de você. O detetive esqueleto.

— Boas festas! — Ardiloso assentiu. — Esta é minha parceira, Valquíria Caos. E você é...?

— Meu nome é Ranajay. Moro aqui com... com meus amigos. É tão bom morar perto de toda essa gente normal. Realmente gostávamos de morar aqui. Eu e meus... Eu e meus amigos...

Parecia que Ranajay ia começar a soluçar de novo, então Valquíria o interrompeu rapidamente:

— Quem fez isto? Quem matou todo mundo?

— Não sei. Um cara grande. Enorme. Ele estava de máscara e falava com sotaque. Tinha olhos vermelhos.

— O que ele queria? — perguntou Ardiloso.

— Ele veio atrás de um dos meus amigos.

Valquíria franziu a testa.

— Efraim Tungstênio?

— Sim — disse Ranajay. — Como sabiam?

— É com ele que queremos falar. Acreditamos que esteve em contato com uma assassina que tentamos rastrear há cinco meses.

— Davina Mácula, certo? A detetive que enlouqueceu e explodiu o Santuário? Era por isso que o grandão queria Efraim também.

— Você sabe se Mácula mantinha contato com Efraim? — perguntou Ardiloso.

— Oh, sim, sim. Ela pagou para que ele forjasse uma identidade falsa para ela e a ajudasse a sair do país. É isso o que Efraim faz. Quando as pessoas precisam desaparecer, ele arranja tudo. Só que desta vez ele não quis. Acho que, depois de descobrir o que ela tinha feito, não quis tomar parte nisso. A detetive, Mácula, veio aqui depois que o Santuário foi derrubado, atrás do pagamento que tinha feito, mas ele tinha se mandado. Ela revirou este lugar de cabeça pra baixo três vezes no mesmo mês à procura dele. Não a vejo desde então. Nem a Efraim. Todos achamos que seria mais seguro nos afastarmos dele, sabe? E olha só o bem que isso trouxe

para os meus amigos.

— O homem que os matou — disse Ardiloso —, você disse a ele onde Efraim está?

Ranajay balançou a cabeça.

— Não precisei. *Eu* sabia o que ele queria saber. Acho que é o único motivo para ele não ter me matado. Efraim me contou, há eras, que a única coisa que ele fizera para Mácula fora arrumar lugares para ela ficar em três partes diferentes da cidade. Essa era toda a informação de que o cara precisava, saber onde Mácula estaria.

— Você pode contar *para nós* quais são os três lugares?

— Vocês vão atrás dele? — perguntou Ranajay.

— Nossa prioridade é Davina Mácula, mas o homem que matou seus amigos acaba de se tornar o segundo da lista.

— Vão impedi-lo?

— Se pudermos.

— Vão matá-lo?

— Se for preciso.

— Tá. Tá, eu digo a vocês.

TESSERATO

Ele era um homem gigante, seus músculos fortes e bem-definidos alargando o casaco preto desbotado que vestia — mas era silencioso, ela precisava admitir. E esperto também, para chegar tão perto dela sem acionar os alarmes. *Provavelmente foi desativando cada um deles conforme avançava*, pensou, enquanto se jogava pela janela, para o ar frio. Sem pressa, fazendo do jeito certo, do jeito que qualquer bom assassino deve fazer. Ela sabia quem ele era, claro. Assassinos desse tamanho tendem a chamar a atenção, e só um deles usava uma máscara de metal por cima do rosto deformado e cheio de cicatrizes. O russo, Tesserato.

Ela atingiu o chão e rolou, estilhaços de vidro a acompanhando até lá embaixo. Enfiou o braço dentro da jaqueta, encontrou o detonador, usou o dedão para desativar a trava de segurança e apertou o botão vermelho sem mesmo tirá-lo do bolso. Ele estava lá em cima, naquele momento, e ela só teria uma chance.

Mas quando a grande explosão não aconteceu, ela olhou para cima e o viu se esgueirando pela janela. Ele desativara os explosivos. É claro. Davina Mácula nem se deu ao trabalho de xingar. Ela apenas correu.

O chão estava molhado pela chuva recente, e ela escorregou na lama, lutando para permanecer de pé. Todo aquele tempo e esforço gastos para fortificar essa coisa lamentável que chamava de casa; tudo para nada. As medidas de segurança que instalara em todas as possíveis entradas para o canteiro de obras abandonado acabaram se provando inúteis. As armadilhas que colocara nas escadas de metal para o escritório do mestre de obras no qual estivera vivendo se mostraram *pior* que inúteis. O brutamontes entrara silenciosamente, e só por pura sorte ela acabara percebendo a tempo.

Davina correu até seu carro, mas se ele era tão metódico como suspeitava, já teria sabotado o motor, então ela virou à esquerda, correndo para a cerca alta que delimitava o lado leste do canteiro de obras. Ouviu passadas rápidas atrás de si e decidiu tentar despistá-lo no labirinto de contêineres. Era uma noite sem lua, escura demais para ver qualquer coisa, e ela torceu para que ele tivesse tanta dificuldade de lidar com a penumbra quanto ela. Ouviu-se um tinido alto, seguido de passos no metal; ele estava se movendo acima dela, por cima dos contêineres, tentando

interceptá-la antes que chegasse à cerca.

Mácula virou-se na direção oposta, desejando ter tido tempo de pegar a arma da mesa antes de saltar. Magia também era muito bom, ela pensava com frequência, mas nada era tão tranquilizador quanto empunhar uma arma carregada.

Ela se abaixou e continuou rastejando, mantendo a respiração sob controle. Não conseguia mais ouvi-lo. Ou ele ainda estava lá em cima, sem se mover, ou estava embaixo, na sujeira, na lama e no escuro, com ela. Provavelmente se aproximando silenciosamente agora mesmo. Mácula olhou por cima do ombro, mas não viu nada além de sombras.

Ela tentou se lembrar da disciplina que Tesseracto escolhera. Ele era um Adepto, disso ela sabia, mas além disso, a magia que praticava era um mistério para ela. Ela esperava que não fosse a capacidade de enxergar no escuro. Isso seria típico, e perfeito, para se encaixar com a sorte que ela vinha tendo nos últimos meses. Ela só queria ir para casa, pelo amor de Deus. Mácula era de Boston, nascida e criada lá, e era onde queria morrer. Não ali, na úmida e lamacenta Irlanda.

Ela deitou de barriga no chão e arrastou-se para um vão entre duas paletas. Deu outra olhada para trás, se certificando de que o homem não estava esticando o braço para puxar seu tornozelo, e então considerou suas opções. Não eram ótimas, e nem muitas, mas ficar escondida não era uma delas. Ele a encontraria mais cedo ou mais tarde, provavelmente mais cedo do que tarde. Ela podia tentar a cerca leste mais uma vez ou então refazer todo o caminho de volta até a entrada sul. Ir para oeste estava fora de questão, já que não havia nada lá além de acres de terra plana sem cobertura.

Mácula se apoiou nos cotovelos, a umidade fria penetrando em suas roupas, e olhou para a frente, em direção ao norte. Havia outra cerca ali, mais alta que a do leste, porém mais próxima, e pelo menos lá havia paletas e máquinas atrás das quais poderia se esconder caso fosse preciso.

Ela se moveu gradualmente para fora do vão, saindo de cócoras. Havia dois barris empilhados um sobre o outro, e ela correu até eles. Ainda nem sinal do Tesseracto.

Correndo abaixada, ela deu a volta em uma escavadeira e dali disparou até a próxima cobertura. A cerca de metal estava a uns vinte passos de distância. Era alta, do tamanho de uma casa, maior do que ela se lembrava, mas Mácula tinha certeza de que conseguiria saltá-la. Ela se permitiu um momento para invejar o Detetive Esqueleto e sua recém-descoberta capacidade de voar. Isso seria realmente útil naquele instante. Ela avaliou a distância e sentiu as correntes do ar, percebendo que precisaria dar uma corrida para transpor a cerca com sucesso.

Ela olhou para trás, certificando-se de que Tesseracto não estava por perto. Esquadrinhou o entorno cuidadosa e metodicamente, virando a cabeça devagar, alerta para o menor movimento. Precisou de um segundo inteiro para perceber que

estava olhando diretamente para ele conforme este corria em sua direção. Não pôde evitar — deu um gritinho de medo e recuou desajeitadamente, tropeçando nos próprios pés.

Escorregando e deslizando no chão molhado, Mácula lutou para chegar à cerca. Abriu bem os braços, as mãos espalmadas e os dedos flexionados, e então moveu o ar ao redor de si e se ergueu para longe da lama. Não estava nem na metade do caminho quando percebeu que não ia conseguir. Aproximou-se da cerca e esticou os braços, os dedos se encaixando nos elos bem quando começou a cair. Seu corpo foi lançado contra a cerca trepidante, os dedos ardendo. Ela olhou para baixo e o viu olhando para ela, em silêncio por trás da máscara de metal. Ela começou a escalar, usando apenas as mãos. Olhou para baixo. Tesserato estava escalando atrás dela.

Deus, ele era rápido.

Começou a chover de novo, e as gotas logo passaram a atingir o rosto de Mácula. Tesserato estava diminuindo a distância entre eles com uma rapidez alarmante, seus longos braços indo mais longe que os dela, os grandes músculos impulsinando o corpo na direção do alvo sem dificuldade. Quanto a Mácula, seus músculos já reclamavam e, conforme se aproximava do topo, gritavam. Ainda assim, melhor eles que ela, concluiu.

Abaixo dela, Tesserato parara. Parecia que tinha prendido o casaco preto na cerca. Mácula não tinha tempo a perder se orgulhando disso, mas se prometeu um sorrisinho desdenhoso quando tudo estivesse acabado.

Ela passou para o outro lado, parando por um instante para estimar a que altura estava, então se deixou cair. Ela viu a calçada ficando cada vez mais perto e, quando ela se preparou para usar o ar para desacelerar a queda, olhou para Tesserato. Num instante percebeu que ele não ficara preso, mas estivera cortando os elos com uma faca.

Enquanto ela passava por ele ao cair, ele esticou o braço através da cerca e a agarrou. Mácula se sacudiu e contorceu, gritando, e ele a segurou por um instante, deixando-a cair em seguida. Ela mergulhou de cabeça contra a rua abaixo. Seu ombro foi a primeira coisa a atingir a calçada, despedaçando-se, e a cabeça estalou contra o concreto. Mácula ficou ali deitada, esperando que Tesserato pulasse para terminar o serviço. Mas então um carro familiar dobrou a esquina cantando pneu, e ela desmaiou.

ESCALA MAIOR

Ardiloso freou, e o Bentley deu uma guinada, fazendo uma parada perfeita na rua escorregadia. Valquíria abriu a porta com um movimento rápido e saltou. Davina Mácula era um amontoado na calçada, certamente com vários ossos quebrados.

Um homem aterrissou ao lado de Mácula, grande e usando uma máscara de metal, e Ardiloso surgiu ao lado de Valquíria, com a arma na mão.

— Você é Tesserato — disse ele. — É mesmo, não é? Quem o contratou? Para quem está trabalhando?

O homem, Tesserato, nem sequer olhou para Ardiloso. Seus olhos vermelhos estavam concentrados em Mácula. Ele se moveu na direção dela, e Ardiloso se colocou no caminho. Imediatamente, Tesserato pegou a arma, torcendo-a e arrancando-a da mão de Ardiloso, que agarrou o cotovelo do homenzarrão, puxou e o deslocou, fazendo a arma cair de volta em suas mãos.

— Leve-a para o carro! — ordenou Ardiloso, e Valquíria agarrou Mácula, começando a arrastá-la.

Conforme lutavam pelo controle da arma, Tesserato chutou a perna de Ardiloso, que deu uma joelhada na coxa do oponente. Eles davam cabeçadas um no outro enquanto tentavam golpear e se defender, usando movimentos que Valquíria nunca vira antes. Ela ouviu o *clique* da arma, mas as mãos deles estavam na frente, e ela não conseguia ver o que estava acontecendo. Finalmente, Tesserato arremessou Ardiloso pela cintura, mas este continuava segurando a arma. Ele rolou ao cair e se ergueu, mirando bem no meio do peito de Tesserato, e a luta congelou.

Valquíria enfiou Mácula no assento traseiro do Bentley e olhou para trás a tempo de ver Tesserato esticar o punho e abrir a mão lentamente. Seis balas caíram no chão.

— *Achei* mesmo que estava fácil demais — murmurou Ardiloso, guardando a arma.

Valquíria considerou ajudá-lo, mas nunca nem ouvira falar desse tal de Tesserato e sabia bem dos perigos de se meter numa luta sem saber quem era o inimigo. Em vez disso, ela se colocou atrás do volante do Bentley.

A prioridade ali era Mácula, e estavam com ela, depois de tanto tempo. Valquíria

não ia arriscar que ela escapasse mais uma vez. Deu marcha à ré no carro, como fizera centenas de vezes antes disso com a supervisão de Ardiloso, e girou o volante. O carro girou e ela passou para a primeira marcha. Acelerou para longe da luta, dobrou a esquina e continuou adiante. Não havia outros carros na rua.

Valquíria dobrou outra esquina, fazendo uma curva fechada demais, mas mantendo o controle. Algo se moveu no retrovisor; Ardiloso estava voando ao lado do carro. Ele assentiu para ela, que freou e foi para o banco do carona. Ardiloso sentou atrás do volante, e eles partiram novamente.

Ela franziu a testa.

— Não vamos voltar para pegá-lo?

— Tesserato? — disse Ardiloso. — Deus do céu, não!

— Mas ele está algemado, não? Você o venceu?

— Gosto de pensar que foi uma vitória moral, no sentido de que ele é um assassino e eu não, mas tirando isso, não, na verdade não o venci.

Valquíria se virou no assento, olhando para a rua escura atrás deles, então se recostou.

— Quem é ele?

— Assassino de aluguel, é tudo que sei. Reconheci pelo tamanho e pelo fato de usar uma máscara de metal. Nunca o encontrei antes, o que provavelmente é uma coisa boa. Mas não vamos ficar pensando no novo inimigo que podemos ter feito esta noite. Em vez disso, vamos pensar no antigo inimigo que temos no banco de trás. Olá, Davina. Está presa por múltiplos assassinatos. Você tem o direito de... não muita coisa, na verdade. Tem algo a dizer em sua defesa?

Mácula permanecia inconsciente.

— Esplêndido — disse Ardiloso, alegremente.

O cinema Hibernian erguia-se antigo, orgulhoso e levemente fora de lugar, como um cidadão idoso que tivesse se afastado do grupo durante uma excursão. Não tinha nada a ver com a Dublin que o cercava. Não havia sido renovado ou remodelado, e não tinha vinte telas em andares diferentes nem áreas alugadas para franquias de junk food. O que ele tinha era velhos pôsteres de filmes nas paredes, carpetes desgastados, uma bancada solitária para pipoca e bebidas, e um ar mofado capaz de despertar alergias havia muito latentes. A única tela do lugar mostrava apenas uma coisa: a imagem em preto e branco de uma parede de tijolos, com uma porta em um dos lados.

Mas além dessa tela havia corredores bem-iluminados de paredes brancas e limpas, salas com equipamentos místicos e científicos, um necrotério no qual seria possível dissecar um deus e uma Ala Médica que Valquíria visitava com uma frequência preocupantemente regular.

Conspícuo Lamento entrou com passos arrastados vestindo um roupão e pantufas, e o que restava de seu cabelo cinzento estava espetado para cima em ângulos estranhos. Ele parecia mal-humorado, apesar de ele sempre parecer mal-humorado.

— O que — começou ele — vocês querem?

— Temos um paciente para você — disse Ardiloso, apontando com a cabeça para Davina Mácula no leito ao lado dele.

Lamento olhou para as algemas ao redor dos pulsos da mulher.

— Não a conheço — disse ele. — Leve-a para outra pessoa. Ela é sua prisioneira, não é? Leve-a a um daqueles médicos do Santuário, vá acordar *eles* no meio da noite.

— Não podemos fazer isso. Esta é Davina Mácula, a mulher que *destruiu* o Santuário.

Um pouco do mau humor deixou os olhos de Lamento, substituído por uma espécie de curiosidade enojada.

— É ela, então? Finalmente a encontraram? — Ele se aproximou. — Ela não está na melhor das condições, mas preciso admitir que estou surpreso por ainda estar viva. Está ficando menos cruel com a idade, Detetive?

— Não fomos nós que fizemos isso com ela — disse Valquíria, não muito confortável com o rumo que as perguntas de Lamento estavam tomando. — Nós a salvamos, na verdade. Ela estaria morta se não fosse por Ardiloso.

Lamento abriu uma das pálpebras de Mácula.

— Atribuo o fato à sua boa influência, Valquíria. Mas isso ainda não explica por que não a levaram às autoridades. Vocês, afinal de contas, voltaram a ser Detetives do Santuário, não é?

— Queremos manter isto em segredo — disse Ardiloso. — As coisas andam muito instáveis. Se a entregarmos aos Talhadores, duvido que chegue a receber um julgamento. Vão executá-la na hora.

Lamento passou a mão pela cabeça de Mácula.

— Se bem me lembro, você executou sua cota de gente culpada no passado.

— Não estou aqui para discutir, professor. O fato é que não acredito que ela estivesse trabalhando sozinha, quando resolveu destruir o Santuário, e temo que os aliados dela, ou os *chefes*, vão tentar fazer com que seja morta antes que possa nos dar os nomes deles. Estou razoavelmente confiante de que foram eles que contrataram o assassino.

— Ah — disse Lamento. — Então não foi misericórdia que segurou sua mão, foi crueldade numa escala maior.

Ardiloso inclinou a cabeça.

— Esta mulher é responsável pela morte de cinquenta pessoas, mas há outros que também compartilham dessa responsabilidade. Todos vão pagar.

— Bem — disse Lamento —, a justiça não pode esperar, não é mesmo? Sua prisioneira tem um ferimento sério na cabeça. Vai ficar comigo até que esteja fora de perigo. Deve levar algumas horas. No máximo um dia.

— Vamos precisar de alguém para guardá-la.

— Acha que ela constitui uma ameaça? Vai permanecer inconsciente até que eu deseje o contrário.

— E se o assassino aparecer procurando por ela?

— Primeiro ele teria que saber com quem ela está, em seguida, onde me encontrar e, por fim, teria que passar pelo meu sistema de segurança, e para isso ele precisaria de um exército. Agora deixe-me. Entro em contato quando ela estiver forte o suficiente para responder às suas perguntas.

Sem ter mais o que fazer, eles voltaram ao Bentley. Valquíria afivelou o cinto de segurança conforme avançavam na rua. Ardiloso voltara a usar a tatuagem de fachada. O disfarce de Medonho Reservado sempre o deixava com o mesmo rosto, apenas sem as cicatrizes, mas Ardiloso não conseguira optar por uma aparência, então Porcelana fez com que a *sua* fachada mudasse a cada uso. A mesma maçã do rosto, o mesmo maxilar, mas todo o restante era novo em folha.

— Pode me deixar na casa do Gordon? — perguntou Valquíria.

Ardiloso ergueu uma sobrancelha, uma habilidade recém-adquirida.

— Você não quer ir para sua casa em Haggard?

— Não é isso, é só que faz tempo que não vou à casa de Gordon, e é quase Natal. Quando eu era criança, todo ano íamos para lá nessa época, para a enorme casa dele. Eu adorava essa parte do Natal, porque finalmente alguém falaria comigo como se eu fosse uma pessoa, sabe? Uma pessoa crescida, não uma criança. Era isso que eu mais adorava nele.

— Ah, aí está — disse Ardiloso, e assentiu.

— Como?

— Isso, bem aí. Essa história que você acaba de contar. Esse pedacinho da sua vida. Essa é a coisa mais chata do Natal. Todo mundo tem essas historiazinhas particulares sobre o significado do Natal. Isso não existe em nenhum outro momento do ano. Não se ouve pessoas dizendo o que a Páscoa significa para elas, ou o dia de São Patrício. Mas todo mundo se abre no Natal.

— Uau — disse Valquíria. — Eu nunca tinha reparado antes, mas você é um ranzinza.

— Não, não sou.

— Você é um Grinch.

— Não sou nem Grinch nem ranzinza. Gosto do Natal tanto quanto todo mundo, desde que todo mundo seja tão antissentimental quanto eu.

— Ser sentimental é legal.

— Você *odeia* coisas sentimentais.

— Mas não no Natal. No Natal, é perfeitamente OK ser sentimental. É permitido. Moderadamente, é claro. Não quero ninguém, sabe, sendo sentimental perto de *mim*, mas a princípio não tenho problema nenhum com... hã...

— Que foi? Qual o problema?

— Hum... a fachada...

Ardiloso inclinou a cabeça, e o lado esquerdo do rosto se descolou da caveira como borracha derretida.

— Acho que tem alguma coisa meio errada — disse Valquíria.

Ardiloso sentiu a orelha tremulando contra a lapela e segurou o rosto com uma das mãos, erguendo-o de volta no lugar. Ele segurou um pedaço grande em volta da testa, fazendo o possível para recolocar um dos olhos na órbita.

— Isto é um bocado humilhante — murmurou ele. — Por favor, me avise se estivermos prestes a bater em alguma coisa.

— Talvez você devesse me deixar dirigir.

— Vi como dirigiu há algumas horas. Não vou deixar você no volante deste carro nunca mais. — A voz dele saiu abafada, porque os lábios estavam escorregando pela mandíbula. — Estou melhor agora?

— Ah, bem melhor.

Ele fez o possível para segurar o nariz no lugar.

— Então busco você na casa do Gordon quando seu lapso de sentimentalismo tiver terminado? Temos que ir àquela reunião, caso tenha esquecido.

— Como eu poderia esquecer? — perguntou ela, secamente. — Faz dias que estou na expectativa de ir a essa reunião incrivelmente chata, de verdade mesmo, ai, ai, cara.

— Você parece ter descoberto um novo nível de sarcasmo — disse Ardiloso, assentindo. — Impressionante.

— E não, não precisa me buscar. Vou ver se Fletcher aparece por aqui. Claro, se você mudar de ideia e decidir que não preciso ir a essa reunião incrivelmente chata, posso fazer tudo sem pressa e realmente me certificar de que o sentimentalismo saiu de vez do meu sistema.

— E privá-la da chance de estar lá? Realmente acho que ficará surpresa com o quão interessante tudo isso pode ser.

— Realmente, acho que eu ficaria *muito* surpresa.

— Mas vamos eleger um novo Grande Mago. Estaremos fazendo história, Valquíria.

— E quanto tempo acha que o novo Grande Mago vai durar antes que seja assassinado ou preso?

— Você é jovem demais para ser tão cínica.

— Não sou cínica. Só que, por acaso, me *lembro* dos últimos quatro anos. Me dê uma boa razão para ir. Uma boa razão para eu ficar, ainda que remotamente, interessada em aparecer.

— Fenestor Enredo estará lá.

— Ah, então tudo bem.

Ardiloso riu e soltou o rosto. Depois de um tremor preocupante, ele se assentou e parou de se comportar mal, exceto pela orelha que escorregava lentamente na direção do queixo.

O DILEMA DE VALQUÍRIA

Sob o sol matinal que pouco se esforçava para atravessar as janelas, o tio morto de Valquíria formou uma espécie de pirâmide com os dedos e observou Valquíria por cima do topo. Quando estava vivo, fazia isso com frequência, sentado na poltrona com as pernas cruzadas, o que lhe dava o ar de um homem sábio e contemplativo. Agora que ele estava morto e já não conseguia interagir com o mundo físico, a única impressão que ficava era a de um homem precisando desesperadamente de uma cadeira.

— Você descobriu seu nome verdadeiro — disse ele.

— Sim — respondeu Valquíria.

— E seu nome verdadeiro é Trevária.

— Isso aí.

— E Trevária é a feiticeira sobre a qual todos os psíquicos vêm tendo visões, a que vai destruir o mundo.

— Correto.

— Então *you* vai destruir o mundo.

— É o que parece.

— E quando foi que descobriu tudo isso?

— Uns cinco meses atrás.

— E só está me contando *agora*?

— Gordon, precisei desse tempo todo para conseguir não enlouquecer com essa história. Preciso da sua ajuda.

Gordon começou a andar pelo aposento. Era um quarto grande, repleto de estantes de livros e pinturas góticas. Uma tela a óleo de um Gordon semivestido, seu corpo torneado por músculos que ele jamais possuía quando vivo, estava pendurada sobre a enorme lareira, dardejando com o olhar todos os que passavam abaixo, como um deus terrível e grandioso. Apesar de a casa e o terreno ao redor terem sido deixados para Valquíria, ela ainda não conseguira se convencer a tirar o quadro dali. Era divertido demais.

— Você tem noção do que isso significa para você? — perguntou Gordon, os passos lentos levando-o para um dos cantos da sala. — Um feiticeiro que sabe seu

verdadeiro nome tem acesso a um poder com o qual os outros podem apenas sonhar em ter.

Sua imagem começou a se dissipar, e Valquíria pigarreou alto. Gordon parou e se virou, percorrendo de volta o caminho que fizera. Imediatamente, voltou a ficar sólido. A Pedra Eco que abrigava sua consciência estava sobre o suporte, na mesinha de café, brilhando com uma reconfortante luz azul.

— Não me importo com nada disso — disse Valquíria. — Eu assisti a uma dessas visões, tá? Eu vi uma cidade em chamas e amigos feridos, e vi Trevária... eu *me* vi... matar meus próprios *pais*.

— Ora, espere aí um instante. Pelo que você me contou sobre a visão de Cassandra Pitonisa, sua eu futura e Trevária parecem ser duas entidades perfeitamente distintas.

— Isso é só porque em nenhuma parte da visão eu apareci machucando pessoas. Vimos *fragmentos* do que vai acontecer. Vimos Trevária, *eu*, como um vulto distante, lutando e matando e assassinando, e então vimos a mim, *eu no futuro*, de perto, me sentindo muito mal com tudo aquilo, o que foi legal da parte de Cassandra, mas ela sem dúvida está com algum parafuso solto. Veja, levou um tempo para que eu conseguisse olhar para isso tudo de maneira lógica, mas obviamente alguém descobre meu nome verdadeiro e o usa para me controlar.

— Então você precisa selar seu nome — disse Gordon.

— Você sabe como posso fazer isso?

— Não — admitiu ele. — Eu escrevia sobre magia, mas, como sabe, nunca tive aptidão para praticar. Algo como isso, selar o nome verdadeiro, é um conhecimento que apenas uma espécie de feiticeiro teria.

— Não posso pedir a Ardiloso — disse Valquíria, baixinho. — Não quero que ele saiba.

Gordon parou de andar e olhou para ela com ternura.

— Ele entenderia, Valquíria. Ardiloso passou por um bocado de coisas horríveis.

— Se ele é tão compreensivo, então por que ainda não me deixou contar a ele sobre você?

— Bem — disse Gordon, irritado —, isso é diferente. Não tem nada a ver com ele nem mais ninguém. É por minha causa e por causa das minhas inseguranças.

— Das quais você já está curado, não é?

Ele hesitou.

— Teoricamente...

— Então você não veria problema se eu dissesse a Ardiloso que converso com você regularmente?

Gordon molhou os lábios.

— Eu não acho que este seja o momento apropriado para isso. Tem muita coisa

ocupando a sua cabeça, e acho que eu seria mais útil para você sem outras pessoas me distraindo.

— Você está com medo.

— Não estou com medo, só estou sendo cauteloso. Não sei como meus amigos reagiriam. Afinal de contas, não sou realmente o Gordon Edgley, sou uma mera gravação da personalidade dele.

— Mas...?

— Mas — acrescentou ele rapidamente — isso não significa que eu não seja uma pessoa propriamente dita, com minha própria identidade e valor.

— Muito bem. — Ela sorriu. — Você tem trabalhado nisso.

— Tenho bastante tempo para me autoafirmar enquanto estou parado dentro daquele cristal azul, esperando você aparecer.

— Essa é sua maneira sutil de me dizer que eu devia vir mais aqui?

— Eu praticamente deixo de existir quando você não está — disse Gordon. — Não tem nada de sutil nisso.

O alarme do telefone de Valquíria emitiu um *bipe*.

— Fletcher vai chegar daqui a pouco — disse ela, pegando a Pedra Eco e o suporte. — É melhor colocarmos você de volta.

Gordon a seguiu para fora da sala de estar e escada acima.

— A grande reunião é nesta tarde, não é?

— É — respondeu ela, com uma careta. — Mesmo depois de tudo o que aconteceu, com todas as preocupações, ainda preciso desperdiçar meu tempo nessa coisa idiota. Ardiloso diz que é importante ver como essas coisas políticas funcionam.

— Você tem sorte — disse Gordon, saudoso. — Eu teria adorado um convite para algo assim quando estava vivo.

— É um monte de gente falando sobre o que vamos fazer a respeito da instauração de um novo Santuário. Que tipo de contribuição eu poderia dar a *isso*?

— Não sei. Criar uma atmosfera de irritação?

— Ah, *isso* eu posso fazer.

Eles entraram no escritório, mas em vez de a seguir até a entrada oculta do quarto secreto onde ele guardava as peças mais preciosas de sua coleção, Gordon foi até uma pequena prateleira de livros ao lado da janela.

— E como anda Fletcher?

— Incrível.

— Já conheceu seus pais?

Valquíria franziu a testa.

— Não. E nem vai.

— Você não acha que eles aprovariam? — perguntou Gordon, enquanto percorria

os livros.

— Acho que começariam a fazer todo tipo de pergunta constrangedora. E não acho que gostariam do fato de o meu namorado ser mais velho que eu.

— Ele tem 18 anos, e você, 16 — disse Gordon. — Não é uma diferença *drástica*.

— Se eu precisar contar, conto. Por enquanto, Ardiloso já está assumindo o papel de fazer todas as perguntas constrangedoras que os meus pais poderiam *pensar* em fazer, então não precisa se preocupar.

— Este aqui — disse Gordon, apontando para um caderninho fino — tem instruções para chegar a uma mulher que talvez possa ajudar você.

— Ela pode selar meu nome?

— Não pessoalmente, mas acho que conhece alguém que pode.

— Quem é ela?

— *Quem* não é importante. *O quê*, no entanto, é. Ela é uma banshee.

— Sêrio?

— A maioria das banshees são inofensivas — disse Gordon. — Elas prestam um serviço, antes de mais nada.

— Que tipo de serviço?

— O lamento de uma banshee é o aviso de que vai morrer. Não estou muito certo sobre a vantagem de tal serviço, mas é um serviço, ainda assim. Vinte e quatro horas depois de ouvi-lo, o Dullahan vem buscar você.

— O que é um Dullahan?

— É um cavaleiro sem cabeça, a serviço das banshees.

— Sem cabeça?

— Isso.

— Sêrio?

— Sim.

— Então ele não tem cabeça?

— Geralmente é o que “sem cabeça” significa.

— Nada de cabeça?

— Você realmente ficou impressionada com essa coisa do sem cabeça, não é?

— É que parece meio bobo, mesmo para nós.

— E ainda assim, você passa seus dias com um esqueleto vivo.

— Mas pelo menos Ardiloso tem cabeça.

— Verdade.

— Ele até tem uma sobressalente.

— Podemos passar dessa parte agora?

— Sim. Desculpe. Continue.

— Obrigado. O Dullahan conduz uma carruagem, a Carruagem do Silêncio, que

você só vê quando está bem do seu lado. Não é um cara muito amigável.

— Provavelmente, porque não tem cabeça.

— Isso pode ter alguma coisa a ver.

— Então essa banshee — disse Valquíria — é uma das inofensivas ou ela é perigosa?

— Bom, *isso* eu não sei. Banshees são um povo bem antissocial mesmo nos melhores momentos. Se ela não ficar muito feliz de ver você, no entanto...

— Sim?

— Recomendo que você cubra as orelhas com as mãos se ela abrir a boca.

Valquíria olhou para ele.

— Certo — respondeu. — Obrigada pelo conselho.

— Quando pretende abordá-la?

— Em breve, acho. Quero dizer, assim que eu puder. Quero acabar logo com isso. Acho que... esta noite.

— Sério?

— Sim. É preciso, Gordon. Se eu adiar, vou acabar nunca fazendo. Vou arrumar alguma desculpa para Ardiloso. Ele não vai sentir minha falta.

— Valquíria, pelo que sei sobre o assunto, selar o próprio nome é um procedimento demorado. Você precisa se certificar, quando for fazer, de que é mesmo o melhor jeito.

— Eu *vou* me certificar. Lembra quando Crepúsculo me mordeu? Ele sentiu algum gosto no meu sangue, algo que me marcava como diferente. Acho que, qualquer que tenha sido o gosto, tinha a ver com Trevária. Então vou procurar uma segunda opinião.

Gordon franziu a testa.

— Vai conseguir outra pessoa para provar o seu...? Ah, entendi. Está falando *dele*.

— Caelan vai poder me dizer o que Crepúsculo sentiu. Se for ruim, não vou precisar de mais nenhuma prova ou estímulo. Vou saber que isso é algo que preciso fazer.

— Certo — disse Gordon, gentilmente.

Valquíria assentiu, com um misto indesejado de apreensão e incerteza. Ela deixou a Pedra Eco no quarto secreto e pegou o caderno da prateleira, percorrendo as páginas até chegar na parte sobre a banshee. Então o guardou no bolso da jaqueta e desceu para a sala de estar. Seu telefone emitiu outro *bipe*, e um instante mais tarde Fletcher Renn apareceu ao lado da lareira. Cabelo loiro espetado, lábios sempre prontos para um beijo ou um risinho presunçoso, uma das mãos atrás das costas, a outra com um dedo enfiado numa das presilhas da calça jeans.

— Sou muito lindo — disse ele.

Valquíria suspirou.

— É mesmo, é?

— Você alguma vez simplesmente olhou para mim e pensou “céus, ele é muito lindo”? Já? Comigo acontece o tempo todo. Eu acho que *você* é muito linda também, claro.

— Viva.

— Você tem belos olhos escuros e adoráveis cabelos escuros, e seu rosto é todo lindo e tal. E eu adoro o jeito como você se veste de preto, e adorei as roupas novas.

— É uma jaqueta, Fletch.

— Adorei a jaqueta nova — insistiu ele. — Medonho realmente fez uma jaqueta muito, muito bonita.

Ele deu um sorrisinho.

— Você parece bem acordado — disse ela. — Nunca está tão acordado a essa hora da manhã.

— Estive fazendo umas pesquisas. Você não é a única que gosta de ler, sabe. Aparentemente, meu poder vai aumentar se eu treinar um pouco, então achei que deveria tentar. Ouvi dizer que tinha um livro na Itália, escrito por um Teletransportador famoso, agora morto, é claro, que realmente poderia me ajudar, então eu fui lá e o peguei.

— Bom rapaz.

— Mas estava tudo escrito em italiano, então deixei na prateleira e fui à Austrália buscar sorvete. — Ele tirou a outra mão de trás das costas, mostrando um cone de sorvete. — Peguei um para você.

— Fletcher, estamos no inverno.

— Não na Austrália.

— Não estamos *na* Austrália.

— Eu levo você para Sydney por cinco minutos, você pode tomar o sorvete enquanto assistimos ao pôr do sol, e então voltamos para essa miséria aqui.

Valquíria suspirou.

— Esse poder é um desperdício em você.

— Meu poder é brilhante. Todo mundo gostaria de ter.

— Eu, não. Gosto bastante de ser capaz de lançar pessoas para longe de mim usando o ar.

— Bom, todas as pessoas *não violentas* gostariam de ter o meu poder, melhorou?

Valquíria franziu a testa.

— Não sou uma pessoa violenta.

— Todo dia você soca alguém.

— Nem *todo* dia.

— Val, você sabe que te acho incrível e que é a garota mais maneira que eu já conheci, e a mais bonita do mundo, mas se mete em um monte de brigas. Encare, você tem uma vida violenta.

Ela queria protestar, mas não conseguiu pensar em nenhum argumento. Fletcher parou de esticar a mão com o sorvete e passou a lambê-lo, já se esquecendo do que estavam falando. Valquíria checou o relógio, tentando concentrar a atenção de volta no aqui e agora.

— Você vai me dar alguma coisa de Natal? — perguntou Fletcher, e Valquíria se viu dando um sorrisinho, apesar de tudo.

— Sim. É bom você comprar alguma coisa *pra mim*.

Ele deu de ombros.

— É claro que vou.

— É bom que seja incrível.

— É claro que é. Ei, ano que vem você vai ter *mais alguém* pra quem comprar presentes. Quando a sua mãe vai ter o bebê?

— Meio de fevereiro. Vão me pedir para ficar de babá, sabe. Como é que vou fazer isso?

— Faça o seu reflexo ficar.

— Não vou deixar o bebê com o *reflexo*. Ficou doido? Mas nem sei segurar um bebê. As cabeças deles são tão grandes. Cabeças de bebês não são anormalmente grandes? Não tenho certeza se vou ser uma boa irmã mais velha. Espero que não puxe a mim. Gostaria que ela tivesse amigos.

— Você tem amigos.

— Gostaria que ela tivesse amigos que não fossem centenas de anos mais velhos que ela.

— Você já reparou que está falando do bebê como “ela”?

— Estou? Acho que sim. Não sei. Só tenho a sensação de que vai ser menina.

— Acha que ela vai ser mágica?

— Ardiloso diz que é possível. É claro que isso não quer dizer que ela *um dia* precisará *descobrir* sobre a magia. Veja minhas primas, por exemplo.

— Ah, as infames Gêmeas Tóxicas.

— Elas são descendentes do Último dos Antigos como eu, mas nunca *saberemos* se elas conseguem fazer magia, porque elas sequer sabem que isso *existe*.

— Então se você não quer sua irmã envolvida nessa sua vida maluca, pode simplesmente não contar para ela. E em 25 anos, ela vai olhar para você e falar: “Ei, mana, por que é que nós parecemos ter exatamente a mesma idade?” E *aí* você vai contar pra ela que a magia desacelera o envelhecimento?

— Provavelmente só vou dizer a ela que minha beleza natural me faz parecer eternamente jovem. Ela é minha irmã caçula, vai acreditar em qualquer coisa que eu

disser.

— Para ser sincero, Val, adoro o fato de que isto esteja acontecendo. Uma vez que você tenha uma irmã, ou um irmão, que a admire e precise de você, pode fazer com que pare e pense antes de sair se metendo em situações perigosas.

— Eu paro e penso.

— E aí se mete nelas do mesmo jeito.

— Mesmo assim tem a coisa de parar e pensar.

Fletcher sorriu.

— É só que às vezes eu me preocupo com você.

— Sua preocupação é tocante.

— Você não está me levando nem um pouquinho a sério, está?

— Não posso te levar a sério, Fletch, você está com uma bolota de sorvete no nariz. Além disso, podemos ter essa mesma conversa mil vezes, isso não vai me impedir de sair e fazer o que tenho de fazer.

Fletcher terminou de comer e limpou o sorvete do rosto.

— Você está tão determinada assim a ser a heroína? — perguntou ele, suavemente.

Ela o beijou e não respondeu. Ele estava errado, é claro. Tudo aquilo não era sobre ser heroína — não mais. Era só sobre tentar não ser a vilã.

O NOVO MESSIAS

Surpreender alguém que pode ver o futuro não é uma tarefa tão impossível como a maioria das pessoas acha. Para começar, o futuro muda. Detalhes se alteram, as circunstâncias se transformam, e, enquanto o universo está lutando para se realinhar em busca de algo que se assemelhe a equilíbrio, a ocasião ganha o momento de se apresentar. O truque é ser uma constante influência desestabilizadora em um mundo que, na verdade, só quer ser deixado em paz.

Salomão Mortalha estava confiante de que ele poderia ser justamente essa influência desestabilizadora. Deixando muitas de suas decisões abertas ao acaso, ele já havia se aproximado do estúdio de tatuagem três vezes e decidido se afastar depois de tirar a sorte no cara ou coroa. Entretanto, foi na quarta vez que a moeda o levou até a porta e o fez subir as escadas estreitas, com a bolsa negra em uma das mãos e a bengala na outra. Nenhum som vinha lá do alto. Nenhum ruído da agulha do tatuador. Nenhuma conversa, risada ou grunhido. Ele praticamente podia sentir a armadilha que o aguardava, mas isso não desacelerou seus passos.

No topo da escada, ele se virou e entrou pela porta, e foi então que o cara magricelo vestindo uma camiseta da banda punk irlandesa The Pogues o atacou com uma almofada. Não sendo a arma mais mortífera do mundo, a almofada ricocheteou suavemente no ombro de Mortalha, e o magrelo fez o possível para tentar fugir. Mortalha largou a bengala, segurou o homem e o jogou contra uma cadeira que parecia pertencer a um consultório de cirurgia dentária. O homem magro caiu desajeitadamente em cima dela.

— Finbar Errado — disse Mortalha, depositando a bolsa negra em uma mesa próxima. — Posso chamá-lo de Finbar? Presumo que saiba quem sou.

Finbar se colocou de pé, as mãos na frente do corpo, os dedos rígidos.

— Eu sei — disse ele — e temo avisar, cara, que você não pode me derrotar. Eu já vi esta luta e eu sei cada movimento que você vai fazer.

Sombras se contorceram em torno da bengala de Mortalha, erguendo-a do chão para a mão aberta do mago.

Finbar assentiu.

— Eu sabia que você ia fazer isso.

Mortalha deu a volta na cadeira. Finbar se moveu na direção oposta. Mortalha se virou, mudando de direção, e Finbar fez o mesmo.

Mortalha suspirou.

— Isto é ridícul...

— *Ridículo!* — interrompeu Finbar, rapidamente. — Viu? Eu já vivi este encontro. Melhor você ir embora agora, cara, vai se poupar de um bocado de dor.

— Se você já *vuiu* esta luta, se sabia *precisamente* quando eu ia chegar, então por que me atacou com uma almofada?

Finbar hesitou.

— Eu... eu estou brincando com a sua mente, é isso. Atacar você com uma *almofada* em vez de com meus punhos de fúria vai, tipo, demorar *mais*, prolongar sua agonia. Tipo tortura aquática, só que com almofadas. Tortura *almofádica*.

— Não *soa* muito doloroso.

— Bom, não cheguei a realmente determinar o nome adequado...

— Você é um lutador treinado, imagino.

— Ah, sim.

— É um pouco magro, não é? Praticamente subnutrido.

— Não julgue pela capa, cara. Afinal, o músculo mais forte do corpo humano é o *cérebro*.

— Bom, nesse caso, desde que você não me atinja com seu cérebro, eu vou ficar bem.

Finbar de repente se lançou para a porta. Mortalha se posicionou atrás dele e lhe deu um golpe de bengala na parte de trás das pernas. Finbar colidiu contra a parede.

— Ai — gemeu ele.

Mortalha o pegou e o arrastou de volta, jogando-o na cadeira do dentista.

— Quando foi a primeira vez que teve a visão de que eu viria visitá-lo?

— Noite passada — gemeu Finbar.

— E o que você fez?

— Mandeí Sharon e meu filho embora. Eu ia encontrar com eles, mas a visão mudou, e você não ia mais aparecer.

— Mas então, há alguns minutos...

Ele assentiu.

— Tive outra. Me dizendo que você ia subir as escadas. A única arma que eu tinha era essa almofada.

— Que tecnicamente não pode ser considerada uma arma.

Finbar o olhou com raiva.

— Um verdadeiro mestre pode transformar *qualquer coisa* em uma arma.

— Mas você *não* é um verdadeiro mestre, Finbar — Mortalha o empurrou com a bengala, forçando-o a recostar na cadeira. — Sua visão lhe disse *por que* eu estava

vindo vê-lo?

— Na verdade, não cheguei a essa parte.

— Preciso que você me faça um favor. Quero que olhe no futuro de Valquíria Caos e me diga o que vê.

— Por que simplesmente não pergunta para ela?

— Preciso de algo além do que vocês já viram. Preciso que procure com mais afinco.

— Não consigo — disse Finbar, sacudindo a cabeça. — Não vou fazer isso. Val é minha amiga. Pode me torturar o quanto quiser.

— Posso?

Finbar ficou pálido.

— Metaforicamente falando.

Mortalha sorriu, e sombras escalaram pela cadeira, se envolvendo em torno dos braços e pernas de Finbar antes mesmo de ele poder lutar. Mortalha foi até a bolsa negra sobre a mesa.

— Está tudo bem. Eu sei que provavelmente daria muito trabalho fazer você trair um amigo desse jeito. Então estou excluindo essa opção.

Da bolsa, Mortalha retirou uma esfera de vidro, incrustada em uma concha de pedra.

Percebendo rapidamente que não conseguiria romper as amarras, Finbar se ajeitou na cadeira.

— Você está tentando me subornar com um globo de neve? — perguntou ele. — Isso é um pouco... ofensivo, não acha?

— Isto não é para você.

Agora que Finbar podia ver a escuridão espiralando na esfera, sua expressão vacilou e a voz ficou rouca.

— Isso é um Apanhador de Almas.

— Sim, é. E o atual ocupante é o Remanescente que causou tantos problemas há alguns meses. Esse é o carinha que possuiu Conspícuo Lamento e que, em seguida, consertou o Engenho Desolador que destruiu o Santuário. Não é um Remanescente muito gentil.

Finbar lambeu os lábios nervosamente.

— Você não pode colocar essa coisa em mim. Simplesmente não pode, cara. Não, sério, essa coisa é, é do *mal*, certo? Quando estiver dentro de mim, vai mentir pra você, vai dizer seja lá o que ele acha que você quer ouvir.

— Vai me dizer o que eu quiser *saber*, Finbar, o que não é bem a mesma coisa.

— Ai, por favor, não faz isso. — O homem estava quase chorando.

— Vou tirar de você logo em seguida — assegurou Mortalha. — Você vai apagar, não vai lembrar de nada.

— Não quero isso em mim. Vai me transformar.

— Só por alguns minutos.

Mortalha girou a esfera na pedra e deu um passo para trás.

A escuridão deslizou para fora do Apanhador de Almas conforme o Remanescente fluía direto para Finbar. Ele virou a cabeça, cerrou os olhos e fechou bem a boca, mas o Remanescente não podia ser recusado. Coisas que poderiam ter sido mãos abriram suas mandíbulas à força. Mortalha assistiu, lutando contra o ímpeto de sugar a criatura vil de volta para sua prisão.

Finbar tentou gritar conforme o Remanescente, não mais do que um fiapo de escuridão retorcida, percorria seu caminho garganta abaixo. O grito engasgou, e a garganta inchou. O corpo de Finbar se contorceu, mas as amarras de Mortalha continuaram firmes. De repente, Finbar ficou flácido. Um momento se passou, então veias escuras se espalharam por baixo de sua pele, e seus lábios ficaram negros. Em seguida seus olhos se abriram.

— Por que é — disse Finbar — que, toda vez que me libertam, preciso compartilhar um corpo que não está no auge da perfeição física? Da última vez foi um velho. Agora é... isto.

— Eu não o libertei para uma conversa casual — disse Mortalha. — Só quero saber o que quero saber.

— E por que eu ajudaria *você* a desencavar informações sobre a minha boa camarada Valquíria?

— Ela não é sua amiga — disse Mortalha. — Ela é amiga de *Finbar Errado*.

— Lá vai você, cara, cometendo o mesmo erro que todo mundo comete. Eu *sou* Finbar Errado.

— Não, você é um Remanescente.

— Pra ser bem sincero com você, um Remanescente não passa muito de um *intento*. Vaga por aí todo bravo e não pensa muito sobre as coisas, tá entendendo? Não tem personalidade ou uma consciência de verdade, digamos assim. Mas quando toma um corpo, tudo muda. Fica completo de novo. Eu *sou* Finbar Errado, mas também sou o Remanescente dentro dele. Estamos muito felizes juntos, como pode ver. — Ele sorriu, e as veias escuras se retraíram, assim como o negrume de seus lábios.

— É fácil para você se passar por normal, não é? — perguntou Mortalha. — Esconder todos os sinais evidentes que marcam os possuídos?

— Podemos esconder quando precisamos, sim.

— E é bom estar fora do Apanhador de Almas, não?

— Ah, é. — Finbar riu. — Essa coisa é ainda pior do que aquele quarto no Hotel da Meia-Noite onde ficávamos trancados.

— Agora que sentiu o gosto da liberdade, quer mais? Eu posso dar mais. Posso

deixá-lo partir.

— Há pouco tempo você disse que ia nos separar imediatamente depois.

— Sou um Necromante. Menti para tornar as coisas mais fáceis para... você. O antigo você. Olhe o futuro para mim e me diga o que vê.

— E o que o faz pensar que vou conseguir ver algo novo?

— Porque eu e você sabemos que os Sensitivos são cautelosos quanto a se forçar demais. Ver o futuro é uma linha de trabalho perigosa. É possível perder o controle da mente.

— Isso é verdade.

— Mas sua mente está reforçada agora, não é? Mais poderosa. Então você pode olhar mais, e com mais afinco, até encontrar o que precisa ver.

— Tudo isso é mesmo verdade. — Finbar assentiu. — Mas por que eu deveria confiar em você? As últimas pessoas que me pediram um favor me colocaram no corpo de um velho. Agora, não estou negando que me diverti sendo Conspícuo Lamento por um dia, especialmente quando chegou a hora de martelar uns pregos nas mãos de Tanith Low, mas eles trapacearam comigo. Não me deixaram ir quando tinham dito que deixariam.

— Escaravelho nunca foi um homem confiável.

— E *você* é? Você é um *Necromante*.

— Então que tal isto: ou você olha o futuro para mim ou eu o mato. Remanescentes não podem sobreviver dentro de alguma coisa morta, estou certo? Então no momento em que o corpo de Finbar morrer, o Remanescente dentro dele também morre. Você quer morrer? Algum de vocês quer?

Finbar sorriu.

— Você está falando como se tivesse dois de nós aqui, cara. Não tem. Você tinha Finbar e tinha o Remanescente, mas quando juntou os dois, ficou comigo. E acontece que eu acho que o mundo sentiria muito a minha falta se você me matasse.

Mortalha retribuiu o sorriso.

— Achei que você acabaria vendo as coisas do meu jeito.

— Só que eu vou precisar de algumas coisas antes de começar. Ervas, poções, uma massagem nas costas...

— Você tem três segundos para começar.

— Uma massagem bem *rápida* então.

Mortalha ergueu a bengala, e Finbar deu uma risada.

— Ok, ok! Acho que dá pra passar sem o supérfluo, só desta vez. Você vai precisar se afastar: não vou conseguir atingir o nível de relaxamento necessário se você ficar aí pairando sobre mim.

Mortalha assentiu.

— Acabe logo com isso, Remanescente, ou vai voltar para a garrafa.

— Relaxa — sussurrou Finbar, fechando os olhos. — Minha velha camarada, Val — murmurou ele. — Você vai me mostrar por que estão todos tão interessados em você, vai? Vai me mostrar o que está reservado para você...?

Mortalha conteve um suspiro enquanto Finbar tagarelava, sua voz ficando cada vez mais suave. Ele nunca tivera muito tempo para os Sensitivos. Eles haviam escolhido deliberadamente um ramo da magia em que era preciso recorrer aos sentimentos em vez dos punhos. Eles eram, na opinião de Mortalha, um bando de hippies aéreos e amantes da paz, e ele *nunca* gostara de hippies. Os anos 1960 e 1970 tinham sido particularmente irritantes para ele.

— Aí está ela — disse Finbar, com um leve sorriso no rosto. — Eu a encontrei.

— Em que ponto do futuro você está? — Mortalha perguntou rapidamente.

— Difícil dizer, cara... Ela parece um pouco mais velha... Tem uma tatuagem.

— Ela é uma Necromante?

As sobrancelhas de Finbar se ergueram sobre os olhos fechados.

— Não sei...

— O que ela está fazendo?

— Andando...

— Onde?

— Nas ruínas.

Mortalha sacudiu a cabeça.

— Isso é com Trevária, certo? Não estou interessado nisso. Preciso que descubra se Valquíria é o Arauto da Morte.

— Só posso ver o que vejo — disse Finbar, numa voz cantarolada. — Minha visão é atraída para os grandes momentos...

— Então olhe para o outro lado — grunhiu Mortalha, mas sua impaciência não foi notada.

— Nunca vi tantos detalhes — continuou Finbar, em transe profundo. — Sempre recuo... Mas agora posso ver tudo... Tantos mortos... É maravilhoso...

Mortalha segurou a língua.

— Estou olhando para Trevária agora... Ela é magnífica... Está marchando pela cidade, a morte em tudo ao redor dela... Você iria gostar disso, cara. Tanta morte...

— Não pedi uma visão de Trevária, pedi uma visão de Valquíria. — Os olhos de Mortalha se estreitaram. — A não ser que...

Finbar sorriu em seu estado onírico.

— A não ser?

— Valquíria ainda está aí? Consegue vê-la?

— Consigo sentir a presença dela, mas tudo o que vejo é Trevária.

— Talvez seja isso — disse Mortalha, ardendo em uma animação súbita. — Talvez seja o que ela vai fazer. Valquíria é o Arauto da Morte, talvez seja ela quem

dá um passo à frente para lutar. Talvez seja ela quem impede Trevária, e então *isso*, essa vitória, é o que leva ao Passamento. É assim que ela salva o mundo.

— Não vejo nada disso — disse Finbar. — Tudo que vejo é Trevária. — O sorriso dele foi substituído por uma careta. — Aliás, isto dói...

— Continue procurando.

— Faz minha cabeça doer.

— Continue ou vai *perder* essa cabeça.

— Nesse caso, vou continuar.

Sangue escorreu do nariz de Finbar. Mortalha não disse nada.

— Encontrei ela de novo — disse Finbar alegremente.

— Valquíria?

— Trevária. Eu... eu sou atraído até ela. Não tenho escolha. Ela é... tudo. Ela é tão fria. Estou tentando me aproximar, mas ela é... Ela é diferente de qualquer coisa que eu já tenha *visto*...

— Consegue ver um ponto fraco? Como Valquíria pode destruí-la?

— Trevária *não* será destruída! — rosnou Finbar, de repente. — Ela é tudo!

— Diga-me o ponto fraco!

— Ela não tem nenhum! Ela é a perfeição!

— Então quem é ela? De onde vem?

Finbar se esforçou mais, e o sangue começou a escorrer de suas orelhas.

— As sombras são pesadas ao redor dela... Estou tentando ver seu rosto... Ela está olhando para o outro lado... Não, espere, ela está se virando, está se virando, consigo vê-la...

Finbar parou de falar.

— E então? — pressionou Mortalha. — Consegue ver o rosto dela? Como é? Quem é ela?

Os olhos de Finbar se abriram. Ele piscou para Mortalha.

— Isto muda tudo.

Mortalha se aproximou.

— Quem é ela, droga?

— Vocês, Necromantes, têm seu messias — disse Finbar —, e agora nós, Remanescentes, temos o nosso.

As veias negras voltaram a aparecer, e a cabeça se lançou para a frente e produziu um estalo contra o nariz de Mortalha. Este se desequilibrou para trás, xingando, sentindo suas amarras de sombras se desfazerem sob a força de Finbar aumentada pelo Remanescente. Mãos o agarraram, e subitamente ele estava voando na direção da parede oposta. Ele se chocou contra uma estante, espalhando equipamento por todo o chão.

— Espero que não se importe, cara — disse Finbar, sorrindo para ele —, mas vou

tomar o seu corpo por um instante. Tenho uma missão novinha em folha e preciso dar uma aprimorada.

Mortalha sentiu o gosto do próprio sangue. Sua bengala estava no chão atrás dele. Havia dois jeitos de sair do aposento: a porta e a janela. A janela estava mais perto.

Finbar abriu bem a boca. Mortalha teve um vislumbre do Remanescente que começava a sair, e então girou, pegando a bengala e usando as sombras para quebrar a janela. Ele pulou pelo vidro quebrado sem a menor hesitação, aterrissando dolorosamente na rua de paralelepípedos e fazendo todos ao redor se afastarem. Ele não olhou para suas expressões de choque. Ele não olhou de volta para Finbar, parado na janela. Ele apenas correu.

SANGUE

Valquíria pegou um táxi até o parque de St. Anne, que ainda estava coberto por uma fina camada branca, que o sol fraco não conseguira derreter. Ela passou por cima do riacho gorgolejante, sorrindo para um cachorro que estava sendo levado para passear. Sua respiração saía em lufadas de névoa, e as mãos estavam enfiadas nos bolsos. Ela seguiu pela trilha bem-marcada para o meio das árvores. Galhos mortos estalavam sob suas botas.

Caelan estava parado à beira de uma represa de 5 metros de profundidade. Ele não olhou em volta quando ela se aproximou. Em vez disso, manteve os olhos num casal de idosos que estava lá embaixo, aproveitando um refrescante passeio no meio do dia. Valquíria se perguntou, por um instante, se ele estava com fome.

— Preciso da sua ajuda — disse ela, e o viu virar os olhos em sua direção. Ficar diante de seu olhar era uma experiência eletrizante, tão viciante quanto incômoda. Ela não gostava desse poder que detinha sobre ela. Ficar perto dele era como estar perto de Porcelana, com a diferença de que no segundo caso Valquíria sabia que a atração era provocada pelo uso de magia. Com Caelan, no entanto, a atração era real e, por isso, muito mais perigosa.

— Estou esperando — disse ele, com um sorriso suave, e ela se deu conta de que não tinha dito uma palavra nos últimos segundos. Ela desviou o olhar, deixando o cabelo cair na frente do rosto para esconder o rubor que tomava suas bochechas.

— Você provavelmente não vai gostar — disse ela. — Então seria um enorme favor que eu ficaria te devendo. O problema é que eu não posso contar por que exatamente preciso disto. Você só vai ter que confiar em mim quando digo que tenho meus motivos.

— Do que você precisa?

Valquíria hesitou.

— Preciso que experimente meu sangue.

O sorriso de Caelan congelou em seus lábios.

— Não pode estar falando sério.

— Crepúsculo me mordeu — disse ela. — Você sabe o quanto ele queria me matar, e ele teve a chance, mas não a aproveitou. Você nunca se perguntou por que

ele me soltou?

— Porque eu o impedi — respondeu Caelan ríspidamente.

— Não. Você chegou depois que ele já tinha me afastado. Ele disse a Billy-Ray Sanguíneo que o gosto do meu sangue... Eu não sei. O que quer que tenha acontecido, o que quer que esteja no meu sangue, fez ele mudar de ideia. Não quer mais me matar. Os dois acham que é muito mais cruel me deixar viva.

— Quer que eu diga o que há de tão especial no seu sangue?

— Sim.

— Crepúsculo é centenas de anos mais velho que eu. Ele poderia detectar mil nuances diferentes no seu sangue que eu não seria capaz nem de *começar* a identificar. Ele é um *connoisseur*. Eu não.

— Mas você pode tentar.

— Não tenho motivos.

— Caelan, tem alguma coisa errada comigo. Você entende? Tem alguma coisa errada com quem eu sou, e Crepúsculo soube imediatamente, com uma mordidinha. Você pode não ter a experiência dele, mas preciso que *tente*.

— Você não sabe o que está pedindo. É perigoso demais.

— Estou acostumada com o perigo.

— Para *mim*, Valquíria. É perigoso demais para *mim*. Eu não sei como Crepúsculo conseguiu se conter, mas eu não sou tão forte. Se eu morder você, não vou parar de me alimentar até que esteja morta.

— Então não precisa me morder. Eu corto meu dedo, e você experimenta uma gota.

— Você poderia, por favor, se lembrar de com quem está falando? Eu sou um vampiro! Tem um motivo para eu ser considerado um monstro! Você realmente acha que me deixar experimentar uma gota do seu sangue é uma boa ideia? Sério? Você acha que isso não vai me deixar maluco? Uma gota, e eu precisaria do restante. Precisaria de tudo.

— Você ainda tem sua consciência. Não perde a capacidade de pensar, perde? Você não é um animal.

— Isso é exatamente o que eu sou. Você me vê enquanto o sol está brilhando, e acha que este sou eu. Este é Caelan. Você acha que o vampiro é a coisa que aparece de noite e vai embora de manhã, então Caelan volta. Você não compreende ainda que o vampiro é Caelan.

“Este rosto é uma máscara. Esta pele é um disfarce. Embaixo dela está meu verdadeiro eu, Valquíria. Não sou uma alma torturada. Não sou uma figura romântica ressentida. Sou um monstro, e não se passa um minuto sem que eu queira rasgar sua garganta. Nenhum outro vampiro do planeta quer ter qualquer relação comigo, e eu realmente não desejo ser encurralado pelo Detetive Esqueleto e seus

amigos sedentos por vingança quando eu tiver terminado de me alimentar do seu cadáver. Eu gosto bastante da imortalidade. Você realmente se acostuma a ela depois de um tempo.”

Valquíria olhou para ele, mas não falou, e a raiva o deixou lentamente até que eles não passassem de duas pessoas em silêncio.

— Sabe — disse ela, por fim —, essa é a maior quantidade de palavras que já ouvi você dizer.

Caelan assentiu.

— Eu estava pensando justamente a mesma coisa.

— Você está bem?

— As cordas vocais estão um pouco irritadas.

— Talvez queira se sentar.

Ele sorriu, e ela sorriu de volta.

— Preciso que faça isto.

O sorriso dele desapareceu.

— Eu disse que não.

— Me ouça, ok? Estou trabalhando em uma coisa, algo que vai me ajudar, que eu espero resolver todos os meus problemas. A questão é que pode ser perigoso. E eu quero dizer: muito perigoso. Pode ser que eu não sobreviva. E não posso contar para Ardiloso ou Tanith ou Fletcher, porque eles vão tentar me impedir.

— Mas pode me contar porque acha que eu não vou tentar te impedir?

— Não, também não vou contar para você. Mas antes de eu fazer isso, preciso saber se é a coisa certa. Preciso saber o que Crepúsculo viu, percebeu ou sentiu. Se é tão ruim quanto penso que é, então vou adiante com essa coisa perigosa, porque será minha única opção. Se não é tão ruim quanto imagino, não vou. Simples assim.

Caelan se virou para o outro lado e não falou nada por um bom tempo.

— Tá bom — disse, por fim. — Mas, depois disto, provavelmente vai ser melhor nunca mais nos vermos.

— Isso é meio dramático, não é?

— Talvez.

— Mas é besteira. Por que deveríamos nunca mais nos ver?

— Você fala como se fosse sentir minha falta.

— É claro que sentiria sua falta. Você é meu amigo.

— Não, não sou.

Ela franziu a testa.

— Não é?

— Eu e você nunca poderíamos ser amigos, Valquíria. Somos destinados a ser nada um para o outro, ou tudo.

Ela o encarou, lutando para encontrar sentido no que ele dissera.

— Hã...

— Eloquente como sempre.

— Quero dizer... Caelan, eu estou com Fletcher. E eu *gosto* dele, e não quero machucar você, mas eu... eu não sei como me sinto em relação a você. Para ser honesta, isso é meio que uma surpresa para mim.

— Você realmente não sabia como eu me sentia?

— Eu realmente, de verdade, não sabia. Desculpe se pensou que eu sabia.

— Entendi.

Ela o observou enquanto ele recuava.

— E agora me sinto péssima.

— Não se sinta — disse Caelan.

— Não posso evitar. Você... Espero que não tenha pensado que eu estava te dando mole, nem nada assim.

Ele balançou a cabeça, mas se manteve olhando para baixo.

— Claro que não. Isto é culpa minha.

— Não é culpa de ninguém, Caelan. Você não fez nada errado. É só que, você sabe, eu estou com Fletcher, e nunca pensei na... possibilidade de você.

— Porque sou um vampiro — disse ele suavemente, como se estivesse amaldiçoando a própria alma.

— Isso é parte do motivo — admitiu Valquíria. — Mas acima de tudo é porque eu tenho 16 anos, e você tem, tipo, 100.

— Ah — disse ele, abrindo um sorriso. — Sou velho demais para você.

— Só um tiquinho.

— E não tem nenhuma parte de você que imagina como seria?

Ela engoliu em seco.

— Eu não... eu não disse *isso*...

— Você precisa que eu faça isso?

— Sim. Preciso.

— Muito bem. — Ele deu um passo na direção dela, com uma das mãos no ombro de Valquíria e a outra afastando lentamente o cabelo dela do pescoço. — Lamento dizer que isto vai doer.

— Já fui mordida antes — disse Valquíria, e cerrou os dentes.

Caelan a puxou para si, e ela esperou. Quando estava perto assim de Fletcher, podia sentir o calor que emanava dele com cada batida rápida do coração, mas não havia calor vindo de Caelan. Ele era frio como uma pedra. Apesar de a boca estar a 1 centímetro da sua pele, ela não sentiu o hálito. Os dedos da mão direita do vampiro se enroscaram na gola de sua jaqueta, os dedos da mão esquerda no cabelo dela. Então seu corpo gelado perdeu a firmeza, e ele recuou.

— Não posso — murmurou ele. — Eu rasgaria sua garganta. — Ele pegou um

canivete do bolso, abriu a lâmina e entregou a Valquíria. — Só uma gota. Não mais, Valquíria, está bem? Eu devo ser capaz de aguentar só uma gota. Acho.

Ela pressionou a lâmina contra a pontinha macia do dedo, fazendo uma careta quando perfurou a pele. Uma gota de sangue brotou, e ela a capturou com a lâmina, entregando-a de volta ao vampiro. Caelan hesitou e, então, levou a lâmina aos lábios, passando a língua pela extensão dela. Ele espalhou o sangue pela boca, e enquanto o fazia, dobrou o canivete e o guardou. Seus movimentos eram lentos e deliberados; os olhos estavam fechados. Ele engoliu e lambeu os lábios, como um leão de pé sobre um cervo abatido.

Valquíria sentiu uma súbita necessidade de se afastar.

— Caelan? — disse ela, suavemente.

Então ele estava em cima dela, erguendo-a do chão e empurrando-a para trás, os dentes expostos e mergulhando na direção de sua garganta. Ela se contorceu sob as mãos dele e foi pressionada contra uma árvore, então ele desviou de sua garganta para sua boca e a beijou, as bocas se chocando. O beijo a pegou de surpresa, e ela se deixou ficar ali por um longo momento antes de perceber que estava retribuindo o beijo. Ela sentiu seus braços envolvendo o pescoço do vampiro, sentiu o peito rígido dele pressionado o dela. E então alguma coisa se acendeu na mente de Valquíria.

Ela colocou um pé contra a árvore para tomar impulso e usou o outro para fazê-lo tropeçar. Os dois caíram no chão, então ela rolou para longe dele e se levantou. Tentou falar, mas ele já estava atrás dela, as mãos frias em seu rosto, virando sua cabeça para beijá-la de novo. Valquíria se inclinou para ele, a fraqueza dominando seu corpo antes de ela se obrigar a ser forte novamente. Interrompeu o beijo e se afastou.

— Isso não vai acontecer — sussurrou ela.

— Já está acontecendo — disse ele, com os olhos escuros.

— O que você viu? Caelan! Meu sangue. O que você viu?

Ele sorriu.

— Nada. Experimentei seu sangue e não vi nada.

— Tem certeza?

— Não sei qual descoberta Crepúsculo fez, mas eu não fiz nenhuma. A única diferença entre seu sangue e o de qualquer outra pessoa é... a história.

— Como assim?

— É sangue antigo. Remonta ao poder.

— Ao Último dos Antigos?

— Provavelmente é isso. — A mão dele se esticou na direção de Valquíria, que deu um tapinha para afastá-la. Seu sorriso se alargou. — Mas todo mundo sabe que você é descendente dos Antigos. Não vejo por que teria sido uma revelação tão grande para Crepúsculo.

— Talvez ele tenha visto alguma outra coisa.

— Muito provável. Mudei de ideia, sabe.

— Sobre o quê?

— Sobre passarmos um tempo separados.

— Caelan...

— Agora acho que devíamos passar mais tempo *juntos*.

— Acho que preciso ir agora.

Valquíria tentou passar por ele, que riu e agarrou a mão dela. Quando ela se virou para encará-lo, a risada não estava mais lá.

— Fletcher é um garoto — disse ele.

— É por isso que o chamo de *namorado*, e não *namorada*.

— Fomos feitos um para o outro.

— Deus do céu — disse ela —, você sempre pega pesado assim?

Caelan pareceu prestes a ser irônico, então franziu o cenho e recuou.

— Eu avisei — murmurou ele, olhando para o outro lado. — Eu não... Eu nem sempre consigo me controlar.

Valquíria aproveitou a oportunidade para se afastar rapidamente.

— Obrigada — gritou ela, por cima do ombro.

Caelan não respondeu.

O REI ZUMBI

A van refrigerada estacionou na beira da estrada. Depois de alguns segundos, o motorista desceu. Era um homem de meia-idade com uma pele ruim. Ele não era muito esperto e tinha a tendência de dizer coisas estúpidas que irritavam seu mestre. Seu mestre era um homem grande e terrível. Seu mestre era o Matador Supremo. Seu mestre era o Rei Zumbi.

Esmagador abriu a porta de trás, e Vaurien Patife, o Rei Zumbi, ficou parado, majestoso, piscando por conta dos raios de sol da tarde fria.

— Chegamos? — perguntou ele, altivo.

— Chegamos — disse Esmagador, assentindo com sua cabeça idiota. — Nos perdemos um pouco. Fiz uma curva errada, tive que parar e pedir instruções. Eu tinha um mapa, mas é bem velho, e com todas essas novas vias de mão única fica bem difícil...

E continuou tagarelando, irritando o Rei Zumbi com detalhes tão chatos que seriam capazes de entorpecer alguém. Não pela primeira vez, Patife desejou ter escolhido outra pessoa para ser seu primeiro recruta zumbi. Todos os zumbis *depois* de Esmagador tinham se decomposto na velocidade normal de um cadáver, e apenas Esmagador tinha — infelizmente — herdado um pouco da longevidade de Patife.

Mas até mesmo o grande Rei Zumbi estava com uma aparência ruim nesses dias. Meses atrás, seu rosto fora gravemente queimado por Valquíria Caos. Ele tentara arrancar a pele queimada em grandes pedaços, mas isso só piorou as coisas. Seu corpo não estava se regenerando, então a desfiguração ficou, e de vez em quando outras partes dele caíam ou paravam de funcionar. A sobrevivência se tornara sua única ambição. Ele ia para todo lado em sua van refrigerada, evitava o sol o máximo possível e se cobria de odorizadores de carro que se esforçavam para mascarar o fedor de carne apodrecendo com bafejos enjoativos de fragrância de pinho.

Sobrevivência. Era todo o seu objetivo. E era por isso que ele estava ali. Patife colocou o pé para fora da van, na estrada.

— O que precisa que eu faça, Mestre? — perguntou Esmagador, a ansiedade maturando suas feições.

— Fique aqui — respondeu Patife — e não me irrite. Como está meu rosto?

Esmagador hesitou.

— Está... bom. Ok. A maquiagem é... ela realmente esconde a... hã... o pior das cicatrizes.

— E meu terno? Tem algum pedaço meu nele? — A orelha de Patife caíra no dia anterior. Ele a grudara de volta com cola.

— Parece limpo, senhor.

— Excelente. De volta para a van, Esmagador.

— Sim, senhor... É só que...

Patife suspirou.

— O que é?

— Não acha que devia ser eu a falar com essas pessoas, Mestre? São civis, e eu não tenho as... as características distintas que podem assustá-los...

— Tolice. Eu pensei em tudo. Tenho um plano e me preparei para todas as possibilidades. Para qualquer questão que eles provavelmente, ou não tão provavelmente, possam perguntar, tenho uma resposta. A história que inventei é sólida como pedra. Minhas mentiras são intrincadas e cem por cento infalíveis. Você só estragaria tudo.

— Sim, Mestre.

— Volte para a van, imbecil.

Esmagador fez uma reverência e obedeceu. Patife ajeitou a gravata, então marchou cheio de propósito pela calçada. Era uma rua sem saída, com apenas três prédios: uma agência funerária de cada lado e uma grande casa no final, com um carro do lado de fora.

Patife entrou na primeira funerária. Um homem de terno lúgubre correu até ele, deu uma olhada em seu rosto e vacilou.

— Parece pior do que é — disse Patife, com uma risadinha afável.

— Eu... entendo — disse o homem.

— Foi o mesmo acidente que matou meu irmão — prosseguiu Patife, percebendo que provavelmente devia parar de rir. — Foi um choque trágico. Estamos todos muito tristes com sua perda.

O agente funerário apertou a mão de Patife e lhe ofereceu um sorriso triste.

— Gostaria de se sentar? — perguntou, gentilmente.

— Gostaria, sim. Estou me sentindo bem abatido por causa da perda de meu irmão.

O agente funerário indicou uma cadeira confortável, então se sentou atrás de sua grande mesa, abrindo solenemente um livro contábil. Ele pegou o que parecia uma caneta cara e ergueu o olhar para Patife.

— Posso perguntar seu nome?

Patife ensaiara esta parte uma dezena de vezes, inventando respostas para todas as

perguntas possíveis. Essa era uma das fáceis.

— Elvis O’Carroll.

O agente funerário hesitou, então assentiu e anotou o nome.

— E o do seu irmão?

— Perdão?

— O nome do seu irmão?

Patife congelou. Tudo estivera correndo tão bem.

— O nome do meu irmão — ele conseguiu dizer — é... um nome que me faz chorar toda vez que o ouço. Seu nome, o nome do meu irmão, do meu irmão morto é... — Sua mente estava a toda, acelerando contra paredes e tropeçando em obstáculos. Um nome. Um simples nome. Tudo o que precisava era de um simples nome para avançar para o próximo estágio da conversa, mas não conseguia pensar em nenhum. Consciente de que estava encarando o agente funerário com uma expressão de perplexidade no rosto, Patife pegou um nome histórico qualquer.

— Adolf — soltou.

O agente funerário o encarou.

— Perdão?

— Adolf O’Carroll — continuou Patife, tentando parecer o mais calmo possível.
— Com dois L’s no final.

— O nome do seu irmão era Adolf?

— Sim. O senhor vê algo de errado nisso? É um nome comum na minha família. Tive um tio chamado Adolf e uma tia-avó também

— Uma tia-avó? O senhor sabe, é claro, que Adolf é, tradicionalmente, um nome masculino...?

— Bom, isso faz sentido, já que minha tia-avó era, tradicionalmente, um homem.

— O senhor parece ter uma família interessante, Sr. O’Carroll — comentou educadamente o agente funerário enquanto fazia suas anotações.

— Por favor — disse Patife —, pode me chamar de Elvis.

— Certamente. Posso perguntar que serviço gostaria que fornecêssemos durante este período difícil? O funeral, é claro, é nossa especialidade, mas nós também...

— Embalsamamento — disse Patife. — Vocês fazem o embalsamamento aqui?

— Preparamos o finado para seu último lugar de descanso, sim.

— E fazem isto aqui?

— Em nossas dependências, sim. Temos uma equipe de profissionais que se preocupam em tratar cada indivíduo com o máximo de respeito. Achamos que há dignidade na morte, assim como na vida.

— Quanto tempo leva?

— O processo de embalsamamento?

— Quanto tempo leva para impedir a decomposição?

— Não tenho certeza se compreendo... O que exatamente está nos pedindo para fazer?

— Quero que ele seja preservado.

O agente funerário apoiou a caneta e entrelaçou os dedos.

— Está... está nos pedindo para realizar uma taxidermia?

— Estou? O que é isso? É quando empalham o bicho e penduram?

— Isso.

— É isso aí! — disse Patife, alegremente. — É isso que quero! Pode fazer isso?

— Não.

— Por que não?

— Porque o corpo verdadeiro do animal não é *usado* na taxidermia. O animal é esfolado e a pele é esticada por cima de uma *réplica* do corpo do animal. Repare que continuo dizendo a palavra *animal*. Isso porque taxidermia não é uma coisa que se faça com humanos. Pode ser visto como algo um tanto quanto bárbaro.

— Não me serviria, de qualquer maneira — murmurou Patife. — Precisa ser o corpo original. Então você pode embalsamá-lo e me entregar de volta?

— Temo que não façamos um serviço do tipo *para viagem*.

— Talvez o lugar do outro lado da rua faça.

— Isso não me surpreenderia — disse o agente, irritado —, mas duvido que até mesmo *eles* se rebaixem a esse nível, Sr. O'Carroll...

— Elvis.

— Elvis, acho que a morte do seu irmão pode ter afetado seu juízo. Você não está pensando com clareza. O que está nos pedindo é... inquietante.

— É o que Adolf teria desejado.

— Tenho certeza de que ele teria preferido um lugar de descanso mais pacífico.

— Suas últimas palavras para mim foram “*Não me enterre*”.

— Também oferecemos serviço de cremação.

— E depois disse “*E também não me queime*”.

O agente funerário suspirou.

— Elvis, acho que não somos as pessoas certas para ajudá-lo. Não é com frequência que recomendo nossos rivais do outro lado da rua, mas sinto que eles seriam mais adequados às suas necessidades. Tenho certeza de que ficariam contentes em lidar com os seus... pedidos.

Ele sorriu.

Patife saiu da funerária e atravessou a rua, encharcando-se com meia latinha de desodorante enquanto andava. Ele foi recebido por outro atendente lúgubre, explicou seus machucados sem rir desta vez, e lhe indicaram outra cadeira confortável. Ele pulou toda a parte de perda trágica rapidamente e chegou aos detalhes.

— Adolf era um católico devoto — disse ele. — Quero dizer, devoto mesmo. Ah, ele era maluco pela religião. Rezava todo dia, ocasionalmente duas vezes por dia. Era tudo *Pai Nosso* para lá e *Ave Maria* para cá. Contas de rosários e fotos do Papa. Ele era doido por essa coisa toda. Achava os padres incríveis, no geral.

O agente funerário assentiu lentamente.

— Pelo menos teve conforto nessa hora de necessidade. Então o senhor está procurando um funeral tradicional?

— De forma alguma. O senhor já leu a Bíblia?

— Já li, sim. Encontro força naquelas palavras.

— Leu a parte sobre os zumbis?

— Hã...

— A parte no final, em que Deus chama os mortos de volta no Dia do Juízo Final.

— Hã, eu... Eu não tenho certeza de...

— É quando Deus decide quem vai para o Paraíso e quem não vai, e todos os mortos saem das tumbas e esperam para ver. Está na Bíblia, certo? É isso que Adolf quer fazer, mas ele quer estar à frente dos outros. Ele não quer perder tempo saindo de um buraco no chão. Quer estar pronto para quando derem a largada. Então quero preservá-lo.

O agente funerário ficou pálido.

— *Preservar?*

— Eu estava pensando, se você bombear todo o fluido de embalsamamento para dentro das veias dele, então posso levá-lo, guardá-lo em algum lugar fresco, e ele estará pronto para partir no fim do mundo. O que acha?

— O senhor está... falando sério?

— Estou com o meu irmão morto na mala do carro. É claro que estou falando sério.

— Sr. O'Carroll...

— Elvis.

— Elvis, o que você disse não faz sentido.

— Não desdenhe da religião do meu irmão.

— Posso assegurá-lo de que não estou fazendo isso. O que *estou* dizendo é que... seu plano não faz sentido. Um corpo morto vai apodrecer, senhor, não importa quanto fluido seja injetado nele. Com o tempo, tudo se decompõe.

— Adolf é particularmente resiliente.

— Ainda que o Dia do Juízo Final viesse antes que ele começasse a se decompor; se acontecesse, digamos, na quinta-feira, o fluido na verdade seria um estorvo. Ele inunda os músculos, os deixa rígidos até que não possam mais se mover. Compreende, Elvis? Ele não estaria à frente dos outros. Na verdade, seria deixado para trás, incapaz de se mover.

Patife franziu a testa.

— Então... então não há nada que se possa fazer para impedir a decomposição?

— Sinto muito.

— E quanto àqueles corpos que encontram nos brejos, com centenas de anos?

— O senhor realmente quer deixar Adolf em um brejo? Elvis, a não ser que esteja preparado para mumificar seu irmão, ele vai se decompor.

— O que é isso? Mumificar? Ele seria uma múmia?

— Não fazemos esse tipo de coisa aqui.

— Bem, quem faz?

— Ninguém.

— E quanto aos egípcios?

— Ninguém a não ser os egípcios. — O agente funerário assentiu. — Leve-o para uma agência funerária egípcia. Eles vão envolvê-lo com ataduras e colocá-lo num sarcófago, e ele estará em excelente quando chegar o Dia do Juízo Final.

— Sério?

— Não. Aqueles imbecis do outro lado da rua pagaram você para vir aqui desperdiçar meu precioso tempo, não foi?

— É claro que não.

— Eles lhe disseram para atuar como um idiota?

— Não estou atuando — respondeu Patife.

— Diga a eles que se quiserem começar essa guerra de pegadinhas de novo, por mim tudo bem. Ainda tenho alguns truques na manga. Se é uma guerra que eles querem, é guerra que vão ter.

Patife saiu da agência funerária confuso e desanimado. Era como se o universo estivesse fechando todas as portas bem quando ele percebia que estavam ali. Ele depositara todas as esperanças em ser embalsamado, e o que restava agora que a ciência o desapontara?

Ele parou no meio da rua. Magia. É claro. Ele não considerara antes porque, sinceramente, não tinha amigos feiticeiros. Mas sem dúvida *deveria* haver alguma coisa que um mago pudesse fazer. Eles viviam inventando jeitos novos e empolgantes de viver pelo tempo que fosse possível. Será que exigiria tanto poder assim impedir a carne de apodrecer?

Ele não era nenhum *expert* — mesmo em vida, sua compreensão da magia tinha sido no mínimo desprezível —, mas isso parecia possível. Toda a magia de Patife fora usada para animar seu corpo e manter a mente funcionando, mas não havia nada que pudesse impedir outra pessoa de efetuar uma magia *nele*.

Havia um nome que seu antigo mestre Escaravelho mencionara. Ele falara sobre um *expert* em ciência-mágica... Lamento, era isso. Conspícuo Lamento, que tinha

instalações médicas em algum lugar de Dublin. Borboletas de animação esvoaçaram pelo estômago de Patife. Ele só precisava descobrir onde ficava, e todos os seus problemas estariam terminados.

A buzina de um carro soou bem atrás dele, que deu um pulo de susto e em seguida recuperou a postura, murmurando xingamentos no caminho até a calçada. O carro passou por ele. Patife o viu com o canto do olho e congelou. Ele conhecia aquele carro. Da primeira vez que o viu, tinha sido jogado no banco de trás, algemado. Na segunda vez, fora jogado no porta-malas, com outro par de algemas. Era o carro que Ardiloso Cortês costumava dirigir.

Subitamente Patife se esqueceu de como andar feito uma pessoa normal. Como Cortês soube que estaria ali? Será que o estava seguindo? Seria aquele o dia em que sua existência acabaria? Ele tinha certeza de que não fora reconhecido, porque estivera olhando para o outro lado e estava de terno, mas bastava outro olhar e tudo estaria acabado. Ele cambaleou até um arbusto grande e se jogou nele, então engatinhou, se virando para o outro lado para espiar por entre as folhas. O carro preto virou a esquina e desapareceu.

Aquilo não fazia o menor sentido. Seria tudo uma armadilha elaborada? Uma emboscada? Cortês passara direto por ele. Será que o grande Detetive Esqueleto cometera um erro bobo? Ou talvez *não estivesse* atrás dele, no fim das contas. Talvez fosse apenas uma coincidência. Talvez a casa...

Patife olhou de novo para o casarão. O carro de Cortês estivera estacionado nela. Na entrada para carros, inclusive. Cortês estacionara seu carro na garagem da casa como se... como se ele fosse o *dono* do lugar.

Patife ficou com o olhar fixo. Ele sabia onde Ardiloso Cortês morava.

Agora tudo o que tinha que fazer era descobrir quem pagaria mais por essa informação.

O NOVO GRANDE MAGO

Valquíria foi atrás de Ardiloso, que atravessava o beco a passos largos e rápidos. Estava tão frio que quase doía, e, pelo menos desta vez, ela estava grata por isso. Significava que tinha outra coisa para pensar além de ter beijado Caelan. Ela estava arrependida agora. Se arrependera logo depois, mas não conseguia parar de repassar o acontecido mentalmente, várias e várias vezes.

Ardiloso chegou a alguns degraus que levavam para baixo do nível da rua, e uma porta de ferro se abriu, deixando-os passar. O corredor em que entraram estava quente, com imagens fantásticas esculpidas nas paredes de ambos os lados. Em alguns lugares, a tinta estava rachada e descascando, mas os anos não haviam diminuído a completa exuberância das cores escolhidas. Valquíria se inclinou para examinar uma pequena figura que corria. Até a luz cintilando nos olhos da figura fora pintada.

— O que é tudo isto? — perguntou ela.

— História — respondeu Ardiloso. — Está tudo aqui, para aqueles que sabem como procurar. — Ele apontou com a cabeça para um entalhe de dois homens e uma mulher, segurando luz nas mãos. — Estes são os Antigos, descobrindo a magia pela primeira vez. As nuvens acima deles representam os Sem-Rosto, e a grama a seus pés, o povo.

— As pessoas normais são representadas por grama? — perguntou Valquíria, com uma sobrancelha erguida. — Que gentil, nada ofensivo.

— As pessoas são representadas por cada folha da grama — disse Ardiloso, um sorriso na voz. — Nascidas da terra, uma parte tão natural e integrante da vida quanto a magia. Você pode ver os Antigos protegendo a grama das nuvens de tempestade sobrenaturais.

— Estou vendo os Antigos de pé *em cima* da grama, com a chuva caindo neles; e nenhum pensou em levar um guarda-chuva. Não eram muito espertos, eram?

— Não seja *tão* dura. Você é descendente de um deles, lembre-se.

— Qualquer ancestral *meu* teria levado um guarda-chuva — murmurou Valquíria, e foi olhar a parede do outro lado. A cena ali representada a perturbou, como se um gancho tivesse conseguido alcançar seu estômago e agora estivesse dando leves

puxões em suas entranhas. Uma cidade em ruínas, os mortos espalhados como folhas secas caídas de uma árvore numa manhã silenciosa. No centro havia um homem, queimando com fogo negro.

— E este? — perguntou ela. — Era para ser Malevolente?

Ardiloso estava ao lado dela.

— Estas câmaras foram construídas antes que a guerra com Malevolente sequer tivesse começado. Não, esse não é Malevolente. É o mestre dele. O Inominado.

Valquíria olhou para ele.

— Ele se *chamava* Inominado ou só não *tinha* um nome?

— Não tinha nome.

Ela fechou a cara.

— Mas como *isso* funciona? Toda a nossa magia vem do nosso nome verdadeiro, certo? Estive lendo tudo a respeito. Então se ele não *tinha* um nome verdadeiro, de onde vinha a magia?

— Para toda lei natural, há exceções. Estou muito impressionado que você esteja pesquisando, aliás.

— Desde que Mácula mandou que Myron Desgarrado se matasse e destruísse o Santuário, achei que seria uma boa ideia aprender mais um pouquinho sobre toda essa coisa de nome.

— Está preocupada que alguém possa aprender o *seu* verdadeiro nome?

Preocupada era um termo muito fraco para algo tão absolutamente aterrorizante. Valquíria assentiu, mas não falou nada. Ela não confiava em si mesma para responder.

Ardiloso retomou a caminhada.

— Então, o que aprendeu?

Ela andou ao lado dele, se obrigando a manter o tom casual.

— Nossos nomes verdadeiros são nomes mágicos, da mais antiga língua mágica. Virtualmente, todos nós andamos por aí sem saber qual é esse nome, mas ainda podemos usar a magia que ele fornece.

— E?

— E se você descobrir seu verdadeiro nome, meio que chegou direto à fonte. Você se torna mais poderoso até do que os Antigos foram. Seria capaz de enfrentar os Sem-Rosto sem nem precisar de uma arma.

— Se é assim — disse Ardiloso —, como foi que Myron Desgarrado virou uma marionete e não um deus?

— Alguém, nesse caso o Sr. Êxtase, descobriu seu nome verdadeiro antes dele, então ele nunca teve tempo de selá-lo.

Eles entraram na Grande Câmara, e a conversa morreu. Trinta ou quarenta pessoas estavam ao longo do chão de mármore, conversando baixinho. As paredes

ali eram esplêndidas, os entalhes elaborados por toda a extensão até a cúpula do teto.

Fenestor Enredo sorriu ao entrar. Valquíria o encontrara algumas vezes antes — ele havia lutado em algum tipo de unidade especial com Ardiloso e Medonho durante a guerra. Ela gostava de Enredo. Ele era charmoso, agradável e muito bonito, de um jeito meio viril.

— Fenestor — disse Ardiloso, apertando a mão dele.

— Ardiloso, que bom ver você — respondeu Enredo, apertando a mão de Valquíria em seguida. — Valquíria, está com uma ótima aparência.

Ela ficou vermelha e virou a cabeça para que ninguém percebesse. Então reparou num velho de barba grisalha e fechou a cara.

— Por que ele está aqui?

Enredo colocou as mãos nos bolsos.

— Quer gostemos ou não, precisamos de representantes de todos os principais grupos para eleger um Grande Mago, e os magos de Roarhaven têm tanto direito ao voto quanto qualquer outro.

— Mas por que *ele* tem que estar aqui?

— Não gosta do Tormento?

— Ele não gosta de mim.

Tormento fez cara feia para Valquíria quando seus olhares se encontraram. Havia uma mulher ao lado dele, usando um vestido negro que ondulava pelo chão aos seus pés. O rosto estava coberto por um véu, e as mãos, enluvadas.

— Ele veio com a irmã — disse Fenestor, antecipando a pergunta seguinte. — Não é irmã dele de verdade, claro, mas outra Filha da Aranha.

Valquíria vira com os próprios olhos aterrorizados como Tormento era capaz de vomitar aranhas negras do tamanho de ratos, com presas no lugar de patas. Ele também tinha o desconcertante hábito de se transformar em uma aranha — uma coisa gigantesca e monstruosa que gostava de assombrar os pesadelos de Valquíria de vez em quando.

— Madame Névoa — disse Ardiloso, com o olhar desprovido de olhos fixo na mulher de véu negro. — Ela também mora em Roarhaven agora? Desde quando? Eu nem sabia que ela estava no país.

Enredo encolheu os ombros.

— Realmente não conversamos por tempo o suficiente para que eu pudesse me inteirar dos detalhes. Tento me manter longe dos Filhos da Aranha, sabe? Eles tendem a me dar arrepios. E, falando em arrepiar...

O Sumo Sacerdote Tenebross entrou no salão, flanqueado, como sempre, por Poltrão e Tremor. Fez um aceno com a cabeça para Valquíria conforme eles se deslocavam com seus mantos negros.

— Ora essa — comentou Enredo, percebendo o aceno. — Você parece conhecer mais gente aqui do que *eu*.

Valquíria sorriu.

— Ainda vou precisar de ajuda com os chatos.

Enredo riu.

— Tenho certeza de que eles adorariam ser chamados assim. Neste salão, temos os suspeitos de sempre. Feiticeiros com poderes, idades ou posições particulares. Aquela moça ali é Shakra, e ao lado dela está Flama. Você provavelmente as conhece do Santuário. Elas tiveram a sorte de não estar por lá no dia em que Engenho Desolador foi detonado. À esquerda delas há feiticeiros de vários tipos, que você pode não conhecer: eles trabalham nos bastidores na maior parte do tempo e fazem o possível para ficar longe do centro das atenções.

“Aqui temos Corrival Revés — prosseguiu Enredo, indicando um velho corpulento vestido com um casaco colorido. — Ele está mais ou menos aposentado agora, mas o arrastamos para fora de casa para esta reuniãozinha. É um bom homem.”

— Um homem muito bom — concordou Ardiloso. — Era quem nos dava as ordens durante a guerra. Não tem muita gente de quem eu aceitaria receber ordens. Ele é uma dessas poucas pessoas.

Valquíria já ouvira Ardiloso e Medonho mencionarem Revés em suas conversas, sempre com muita afeição e respeito. Ela decidiu que gostava muito do velhinho, mesmo que ainda nem o conhecesse.

— As duas pessoas à nossa frente — disse Ardiloso — são Geoffrey Escrutínio e Filomena Aleatória. — Escrutínio tinha um cabelo bizarramente frisado e um cavanhaque, e apesar do clima frio lá fora, estava usando sandálias. A aparência de Aleatória era mais sóbria no geral: ela tinha cabelo curto, usava um casaco quente, e nenhuma das miçangas ou anéis ou pulseiras que decoravam os pulsos e mãos do colega.

— Eles são responsáveis pelas Relações Públicas. O trabalho deles é convencer os mortais de que não viram o que acham ter visto. As cinco pessoas olhando feio para os Necromantes gostam de ser chamadas de Quatro Elementais. Eles acreditam que estão em harmonia com o mundo ao redor e, por isso, são espantosamente metidos a certinhos.

— Quatro Elementais?

— Isso.

— Mas tem cinco deles.

— Eu sei.

— Eles não sabem contar?

— Eles começaram com quatro, mas aí Amizade, o homem com o queixo

incomum, casou-se com a mulher corpulenta cheia de joias e insistiu que permitissem que ela se tornasse o quinto membro do quarteto.

— Eles não podiam simplesmente ter mudado o nome?

— E se tornar os Cinco Elementais quando só existem quatro elementos? Eles não queriam perder a preciosa sincronia.

— É melhor do que todo mundo pensar que não sabem fazer contas.

— Isso é verdade — disse alguém ao lado de Valquíria. Ela se virou, surpresa ao ver Corrival Revés ali. Ela não o ouvira se aproximar.

— Você é Valquíria Caos — disse ele, sorrindo. — Ouvi tanto sobre você. É uma verdadeira honra.

Ela apertou a mão dele.

— Oi. — Foi tudo em que conseguiu pensar.

— Fenestor — disse Corrival. — Ardiloso. Que bom ver vocês de novo.

— Não achei que você viria — disse Enredo ao velho feiticeiro.

Corrival grunhiu uma risada.

— O quê? Depois de três semanas completas com você me enchendo por causa disto?

— Achei que estava sendo sutil.

— Você não sabe o que essa palavra significa. Onde estão os outros, então? Cadê Medonho? E Distúrbio?

— Medonho odeia esse tipo de coisa — disse Ardiloso. — E não sei onde está Distúrbio.

— Provavelmente em mais uma aventura — disse Corrival, com um breve suspiro. — Aquele garoto precisa crescer algum dia, ele realmente precisa. E quanto a Anton Frêmito?

— Frêmito gosta de ficar no hotel — disse Enredo. — Além de todos os Remanescentes presos por lá, ele ainda tem que aguentar um hóspede vampiro. Se eu fosse ele, também ia querer ficar sempre de olho nas coisas.

A memória do beijo de Caelan voltou a inundar a mente de Valquíria, que lutou contra ela, em vão.

Corrival olhou em volta.

— Então é isso? Estão todos aqui? Fenestor, talvez você devesse colocar as coisas em marcha. Tenho lugares para ir e coisas para fazer.

— Eu? — perguntou Enredo. — Por que é que eu tenho que começar? Você é o mago mais respeitado daqui. Você começa. Ou Ardiloso.

Ardiloso balançou a cabeça.

— Não posso começar. Não gosto da maior parte dessa gente. Eu poderia começar é a atirar.

Enredo fechou a cara.

— Está bem.

Ele se virou, pigarreou, e ergueu a voz.

— Todo mundo que vinha já chegou — anunciou ele. As outras conversas foram morrendo, e todos os olhos se viraram para ele. — Todos sabemos por que nos reunimos. Se elegermos um Grande Mago hoje, podemos começar imediatamente a trabalhar na criação de um novo Conselho e em encontrar um novo Santuário.

— Antes de falarmos sobre o novo Santuário — disse Geoffrey Escrutínio —, acho que devíamos discutir o antigo. Mais precisamente, acho que todos gostaríamos de perguntar como anda a busca por Davina Mácula.

— Até onde sabemos, ela ainda está no país — disse Ardiloso. — Temo que não possa revelar nenhum detalhe a mais.

— Por que não? — Quis saber o Elemental chamado Amizade.

— É uma investigação em curso.

— Ela o vem enganando há cinco meses, Detetive Cortês. Talvez devêssemos confiar a outra pessoa a tarefa de rastreá-la.

— Então, por favor, Amizade — disse Ardiloso. — Encontre outra pessoa.

— O estrago já está feito — disse a mulher chamada Shakra, com seu sotaque de Belfast. — Mácula não é importante, não mais. O importante é o quão fracos estamos parecendo. Os Santuários ao redor do mundo estão esperando a hora de atacar, sabiam?

— Isso é um leve exagero — disse Escrutínio.

— É mesmo? Os americanos já anunciaram que não pretendem ficar parados assistindo à Irlanda lutar contra o legado que pessoas como Malevolente deixaram. Foi isso o que disseram, palavra por palavra.

— Foi um gesto de apoio — disse Amizade.

— Não — respondeu Shakra —, foi uma ameaça. Eles dizem que estão se preparando para intervir e tomar o controle caso algo assim volte a acontecer.

Amizade balançou a cabeça.

— Bobagem. A Irlanda é o Berço da Magia. Ninguém ousaria perturbar o delicado equilíbrio que mantém o mundo sob controle.

Shakra fez cara de desgosto.

— Você é um imbecil.

— Ser rude não faz de você mais inteligente do que eu.

— Não, o fato de eu ser mais inteligente do que você faz de mim mais inteligente que você, seu simplório com cérebro de bode.

— Eu não vim aqui para ser insultado.

— Ah, você tem um lugar especial para ir quando quer isso?

— Podemos, por favor, manter o foco? — perguntou Corrival. Imediatamente, todos se calaram. — Só nos últimos cinco anos, dois dos nossos Anciãos foram

assassinados, o terceiro nos traiu, e o Grande Mago que assumiu o poder acabou se revelando um criminoso. Dois dos Três Generais de Malevolente voltaram, e os Sem-Rosto chegaram a *invadir* esta realidade.

“Amizade, você e seus Quatro Elementais podem não querer acreditar, mas a Irlanda está sendo atacada. Temos inimigos tanto declarados quanto ocultos. A guerra com Malevolente foi travada principalmente em solo irlandês. Suas ações, e as dos seus seguidores, criaram uma instabilidade da qual é impossível nos livrarmos. É para cá que são atraídos os agentes da revolta. Há sangue em nossas águas.”

— É isso mesmo — disse Flama. — Feiticeiros das trevas como Charivari, na França, ou Keratin, nas montanhas da Sibéria, nos odeiam e tramam contra nós a cada momento que passa. E quanto às visões sobre aquela tal de Trevária, espalhando destruição pelo mundo? Precisamos nos preparar.

Valquíria viu os gestos de aprovação e as expressões dos olhos. Se algum deles soubesse a verdade, a fariam em pedaços ali mesmo.

— Então precisamos ir direto aos negócios — disse o Sumo Sacerdote Tenebross. — A tarefa adiante não é fácil. Precisaremos instaurar um novo Conselho, eleger um Grande Mago e dois Anciãos, construir um novo Santuário e consolidar nossa base de poder. Apesar de isso aumentar consideravelmente minhas responsabilidades e minha carga de trabalho, estou disposto a oferecer meu próprio nome para o papel de Grande Mago.

Alguns olhos se reviraram, e houve alguns sussurros cruéis, mas Corrival ergueu uma das mãos para silenciá-los.

— Obrigado, Sumo Sacerdote. Quais são os outros candidatos?

— Alguns de nós temos conversado a respeito — disse Escrutínio —, e gostaríamos de sugerir Corrival Revés como candidato.

Corrival ergueu uma sobrancelha.

— Como?

— Você é respeitado e querido, Corrival, e...

— Sei o que sou — interrompeu Corrival —, e o que sou é um aposentado. Mesmo que não fosse, nunca tive interesse por esse cargo. Isso é para gente como Meritório, não como eu.

— Seu país precisa de você — disse Flama.

— Meu país precisa de mais bom gosto.

— Você é o único que pode fazer o trabalho.

— Isso é ridículo — disse Corrival. — Não tenho a experiência ou o treinamento e estou sempre me metendo em discussões. Não são muitos os feiticeiros que concordam com meu ponto de vista, sabem.

— Ainda assim — disse Filomena Aleatória —, você é uma das poucas pessoas

capazes de promover a união entre a comunidade mágica da Irlanda nesse momento de necessidade.

— Tolice. Existem muitos outros.

— Não estamos fazendo esta sugestão levianamente, Corrival. Refletimos muito a respeito.

— E não conseguiram pensar em ninguém além de mim?

— Temo que sim.

— Mas realmente gosto da aposentadoria. Posso dormir até mais tarde todo dia. Faço palavras cruzadas e como bolo.

— O dever chama, Corrival.

— Então vamos votar — disse Flama. — Aqui e agora mesmo. Vamos deixar de lado a pompa e circunstância habituais e fazer um simples sim ou não. Todos a favor do Sumo Sacerdote Aurão Tenebross como Grande Mago, digam *sim*.

Poltrão e Tremor disseram *sim*. Tenebross retesou a mandíbula diante do silêncio esmagador.

— Tudo bem, então — disse Escrutínio. — Todos a favor de Corrival Revés como novo Grande Mago, digam *sim*.

A aprovação encheu a sala. Apenas os Necromantes e os magos de Roarhaven permaneceram em silêncio.

Escrutínio deu um sorrisinho.

— Acho que está decidido.

— Está bem — disse Corrival. — Aceito o cargo, com a condição de que, assim que aparecer alguém mais competente, vocês todos deixem que eu me aposente em paz.

— De acordo — disse Amizade. — Agora precisamos falar sobre candidatos para os dois outros assentos no Conselho e sobre onde o novo Santuário será construído.

— Não precisa construir — disse o Tormento, com sua voz terrivelmente grasnada. — Temos um Santuário pronto e à espera.

— Em Roarhaven? — perguntou Tenebross, com nojo na voz.

— Sim. — Tormento devolveu o olhar raivoso. — Um excelente prédio, construído especialmente para esse propósito.

— Construído para um golpe que fracassou — disse Enredo.

— Pode ser — retrucou Tormento —, mas o fato persiste. Há um novo lugar para o Santuário, com todos os aposentos e requisitos. Algum de vocês tem objeções reais, exceto pelo fato de ser fora de sua preciosa capital?

Fez-se silêncio.

— É uma boa sugestão — disse Corrival. Valquíria olhou para ele, surpresa. Ela não foi a única.

— A verdade — prosseguiu ele — é que está lá e disponível. E se alguém plantar

outra bomba, não precisaremos explicar às autoridades civis. E quanto aos outros dois assentos no Conselho, já tenho meus indicados. Indico Fenestor Enredo e Ardiloso Cortês.

Alguém soltou uma risada. Valquíria se virou para Ardiloso, desejando que ele estivesse com um rosto, para que pudesse ver sua reação.

— Ah — disse Enredo.

— Oh — disse Ardiloso.

— Desculpem, rapazes — disse Corrival —, mas se tenho que suportar essa coisa ridícula, vocês também terão. Vocês dois são figuras controversas, mas lutei com a unidade de vocês no campo de batalha e nunca conheci tamanha coragem e honra. Fenestor, você gosta bastante de gastar dinheiro, mas tem sido meu leal confidente pelas últimas centenas de anos, e não acho que exista ninguém capaz de negar que você daria um excelente Ancião. Você é sábio quando necessário, e impulsivo, quando precisa.

— Ardiloso, meu velho amigo, ousou dizer que muita gente vai contestar sua nomeação.

— Inclusive eu mesmo — respondeu Ardiloso.

— Você faz mais inimigos que amigos, o que não quer dizer muita coisa, mas você também toma as decisões difíceis. Sempre tomou. É tudo o que tenho a dizer sobre o assunto. O restante fica para os votantes. Como Grande Mago devidamente eleito, declaro agora o fim dos procedimentos, pois tenho umas palavras cruzadas a fazer e uns bolos a comer.

Sem esperar resposta, Corrival se virou e deixou a sala.

— Eu não esperava por *isso* — disse Enredo, em voz baixa.

— Eu voto em você — disse Ardiloso —, se você prometer *não* votar em mim. Enredo deu um sorrisinho.

— E deixar você perder toda a diversão? Não nessa vida, homem morto.

Enquanto andavam até o Bentley, Valquíria viu uma linda garota loira parada ao lado de um comprido carro negro.

— Volto em um minuto — disse ela para Ardiloso, e correu até a garota, se esforçando ao máximo para não dar um sorriso largo demais.

— Oi, Melancolia — disse ela, animadamente.

Melancolia fez cara feia. Ela era quatro anos mais velha que Valquíria, alta, e usava mantos negros de Necromante. Desde o comecinho, nunca mantivera em segredo o fato de que desprezava Valquíria completamente. Ela, por sua vez, achava isso incrivelmente divertido e se deleitava nas várias oportunidades que tinha de irritar a garota mais velha.

— O que está fazendo? — perguntou Valquíria, com um sorriso amigável.

— Estou parada aqui — respondeu Melancolia, sem olhar para ela.

— E está fazendo isso muito bem. Sabe onde está Salomão? Ele disse que viria hoje, mas não o vi.

— O Clérigo Mortalha está em uma missão.

— Legal. De que tipo?

— Não sei.

— É algo empolgante?

— Não sei.

— Certo. Então só está esperando pelos outros, é? Esperando pelo velho Tenebross?

Melancolia ficou tensa.

— Você deveria demonstrar mais respeito pelo Sumo Sacerdote. Deveria usar o título completo ao se referir a ele.

Valquíria deu de ombros.

— É que Sumo Sacerdote Tenebross é tão grande de dizer, sabe? Geralmente só o chamo de Tenny. Ele gosta.

— Se você realmente fosse uma de nós, seria severamente punida por esse comportamento.

Valquíria franziu a testa.

— Você realmente fala desse jeito ou está só fazendo cena?

Melancolia finalmente olhou para ela.

— Está zombando de mim? — rosnou a garota.

— Isso foi uma afirmação ou uma pergunta?

Melancolia era mais alta que Valquíria e assomou sobre ela.

— Vou puni-la eu mesma, em nome do Sumo Sacerdote.

— Não acho que Tenny ficaria contente com isso.

— Você *não* é nosso salvador.

— Salomão parece achar que sou.

— O Clérigo Mortalha passou tempo demais neste mundo decadente. Perdeu a objetividade. Ele olha para você e vê o Arauto da Morte, enquanto todos os outros olham para você e veem uma *criancinha* patética.

Valquíria deu um sorrisinho. Apesar de soar tão sinistro, o Arauto da Morte era um título do qual ela estava realmente começando a gostar. Achava os Necromantes sinistros num nível bem básico — tirando Salomão Mortalha —, mas mesmo assim, era legal que pensassem nela como um possível salvador. Sem dúvida era uma grande diferença entre pensar em si mesma como Trevária. As chances, ainda que bem baixas, de ela acabar sendo o Arauto da Morte em vez de Trevária eram uma fonte de conforto para Valquíria. Dois possíveis destinos: um em que salva o mundo, o outro em que acaba com ele. O futuro dela não poderia estar mais

decidido que isso.

— Talvez eu *seja* o Arauto da Morte — disse Valquíria.

— Não seja absurda. Está estudando Necromancia há pouco mais de um ano. Tenho estudado a magia da morte desde os 4 anos. Você não é nada comparada a mim ou a qualquer outro como eu.

— E ainda assim — interrompeu Valquíria —, é comigo que estão fazendo todo esse alvoroço.

Melancolia fez cara feia.

— Você não passa de uma Elemental *brincando* de Necromante.

— E você é uma Necromante de cabo a rabo. Nunca quis ser qualquer outra coisa ao longo da vida inteira. Ainda assim, eu fui convidada a todas as reuniões importantes, e só o que você consegue é ficar aqui fora cuidando do carro. Ouvi coisas sobre sua arte e sua religião que você só vai saber daqui um ano ou dois.

— Ridículo.

— É mesmo? Quando foi que contaram a você sobre o Passamento?

Melancolia hesitou.

— Aprendi sobre o Passamento quando estava pronta, quando completei meus estudos há mais de três dúzias de...

— Foi bem recentemente, não foi?

Melancolia cerrou os dentes.

— Sim.

— Pois é, eu soube disso há eras. Agora, não estou dizendo que eu seja especialista. Na verdade, tenho um monte de perguntas sobre a coisa toda. Você pode ter reparado que uma parte parece não fazer sentido algum. Sua religião é baseada na ideia de que, quando você morre, sua energia passa deste mundo para outro, certo?

— Não é uma *ideia* — disse Melancolia, brevemente. — É um *fato* científico.

— É pouco mais que uma teoria — replicou Valquíria. — Mas até aí tudo bem. Então vocês estão esperando que o Arauto da Morte venha e quebre a barreira entre os dois mundos, de maneira que os vivos e os mortos possam existir no mesmo lugar, ao mesmo tempo, o que significa que não haverá mais conflitos, nem guerras, e todos poderão viver, ou pelo menos existir, felizes para sempre.

— Sim — respondeu Melancolia.

— E ainda assim, ninguém me explicou como isso é possível.

— Você não pode esperar compreender os estágios avançados de nossos ensinamentos se não tem a paciência ou a destreza para dominar o básico.

— *Você* sabe como é possível?

— Vou saber. Em breve. Assim que eu passar pela Ápice, quando estiver atada à Necromancia pelo resto da vida, todos os segredos serão revelados a mim.

— Ah, isso seria legal. Mas ainda não sei se é para mim. Realmente não quero extrair meu poder da morte, e a Necromancia é basicamente isso. Prefiro não ter que recorrer à dor dos outros para usar magia.

— Duvido muito que dependa de você. Quanto antes os Clérigos perceberem o erro que estão cometendo, desperdiçando tempo com você, melhor. Aí você pode sair por aí com seu amigo esqueleto e se divertir à beça, deixando as coisas importantes para nós.

— Às vezes eu tenho a sensação de que você não gosta de mim.

— Acredite nela.

— Então não vamos ser amigas?

— Eu preferiria arrancar meus próprios olhos.

Valquíria balançou a cabeça tristemente e começou a andar de volta para o Bentley.

— Seus líderes esperam que eu seja o salvador deles, Melancolia. Você talvez precise aprender a me amar.

A voz de Melancolia destilava veneno:

— Você *não* é nosso salvador.

Valquíria olhou para ela por cima do ombro e lhe lançou um sorriso.

— Melhor começar a rezar para mim, só por precaução.

O QUEBRA-OSSOS

Na época em que Vaurien Patife estava vivo, ele fora, por um breve período, dono de um pub em Roarhaven que atendia quase exclusivamente a feiticeiros. Isso foi antes de ele descobrir sua verdadeira vocação como o Matador Supremo e, mais tarde, como Rei Zumbi, mas ele apreciara mesmo assim. Ele sabia que havia pubs, boates e bares por todo o país e ao redor do mundo cuja clientela era mágica, mas gostava de pensar que seu pub oferecia algo um pouco diferente. Um lar longe de casa, talvez. Um refúgio das pressões e do estresse da vida moderna.

Mas agora que se passara algum tempo, agora que ele estava vendo as coisas de um jeito mais objetivo, percebera o que o pub realmente oferecia. Má iluminação, péssimas bebidas, uma equipe de atendentes mal-humorados e um banheiro que cheirava a repolho molhado. Não havia absolutamente nada de que se orgulhar. Nada pelo que se sentir bem. Mas isso, é claro, era todo o objetivo. Bares de feiticeiros eram ruins de propósito. Se fossem bons, *todo mundo* os frequentaria.

Sentado neste pub específico de Dublin, Patife refletiu sobre as provas e tribulações pelas quais passara enquanto homem vivo, e esperava que, ao fim da noite, ele estivesse um passo mais perto de voltar a ser assim.

Esmagador abriu caminho pela melancólica aglomeração, derramando a bebida de alguém e se desculpando copiosamente antes de chegar à mesa de Patife.

— Tem alguns homens aí — falou, com urgência. — Disseram que conhecem você.

Patife se recostou na cadeira.

— Vamos vê-los.

Esmagador assentiu e se virou, mas a multidão já estava abrindo caminho para os seis recém-chegados. Patife realmente os conhecia. Dave Relâmpago insinuou-se até a direita de Patife, brincando com um feixe brilhante de eletricidade que estalava entre as pontas de seus dedos. Seu cabelo estava em pé, e suas feições pareciam ter se fixado em um permanente sorriso forçado.

Ao lado dele estava Pete Nonsense. Nascera em Kerry, mas nutria um conhecido e bastante ridicularizado desejo de ser visto como um fora-da-lei de faroeste. Ele gostava de usar botas de caubói e longos sobretudos, e naquele dia tinha um

revólver enfiado no coldre em sua perna direita. Sua mão fez um movimento rápido e pegou o revólver. Ele começou a girá-lo com o dedo, como se isso fosse impressionar alguém.

Esmagador soltou um “Oooh” fascinado, e Patife lutou contra o ímpeto de lhe dar um tapa.

À esquerda de Patife havia um par de feiticeiros que nunca tinham conseguido adquirir muita reputação para si mesmos. Não eram poderosos nem espertos, e Patife nunca era capaz de lembrar o nome deles.

Brobbing, o gigante, guardando a retaguarda, teve de se curvar para caber ali, e o homem bem na frente de Patife era Hierônimo Cilada Mortal. Cilada fora um mercenário que lutara em algumas guerras, tanto mágicas como mortais, antes de voltar à Irlanda e se estabelecer em Roarhaven, onde roubara o pub de Patife. Não que Patife guardasse rancor nem nada.

— Olá, imbecil — disse Patife.

— Deus do céu — disse Cilada. — É verdade. Tudo o que disseram é verdade. Você é uma pilha instável de decomposição.

Pete Nonsense abafou uma risada, e Patife se sentou um pouco mais ereto.

— Sou um morto-vivo, se é isso o que quer dizer, sim. O que posso fazer por você, Hierônimo? Presumo que tenha ouvido a respeito do leilão.

— Ficamos sabendo — disse Cilada, assentindo. — Então sabe onde o Detetive Esqueleto mora?

— Sim, eu sei. Você quer vingança pelo dia em que ele o espancou em seu próprio pub? É assim que vai fazer: Pegue-o desprevenido. Ou pode vender a informação para outra pessoa. A parceirinha dele provavelmente também estará lá.

— Caos — rosnou um dos feiticeiros de cujo nome Patife não conseguia lembrar.

— Essa informação vale muito — prosseguiu Patife —, mas tudo o que desejo em troca é informação. Conspícuo Lamento. Quero saber onde encontrá-lo.

Tudo estava correndo com tanta perfeição que Patife precisou resistir ao impulso de sorrir, para evitar que mais algum dente caísse. Ele daria a localização do Detetive Esqueleto e receberia a chance de encontrar Conspícuo Lamento e de se consertar. Tinha de admitir que era um de seus planos mais brilhantes.

— Lamento... — disse Cilada. — O cientista? Como diabos eu saberia isso?

— Se não sabe, não serve de nada para mim. Próximo! Alguém aqui sabe onde Conspícuo Lamento está?

Cilada sorriu.

— Diga-me, Vaurien, o que nos impediria de simplesmente fazer você em pedaços, membro por membro, até você nos dar o endereço do esqueleto?

Patife realmente não tinha uma resposta para essa.

Ouviram-se murmúrios e balbucios na multidão quando um homem grande de

sobretudo passou por Cilada e se aproximou da mesa. Ele estava com o capuz puxado para a frente, e Patife pôde ver algo de metal por baixo, como uma máscara.

— Preciso saber onde mora Ardiloso Cortês — disse o homenzarrão, com sotaque. Do leste europeu, talvez, ou russo. Patife decidiu que era russo. Como o sotaque de muitos feitiçeiros, este vinha de muitos lugares ao longo dos anos.

— Você tem o que eu preciso em troca? — perguntou Patife, ignorando a carranca de Cilada.

A cabeça embaixo do capuz se virou de um lado para o outro.

— Já ouvi falar sobre esse Lamento, mas não sei onde ele mora.

— Então por que está desperdiçando meu tempo?

O russo não disse nada por um momento. Então colocou ambas as mãos sobre a mesa e se inclinou.

— Porque estou lhe dando a chance de evitar derramamento de sangue. Diga-me onde o Detetive Esqueleto mora e podemos todos sair andando daqui. Você é um homem morto, mas há maneiras de matar até mesmo os mortos.

A conversa fugira de maneira desenfreada do controle de Patife num espaço de tempo incrivelmente curto, com uma quantidade espantosamente pequena de palavras.

Foi o tom de voz do russo, um tom que dava a entender que a violência seria um mero adendo à conversa. Patife não gostou dessa parte. Qualquer um que não desse à violência seu devido valor era alguém que a tratava como um par de sapatos velhos — usar ou não usar, tanto faz. Não era nem um pouco o estilo de Patife.

— Talvez — disse ele —, possamos chegar a um consenso.

— Nada disso — disse Cilada para o russo misterioso. — Escuta, camarada, um sotaque esquisito e uma máscara estranha não me assustam. Chegamos aqui primeiro, então vai dar um passeio.

O homem grande se virou para ele lentamente.

— Você não quer arranjar confusão comigo.

Cilada chegou a dar um risinho descrente.

— Patife, anota aí. Depois que lidarmos com o cara esquisito, você é o próximo.

Pete Nonsense ainda estava exibindo sua pistola. Com o dedo no gatilho, ele a girava até ela virar um borrão, então a revirava para um lado e para o outro e a enfiava no coldre. Ela mal parava ali antes de ser sacada novamente. Ele a jogava no ar e a pegava enquanto girava, a lançando para a outra mão, ainda rodando. Ele a jogou por cima do ombro e a pegou, invertendo o movimento, e foi então que o russo estendeu o braço, pegou-a no ar, e atirou nele à queima roupa.

Pete Nonsense voou para trás. Ouviram-se gritos, berros e choros, e, de repente, todo mundo estava se movendo.

Dave Relâmpago grunhiu, a eletricidade irrompendo de seus dedos. O russo se

esquivou para trás do gigante, e Brobding guinchou quando a corrente o atingiu. Patife caiu para trás por cima da cadeira e viu Esmagador mergulhar para o chão. O pânico se alastrou, e todos debandaram para a saída.

O russo atingiu Dave Relâmpago no peito duas vezes. Cilada, com os punhos já se transformando em marretas, derrubou a arma da mão do russo e mirou um golpe em sua cabeça. Mas este se esquivou e se afastou na direção dos dois feiticeiros com nomes esquecíveis.

As mãos do primeiro estavam brilhando, prontas para descarregar uma rajada de energia. O segundo optara pela abordagem mais direta e pessoal, sacando uma longa adaga da manga. Patife observou o russo torcer o braço do segundo feiticeiro para trás, esfaqueando-o com a própria lâmina. O pobre e esquecível tolo gorgolejou de surpresa, e o russo retirou a adaga dele, açoitando a garganta do homem com ela. Então se virou, viu Brobding correndo para atacar e atirou a adaga para baixo. Ela espetou o pé do gigante, prendendo-o ao chão. Brobding guinchou.

Cilada atacou. O russo se inclinou para ficar fora de alcance, observou a marreta passar inutilmente diante de seu rosto e então avançou. Os nós dos dedos dele encontraram a articulação da mandíbula de Cilada, cujas pernas cederam.

Brobding tirou a adaga do pé com um guincho lancinante de dor e autopiedade. Ele endureceu a expressão com um rosnado e investiu. Não conseguiu pegar distância para atacar, mas como tinha que se manter abaixado, o movimento parecia mais um tropeço. Ainda assim, o objetivo por trás era inconfundível.

O russo se esquivou dos braços do gigante. O grande pulso de Brobding girou, mas o mascarado o evitou com facilidade. Brobding avançou, e o russo desferiu um par de murros que quebraram o nariz e abriram um corte no lábio do gigante. Brobding urrou ao mesmo tempo em que o russo chutou o joelho dele. O urro virou um uivo, longo e horrorizado, as enormes mãos segurando a perna.

O russo encostou a ponta do dedo levemente contra o peito de Brobding. Ouviu-se o terrível estalar de um osso, e Brobding caiu morto. Era como um carvalho gigante desabando em uma floresta.

Cilada estava de pé novamente, se preparando para golpear com os punhos de marretas, mas o russo simplesmente se aproximou e pressionou a mão contra ele. Cada um dos ossos que formavam o esqueleto de Hierônimo Cilada Mortal estremeceu levemente e, então, se partiu com uma violência que rompeu seu corpo. Fragmentos de osso atravessaram órgãos e pele, espirrando sangue pelo ar. O cadáver caiu, contorcido e desfigurado além do reconhecimento. O russo se virou para olhar para Patife, seus olhos vermelhos sob a máscara.

— Eu vou contar — disse Patife, as mãos erguidas bem no alto. — Eu vou contar onde Ardiloso Cortês mora. Só, por favor, não me faça explodir.

OS MAGOS DE ROARHAVEN

Quanto mais você se aproxima de Roarhaven, mais doentes são as árvores, mais marrom a grama e mais negro o lago. As ruas são estreitas, os prédios encurvados e as janelas oblíquas. Paranoia e raiva, rancor tempestuoso e amarga hostilidade — essas coisas escorrem pela cidade como se fossem seu fluido vital. É uma criatura, um cão enfermo e sarnento, perturbado pelas moscas, carrapatos e piolhos, que se mantém vivo pela própria repugnância.

O homem de olhos dourados estava ao lado do lago de águas paradas, o casaco abotoado para se proteger do frio.

— Mácula? — perguntou ele.

— Ainda viva — disse o velho atrás dele.

A mulher de preto usando véu falou baixinho:

— Achei que havíamos contratado o melhor.

O velho não se deu ao trabalho de esconder a irritação na voz:

— E contratamos.

— Ela precisa morrer — disse a mulher. — É perigosa demais para ficar mofando acorrentada.

— Tesserato me assegurou que estará morta em breve. — O velho olhou para o outro lado. — Eles ainda acham que é culpa dos americanos?

O homem de olhos dourados deu de ombros.

— Quem sabe o que Ardiloso Cortês pensa? Não podemos fazer nada além de nos ater ao plano. Se ele começar a suspeitar de nós, então lidaremos com ele. Por enquanto, estamos dentro do planejado. Esta cidade abrigará o novo Santuário. Daqui, mudaremos o mundo.

MANTENDO A COMPOSTURA

Porcelana Tristeza não estava na biblioteca, que ocupava metade do terceiro andar do prédio, nem em seu apartamento do outro lado do corredor, que ocupava a outra metade. O assistente de Porcelana, um homem magro que nunca falava, limitou-se a olhar para baixo quando Ardiloso perguntou sobre o paradeiro dela, mas, aparentemente, isso foi o suficiente.

Valquíria seguiu Ardiloso pela escadaria úmida. Ele estava usando a fachada, mas ainda se recusava a escolher uma. Ela observou enquanto o rosto dele começou a deslizar para a nuca.

— Aonde vamos? — perguntou ela. Um par de olhos verdes inexpressivos flutuava lentamente pelo cabelo de Ardiloso.

— Ao porão.

— Eu não sabia que este lugar tinha um porão.

— Não tinha até Porcelana comprar este prédio e encomendar a obra para acrescentar um andar subterrâneo. Nem as pessoas que moram aqui sabem a respeito.

— Parece que você tem olhos na nuca, e isso não é um elogio.

— Eu sei — disse Ardiloso, tristemente.

— Como é que está conseguindo ver qualquer coisa?

Ele olhou para ela. A boca da fachada estava bem aberta na frente da órbita ocular esquerda.

— Isso é tão errado — murmurou ela.

Eles continuaram a andar.

— Só existe uma razão para Porcelana descer até o porão — disse Ardiloso. — Bem, também é onde ela estaciona o carro. Ok, então tem dois motivos para ir lá embaixo, tirando o fato de ser seguro e seco e funcionar bem como depósito. Então são três, apenas três razões para ela ir até o porão, e tirando o carro e o depósito, o motivo principal é privacidade. Isolamento. E por que ela precisa de privacidade e isolamento?

— Não sei.

— Ela precisa de privacidade e isolamento quando pega alguém tentando roubá-

la.

Eles chegaram ao térreo.

— Como entramos lá? — perguntou Valquíria. — Tem um elevador invisível? Um alçapão? Ah, é um daqueles mastros do quartel de bombeiros? Temos que escorregar até lá embaixo?

Ardiloso foi até o armário de vassouras e abriu a porta. Não havia vassouras ali, e nem chão. Só havia...

— Escadas — disse Valquíria, desapontada.

— Não são escadas comuns — disse Ardiloso, começando a descer. — São mágicas.

— É mesmo?

— Ah, sim.

Ela o seguiu para a escuridão.

— Mágicas como?

— Apenas são.

— De que forma?

— De um jeito mágico.

Ela olhou feio para a nuca dele.

— Não são nada mágicas, são?

— Na verdade, não.

O porão estava frio. Uma lâmpada fraca lutava valentemente contra a escuridão. Eles atravessaram um corredor estreito ladeado por paredes de elos metálicos e passaram por pilhas de caixas de papelão e caixotes de madeira. Canos enferrujados cortavam o teto, a luz tremulante fazendo-os parecer jiboias, prontos para cair, agarrar os dois e apertá-los lentamente até a morte. Até a morte *dela*. Ardiloso não tinha vida a perder.

Ouviram vozes à frente. Finalmente, o labirinto de cercas metálicas chegou ao fim, e eles entraram num espaço amplo, iluminado apenas pelos faróis de um carro desligado. Havia um homem de joelhos, fazendo o possível para proteger os olhos. Era difícil dizer se ele estava se protegendo da luz ofuscante ou da beleza ofuscante da mulher parada diante dele.

Porcelana Tristeza estava à meia-luz. Seu cabelo negro como um corvo estava preso em um rabo de cavalo simples. A luz atingia suas costas, fazendo as roupas brilharem e a pele cintilar. Ela segurava um livro. Ardiloso e Valquíria permaneceram onde estavam, observando em silêncio.

— Sinto muito! — soluçou o homem. — Oh, céus, Srta. Tristeza, eu sinto tanto! Eu não queria ter feito isso!

— Não queria ter escondido este livro embaixo do casaco e ido embora sem me avisar? — esclareceu Porcelana. — É uma edição muito valiosa, e sua ausência em

minha coleção seria pesarosamente sentida.

— Por favor. Por favor, tenho família. Eles estão morrendo de fome.

— Então você planejava *alimentá-los* com o livro?

— Não... não, mas...

— Planejava vendê-lo, então? Fico me perguntando... para quem?

— Eu não... Não posso...

— Se me disser quem é a pessoa interessada, eu o deixarei ir. — Respondendo a um aceno, uma seção da parede se abriu no topo de uma rampa de concreto, obviamente a saída de carro, e a luz do dia inundou a penumbra. — Nunca mais poderá voltar aqui, e se me vir na calçada, vai atravessar a rua e correr para me evitar, mas eu não farei mais nada. Contra *você*. As ações contra o interessado, no entanto, serão muito severas, até para os meus parâmetros. Nunca peço duas vezes: minha paciência é bem curta. Diga-me agora.

Ele cedeu.

— Eliza Desdém.

Se o rosto de Porcelana esboçou alguma reação, foi ocultada pelas sombras.

— Entendo — disse ela. — Pode ir.

— Eu... posso?

Porcelana suspirou, e o homem se levantou tropeçando, limpou as lágrimas e correu até a rampa.

— Espere — disse Porcelana. Ela olhou para ele por um bom tempo. — Se você voltar a Eliza Desdém sem este livro, ela provavelmente matará você e sua patética familiazinha esfomeada. — Ela o estendeu o livro. — Pegue.

— Sêrio?

— Tenho mais três por aqui em algum lugar. Leve-o antes que eu mude de ideia.

Ele deu uma corridinha até ela e pegou o livro.

— Obrigada — choramingou ele. — Obrigada por sua gentileza e por sua, por sua beleza. Eu... eu amo você, Srta. Tristeza. Nunca amei ninguém tanto quanto...

— Você tem que voltar para sua patética família esfomeada, homenzinho encardido. Volte para eles.

Ele afastou o olhar e correu, choramingando rampa acima e para fora do beco. A parede se fechou atrás dele, e Porcelana se virou, permitindo que a luz iluminasse suas feições perfeitas.

— Um ato de gentileza — disse ela —, exclusivamente para você, Valquíria. Sei o quanto detesta quando sou má com as pessoas.

Valquíria saiu das sombras, sorrindo.

— A gentileza cai bem em você.

— Jura? Acho que sou bastante alérgica a ela. Agora, o que posso fazer por vocês? Talvez estejam aqui para pedir minha opinião sobre os assuntos discutidos

nessa reunião supersecreta para a qual não fui convidada?

— Você pode não ter estado lá — disse Ardiloso —, mas tenho certeza de que uma mulher com seus recursos já obteve descrições detalhadas de tudo o que foi dito.

— Besteira. A reunião era altamente confidencial. Aliás, meus parabéns.

Ardiloso grunhiu.

— Não tem por que me parabenizar.

— Não seja tão modesto, faz anos que não rio tanto. Fenestor talvez tenha as características de um bom Ancião, e Corrival Revés foi uma escolha brilhante para Grande Mago. Mas você? Ardiloso, meu querido... aquilo foi uma insensatez inspirada.

— É, bem, vamos ver como isso termina, mas temo que estejamos aqui para tratar de assuntos mais cosméticos. — Ardiloso deu um passo para fora da sombra, e Porcelana viu o rosto derretido.

— Oh, céus — disse ela.

— Fica melhor quando faço isso. — Ele começou a se estapear e balançar a cabeça violentamente, fazendo com que o rosto se retesasse um pouquinho.

— Bem — disse Porcelana —, pelo menos você está mantendo a compostura. Venha. Deixe a fachada ativa.

Ela tocou no carro, e os faróis se apagaram. Eles a seguiram para fora do porão e subiram as escadas.

— O que você ficou sabendo sobre o Tesserato? — perguntou Ardiloso enquanto subiam. O lábio inferior estava pendurado no queixo como uma lesma.

— O assassino russo? Por que diabos você quer... — Porcelana olhou para eles, seus pálidos olhos azuis se estreitando. — Ele está no país?

— Você não sabia? — perguntou Ardiloso, realmente surpreso.

Houve uma breve centelha de irritação no rosto perfeito de Porcelana, que evaporou logo em seguida. Ela se virou e continuou a subir até o terceiro andar.

— Aqui está o que sei sobre Tesserato: nascido e criado na Rússia, há três ou quatro centenas de anos. Ele é um Adepto, ninguém sabe quem o treinou nem quantas pessoas matou. Ele usa uma máscara, e, mais uma vez, ninguém sabe por quê. Mora em um tipo de caminhão. É autossuficiente, fica semanas sem precisar de suprimentos. Seus métodos de comunicação são um mistério para mim: como as pessoas que precisam de seus serviços chegam a ele, confesso, é algo que não sei.

“O que tudo isso significa é que ele poderia muito bem estar morando do outro lado da rua, e eu nunca saberia. Quero dizer que não ouvi um rumor que fosse sobre ele em vinte anos, e o fato de ele estar aqui sem eu saber me causa grande alarme e uma fúria inimaginável. Estou, no entanto, escondendo bem. Tem *certeza* de que ele está aqui?”

— Nós o vimos — disse Ardiloso.

Eles chegaram ao terceiro andar e pararam de falar quando um homem e uma mulher passaram. O homem encarou Porcelana, hipnotizado pela beleza dela. A mulher encarou Ardiloso com repulsa diante do rosto que escorria lentamente de sua cabeça. Porcelana os levou para seu apartamento — que Valquíria achava tão elegante e bonito quanto a própria Porcelana — e fechou a porta.

— Ele foi atrás de Davina Mácula — disse Ardiloso.

Porcelana ergueu uma sobrancelha.

— Ele a matou?

— Chegou perto.

— Você a salvou?

— Ela está em um lugar seguro e protegido, não precisa se preocupar. Isso não pode ser repassado para ninguém, é claro.

— Quem você acha que sou, alguma negociante de fofoca mesquinha e vulgar? Senta. Afrouxa um pouco a gravata.

Ardiloso fez o que ela mandou, e Porcelana pegou uma pequena maleta preta na escrivaninha. De lá, ela tirou uma caneta de caligrafia que fez Valquíria se lembrar de um bisturi. Ela mergulhou o instrumento em tinta negra antes de pegar um monóculo de um bolso lateral. Foi até Ardiloso, abriu alguns dos botões da camisa para deixar expostos os símbolos gravados na clavícula e os examinou com o monóculo.

— Já interrogou Mácula? — perguntou ela.

— Ela continua teimosamente inconsciente — respondeu ele. — No entanto, o próprio fato de alguém ter mandado um assassino atrás dela já quer dizer muita coisa. Até agora, eu estava quase pronto a acreditar que ela havia agido sozinha. Poderia ter escravizado Myron Desgarrado porque quis, colocado o Engenho Desolador nas mãos dele e se assegurado de que Valquíria e eu fôssemos pegos na explosão. Eu estava quase atribuindo as ações dela a pura raiva e uma necessidade mesquinha de vingança que evoluíra para algo terrível. Mas isso não faz sentido. Não mais.

— Por causa de Tesserato? — perguntou Valquíria.

— Colocaram Tesserato atrás dela, o que me leva a acreditar que ela estava conspirando com alguém que a abandonou logo em seguida e que agora quer silenciá-la.

Porcelana tirou o monóculo, posicionou a caneta contra o símbolo na parte esquerda da clavícula de Ardiloso e apertou.

— Se fosse uma conspiração, quem sairia ganhando com a destruição do Santuário? Houve um período de cinco meses em que estivemos sem Santuário, sem Grande Mago, e, ainda assim, pelo que posso ver, não houve nenhuma reviravolta

dramática nas atividades antissociais. Quem quer que tenha organizado isto parece ter perdido a oportunidade.

— A não ser que a escala seja muito maior do que imaginamos — disse Ardiloso.

— Bom, aí você já está sendo paranoico. — O que quer que Porcelana estivesse fazendo com o símbolo, o efeito era visível no rosto de Ardiloso. Ele se esticou até quase rasgar, então afrouxou novamente. — Se você estiver certo sobre essa grande conspiração, aliás, pode querer considerar a possibilidade de Mácula nunca ter parado de trabalhar para o Santuário americano.

— Pensamos nisso — disse Ardiloso. — Valquíria?

— Ok — disse ela. — Então, dois anos atrás, Mácula estava trabalhando para o Santuário americano. Túrido Grêmio lhe oferece um emprego na Irlanda, achando que ela não poderia resistir à chance de trabalhar no Berço da Magia porque, vamos encarar os fatos, todo dia é uma aventura por aqui. Ela conta para os chefes, que lhe dizem para aceitar o serviço e continuar trabalhando para eles em segredo. Qualquer Santuário ao redor do mundo gostaria de ter uma base de apoio num país com tanta magia pura nas fundações, e os Estados Unidos não são exceção.

“Ela começa o trabalho, prova ser boa no que faz como todos esperam, mas o tempo todo está procurando por uma maneira de derrubar o Santuário. Os americanos precisam de uma crise para começar o ataque. Mácula eventualmente lhes dá essa crise.”

— O problema com essa teoria — prosseguiu Ardiloso — é que, quando o Santuário foi destruído, os americanos não fizeram nada, e então Corrival Revés foi eleito Grande Mago, com Enredo e eu como possíveis Anciãos. E realmente não consigo ver como isso traria o menor benefício aos americanos ou a qualquer outro.

— Isso deve bastar — disse Porcelana, recuando. Ardiloso ergueu a cabeça e olhou para ela, com o rosto no lugar. — Estava com 1 milímetro a menos de espessura — explicou ela. — Um erro imperdoável da minha parte e, ainda assim, creio que serei capaz de me perdoar. Pode desativar a fachada agora?

Ardiloso encostou nos símbolos, e a fachada se retraiu.

— Quer que só use quando for preciso? — perguntou ele.

— De maneira alguma — disse Porcelana. — É só que conversar com você quando tem rosto é bem perturbador. Prefiro muito mais você como esqueleto.

— Eu também — concordou Valquíria.

Enquanto Ardiloso se levantava e abotoava a camiseta, Porcelana começou a guardar o equipamento.

— Então talvez *não sejam* os americanos — disse ela. — Talvez Mácula estivesse trabalhando secretamente para outra pessoa.

— Poderia simplesmente ser alguém que não goste da gente — disse Valquíria.

— Dreilho Escaravelho e Billy-Ray Sanguíneo já vieram atrás de nós por vingança, e

quanto aos outros bandidos que vencemos? E quanto a Gáudio Cadafalso? Desde que ele cortou o próprio braço e fugiu dos Sem-Rosto, ninguém ouve falar dele. E Remus Crucial? Se tem alguém maluco o bastante para matar tanta gente, é *aquele* lunático.

— Não foi Remus Crucial.

— Como *você* sabe?

— Porque Davina Mácula nunca trabalharia com alguém tão instável.

— E quanto ao Tormento? Roarhaven se beneficiaria muito do que aconteceu. Eles conseguiriam um Santuário bem no meio daquela cidadezinha horripilante.

— Mas isso ainda não lhes confere nenhuma grande posição de poder — contrapôs Ardiloso, ajeitando a gravata. — Ainda haveria um Conselho dos Anciãos e toda uma equipe de feiticeiros de fora de Roarhaven. Tudo o que eles ganhariam é a proximidade do local.

— O que não é uma razão boa o suficiente para detonar o Engenho Desolador — disse Porcelana. — Os Filhos da Aranha *são* conhecidos pela astúcia, mas o fato é que isso pode não ter nada a *ver* com Roarhaven.

— Ainda acho que o Tormento está por trás disso — murmurou Valquíria.

O sorriso de Ardiloso estava em sua voz:

— Isso é porque ele tentou fazer com que eu matasse você?

— Acho que ele está por trás disso porque é um velho horroroso que se transforma em uma aranha gigante. Mas principalmente porque tentou fazer você me matar. E ainda dá para citar um monte de outras coisas. Não se esqueça, só temos a palavra de Escaravelho falando que *ele* não estava por trás disso. Esta pode ter sido sua última tentativa de vingança antes de morrer na prisão: fazer a gente pensar que tem mais alguém à solta.

— Então — disse Ardiloso —, resumindo: quem conspirou com Davina Mácula poderiam ser os magos de Roarhaven, os americanos ou qualquer outro que simplesmente não goste de nós.

Porcelana sorriu.

— Fico contente por termos conseguido estreitar as possibilidades. — Ela saiu do aposento, e Valquíria e Ardiloso a seguiram até a biblioteca. — E posso acrescentar que é um privilégio fazer parte desta investigação desde o início? Aquece meu coração saber que, finalmente, vocês confiam em mim o suficiente para me incomodar com as coisas num estágio muito mais precoce do que estou acostumada ou, para falar a verdade, satisfeita.

— Dizem que sarcasmo é a forma mais baixa de esperteza — comentou Valquíria.

— Então obviamente nunca me conheceram.

— O fato — disse Ardiloso, enquanto passavam pelo labirinto de estantes de

livros — é que, ao longo dos últimos anos, você provou ser alguém de confiança.

— E o infeliz efeito colateral disso — prosseguiu Valquíria — é que você entra para o nosso pequeno clube da luta contra o crime, quer goste disso ou não.

Porcelana parou e se virou para eles, uma ruga suave na testa.

— Isso significa... por favor, não me digam que isso significa que agora somos *amigos*. Tenho passado muito bem sem amigos até hoje e não tenho a menor intenção de desenvolver amizades *agora*.

Valquíria fechou a cara.

— Você faz parecer que somos brotoejas.

— Uma irritação de pele que aparece quando você menos quer? Acho que a analogia é bastante adequada.

— Você sabe que eu sei o que todas essas palavras grandes que você está usando *significam*, né?

— E eu aqui, tentando impressionar você com minha verbosidade.

— Entendi *essa* também. — Valquíria detectou um rosto conhecido em meio às pilhas de livros. — Já volto — disse ela.

Eles continuaram andando, e ela se aproximou da amiga.

— Foi aqui que nos conhecemos — falou.

Tanith Low ergueu o olhar e sorriu.

— Céus, parece que foi há uns cem anos. Você era tão pequena.

— Nunca fui pequena.

— E tão franzina. Olhe só para você agora. Como estão os braços?

— Não vou mostrar.

— Ah, vai.

— Não, não vou. Estamos no meio de uma biblioteca.

— Uma biblioteca frequentada exclusivamente por aberrações e vários tipos diferentes de gente esquisita. Faz semanas que não vejo seus braços. Vamos.

Valquíria tentou suspirar, mas acabou dando um sorrisinho. Ela abriu a jaqueta e a tirou.

— *Caramba* — disse Tanith, esticando a palavra. — Espero que Fletcher dê valor a todo o trabalho que tive para deixar a namorada dele firme como uma rocha.

— Eu disse para ele que estou tentando desenvolver ombros como os seus. Ele meio que babou quando escutou isso. — Valquíria recolocou a jaqueta. — Mas eu nunca fui pequena.

Tanith riu, devolvendo o livro que estivera lendo à estante.

— Você era tão insegura e inocente, de olhos arregalados e tímida... bom, talvez não tímida.

— Tímida nunca.

— Mas com certeza insegura. Eu soube assim que a conheci que seríamos amigas,

sabe?

— Sério?

— Não sabia que seríamos tão próximas, mas vi você e pensei “é, ela é maneira”. Só não fazia ideia de que você tinha alguma coisa a ver com o motivo pelo qual eu estava aqui. As coisas meio que se encaixaram muito bem, não foi?

— É verdade.

— Meus pais mandaram um “oi”, aliás. E meu irmão quer conhecer você. Ele ouviu tanto sobre a grande Valquíria Caos.

— Seus pais são adoráveis, e vi uma foto do seu irmão. Com certeza quero conhecer *ele*.

Tanith levantou o dedo para Valquíria.

— Você, minha querida, sem dúvida é mulher de um homem só. Fique com Fletcher e longe do meu irmão mais *velho*. — O sorriso de Tanith desapareceu. — Qual é o problema?

— Como assim?

— Eu disse “mulher de um homem só”, e você... você praticamente se *encolheu*.

— Não me encolhi, não.

— Está tudo bem com Fletcher?

— Sim — disse Valquíria. — Tudo ótimo.

— E você está feliz com ele? Ainda se divertem?

— Às vezes parece que estou andando por aí com uma criança, mas sim, claro, ainda damos umas risadas.

— Então qual é o problema?

— Não tem problema nenhum — disse Valquíria, e começou a rir.

— O que você *fez*?

— Eu não fiz *nada*.

— Quem é ele?

— Eu não sei de quem...

Tanith a olhou nos olhos.

— Ah, não — sussurrou.

— “Ah, não” o quê?

— Ele, não.

— Tanith, realmente não sei sobre o que você está falando.

— O *vampiro*, Val? *Sério*? O *vampiro*?

— Ele tem um nome.

— Ele é um vampiro!

— Não sei do que você está falando, Ok? Nada aconteceu.

— Ah, aí está uma mentira grande e gorda.

Valquíria se preparou para discutir, mas sabia que não ia adiantar nada. Acabou

cedendo.

— Tá. Ok. A gente se beijou.

Tanith cobriu o rosto com as mãos.

— Não. Não, não, não. Você não pode fazer isso.

— Não estou fazendo nada. Foi coisa de uma vez. Não vai acontecer de novo.

— Ele é velho demais para você.

— Eu sei disso.

— E é um vampiro.

— Tanith. Caelan tem problemas, mas ele não é como os outros.

— Valquíria, você está louca. Ele é *exatamente* como os outros. Isso não é uma porcaria de um romance gótico.

— Juro por Deus que sei de tudo isso. Já expliquei para ele, não vai acontecer de novo. Não estou apaixonada por ele, pelo amor de Deus. Não significou quase nada.

— Pode não ter significado nada para *você* — disse Tanith —, mas posso garantir que significou bastante para *ele*.

— Isso não é problema meu.

— Vai ser. Val, detesto desaprovar *qualquer coisa* que você faça. Somos amigas. Eu não devia passar sermões em você. Devia ficar do seu lado. E vou. Mas quando se trata de algo desse tipo, você precisa me desculpar, mas vou continuar falando até que esteja definitivamente encerrado.

Valquíria assentiu.

— Compreendo.

— Imagino que Fletcher não faça ideia.

— Céus, não.

— Bom. Não tem por que machucá-lo e destruir seu relacionamento quando não é necessário. Foi um erro.

— Sim, foi um erro — disse Valquíria.

— E nunca mais vai acontecer.

— Não, não vai.

— Mas, se acontecer, você pode falar comigo a respeito, e não vou gritar muito com você.

— Obrigada.

— Não vou nem começar a perguntar se Ardiloso sabe. Se Caelan ainda está vivo, quer dizer que não.

Valquíria concordou com a cabeça, a verdade dessa afirmação deixando-a desconfortável. Elas se afastaram das pilhas de livros, indo até onde Ardiloso e Porcelana estavam conversando.

— Ah, que bom — disse Porcelana, sem entusiasmo. — Tanith está aqui.

Tanith não fez o menor esforço para que seu sorriso chegasse a seus olhos.

— Olá, Porcelana. Você está radiante como sempre.

— E seu couro parece ter encolhido desde a última vez em que a vi — respondeu Porcelana. — Vocês todos não têm outro lugar para ir? Não é que eu queira que vão embora, só não quero que fiquem.

SOFRIMENTO

O Clérigo Poltrão andava sem pressa pelos corredores gelados do Templo. Ele nunca gostara do frio, mas esse era o estilo Necromante. Provação e sofrimento, miséria e desconforto. O Templo era, quase até o último metro, gelado e vazio e úmido, iluminado apenas pelas tochas presas às paredes. *Sofrer é viver*, dizia o ditado — um dos pilares básicos de sua fé. Quem era Poltrão para se opor a isso? Quem era ele para exigir tratamento especial? Quem era ele para abdicar do sofrimento, quando tantos de seus companheiros estremeciam e rangiam os dentes sem reclamar?

Sob o manto, ele estava envolto em roupas térmicas.

Sabia por experiência que o Sumo Sacerdote Tenebross usava roupas térmicas sob o manto *dele*. O Clérigo Tremor não usava, até onde ele sabia, mas Tremor era o tipo de homem que gostava de um pouquinho de sofrimento. Quanto ao Clérigo Mortalha, ele sequer usava os mantos, e suas roupas *sempre* pareciam quentes. Poltrão não esperaria menos de um Clérigo que passara tantos anos *lá fora*, no mundo. A casa onde ele vivia era mobiliada, tinha isolamento térmico e era quente, por mais frio que estivesse do lado de fora. Decadente. Indulgente. Como Poltrão o invejava.

Ele chegou à porta de ferro do escritório do Sumo Sacerdote e entrou. Prateleiras de livros e documentos. Armários cheios de quinquilharias. Paredes nuas, chão liso. Uma única mesa. Duas cadeiras. Nenhuma decoração. Somente o necessário — nada mais.

Tenebross, sentado a sua mesa, olhou para ele de cara feia antes de voltar o olhar para Mortalha. Atrás dele estava o Talhador Branco, de pé diante da parede oposta à porta, as mãos unidas sob as luvas do manto. Imediatamente, Poltrão lamentou sua falta de pontualidade. Mortalha estava agitado. Poltrão lutou para conter um sorrisinho.

— Clérigo Mortalha — interrompeu Tenebross. — Compreendo suas preocupações, mas estamos bem seguros aqui no Templo.

— O Remanescente está à solta — disse Mortalha, com raiva. — No instante em que perceberem isso, virão aqui fazer perguntas.

— Deixe que venham.

— Vossa Eminência, com todo o respeito, eles vão querer saber como o Remanescente escapou. Arditoso Cortês vai concluir que tentamos utilizá-lo para controlar alguém.

— Tolice. Podemos dizer que um de nossos acólitos o libertou por puro acidente. Diremos que o acólito foi punido e nunca mais fará algo assim. Está se preocupando sem motivo, Clérigo.

Poltrão estava parado à porta, apreciando imensamente tudo aquilo. Não era sempre que tinha a oportunidade de ver alguém sendo condescendente com Salomão Mortalha.

— Ter um Remanescente à solta é uma razão boa o bastante para se preocupar — disse Mortalha. — Se pretendemos contar às pessoas que o libertamos por acidente, então pelo menos vamos tornar o fato público. Os feiticeiros precisam saber do perigo.

Tenebross se recostou na cadeira.

— Salomão, até onde sabemos, o Remanescente vai deixar o corpo do psíquico e flutuar para algum lugar onde possa ficar sozinho, sem nunca mais incomodar ninguém. Por que provocar exposição e escárnio sem necessidade? Se a coisa se tornar inconveniente, e se o Detetive Esqueleto ou qualquer outro aparecer aqui fazendo perguntas, poderemos fingir surpresa e vergonha diante da notícia desse terrível e acidental descuido de nossa parte.

— O que ele viu? — perguntou Tremor.

Mortalha olhou para ele.

— Como?

— O Sensitivo. O que ele viu quando você colocou o Remanescente nele?

Mortalha suspirou e apertou o osso do nariz entre o polegar e o indicador.

— Nada. Nada útil. Ele foi desviado.

— Pelo quê? — perguntou Tenebross.

— Teve uma visão de Trevária. Pareceu um tanto apaixonado por ela.

— Então não viu nada sobre a garota Caos?

— Na verdade, acho que existe um motivo para Trevária ter invadido sua visão. Acho que será Valquíria a derrotá-la. Acho que esse será o início de sua jornada para se tornar o Arauto da Morte.

Poltrão pigarreou, satisfeito com a raiva que cintilou nos olhos de Mortalha.

— Se me permite, Sumo Sacerdote.

Tenebross fez um gesto com uma das mãos.

— Claro.

— Clérigo Mortalha, admiro sua tenacidade e sua fé em Valquíria Caos. Creio, no entanto, que você se permitiu focar nela em detrimento de todos os outros. Está

dizendo que sua opinião agora é de que a Srta. Caos derrotará Trevária. E ainda assim, todas as visões sobre as quais já ouvimos mostram Trevária *matando* tanto Caos quanto Cortês, antes de começar a matar todo o resto do mundo.

— O futuro pode ser modificado — grunhiu Mortalha.

— Oh, sim, de fato pode. Não vou discutir esse ponto com você. Estou apenas me questionando sobre sua interpretação. Já considerou a possibilidade de que o Sensitivo tenha visto Trevária porque não *havia* uma Valquíria Caos para se ver? Ela foi apagada. Eliminada. Essa, para mim, pareceria a interpretação mais lógica.

— O Clérigo Poltrão tem um argumento válido — assentiu Tenebross. — Salomão, quero provas de que Caos é forte o suficiente. Não temos essa prova.

— O que *tivemos* — disse Tremor — foi um aviso. Não podemos desperdiçar mais tempo em candidatos que não preenchem os requisitos. Essa tal de Trevária está vindo. A não ser que encontremos nosso Arauto da Morte antes que ela chegue, o mundo será destruído.

A mandíbula de Mortalha se retesou, e seu rosto se ruborizou. O sorrisinho de Poltrão estava coçando para se alargar.

— E quanto ao Remanescente? — perguntou ele. — Vamos simplesmente deixá-lo livre?

— O que gostaria que fizéssemos? — perguntou Tenebross, quase rindo. — Que formássemos uma equipe de busca? Que o rastreássemos? Clérigo Mortalha, não é assim que os Necromantes operam. O Remanescente, neste momento, não é problema nosso. Deixe os outros lidarem com ele, se precisarem.

— Vossa Eminência...

— Você não deve se envolver ainda mais nesse assunto. Entendeu, Clérigo?

Mortalha se interrompeu e curvou-se.

— Sim, senhor. Claro, senhor.

*

Poltrão caminhou para as profundezas do Templo, permitindo que o sorrisinho dominasse seu rosto. Tudo aquilo tinha sido extremamente agradável. Fora completamente *eletrizante*. Não apenas Salomão Mortalha fora humilhado diante dele como também fora dada permissão, de certa forma, para que os planos de Poltrão tivessem início. A necessidade estava evidente. O *timing*, inescapável. Tenebross não sabia, é claro, mas, também, Sua Eminência era um líder cauteloso demais. Em tempos difíceis, a vitória está do lado dos ousados.

Poltrão chegou a uma seção do templo que ele silenciosa e secretamente segregara para o próprio uso ao longo dos anos. Era a parte mais escura, úmida e fria do Templo, assim como o ponto mais profundo sob o cemitério. Ele retirou uma

comprida chave do manto, encaixou-a em uma porta e a girou. Foi recompensado por um pesado *clunk* e entrou. Melancolia já estava de pé ao lado da cadeira que ele lhe dera. Ela esperava com a cabeça abaixada, as mãos ao lado do corpo.

— Pode erguer os olhos — disse Poltrão. — O Clérigo Mortalha está de volta. Sua missão, infelizmente, foi um fracasso.

Os olhos de Melancolia cintilaram.

— Então Caos não é o Arauto da Morte?

— Não podemos ter certeza, e meu colega Clérigo não foi proibido de continuar a ensiná-la... mas parece cada vez menos provável. Você nunca acreditou que ela fosse a escolhida, não é?

Melancolia hesitou.

— Não, senhor, sinto muito. Nunca acreditei.

— Nem eu.

Ela franziu a testa.

— Clérigo?

— Ainda que Valquíria Caos tenha o poder de prenunciar o Passamento, não acho que ela o faria. É a pessoa errada. Assim como Lorde Vil foi. Mas você, Melancolia, pode ser exatamente aquela por quem todos nós temos esperado.

— Eu?

— Pode não ter o talento natural de Caos, mas compensa em paixão e dedicação, atributos que valorizo muito mais. Quantos anos tem?

— Vinte, senhor.

— E ainda não chegou ao Ápice.

— Não, senhor.

— Tem certeza de que o que quer é a Necromancia, então? Quando seu poder atingir o ápice, seja em um mês, em um ano ou quando acontecer, você não terá mais escolha. A partir desse momento, você ficará atada a uma disciplina, e apenas uma, pelo resto da vida.

— Necromancia é tudo o que eu *sempre* quis.

— Bom. Bom. Estive esperando por alguém com as qualidades certas, da idade certa, à beira do Ápice. Estive a *sua* espera, Melancolia.

— Realmente acha que eu possa ser o Arauto da Morte?

— Com a minha ajuda, sim. Acho. Precisaremos trabalhar muito. Não vai ser fácil, e será doloroso. Vamos ter de prepará-la para que, quando chegar ao Ápice, possa receber a injeção de magia das sombras.

— Isso é... isso é possível?

— Não vou mentir para você. Nunca foi feito antes. Nunca foi sequer concebido. Minha pesquisa sobre a linguagem da magia abriu possibilidades que nunca havíamos considerado. Mas cansei de esperar. Minha paciência acabou. Se não

conseguimos encontrar alguém poderoso o suficiente para receber o manto do Arauto da Morte, então *criaremos* alguém. Você, Melancolia, será aquela que salvará o mundo. Você aceita?

— Sim, senhor — disse a garota, os olhos brilhando. — Oh, sim, senhor.

MORTOS

Valquíria sempre ficava surpresa quando percebia o quão perto o estranho, o maravilhoso, o ameaçador e o aterrorizante estavam do restante do mundo não mágico, do mundo *mortal*. Ela visitara ruas de Dublin onde cada casa tinha um feiticeiro. Fora jogada da varanda de um prédio que era lar de uma dezena de vampiros. Tomara chá com um psíquico em um estúdio de tatuagem, lutara com um assassino que empunhava uma lâmina abaixo do Museu de Cera e desviara de balas em um estádio de futebol. E o exemplo mais recente do quão próximas eram essas duas vidas apareceu na forma do endereço de uma banshee que, aparentemente, morava a meia hora de carro de Dublin.

Valquíria decidiu que ia de táxi, então só precisou dar uma desculpa para Ardiloso e partir. Teria sido simples se, quando seguiu Tanith até a loja de Medonho, Enredo não estivesse lá para recebê-los.

— Não creio que já tenha tido a honra — disse Enredo ao colocar os olhos em Tanith.

— Acho que eu teria me lembrado — respondeu ela, sorrindo ao apertarem as mãos. — Sou Tanith Low. Você deve ser o famoso Fenestor Enredo. Ouvi histórias sobre você.

— Alguma delas me pintava de maneira elogiosa? Porque, se for o caso, provavelmente são mentiras.

— Só as histórias de sempre, dos Mortos.

Apesar da necessidade urgente de estar em outro lugar, Valquíria franziu a testa.

— Mortos?

— Era como nos chamavam durante a guerra — disse Medonho, carregando um manequim quebrado para os fundos da loja. As mangas da camisa dele estavam enroladas por cima do forte antebraço. Seus músculos, junto às trilhas de cicatrizes que percorriam verticalmente toda a sua cabeça, e o olhar raivoso que ele lançou na direção de Enredo teriam sido o suficiente para fazer praticamente qualquer homem se afastar de Tanith. Mas só fizeram com que o sorriso de Enredo se alargasse.

— Eram lendas — disse Tanith para Valquíria, sem prestar a menor atenção no olhar. — Ardiloso, o Sr. Enredo aqui, Frêmito e Destro Distúrbio. E Medonho, é

claro. Eles os chamavam de Mortos porque saíam em missões suicidas e sempre voltavam com vida.

— Nem todos — lembrou Ardiloso, entrando na loja atrás deles. — Fenestor, é tão bom vê-lo novamente em tão pouco tempo.

— Eu estava pela área — disse Enredo, dando de ombros. — Pensei em passar e dar um oi para Medonho. Eu meio que estava torcendo para você aparecer, na verdade. Já se acostumou com a ideia?

— Qual? — quis saber Ardiloso. — A insanidade do que Corrival me pediu ou a estupidez?

Enredo sacudiu a cabeça.

— É ridículo, não é? Eu estava pensando justamente isso e... E é ridículo. Nós dois, no Conselho dos Anciãos? Tem noção do quão chato o trabalho ia ficar? Não estamos acostumados a fazer coisas tão... pacíficas.

— Ouvi dizer que Anciãos nem podem socar ninguém — disse Ardiloso, infeliz. — Aparentemente, teríamos outras pessoas para fazer isso por nós.

— Simplesmente não fomos feitos para isso. Comandamos pessoas no campo de batalha e demos ordens durante investigações... Quero dizer, ser um líder é uma coisa, mas...

— Mas ser maduro é outra completamente diferente — assentiu Ardiloso. — Concorde cem por cento.

— Então não vai aceitar? — perguntou Tanith. — Sério? Vocês dois vão recusar?

— O que estaríamos recusando? — Quis saber Ardiloso. — É só uma indicação. Não significa nada.

— E quanto a Corrival? — perguntou Valquíria. — Se ele tivesse negado o posto de Grande Mago, vocês teriam aceitado?

Diante disso, os dois hesitaram. Finalmente, Enredo deu de ombros.

— Não sei. A oportunidade de fazer a diferença? De promover mudanças reais e duradouras? Ele é perfeito para o trabalho.

— E vai ser realmente legal ter alguém no Santuário em quem possamos confiar — disse Ardiloso. — Se ele tivesse dito que não, eu não teria sossegado até convencê-lo a mudar de ideia.

— Então estão dizendo que não teriam *permitido* que Corrival Revés recusasse a oportunidade — disse Tanith —, mas vocês dois se acham *maneiros* demais para aceitar?

— Bom, somos dois tratantes — informou Enredo.

— Inconformistas, pode-se dizer — acrescentou Ardiloso. — Além disso, não gostamos quando nossos próprios argumentos são usados contra nós. É a pior forma de autodestruição.

Tanith ergueu uma sobancelha.

— E também tremendamente hipócrita?

— Se eu sou hipócrita — anunciou Enredo —, não reparei. Nunca liguei muito para introspecção. Eu fiz o possível para deixar isso para os poetas mais lúgubres e os vampiros mais autocomiserados.

Valquíria estava prestes a comentar que nem todos os vampiros eram autocomiserados, mas não estava a fim de receber um olhar raivoso de Tanith. Além disso, não muita tinha certeza se acreditava nisso.

Medonho voltou dos fundos da loja.

— Quando vocês pretendem contar para ele que vão recusar?

— Estou planejando protelar — disse Ardiloso. — Quanto mais tempo passar, mais ridículo vai parecer e mais gente vai reclamar. Eles vão fazer o trabalho por mim. Fenestor, é claro, não pode se dar a esse luxo.

Enredo olhou para ele.

— O quê? Por que não posso?

— Porque não tem tantos desafetos. E Corrival confia cegamente em você, sempre confiou. Aliás, Fenestor, para ser brutalmente honesto, não parece uma ideia completamente idiota ter você como Ancião.

— Retire o que disse — disse Enredo.

— Ele vai precisar da sua ajuda. Conforme for avançando, vai fazer um monte de inimigos. Ele sempre se orgulhou de ser um homem *do* povo, *para* o povo. A maior prioridade dele sempre foi a segurança e proteção dos mortais. Posso vê-lo restringindo a atividade dos feiticeiros ainda mais do que agora, o que também não deixa de ser uma ação sábia. Do jeito que as coisas andam, é só uma questão de tempo até que uma das nossas lutinhas secretas vaze para a mídia popular, e então nem mesmo Escrutínio e Aleatória serão capazes de encobrir as coisas.

Enredo balançou a cabeça.

— Nem todo mundo vai ser tão compreensivo quanto você, Ardiloso. Estive ao lado dele por centenas de anos e até eu vou ter dificuldades com algumas das medidas que ele implementar. Ele tem essa visão triunfante dos feiticeiros como os anjos da guarda da humanidade: silenciosos, invisíveis...

— Exatamente o que eles precisam ser.

Enredo riu.

— Acho que você tem razão.

— O novo Conselho precisa ser poderoso — disse Medonho. — Sem uma liderança forte com um propósito bem-definido, tenho a sensação de que nossos amigos ao redor do mundo não vão se contentar em ficar sentados assistindo.

— Eles tentariam tomar o poder — disse Ardiloso.

— E poderiam? — perguntou Valquíria. — Quero dizer, seria permitido?

— Quem poderia impedir? A verdade é que não confiam na gente para cuidar dos

nossos próprios problemas. Eles não são nossos inimigos. Se os americanos *estivessem* envolvidos na destruição do Santuário, não seria porque querem nos destruir, mas só porque acham que seria melhor se eles estivessem no poder.

— Então... eles invadiriam?

— Seria silencioso, malicioso e repentino.

— Vocês dois provavelmente seriam os primeiros a morrer — disse Enredo.

Valquíria o encarou.

— O quê?

— Lamento, mas é verdade. E a quantidade de estrago que vocês dois já fizeram com quem ficou no seu caminho ao longo dos últimos anos? Eles não vão se arriscar a deixar os dois vivos.

— Ele está certo — disse Ardiloso. — Somos simplesmente bons demais no que fazemos.

— Droga — disse Valquíria, com uma careta. — Detesto ser boa demais no que faço.

A conversa prosseguiu. Enredo estava encantador e engraçado, e com certeza divertia Tanith, ainda que Valquíria sentisse uma hesitação na risada da amiga a cada vez que Medonho passava. Valquíria olhou as horas, e as borboletas começaram a esvoaçar em seu estômago. Ela teria que sair em breve. Seu telefone tocou.

— Mácula estará pronta para ser movida pela manhã — disse Conspício a ela.

— Ela está consciente?

— Ela acordou, e dei-lhe um sedativo. Não tenho a menor intenção de falar com aquela mulher. Diga ao detetive que pode buscá-la bem cedo. Não quero que fique aqui por nem um segundo além do necessário.

— Está tudo bem? — perguntou Ardiloso, quando ela desligou.

Valquíria assentiu.

— Conspício disse que temos que pegar Mácula pela manhã.

Enredo pareceu surpreso.

— O quê? Como? Vocês sabem onde Mácula está?

Valquíria fechou os olhos e soltou um gemido.

— Ah — disse Ardiloso. — Sim. Era para ser um segredo, Valquíria.

— Eu sei — disse ela, arrasada. — Sinto muito.

— Estão com Mácula? — disse Enredo. — Ela está sob custódia? Por que é um segredo? São ótimas notícias!

— Não íamos contar a ninguém até conseguirmos interrogá-la — disse Ardiloso.
— Pelo menos esse era o *plano*.

— Eu já pedi desculpas — murmurou Valquíria.

— Bom, então vamos — disse Enredo. — Ela está com Conspício Lamento?

Vamos lá interrogá-la.

— O professor Lamento deixou bastante claro — disse Ardiloso — que fica contente em nos ajudar e nos curar, mas não quer que suas instalações sejam utilizadas como base. Não, amanhã vamos levá-la para outro lugar. Vamos precisar de um lugar seguro.

— Que tal a *sua* casa? — disse Tanith.

Ardiloso inclinou a cabeça.

— Na verdade, não é uma sugestão ruim. — Ele olhou para Enredo. — Fenestor, agora você faz parte deste segredo incrivelmente bem-guardado, está dentro?

Enredo olhou para Tanith e sorriu.

— Parece divertido. Medonho? Você está dentro?

— Estou ocupado — disse Medonho, meio ríspido. — Essas roupas não vão ficar prontas sozinhas, sabe.

— Bom, então tudo bem — disse Ardiloso. — Amanhã de manhã vamos ter as respostas que estivemos procurando.

Valquíria conseguiu manter a boca fechada até estarem do lado de fora, caminhando até o Bentley. Tanith estava indo pegar a bicicleta, e Enredo tinha ficado um pouco para trás.

— Tenho que ir — disse ela, de uma vez só.

Ardiloso virou a cabeça para ela.

— Como?

Ela sorriu, torcendo para que ele não notasse o nervosismo em seus olhos.

— Tenho que ir. Foi mal. Eu devia ter avisado. Tenho outra coisa para fazer. Outras paradas. Paradas pessoais.

— Entendo. Está tudo bem?

— Sim. — Ela riu. — Está tudo ótimo. Eu só devia ter avisado a você.

Ele balançou a cabeça.

— Não, besteira, você não precisa se explicar. Esse assunto estará resolvido até amanhã?

— Ah, sim. Deus, sim. Total. Realmente não quero perder o interrogatório de Davina Mácula, se eu puder. Meio que estou devendo isso a ela, pela vez em que me interrogou.

Ardiloso assentiu. Ela estava com a sensação de que ele estava esperando que ela dissesse aonde ia. Quando ela não falou nada, ele assentiu de novo e mexeu num fio solto da manga.

— Quer uma carona?

— Tenho Fletcher.

— Claro que tem. Bom, então vejo você depois.

Ela fez um aceno rápido e se afastou, a sensação de vazio crescendo nas

entranhas. Havia pouco que ela deixava de contar para Ardiloso. Até cinco meses atrás, a Pedra Eco de Gordon era a única coisa significativa que ela não contara a ele, e nem fora escolha dela. Mas isto era diferente. Ela sentiu um ímpeto de voltar correndo e contar tudo, dizer que era Trevária, que estava indo falar com uma banshee, e tinha certeza de que ele entenderia, claro que ele a ajudaria, tornaria tudo mais fácil...

Mas Valquíria não correu de volta para ele. Ela apenas continuou andando.

A BANSHEE

Lá embaixo, perto do rio, protegida do vento pelas árvores antigas que cresciam desimpedidas pela cidade ou pelas estradas, estava a cabana, em seu pedaço de escuridão e sombras. O rio, que na verdade não passava de um riacho, brotava das colinas e descia, cortando os campos e prados, e mesmo do ponto de vista privilegiado em que estava, Valquíria podia ouvir o movimento suave da água.

Ela não gostava de fazer esse tipo de coisa sem Ardiloso, mas não via outra opção. Enfiou o caderno de Gordon na jaqueta e desceu lentamente a colina, fazendo o possível para não escorregar na grama.

Então ouviu o grito.

Valquíria olhou para cima, os olhos arregalados. Ouviu outro grito e começou a correr, descendo até o rio a toda velocidade e o atravessando, encharcando as roupas na água congelante. Ela emergiu do outro lado e viu uma estrada estreita à frente, na qual uma mulher caía de joelhos.

Valquíria gritou, e a mulher olhou para ela. Seu rosto foi tomado por uma expressão de alívio, e foi então que Valquíria ouviu o estrondo de muitos cascos e o ranger de rodas. Ela olhou ao redor. Estavam sozinhas ali, mas o som ficava cada vez mais alto...

Então algo se materializou diante dela: uma grandiosa carruagem negra, conduzida por quatro cavalos sem cabeça e da cor da noite. Valquíria pulou para fora do caminho, e a carruagem passou zunindo. Ela sumiu de vista, mas Valquíria ainda podia ouvi-la, e agora a mulher estava gritando de novo. Valquíria colocou-se de pé desajeitadamente e correu.

A mulher tentou correr, mas girou violentamente como se tivesse sido atingida por trás. Valquíria se aproximou mais, e a carruagem apareceu enquanto os cavalos sem cabeça freavam. O condutor desceu. Estava vestido com a roupa tradicional de um cocheiro, apesar de, assim como seus cavalos, não ter cabeça. Ele não parecia tão ridículo agora.

— Deixe ela em paz! — gritou Valquíria, correndo até ele.

Ele se virou no momento em que Valquíria conjurou fogo e o lançou sobre ele, a bola de chamas explodindo contra o peito do cocheiro, mas se apagando

instantaneamente. Ela correu diretamente contra ele, usando o ombro para atacar, e ele recuou um passo com a colisão, mas apenas isso. Ela sentiu uma mão fria em torno do pescoço, então foi lançada no ar e caiu com força no chão.

— Me ajude! — gritou a mulher quando o condutor, o Dullahan, andou a passos largos em sua direção. Ele agarrou o braço da mulher e a arrastou até a carruagem enquanto ela implorava e gritava.

Valquíria se jogou contra o Dullahan, empurrando ar para a frente e fazendo-o cambalear, desferindo um chute em seguida. Ele a golpeou com a mão livre, mas ela se abaixou e deu-lhe um soco, o punho encontrando a lateral do corpo do cocheiro. Foi como acertar um muro. Então o dorso da mão dele a atingiu, e ela girou como um pião, caindo de joelhos. O Dullahan prosseguiu até a carruagem.

Ela não pôde fazer nada além de assistir enquanto o Dullahan jogava a mulher na carruagem cuja porta se abriu silenciosamente atrás dela. A mulher manteve os olhos no condutor sem cabeça, lágrimas escorrendo pelo rosto, e então uma dezena de mãos pálidas agarraram e puxaram a mulher que gritava para dentro. A porta se fechou suavemente, e o Dullahan voltou para seu assento. Ignorando Valquíria completamente, ele bateu as rédeas, fazendo os cavalos sem cabeça partirem a trote, as rodas da Carruagem do Silêncio rangendo atrás deles. Ela desapareceu, apesar de Valquíria ainda conseguir ouvir o som dos cascos, cada vez mais baixo até se tornar silêncio.

Ela se levantou, ainda meio tonta pelo golpe.

— Não se pode derrotar o Dullahan — disse uma voz atrás dela.

Valquíria se virou. Uma mulher andava até ela, o cabelo negro caindo sobre o rosto marcado por rugas, o vestido esfarrapado arrastando na grama atrás dela. Os pés estavam descalços e sujos, e as mãos eram finas.

— Ele não é um homem — prosseguiu a mulher — nem um bicho. Ele apenas é. Não se pode derrotar o que simplesmente é.

— Quem era ela? — perguntou Valquíria, se forçando a não se sentir intimidada. — A mulher que ele levou.

A resposta veio numa voz quase afetuosa:

— O nome dela era Margaret. Ela era a última de sua família. Ouviu meu grito, e agora a família não mais existe, eliminada do mundo como uma lágrima solitária.

— Por quê?

— Porque era a hora.

— Quem é você para decidir?

A velha olhou para cima, e o cabelo se dividiu, revelando mais do rosto. Tudo o que Valquíria pôde ver foram rugas, marcas e um olho castanho-claro salpicado de manchinhas piscando para ela.

— Não sou eu quem decido — respondeu. — Agora, quem é você e por que veio

à minha procura?

Valquíria olhou para a mulher, a raiva fervendo bem ao lado de suas necessidades. Ela se obrigou a ficar calma.

— Meu nome é Valquíria Caos. Disseram que você poderia me ajudar.

— Quem lhe disse isso?

— Meu tio. Gordon Edgley.

— Gordon — disse a banshee, sorrindo. — Faz anos que não ouço falar dele.

Como ele está?

— Morto.

— Diga que mandei um abraço para ele, sim?

— Preciso selar meu nome. Ele disse que você talvez conheça alguém que possa fazer isso.

— Você sabe, então? Seu nome verdadeiro?

— Sim, eu sei.

— Impressionante. E Gordon estava certo: conheço alguém que pode fazer o que precisa ser feito. Chama-se Nye. É um médico e uma criatura um tanto curiosa. Eu não confiaria nele, mas, também, não preciso confiar. É claro que não há garantia de que Nye concordaria em ajudar. O tempo dele é ocupado pelas experiências e... operações. Depende do quão ocupado o bom doutor anda, se ele pode encaixá-la, e se o deixará curioso o suficiente. Felizmente para você, eu *acho* que você despertará a curiosidade dele. Diga-me, querida, você sabe o que selar o seu nome acarreta?

— Só sei que é perigoso.

— Oh, se é. Tem certeza absoluta de que quer que eu providencie isso?

Valquíria pensou na mãe, no pai, no bebê a caminho. Ela pensou nas coisas que vira e nos gritos que ouvira.

— Sim — respondeu ela.

A velha se virou para ir embora.

— Então entrarei em contato brevemente.

— Espere — disse Valquíria. — O *que* isso vai acarretar? Você sabe?

A banshee sorriu.

— Eu só sei que a primeira coisa que você vai precisar fazer é morrer. Uma vez que tiver feito isso, o trabalho de Nye começa.

O INTERROGATÓRIO DE DAVINA MÁCULA

Com os dentes cerrados por causa do frio da manhã, Tanith seguiu Ardiloso e Enredo até o Hibernian, fantasiando sobre como seria se tivesse escolhido uma roupa de lã impermeável em vez de couro apertado. Ela não seria uma figura tão impactante, é verdade, mas o conforto, o calor e o aconchego puro seriam mais do que suficientes para compensar. A porta se destrancou para eles, que a atravessaram, entrando no ambiente relativamente quente do cinema escuro e bolorento.

Ardiloso deixara Enredo falar durante todo o caminho de carro até ali, permanecendo calado. Tanith sabia que ele estava se perguntando a respeito do assunto pessoal que fizera Valquíria se atrasar. Ela nunca colocara assuntos pessoais na frente do trabalho antes, pelo menos não que Tanith soubesse, e essa era uma mudança inquietante. Na época em que Ardiloso esteve preso em um mundo dominado pelos Sem-Rosto, Valquíria ficara completamente concentrada em sua dedicação para resgatá-lo. Mas desde então, parecia que andava distraída. Sempre havia algo acontecendo ou algo sobre o qual preferia não falar.

Seria Caelan? Será que estava se sentindo culpada pelo beijo? Havia algo mais, algo que não contara a Tanith? Será que estava com ele agora, apesar das promessas que fizera? Tanith sabia muito bem como as coisas podiam ser confusas nessa idade. Ela já fora adolescente e sabia que, apesar da aparente contradição, os anos de adolescência duram até os 50. No fim das contas, foi só aos 60 anos que *ela* conseguira algum controle sobre si mesma.

Atualmente, era uma jovem de 83, e apesar de ainda ser espantosamente imatura para a idade, a atração pelos bad boys já tinha desaparecido em parte. Eles ainda estavam por todo lado, é claro — no tipo de trabalho que escolhera, havia uma boa cota deles. Mas os bad boys sempre decepcionam. É inevitável. Enquanto os caras legais tendem a surpreender.

As únicas partes do corpo dela que não estavam dormentes por conta do frio eram os pés, porque estava usando as botas que Medonho fizera para ela. E não precisara de nenhuma ocasião especial para isso. Simplesmente as dera de presente um dia, murmurando alguma coisa sobre a importância da circulação, e vagara para os

fundos da loja. Ela sorriu diante de tal lembrança.

Mas quanto a Valquíria... Tanith estava disposta a lhe dar o benefício da dúvida. Talvez ela *não* tivesse ido encontrar com o vampiro na noite anterior. Pode ter sido assuntos *familiares* — *era* época de Natal, afinal de contas. Ou Fletcher. Talvez estivessem num encontro.

Tanith franziu o cenho. As pessoas ainda saíam em encontros? Tinha certeza de que sim. Mas provavelmente davam outro nome. Ela tentou pensar no último encontro que tivera. O último encontro *de verdade*. Será que lutar lado a lado com Sarraceno Lástima contava como um encontro? Eles terminaram se beijando à luz da lua, cobertos de sangue e pedaços de cérebro — então *provavelmente* tinha sido um encontro. Se não, sem dúvida foi um momento divertido que tiveram, no geral. Bom, não no geral. Mas ela e Sarraceno sem dúvida tinham se divertido.

Tanith precisava de um encontro. Precisava de muitas coisas, mas, acima de tudo, precisava de um encontro.

O fato de ser lembrada disso cada vez que via Valquíria e Fletcher juntos não ajudava. Valquíria não gostava de demonstrações públicas de afeto, mas também não era alérgica a elas. O segurar de mãos, o sentar lado a lado, a mão de Fletcher nas costas dela... Esse tipo de coisa não ajudava a tirar o assunto da cabeça de Tanith. E ainda havia as conversinhas, Valquíria a enchendo de detalhes que Tanith poderia muito bem ficar sem saber. Mas Tanith imaginava que era o seu papel. Melhor amiga e irmã mais velha, tudo de uma vez.

Seus olhos vagaram até parar na nuca de Ardiloso. Talvez não a *melhor* amiga, ela se corrigiu. Mas perto o suficiente.

Eles subiram no palco e atravessaram a porta na tela. Clarabela os encontrou no corredor, usando seu jaleco branco por cima de um vestido de verão e uma enorme máscara de gás na cabeça.

— Bom dia — disse ela, a voz jovial abafada. — Estão aqui para buscar a paciente? Ela não é muito legal. Disse umas coisas grosseiras sobre minha inteligência antes de o professor deixá-la inconsciente de novo.

— Por que está usando isso? — perguntou Tanith.

A cabeça de Clarabela se inclinou pesadamente quando ela olhou para baixo, encarando o vestido.

— Porque é bonito.

— Não, estou falando da máscara de gás.

— Hmm? Ah, *isto*. Eu só queria ver como deve ser morar dentro de uma bolha. O professor Lamento está ocupado em outro lugar. Ele disse que a paciente deve estar acordada em mais ou menos meia hora, então me pediu para levar vocês até ela.

— Tudo bem — disse Ardiloso —, sabemos onde ela está.

— Que bom, porque eu acho que estou perdida. — Clarabela viu a porta mais

próxima e a atravessou, batendo a cabeça no batente ao passar.

— Moça adorável — comentou Enredo, conforme prosseguiam.

Eles chegaram à Ala Médica, onde encontraram Davina Mácula sedada e inconsciente. Ardiloso desfez as amarras, em seguida algemou as mãos dela atrás das costas. Ele puxou Davina para uma posição sentada, e, de repente, ela começou a levitar. Por um centésimo de segundo, Tanith se preparou para agir.

— Você pretendia carregá-la? — perguntou Enredo, manipulando o ar para fazer Mácula flutuar suavemente até a porta. — Para que dificultar ainda mais as coisas?

Tanith relaxou, e Ardiloso sacudiu a cabeça enquanto seguiam Enredo até o corredor.

— Gosto de guardar a magia para ocasiões especiais. Não a uso só para me mostrar. — Então viu o sorrisinho que Tanith lançou na direção dele. — Fica quieta.

Ela riu.

Colocaram Mácula no porta-malas do Bentley e dirigiram até a casa de Ardiloso, com Tanith os seguindo de moto. Quando chegaram, os dentes de Tanith batiam de frio.

Ardiloso carregou Mácula até a sala de estar, onde a prendeu a uma cadeira. Deixou o chapéu e a arma sobre uma mesinha de centro enquanto Enredo pendurava o casaco. Tanith ligou o aquecimento, e, quando voltou à sala, Mácula estava acordada e sorrindo.

— Você parece feliz — disse Ardiloso.

Mácula deu de ombros.

— Feliz não, apenas surpresa.

— Por conta do lugar onde está?

— Por conta de eu ainda estar viva. Achei que Tesserato já teria me rastreado a essa altura.

— Eu garanto que você está bem segura.

— Não, não estou. E nem vocês. Nenhum de vocês.

— Nesse caso, melhor falarmos rápido antes que sejamos interrompidos. Você foi traída. Diga-nos o que queremos saber e a protegeremos.

Mácula riu.

— Vocês não podem me proteger. É do Tesserato que estamos falando.

— Você pode não ter reparado, mas estamos em maior número.

— Estou chocada por vocês acharem que isso vai fazer diferença.

— Diga com quem estava trabalhando — disse Ardiloso.

— Eu não estava trabalhando com ninguém. Por que Fenestor Enredo está aqui, afinal? Você se uniu a esse alegre bando de detetives, Sr. Enredo? Não tem nada melhor para fazer com seu tempo?

— Muita coisa aconteceu desde que você se foi — disse Enredo. — Não sabe o

que tem perdido.

— Você diz que decidiu destruir o Santuário sozinha — disse Ardiloso. — Por quê, Davina? Estava entediada?

— Bom, soa bobo quando você põe as coisas *desse jeito*...

— Você não deve lealdade a essa gente. Eles querem silenciá-la. Querem vê-la morta.

— Eu sinceramente não sei a que gente você está se referindo.

— Se não nos ajudar — disse Ardiloso —, toda a culpa recairá nas suas costas. Você será julgada, *sozinha*, por múltiplos assassinatos e terrorismo.

Ela balançou a cabeça.

— Terrorismo. Tudo é *terrorismo* hoje em dia. Estão exagerando muito no uso da palavra.

— Aqueles que espalham o terror são terroristas por definição.

— Mas você não acha que a palavra faz com que as sutilezas que separam esses atos uns dos outros se percam? Por que precisam ser terroristas? Por que não podem ser apenas criminosos e assassinos? Espalhar o terror não é o propósito, é um meio de se atingir um objetivo. Etiquetar um ato de atrocidade como terrorismo instantaneamente despreza as nuances do comportamento humano no que diz respeito ao ódio, à raiva e à ganância.

Ardiloso cruzou os braços.

— A destruição do Santuário, então. Não seria um ato de terrorismo?

— De jeito nenhum.

— Seria simplesmente assassinato?

— Agora você está entendendo — disse Mácula, assentindo.

— Então você é uma assassina.

— Finalmente concordamos em alguma coisa.

— Você forçou Myron Desgarrado a levar o Engenho Desolador para o Santuário e a detoná-lo. Você queria que Valquíria e eu estivéssemos lá quando acontecesse.

— Desculpe por isso. Puramente pessoal.

— Por que fez isso?

— Eu estava irritada.

— Tendo um dia ruim?

Mácula sorriu.

— Mais uma vez, você faz soar tão bobo.

— Acho que está mentindo.

— Fico profundamente magoada.

A porta da frente se abriu, e todos se viraram. Ouviram-se passos, e Valquíria entrou.

— Olá, queridinha. — Mácula sorriu.

Valquíria fechou a cara imediatamente.

— Ela está falando?

Mácula deu uma risadinha.

— Você acha mesmo que vai tirar alguma coisa de mim? Já estive no seu lugar, lembra? Era eu quem fazia as perguntas. Isto não me intimida.

— Ah, sim — disse Valquíria —, você fez as perguntas, mas não era muito boa nisso, era? Quero dizer, você me interrogou, mas falhou tão espetacularmente que precisou tentar arrancar uma confissão de mim no *tapa*.

— Isso é verdade. — Mácula assentiu. — Mas eu não consegui a confissão, não foi?

— Não, você não conseguiu.

— Mas consegui fazer você implorar.

A expressão de raiva que tomou o rosto de Valquíria foi descomunal, e Mácula riu. Tanith desejou silenciosamente que a amiga permanecesse calma.

— Já chega — disse Ardiloso. — Davina, você só tem uma chance de se ajudar. Se não aproveitar agora, vai morrer na prisão. Você estava trabalhando pelo Santuário americano? Foram eles que orquestraram a destruição do Santuário para desestabilizar este país?

— Este país já está desestabilizado.

— Você estava se comunicando com eles, não estava?

— Talvez um ou outro cartão-postal.

— Nunca soube que era uma piadista.

— Você nunca me conheceu. Achava que conhecia. Achava muitas coisas. Sabe qual é o seu problema? Se acha mais esperto do que realmente é. Isso é muito irritante para as pessoas ao seu redor. Você concorda, não é, Valquíria? Ou talvez eu esteja perguntando à pessoa errada. E quanto a você, Tanith? Não é louquinha por ele que nem a Valquíria, é? Tem muitos outros romances nos quais pensar. É uma garota muito popular, pelo que ouvi.

Tanith franziu a testa.

— Você está dando em cima de mim?

— Como anda o alfaiate, aliás? Ainda o está torturando, fingindo que não percebe como ele se sente?

A resposta morreu na língua de Tanith, que apenas lançou-lhe um olhar raivoso.

— Coloquei o dedo na ferida, foi? — perguntou Mácula. — Sinto muitíssimo. Podem continuar o interrogatório agora, se quiserem. É um jeito divertido de passar o tempo enquanto esperamos Tesserato me encontrar.

— Por que os está protegendo? — perguntou Ardiloso. — Querem você morta, Davina.

— O país inteiro me quer morta.

— Não consigo entender. Você foi abandonada. Como você mesma admitiu, sua vida está em enorme perigo. Por que não nos ajuda a deter os responsáveis?

— Porque isto é mais divertido.

Ardiloso balançou a cabeça.

— Não. Não é por isso. Não é por isso que se recusa a ajudar. Acho que está se recusando a ajudar porque não pode.

— Entendo — disse Mácula. — Sim. É exatamente isso. Muito bem.

— Pense nos responsáveis.

— Eu já falei...

— Sim, sim, você disse que estava trabalhando sozinha, e não acreditamos em você. O que eu quero que faça, Davina, é que pense nas pessoas com quem estava trabalhando. Não precisa nos dizer o os nomes. Só quero que pense nas pessoas. Ok?

— Quer que eu pense em ninguém?

— Não me importo de você manter a farsa. A única coisa que quero que faça é os visualizar, mentalmente. Imagine-os. Pense nos nomes deles.

Ardiloso parou de falar, então inclinou a cabeça.

— Você não consegue, não é mesmo? Não consegue imaginá-los. Não consegue pensar nos nomes deles. Você tenta. Provavelmente vem tentando pelos últimos cinco meses. Mas não consegue.

Mácula não estava mais sorrindo.

— Eles se bloquearam da sua memória — prosseguiu Ardiloso. — Quanto mais tenta lembrar, mais longe eles vão ficando. Com o tempo, com as pessoas certas e os procedimentos adequados, poderíamos penetrar esse bloqueio. Mas não temos tempo.

Mácula deu de ombros.

— Então descobriram meu segredinho. Grande coisa. Agora podem parar de repetir as mesmas perguntas?

— Do que você se lembra?

— Acabei de descobrir que não me lembro de nada.

— Não se lembra de nada específico. E quanto a coisas genéricas? Impressões vagas? Quantos eram?

— Não sei?

— Cinco? Dez?

— Um — disse Mácula. — Um homem. Eu acho.

— Um homem entrou em contato com você?

— Sim.

— Contou o plano dele, perguntou se você estava interessada?

— É tudo de que me lembro.

— Ele deixou os ajustes finos para você?

— Ele me disse a razão pela qual queria ver o Santuário destruído. O que quer que tenha dito, fazia sentido, disso eu me lembro. Concordei com ele. Pensei em como fazer isso e coloquei o plano em ação.

— Não consegue se lembrar de nada a respeito dele? — pressionou Ardiloso. — Altura? Sotaque? Cor do cabelo? Idade?

Mácula suspirou.

— Nada. O que quer que ele tenha usado para me confundir, funcionou direitinho. Tenho tentado me lembrar dos detalhes específicos desde que aconteceu, mas não consigo nada além de uma névoa muito confusa.

— Se pudermos fazê-la se lembrar, vai nos ajudar?

— Não tem por quê. Estarei morta antes do fim do dia.

— Se conseguirmos mantê-la viva, vai nos ajudar?

— E o que ganho com isso? Imunidade? Liberdade?

— Não — disse Enredo. — Não podemos conceder isso. Mas podemos nos certificar de que as pessoas que armaram isto sejam levadas à justiça.

— Que tipo de justiça? O tipo em que estou amarrada a uma cadeira na sala de estar de alguém? Não vejo nenhum agente oficial aqui nem nada que impeça vocês de me executarem no momento em que eu disser o que querem saber. É a *este* tipo de justiça que eles seriam levados?

— *Exatamente* este tipo de justiça.

Ela sorriu.

— Bem, por que não disseram antes? Liguem para quem tiverem de ligar: vamos destravar minhas memórias.

Ardiloso fez algumas ligações, e Tanith e Valquíria foram para a cozinha conversar. Alguns minutos depois, Tanith pediu licença e foi ao banheiro. Fechou a porta atrás de si, desafivelou o cinto e olhou para o espelho bem em tempo de ver um homem gigantesco com uma máscara metálica esticando o braço na direção dela.

O SERVIÇO

Tesserato passou três horas abrindo caminho até a casa do Detetive Esqueleto. Primeiro, desativou as defesas mágicas, depois, se concentrou nas tecnológicas. Trabalhou rapidamente, mas sem pressa, se permitindo ficar impressionado com a atenção dada aos detalhes dos sistemas de segurança. Antes desta visita à Irlanda, nunca encontrara Ardiloso pessoalmente — Tesserato o chamava pelo primeiro nome; gostava de ter certa familiaridade com as pessoas que provavelmente acabaria matando — e ficou feliz em ver que todas as histórias sobre o profissionalismo do esqueleto pareciam verdadeiras. Um oponente digno, se é que existia algum.

É claro, Tesserato não se interessava particularmente por oponentes dignos. Ele não estava em uma cruzada para se colocar à prova, se testar ou arriscar desnecessariamente sua vida ou sua liberdade. Se tivesse escolha, sempre preferiria matar alguém enquanto a pessoa estivesse distraída, ou pelas costas ou enquanto dormia. Chegou até mesmo, em uma ocasião memorável, a matar um homem que já estava morto. Um ataque cardíaco tirara a vida do alvo antes que Tesserato chegasse até ele, então o esfaqueou uma vez, nada muito profundo, e voltou ao empregador para exigir o pagamento. Tesserato não estava acima da desonestidade. Afinal, ele era um assassino.

E por isso Tesserato não estava muito confortável com a atual situação. Ele não gostava do fato de que, para descobrir onde Davina Mácula estava presa, ele teria que passar por Ardiloso Cortês, provavelmente Valquíria Caos e quem mais pudesse estar com eles. Os números não estavam a seu favor, mas seus empregadores de Roarhaven lhe deram um prazo. Estavam obrigando Tesserato a colocar, como dizem, a carroça na frente dos bois.

Ele não estava nervoso. Não estava animado. Não estava ansioso pelo sangue que precisaria derramar, mas também não se sentia apreensivo. Dois, ou até três, contra um não pode ser considerado uma boa vantagem, mas, mesmo assim, ele não tinha medo. Ele era um profissional e era bastante capaz de matar três feiticeiros de uma só vez, mesmo que três tão poderosos e experientes como Ardiloso, desde que os pegasse de surpresa.

E ele também não deixara de levar Valquíria Caos em conta. Ele tinha dossiês

sobre todo mundo que provavelmente viria a enfrentar, e isso incluía um sobre a garota. Ela possuía o hábito de atrapalhar os planos dos inimigos — fosse por sorte, habilidade ou pura determinação cega. Não deveria ser subestimada.

O rosto dele coçou sob a máscara. Ele escolhera uma angular para aquele dia, com maçãs do rosto profundas gravadas no metal e três buracos pequenos no lugar da boca. Tirou uma faca da bainha sob o braço, enfiou a pontinha no buraco do olho esquerdo e a manobrou para baixo, a fim de dar uma boa coçada. Ele grunhiu de satisfação, mas guardou a faca ao ouvir um carro.

Foi até a janela, então viu Ardiloso e Fenestor Enredo saindo do Bentley. Tanith Low vinha atrás deles de moto. Três feiticeiros poderosos. As chances não eram boas, mas ele já enfrentara coisa pior. Sob o manto da noite, Ardiloso ergueu algo grande da mala do carro. Pelo menos dessa vez, a sorte estava sorrindo para Tesserato. Eles haviam trazido Davina Mácula *até* ele.

Ele saiu da sala, se mantendo afastado das outras janelas. Ficou atrás da porta do banheiro, a respiração calma e silenciosa como sempre. A porta da frente se abriu, e eles entraram. Ele ouviu a voz de Davina enquanto a questionavam.

Se ele estivesse com sorte, permitiram que Davina fizesse uma pausa para ir ao banheiro. Então tudo o que precisaria fazer era se aproximar, implodir o crânio dela e desaparecer antes que alguém batesse à porta. Se ele *não* estivesse com sorte, teria que matar Tanith ou Fenestor primeiro e se livrar deles, um por um. Se ele estivesse *realmente* sem sorte, ninguém precisaria ir ao banheiro, e ele teria que enfrentar todos de uma vez só.

Ele ficou atrás da porta durante 23 minutos. Ouviu Valquíria chegar, o que elevava a contagem para quatro contra um. As chances só pioravam. Houve uma pausa no interrogatório, e Valquíria e Tanith foram até a cozinha. Mais um minuto se passou antes de uma delas sair, os passos se aproximando. Tanith Low entrou no banheiro, já desafivelando o cinto, e fechou a porta sem vê-lo. Seria a primeira a morrer, então.

Ele se colocou atrás dela, esticou a mão até a nuca da mulher e olhou para o espelho sobre a pia no mesmo momento que ela. Tanith arregalou os olhos. Ele jurou se amaldiçoar mais tarde por cometer um erro tão grave.

Ela se virou, puxando rapidamente o cinto das calças no momento em que ele atacou. O cinto se enrolou no pulso dele, e ela puxou, tentando desequilibrá-lo, mas ele já estava se estabilizando. Ele a golpeou com o ombro, lançando-a pelas portas abertas do boxe. Antes que Tanith pudesse gritar por ajuda, ele a chutou. Ela não esperava por isso. Ele sabia por experiência que pessoas rápidas raramente esperavam encontrar alguém ainda mais rápido. A ponta da bota de Tesserato afundou no estômago de Tanith, jogando-a para cima, fazendo-a se dobrar e arrancando o ar de seus pulmões. Ela caiu para a frente, e o joelho de Tesserato

estalou em seu queixo. Ele a pegou enquanto ela caía.

Não a matou. Inconsciente, ela já não era uma ameaça, então não viu motivo para tal. Além disso, ele tentava não dar amostras grátis, se pudesse evitar.

Tesseracto se aproximou da porta e ouviu o murmúrio baixo de conversas ininterruptas — Ardiloso estava falando com Davina Mácula novamente. Tesseracto saiu, andando silenciosamente até a cozinha. Valquíria estava de costas para ele. Estava preparando um bule de chá. Que irlandês da parte dela.

Mesmo enquanto atravessava o aposento, ele admitiu que tinha a oportunidade de deixá-la viva, mas decidiu não fazer isso. O encontro com Tanith simplesmente terminara daquele jeito. A verdade pura e simples era que seria mais fácil e silencioso matar esta garota do que subjugar-la. Tesseracto não passava de um homem prático, então mirou na coluna.

Ela deve ter sentido o movimento no ar, porque começou a falar, imaginando se tratar de um amigo. Os dedos dele se fecharam em torno do pescoço dela, e o corpo da menina se contorceu. Valquíria fez um barulho, como se alguém tivesse chutado a garganta dela. Então girou para se libertar e caiu no chão.

— Socorro! — vociferou a garota.

Tesseracto estreitou os olhos, olhando para a jaqueta da menina e percebendo, tarde demais, as propriedades mágicas que devia ter. Seus dedos tinham apertado a gola, não a pele dela, e o traje a protegera. Outro erro, em um dia que estava ficando chocantemente repleto deles.

Ardiloso Cortês irrompeu na cozinha, e Tesseracto foi ao seu encontro sem pestanejar. Ele se esquivou de um soco e golpeou o flanco de Ardiloso com o cotovelo. Sentiu a estrutura sob as roupas do esqueleto cederem, e ouviu o estalo recompensador de cotovelo contra costelas. Ardiloso cambaleou para trás, e Fenestor veio em seguida. Ele empurrou o ar, mas Tesseracto o contornou. Era preciso reconhecer: Fenestor nem pestanejou antes de partir para o ataque físico. Não que isso fosse ajudá-lo em alguma coisa.

Tesseracto bloqueou um soco com o antebraço, deu um tapa na boca de Fenestor e o seguiu conforme ele cambaleava para trás. Tesseracto percebeu tarde demais que era uma estratégia. Fenestor chutou a perna dele, e, se Tesseracto não tivesse se movido ligeiramente, sem dúvida o chute teria dilacerado seu joelho.

O ar se moveu e o atingiu como se fosse o próprio soco de Deus. Ele foi lançado para o outro lado da sala, aterrissou na mesa e rolou para o outro lado.

Fenestor lançou um punhado de fogo do qual Tesseracto precisou se esquivar, e quando o fez, Valquíria o atingiu no peito com uma torrente de sombras. Ele caiu na sala de estar. Davina estava acorrentada a uma cadeira, encarando-o de olhos arregalados. Ela começou a lutar para se soltar das amarras.

Antes de Tesseracto chegar até ela, Ardiloso e os outros o alcançaram. Ardiloso

fez um gesto, e a arma voou da mesinha de centro até sua mão enluvada. Tesseracto arremessou uma faca. A pontinha da lâmina se encaixou na alça do gatilho e prendeu a arma à parede.

— Me soltem! — gritou Davina.

Tesseracto correu até Valquíria, lançando a mesinha sobre Ardiloso para distraí-lo. Valquíria chicoteou uma faixa de sombras contra o homem, mas ele mergulhou, rolou no chão e se levantou, agarrando as roupas negras da menina com ambas as mãos e erguendo-a. Ele a lançou contra a parede e então girou seu corpo, atirando-a como uma boneca de pano na janela ao lado. As pernas dela estilhaçaram o vidro, e ele a soltou enquanto seu corpo ainda girava por causa da inércia. As costas dela atingiram o batente da janela, e Valquíria ricocheteou e caiu, esmigalhando os cacos de vidro sob seu corpo. Ela ficou ali, metade para dentro, metade para fora da janela, o corpo dobrado contra o parapeito. Se não fosse pelas roupas, teria sido reduzida a tiras ensanguentadas.

Ele se virou quando Ardiloso investiu contra ele, emitindo um rangido por trás daquele crânio impassível. Tesseracto se esquivou de um soco e se lançou contra o esqueleto, jogando-o de quadril contra o chão. Então ouviu um estalar de dedos de Fenestor, que lançou chamas contra suas costas. Tesseracto cambaleou, mas Ardiloso já estava de pé. Com o casaco em chamas e a pele queimando, Tesseracto agarrou o pulso de Ardiloso com uma das mãos, as pontas dos dedos se flexionando em torno da luva, fazendo vibrar os ossos sob ela. Ardiloso gritou conforme eles se quebravam. O poder de Tesseracto só podia ser transmitido pela ponta dos dedos, então quando seu punho quebrou a mandíbula de Ardiloso, não foi por magia, e sim por uma combinação de pura força com o ângulo certo e uma boa dose de sorte.

Ardiloso tombou bem no momento em que uma parede de ar atingiu Tesseracto, fazendo-o girar por cima do sofá. Ele arrancou o casaco em chamas e se virou para enfrentar o ataque de Fenestor, mas viu as mãos do Elemental ao lado do corpo, empurrando para baixo, e soube o que viria em seguida. Ele agarrou uma luminária de chão com ambas as mãos e, conforme o ar tremulou e Fenestor o lançou contra ele, Tesseracto brandiu a luminária como se fosse um bastão de beisebol. Ela se partiu no impacto, atingindo Fenestor em cheio e lançando-o contra o chão.

Então um chute surgiu do nada, direto em seu rosto, e Tesseracto tropeçou na mesinha de café quebrada, caindo de braços abertos. Tanith Low desceu do teto. Ele deveria tê-la matado. Deveria tê-la matado quando teve a chance.

Ela pulou nele, tentando terminar a luta com outro chute na cabeça. Tesseracto ergueu um braço para bloqueá-la, mas ela deu uma cambalhota por cima dele. Ele rolou para o lado, evitando o pisão de Tanith, e se levantou a tempo de bloquear o ataque seguinte e ganhar algum espaço. Ele nunca fora muito de falar durante uma luta, mas adoraria poder fazer uma pergunta nesse momento. Quando ela recuperou a

consciência, correu direto para ajudar os amigos ou fora mais esperta, detendo-se por um momento? O suficiente para chamar reforços?

Tesserato se lançou para a frente, pegando-a desprevenida, a base da mão atingindo-a no peito. Ele tentou emendar o golpe agarrando-a, mas ela executou uma impressionante rotação aérea e se livrou dele. Ela recuou, e os olhos dele fizeram um movimento rápido para trás de Tanith, vendo aonde ela queria chegar. O casaco dela estava sobre uma cadeira, e em cima dessa cadeira estava a espada. Tanith correu até ela.

Tesserato envolveu com um dos braços o aparelho de som que estava sobre uma estante atrás dele. Ele o arrancou dos fios e cabos e o lançou através da sala. Tanith alcançou a espada antes de se virar, e o aparelho a atingiu bem no rosto. Ela girou ao tombar, e o aparelho caiu com um estrondo ao lado dela.

Se ela *tivesse* parado para fazer a ligação, ele sabia que sem dúvida teria chamado Fletcher Renn e dito para ele trazer ajuda. Tesserato andou a passos largos até onde Davina Mácula se debatia.

— Não — disse Davina, com medo real nos olhos. — Desse jeito, não. Pelo menos deixe eu me levantar. Por favor, desse jeito não.

Ele gostaria de ter concedido o desejo dela, mas o teletransportador teria ido até Medonho Reservado ou até Porcelana Tristeza — provavelmente o primeiro. A pergunta então se tornou: se Fletcher tinha sido alertado, de quanto tempo precisaria para encontrar Medonho? Trinta segundos? Um minuto? Tesserato simplesmente não tinha tempo a perder.

Ele colocou a mão no tórax de Davina, e seu esterno começou a tremer, as costelas se partindo para dentro, perfurando o coração. Ela morreu de olhos abertos.

Tesserato se virou, e um punho pesado o acertou na articulação da mandíbula, bem onde sua carne encontrava a máscara. Se Medonho Reservado machucou a mão ao socar, não deu sinal disso conforme avançava.

Tesserato absorveu os socos e desferiu um, do qual Medonho se esquivou. Três murros amassaram a máscara contra o rosto do assassino, então Medonho passou a concentrar os ataques na parte baixa do corpo. Ele surpreendeu Tesserato com um chute que fez a perna do oponente ceder. Tesserato caiu, mas Medonho o ajudou a se levantar novamente com um gancho no queixo.

Fletcher Renn estava do outro lado da sala, levantando cuidadosamente Valquíria da janela despedaçada. No momento em que ela se livrou do vidro, ambos desapareceram. Um instante depois, Fletcher estava de volta, sozinho. Em um piscar de olhos ele desapareceu com Ardiloso, depois Tanith, depois Fenestor.

Tesserato já entendera o ritmo de Medonho àquela altura, e se esquivou de mais três murros antes de responder com um soco que afundou um músculo no flanco direito do boxeador. Medonho retrocedeu, arquejando, os olhos repentinamente

arregalados. Um bom soco fazia isso com você, Tesserato sabia. Um bom soco fazia mais do que machucar — desestabilizava uma ofensiva, abalava um lutador. Medonho estava abalado. Ele não esperava um soco tão rápido, tão forte. Tesserato podia ver pela maneira como o rodeava que agora Medonho estava cauteloso, incerto.

Fletcher apareceu.

— Está pronto? — perguntou o garoto.

Medonho manteve os olhos em Tesserato e não respondeu.

— Medonho, está pronto para ir?

— Tô. — Foi a resposta resmungada.

Fletcher assentiu. Pegou a arma de Ardiloso da parede, jogando a faca fora. Então se teletransportou até a cadeira e pegou a espada de Tanith, depois o chapéu de Ardiloso e, por fim, apareceu ao lado de Medonho. Ambos desapareceram.

Tesserato deixou os dedos se afrouxarem. Estava com as costas queimadas, a pele ensanguentada e cheio de cicatrizes, mas a missão fora um sucesso. Ele se viu torcendo para que seus empregadores em Roarhaven o contratassem para matar Ardiloso e os outros. Ele gostaria bastante de poder terminar isto.

LAMBENDO AS FERIDAS

Valquíria estava deitada em uma banheira de lama fria, as propriedades curativas agindo no estrago que Tesserato fizera em suas costas. Uma cortina a separava dos outros. Ardiloso estava na cama à direita, murmurando instruções enquanto esperava a mandíbula voltar ao lugar. A mão, ela vira, estava envolta em gaze até que os ossos se realinhassem. Enredo estava à esquerda, se curando das costelas quebradas. Do outro lado da sala, atrás de outra cortina, estava Tanith. Sua mandíbula estava quebrada, a maçã do rosto estilhaçada, o nariz amassado, e quatro dentes haviam sido arrancados. Conspícuo Lamento estava demorando um pouco mais para curá-la.

Valquíria ficou na banheira ouvindo a conversa ao redor.

— Um homem? — Conspícuo estava dizendo. — Um homem fez tudo isto?

— Não estávamos preparados — disse Medonho, e ela pôde ouvir a raiva silenciosa na voz dele. — Eu devia ter ido com eles. Devia ter estado lá desde o começo.

— Então a quem Fletcher teria recorrido quando precisassem de ajuda? — perguntou Conspícuo. — Não, Medonho, acho que foi muito bom terem você como reforço. O homem que fez isso, Tesserato. Ele por acaso não seria russo, seria?

— Esse mesmo! — Ela ouviu Fletcher dizer. — Conhece?

— Ouvi relatos sobre algumas pessoas que ele matou. É um quebra-ossos: consegue quebrá-los com o toque mais suave. Um poder pouquíssimo comum, mas extremamente eficiente. Ouso dizer, na verdade, que ele é a única pessoa no mundo que teria conseguido matar o Detetive Cortês aqui, se assim quisesse.

Ardiloso murmurou alguma coisa que soou como:

— Você é terrível à cabeceira dos pacientes.

— Achei que tinha dito para você não falar.

Ardiloso grunhiu.

— Tesserato poderia ter matado Ardiloso? — perguntou Valquíria, se sentando.

— Ah, sim — foi a resposta de Conspícuo —, e com bastante facilidade até. Já vimos como o mais irritado dos meus pacientes pode sobreviver ao desmembramento, mas faz tempo que elaborei a teoria de que se não restar uma

seção grande o suficiente dele intacta, sua consciência se dissiparia. Simplesmente sumiria. Tesserato tem o poder de despedaçar um *esqueleto* inteiro. Duvido que sobraria alguma parte do detetive que *conseguisse* pensar.

Valquíria se recostou de volta na lama. Ela passara a pensar em Ardiloso como alguém impossível de matar — principalmente porque ele já estava morto. Não gostava da ideia de alguém *destruindo-o* definitivamente.

Ela ouviu Enredo descer da cama à esquerda, e viu a sombra dele pela cortina conforme se juntava aos outros.

— Sr. Enredo — disse Lamento, severamente —, vou ter que insistir que se permita algum tempo para curar-se.

— Estou bem, professor — respondeu Enredo. Ele soltou um grunhido baixo, e Valquíria ouviu o farfalhar de tecido. Ele estava colocando a camisa. — Preciso informar Corrival sobre isso. O ponto positivo é que pegamos Davina Mácula, o que demonstra aos Conselhos ao redor do mundo que podemos lidar com nossos próprios problemas. No entanto, não acho que seja necessário mencionarmos que foi Tesserato quem a matou.

Ardiloso murmurou alguma coisa que pode ter sido:

— Concordo.

— Vamos dizer que ela morreu resistindo à prisão ou que tirou a própria vida ou algo parecido. Deixem comigo. Vou cuidar disso.

— E quanto ao Tesserato? — perguntou Fletcher. — Ele ainda está solto.

— O serviço dele está feito — disse Medonho. — A não ser que tenha outro alvo, vai se afastar como sempre fez.

Ardiloso murmurou alguma coisa que ninguém entendeu. Fez alguns grunhidos que soaram como ameaças, e então a voz de Conspícuo soou mais próxima de Valquíria.

— Está bem — disse o cientista. — Vou retirar a bandagem. Mas, se sua mandíbula cair, vai voltar para o fim da fila.

Todos esperaram um momento.

— Ok — disse Conspícuo. — Abra a boca. Feche. Mexa de um lado para o outro. Muito bem, pode falar.

— Obrigado — disse Ardiloso. — Medonho está certo: Tesserato provavelmente já desapareceu. E com ele, qualquer esperança que tínhamos de descobrir quem eram seus empregadores.

— Isso se ele ainda lembrar — disse Enredo. — Podem ter usado nele o mesmo feitiço que confundiu Davina Mácula.

A cortina ao lado da banheira de Valquíria se abriu, e Conspícuo entrou. Ele fez um gesto para ela que se inclinasse para a frente e olhou sua coluna.

— Não acho que tenham feito isso — disse Ardiloso. — Você não se arrisca a

irritar alguém como Tesserato, a não ser que planeje matá-lo. E todos sabemos que não é exatamente fácil fazer isso.

— Então ele pegou o pagamento e foi embora — disse Medonho. — Mácula está morta, e os conspiradores, a salvo. O que nos resta fazer?

— Suas costas estão curadas, e o inchaço está diminuindo — disse Conspícuo para Valquíria. — Tem um roupão perto da cadeira.

Ela assentiu em agradecimento e esperou até ele sair para se levantar da banheira. Ela ouviu a conversa se desenvolver para uma discussão a favor e contra o envolvimento de Roarhaven. Ela colocou o roupão, sentindo-o esmagar a lama que cobria seu corpo, e enfiou os pés nas pantufas. Estava um pouco rígida quando atravessou a cortina.

— A questão é — disse Ardiloso — que não temos nada. Nenhuma pista, nenhuma prova. A única coisa que sabemos é que uma das pessoas envolvidas tem o poder de obscurecer memórias. Isso é tudo.

Valquíria olhou para ele.

— Nós perdemos esta?

— É claro que não. Só não ganhamos.

Enredo pegou o casaco.

— Tenho que ir. Preciso contar ao Grande Mago Revés o que sabemos.

— Não sabemos muita coisa — disse Ardiloso.

— Então vai ser uma reunião curta.

Ardiloso e Valquíria foram de carro até Haggard em um silêncio melancólico. Já havia escurecido novamente — eles tinham passado praticamente o dia inteiro se recuperando dos ferimentos. Os pais de Valquíria sem dúvida já estavam dormindo a essa altura, o que significava que ela havia perdido a chance de passar a véspera de Natal com eles, e isso só piorava ainda mais seu humor. Aquele reflexo sem coração e sem alma estivera lá no lugar dela, exibindo o sorriso falso. Ela afundou no assento, a cara fechada.

— Como você está? — perguntou Ardiloso.

— Bem — murmurou ela.

— Você não parece bem.

— Estou tão bem quanto se pode esperar de alguém que esteve numa luta na qual um cara derrotou quatro de nós ao mesmo tempo e então fugiu.

— Fomos nós que fugimos, na verdade.

— Não precisava chamar atenção pra isso. Eu poderia ter passado sem essa. Ele matou Mácula com um toque. Provavelmente estaríamos todos mortos se ele tivesse sido pago para nos matar.

— É uma possibilidade.

— Não gosto do fato de que tem alguém por aí que pode fazer isso.

— Não somos invencíveis, sabe — disse Ardiloso.

— Às vezes somos.

— Não esta noite.

— Não, esta noite não. Estou contente por ela estar morta. Isso provavelmente é bem horrível, não é? Mas estou. Estou contente por Mácula estar morta.

— Ela matou um bocado de gente.

— Então é isso? Acabou?

— Parece que sim. Por enquanto. Vai me contar o que mais está chateando você?

— O quê? Nada. — Ele inclinou a cabeça, e ela revirou os olhos. — Está bem. Eu não passei a véspera de Natal com os meus pais. Feliz? Esse é meu último Natal como filha única, e eu queria me deleitar com o amor dos meus pais uma última vez. Ele pareceu se divertir.

— Eles não vão parar de amar você só porque terá um novo irmão ou irmã.

— Você não entende. Quando eu tinha 7 anos, minha mãe me comprou um coelho, Sr. Fofinho. Por duas semanas, meu pai deu mais atenção ao coelho do que a mim. Brincava com ele, levava para passear, só faltava levar o bicho para a cama de noite. E era um *coelho*. Imagine como vai ser com um *bebê*.

— Mas depois dessas duas semanas, depois que a novidade acabou, ele voltou ao normal, não foi?

— Não acho que foi porque a novidade acabou, acho que foi porque ele pisou no Sr. Fofinho.

— Como?

Valquíria suspirou, a cabeça tremendo contra o encosto do banco.

— Ele pisou no coelho. Amassou o bicho. Esmagou. Matou. O bicho bateu as botas, ficou a sete palmos do chão, abotoou o paletó, bateu as canelas, foi lançado na espiral da morte. Virou... um ex-coelho.

— É um homem perigoso, seu pai.

— Melhor o bebê aprender a se esquivar.

Os limpadores de para-brisas se ativaram, e Valquíria olhou para a neve que caía, iluminada pela luz do farol.

— Isso é bonito — disse ela. Abaixou a janela e colocou a cabeça para fora, recebendo uma rajada congelante bem no rosto. Então entrou novamente, levemente tonta.

— Divertido? — perguntou Ardiloso.

Ela limpou os flocos de neve do cabelo.

— Melhorou meu humor. Ainda tenho amanhã de folga, certo?

— Esse é o trato.

— Não importa o que aconteça, o Natal está fora dos limites. É um dia para

presentes debaixo da árvore, peru no jantar e cochilos no sofá enquanto assistimos Indiana Jones na TV.

— Soa adorável.

— O que você vai fazer?

— A mesma coisa, só que completamente diferente.

Valquíria conseguiu sorrir.

— Adoro o Natal. Nunca vou entender ninguém que não adore.

— Muita gente não gosta. Pode ser uma época solitária.

— Mas é quando toda a família se reúne — disse Valquíria, rápido demais para conseguir se impedir. Ardiloso abaixou os faróis quando outro carro passou na pista oposta, então os ligou novamente. — Desculpe — completou ela, baixinho.

Ele se virou levemente para ela.

— Pelo quê?

— Você sabe. A coisa da família.

— Ah — disse ele. — Quer dizer, porque minha família está morta.

Ela fez uma careta.

— É.

— Sabe, eu tinha esquecido completamente do assunto até você comentar.

Ela o encarou, horrorizada. Eles passaram por uma placa indicando Haggard.

— Estou brincando — falou ele, finalmente.

— Ah, meu Deus. Isso foi cruel.

— Você não deveria se sentir culpada por aproveitar alguma coisa só porque os outros não podem. Bem, exceto quando se trata de tortura, mas provavelmente é a única exceção. Você adora o Natal, e isso é ótimo. Tenha em mente que nem todo mundo adora, mas não deixe isso diminuir o que você sente.

— Uau — disse ela. — É como se você estivesse me ensinando alguma coisa, sendo todo sábio.

— Não é fácil lidar com você — disse Ardiloso.

Eles chegaram ao píer, em Haggard, e Valquíria soltou o cinto de segurança.

— Amanhã está fora dos limites e tudo, mas... você ainda vai aparecer aqui, não vai?

— É claro. Tenho que dar seu presente, não é?

Ela deu um sorrisinho.

— É, tem mesmo. Feliz Natal, Ardiloso.

— Feliz Natal, Valquíria.

Ela saiu e correu pela neve até em casa.

MANHÃ DE NATAL NO HOTEL DA MEIA-NOITE

Anton Frêmito bateu na porta do quarto 19 enquanto a destrancava. Ele esperou alguns segundos até que a porta se abriu e um vampiro olhou para fora, usando sua pele humana.

— Bom dia — disse Caelan. — Eu... Desculpe se fiz muito barulho noite passada.

— Nada — disse Frêmito. — As paredes ainda são seladas. Não passa nenhum som.

— Temo que tenha quebrado alguns móveis. A corrente se partiu e, bem... pagarei por eles, claro. Algumas das paredes também estão arranhadas.

— Já falamos sobre isso. Quebrar as correntes ou danificar as paredes não importa desde que você não possa sair deste quarto, e uma vez que eu tranque esta porta, você nem tem essa escolha. Você está a salvo aí dentro, e todos os outros estão a salvo aqui fora. É um convidado no Hotel da Meia-Noite. Não precisa se desculpar.

— Obrigado. Onde estamos, aliás?

— Escócia.

— Estamos programados para ir à Irlanda hoje?

— Em pouco menos de uma hora. Tem assuntos a tratar por lá?

— Alguns — disse Caelan.

— Aviso quando chegarmos.

— Obrigado, Sr. Frêmito.

Frêmito foi até as escadas, cumprimentando com um aceno de cabeça um hóspede que seguia na direção oposta. Ele subiu até o segundo andar em uma de suas rondas matinais. Tirando dois quartos, todos os outros deste andar estavam ocupados, mas nenhum dos hóspedes estava acordado ainda. Ele parou diante do quarto 24, como sempre fazia, e testou a maçaneta. Ela girou, mas não se abriu. Bem-trancada, como sempre estivera.

Satisfeito, voltou ao escritório no térreo. Se ocupou da papelada, mal notando quando o hotel mudou de lugar. Se alguém estivesse parado do lado de fora, teria visto o Hotel da Meia-Noite desmoronar e afundar na terra, num espaço de poucos

segundos. Os que estavam dentro do hotel, no entanto, sentiam apenas um suave tremor.

Ele esticou o braço para pegar o telefone e ligou para o quarto do vampiro no momento em que, com um segundo tremor, o hotel brotou e cresceu em um bosque nos arredores de Dublin. Ele disse a Caelan que tinham chegado e, um minuto depois, o vampiro saiu do hotel.

Frêmito trabalhou por mais uma hora, então pegou as chaves do carro que mantinha estacionado ali e saiu do prédio. Ele precisava de suprimentos, comida e materiais de limpeza. E também uns móveis novos para o quarto do vampiro. E umas correntes decentes.

A floresta estava fria quando ele passou por entre as árvores. Galhos estalavam abafados sob seu peso, os passos chutando folhas úmidas para fora do caminho. Ele chegou à clareira ao lado da estrada, que funcionava como estacionamento do hotel, e parou.

Havia um homem inconsciente no chão diante dele. Apesar do frio, só estava usando uma calça jeans e camiseta. Tinha tatuagens e piercings.

Algo chamou a atenção de Frêmito, que se virou assim que o Remanescente se lançou contra ele. Frêmito cambaleou para trás, tentando em vão impedir a criatura de abrir sua boca à força e se esgueirar para dentro. Ele sentiu ânsias de vômito, a garganta inchando conforme o Remanescente abria caminho com violência para dentro dele. Frêmito caiu de joelhos, sentindo a coisa se expandir dentro de si, percorrendo seu corpo, a escuridão se infiltrando em sua corrente sanguínea. A dor parou. Os dedos das mãos e dos pés formigavam.

Frêmito ficou de pé. Olhou para Finbar Errado, deitado inconsciente sobre a grama e as folhas molhadas. Ele se lembrou de ser Finbar e de todas as coisas que enxergara na visão. Antes de Finbar, Frêmito fora Conspícuo Lamento e antes disso... Bem, antes *disso*, ele passara um bom tempo preso em um quarto do Hotel da Meia-Noite, com todos os outros Remanescentes.

Frêmito pegou a chave da corrente ao redor do antebraço e voltou ao hotel para libertar seus irmãos e irmãs.

ÉPOCA DE FESTIVIDADES

Houve um tempo, não muito distante, em que a manhã de Natal era muito importante. Uma manhã em que Stephanie Edgley acordaria e correria até o quarto dos pais, praticamente arrastando-os para fora da cama. O pai dela desceria primeiro, para se certificar de que o Papai Noel não estava mais lá. Quando ele dissesse que a barra estava limpa, Stephanie e a mãe correriam até a sala de estar, e os três mergulhariam embaixo da árvore, dando gritinhos de alegria a cada embalagem de presente rasgada. Por algum motivo, o pai era o que comemorava mais alto, sobretudo quando ganhava conjuntos de meias novinhas. O pai dela adorava meias novas. Era quase perturbador como ele ansiava pelo momento de calçar cada par.

A mãe achava todas as manhãs de Natal hilárias. Algumas das memórias mais queridas de Valquíria eram da mãe, curvada de tanto rir enquanto recebia o presente do marido. Como no ano em que ela ganhara um martelo. Valquíria ainda conseguia ver a cara do pai, orgulhoso de ter conseguido comprar um presente para a esposa sem a ajuda de ninguém, e então a expressão perplexa que tomou conta do rosto dele quando sua querida Melissa desmoronou lentamente no carpete, rindo tanto que nem fazia barulho.

Valquíria ainda não perdera nenhum Natal. Com todo o tempo que passava fora de casa, achava que era importante passar este dia com a família, fazendo coisas normais de Natal como uma filha normal. Ardiloso normalmente chegaria de carro à noite, e ela daria uma escapada para encontrá-lo no píer. Eles trocariam presentes enquanto as ondas do mar quebravam ao lado deles.

Os presentes dele eram sempre muito melhores que os dela. No ano anterior, ela dera uma caneca com uma fotografia de Betty, o vira-latas de um olho só do vizinho (e oficialmente o *Cachorro Mais Amado da Irlanda* desde que ganhara uma competição). Valquíria temia ter herdado o péssimo talento para comprar presentes do pai, mas Ardiloso não parecia se importar muito.

Por muito tempo, ela fora filha única no Natal, e era justo dizer que era um pouco mimada por conta disso. Mas a ideia de que no próximo ano haveria um irmãozinho ou irmãzinha a fez sorrir, e ela ficou deitada na cama pensando a respeito. Ter uma

criança por perto, toda animada e gritando e berrando como ela havia feito, com certeza faria com que o Natal continuasse tão especial quanto aqueles de que ela se lembrava. Teriam que mudar a rotina, é claro. A criança teria que acordar *ela* primeiro, e então *as duas* iriam acordar os pais, estendendo o entusiasmo, prolongando a expectativa. Ela mal podia esperar.

Sua mãe bateu na porta do quarto dela e espiou lá dentro.

— Steph?

— Mãe.

Imediatamente, a mãe abriu um sorriso e entrou, o robe fechado por cima da barriga redonda.

— Feliz Natal, querida — disse ela, sentando na cama e se inclinando para beijar a bochecha de Valquíria. — Vai levantar? Desmond não conseguiu esperar. Está lá embaixo, esperando para se certificar de que o Papai Noel já foi embora.

Valquíria riu.

— Ah, sinto muito. Eu fiquei deitada aqui.

— Pensando demais?

— Pensando no bebê que teremos nessa época, ano que vem.

A mãe dela deu um sorrisinho, acariciando a barriga.

— Vai ser divertido, não vai? Agora, promete que não vai ficar com ciúmes?

— Acho que vou conseguir.

Eles ouviram passos pesados subindo as escadas, e o pai dela apareceu no vão da porta.

— Andem logo! — choramingou ele.

— Falando em bebês... — murmurou a mãe. Ela se içou da cama e foi até ele enquanto Valquíria se livrava das cobertas. Com os pais já se apressando para fora, ela se lembrou dos enormes machucados por todo o corpo e puxou as cobertas de volta, apertando-as bem contra o corpo.

— Não vi nada! — gritou o pai, os olhos bem fechados. — Não vi nadinha, nadinha!

Valquíria riu enquanto a mãe o expulsava do quarto. Com os olhos ainda fechados, ele deixou que a esposa o conduzisse pela porta.

— Por favor, Deus — ouviu-o dizer —, que o próximo seja um menino.

Quando notou que os dois estavam na escada, deixou os cobertores caírem e examinou o próprio corpo. Os ferimentos estavam com uma coloração roxo-escuro, amarela e azul, mas pareciam mais dolorosos do que realmente eram. Ela pegou uma camiseta e o robe, arrancou as pantufas felpudas de coelho e correu para o andar de baixo, bem a tempo de ver o pai correndo para a sala de estar.

— Ele já foi! — proclamou ele. — O Papai Noel já foi e me deixou presentes!

Valquíria ganhou roupas, um pouco de dinheiro e um novo aparelho para ouvir música, menor que seu polegar. Ela abriu um envelope, e um cartão caiu dele. Ela franziu a testa.

— Cartão de sócia na academia?

— Por um ano — disse a mãe. — É o melhor lugar, além do Pavilhão. Eles têm piscina e sauna, e você pode levar um convidado de graça. E eu gosto *muito* de saunas.

— E eu gosto muito de *piscinas*. — O pai sorriu.

A mãe olhou para ele.

— Ela só pode levar um convidado por vez.

— Eu sei, então quem...? Ah. Você quer dizer *você mesma*. Então... o que é que *eu* vou fazer?

— Você é grandinho, Des, vai conseguir decidir sozinho. Talvez possa ficar do lado de fora e ouvir o barulho da água.

— Eu posso ouvir o barulho da água no *banho* — comentou ele, um pouco ressentido.

— Espera — disse Valquíria. — Hã, a academia. Por quê?

A mãe deu de ombros e sorriu.

— Você está malhando em *algum lugar*, então pensamos: por que não se exercitar onde todos os instrutores são treinados em primeiros socorros e tudo é limpo e legal?

— Não estou *malhando*, mãe. Eu... eu faço esportes na escola, só isso.

— Que tipo de esporte? — perguntou o pai. — Badminton? Rugby? Luta livre?

— Só esportes. Eu corro muito. E nado.

— A academia tem *piscina*.

— Sim, pai, eu sei.

— Se você não quiser, não tem problema — disse a mãe, esticando o braço para pegar o cartão de volta.

Valquíria o puxou para perto do peito.

— Ah, céus, não. — Ela riu. — Eu vou usar isto!

Os pais sorriram, se virando para o próximo presente na pilha, e Valquíria se perguntou por que ficara tão na defensiva. Ela não se importava de ouvir comentários sobre seu físico de feiticeiros ou de qualquer um daquela parte de sua vida, mas aparentemente não ficava tão tranquila quando isso acontecia por ali. Talvez não quisesse que a família reparasse em como estava diferente. Gostava da ideia de se camuflar quando estava em casa, de se misturar ao cenário e se transformar em nada fora do comum. Ali, não era um potencial Arauto da Morte. Não era Trevária, a Destruidora de Mundos. Ali era Stephanie Edgley — filha, estudante e, em breve, irmã mais velha.

Nas semanas que se seguiram à espiada que dera no próprio futuro, ela passou a odiar a ideia de ficar mais velha, de ficar mais forte. Quanto mais envelhecia e se fortalecia, mais se tornava como a futura Valquíria. Mas quando percebeu que havia uma maneira de selar o próprio nome, de se certificar que nunca se transformaria no monstro que mataria os próprios pais, tudo isso mudara. Ela recuperara o controle e ansiava por ficar cada vez mais parecida com Tanith. Musculosa. Ágil. Eficiente.

Ela não precisava ser sócia da academia para conseguir isso, mas tinha sido legal da parte dos pais. Demonstrava que se importavam, sem tentarem interferir. Ela apreciava isso.

Eles saíram para fazer as visitas costumeiras. Todo Natal, ao meio-dia, a família por parte de mãe se encontrava na casa da avó de Valquíria, em Clontarf. Valquíria costumava detestar essa visita, mas agora adorava. Os primos eram muito mais interessantes do que quando eram crianças, e os tios e tias revelaram personalidades que todos os tapinhas na cabeça e apertões nas bochechas haviam encoberto ao longo dos anos.

A avó a lembrava um diabo da Tasmânia de cabelos prateados, girando de grupo em grupo para se certificar de que todos estavam se divertindo ou pelo menos tinham um prato de papel com comida nas mãos. Valquíria conversou e riu com naturalidade, se sentindo uma menina de 16 anos normal.

Depois de uma hora de diversão, chegou a parte ruim. Eles pegaram o carro para visitar a família por parte de pai. Encontraram lugar para estacionar na rua e andaram como prisioneiros condenados até o jardim que levava à porta da frente.

— Bate na porta — disse a mãe de Valquíria.

O pai balançou a cabeça.

— Não quero.

— É a *sua* família.

— Não posso bater. Não tenho mãos.

— Stephanie, você seria uma boa menina e bateria na porta, por favor?

Mas Valquíria estava ocupada fingindo que era surda.

A mãe suspirou, disse um “está bem” e ergueu o punho. Então hesitou. Abaixou a mão.

— Será que sentiriam nossa falta? — se perguntou.

— Não — disse o pai de Valquíria imediatamente.

— Provavelmente está cheio lá dentro — prosseguiu a esposa. — Seria bem difícil conseguirmos ver alguém. Poderíamos ficar lá por uma hora sem conseguir passar por metade das pessoas. Duvido que sequer notariam a gente.

— Deveríamos ir para casa e esperar o peru ficar pronto.

Então a porta se abriu, e Beryl olhou para eles, acabando com todas as esperanças

de fuga.

— Feliz Natal — disse Beryl, a boca se contorcendo num sorriso rígido. — Não vão entrar?

Valquíria deixou os pais entrarem primeiro, e arrastou os pés atrás deles. O calor na sala de estar estava a toda. Isso, junto ao ar quente que os convidados reunidos emitiam, provavelmente estava fazendo um buraco na camada de ozônio. Havia alguns Edgley ali, mas a maior parte da multidão era da família de Beryl, os Mullan. Eles falavam muito e alto, e Valquíria supôs que essa parcela dos adultos já estava à beira da embriaguez.

Ela se dirigiu a uma abertura em meio à multidão perto da árvore de Natal, que estava decorada de forma espalhafatosa, com luzes e guirlandas de cores diferentes. Não era uma árvore particularmente grande, nem particularmente bonita. Era torta e não tinha aquele formato perfeito de árvore de Natal que o pai sempre conseguia achar, por mais tardiamente que fosse comprá-la.

Carol e Crystal abriram caminho pela multidão, praticamente caindo em cima dela.

— Oh — disse Carol.

— Ah — disse Crystal.

Perfeito.

— Feliz Natal — disse Valquíria.

Elas responderam algo do gênero, com tanto entusiasmo quanto Valquíria conseguira reunir. Estavam tão diferente desde a última vez em que as vira. Estavam com quase 19 anos, e Carol estava mais pesada; parecia que tinham envolvido seu corpo com material isolante e a largado para vagar por aí. O vestido dela fora pensado para pegar o máximo possível daquele peso a mais e empurrá-lo para a frente. O resultado provavelmente não foi o que ela esperava.

A gêmea tinha ido pelo caminho inverso. Pelo que a mãe de Valquíria dissera, Crystal se tornara obcecada por contar calorias e pulava de uma dieta para a outra, gradualmente ficando cada vez mais magra. Estava à beira de perder qualquer forma que não fosse a de tábua. Carol ainda era loira de farmácia, Crystal estava com o cabelo vermelho, e nenhuma das duas parecia saudável.

— Vocês parecem bem — mentiu Valquíria.

Carol assentiu, Crystal soltou um grunhido, e Valquíria se preparou para a chuva de comentários sarcásticos.

Em vez disso, Carol suspirou e disse:

— Ganhou alguma coisa legal?

— Hã... Na maior parte, roupas. Vocês?

— O mesmo. Também ganhamos dinheiro.

— Meu pai disse que vai comprar um carro para a gente — acrescentou Crystal.

— Assim que a economia der uma melhorada, ele falou.

— Entendi — disse Valquíria. — Vocês sabem dirigir?

— Tipo, agora? Não. Mas quando tivermos o carro, vamos ter um motivo para aprender.

— Faz sentido. Como anda a faculdade?

— Chata — disse Crystal.

— Não é tão ruim — disse Carol.

Valquíria assentiu. Não fazia ideia do que dizer. Elas nunca haviam conversado por tanto tempo sem trocar insultos antes. Então reparou nos olhares que as primas recebiam dos outros primos. Eles davam risinhos abafados e desdenhosos bem às costas delas. As gêmeas estavam fazendo o possível para ignorar e se concentrar na única pessoa que não estava tirando sarro delas.

Valquíria sentiu uma necessidade súbita, e um tanto surpreendente, de protegê-las, então colocou um grande sorriso no rosto e se obrigou a puxar conversa. Ela riu e brincou e basicamente agiu como se Carol e Crystal fossem as duas pessoas mais interessantes do universo.

Foi uma atuação e tanto.

Quando chegou a hora de ir, ela se despediu e abraçou as gêmeas, prometendo que as encontraria em breve, então permitiu que os pais a arrastassem para fora da casa. Eles a encararam enquanto andavam até o carro.

— Melhor nem perguntar — suspirou Valquíria.

Eles chegaram em casa, e Valquíria ajudou a mãe com o peru, o presunto e as batatas assadas enquanto o pai acendia a lareira. Eles se sentaram para o jantar de Natal, abriram os tradicionais biscoitos e contaram as piadas horríveis que encontraram dentro das embalagens. Valquíria estava cheia depois do jantar, então recusou o bolo. Seu telefone tocou, e ela foi para a cozinha atender.

— Estou falando com Valquíria?

Era uma voz de mulher, soava muito distante, e a linha estalava.

— Isso — disse Valquíria. — Quem é?

— Nye está pronto para você.

Era a banshee. Valquíria franziu a testa.

— O quê? *Hoje?*

— Sim. Hoje. Agora.

— Mas é Natal.

— O doutor Nye liberou um horário para você. A não ser que tenha...

— Não — disse Valquíria rapidamente —, não, tudo bem. Eu posso. Aonde devo ir?

— Irão buscá-la — disse a banshee.

— Onde?

— Onde quer que você esteja. Você tem precisamente dez minutos.

A banshee desligou. Valquíria se sentiu enjoada. Avisar com alguma antecedência teria sido legal. Já era ruim o suficiente ter que abandonar os pais no dia Natal, mas precisava ser o dia em que ia morrer? Tudo bem, não era morte permanente. Pelo menos ela esperava que não. Subitamente, ficou contente por estar acontecendo tão de repente. Se tivesse tido tempo de considerar todas as possibilidades, talvez não seguisse adiante com o plano.

Ela voltou para perto dos pais. Estavam sentados à lareira, conversando. Se algo desse errado, se Nye a matasse e não conseguisse revivê-la, essa seria a última vez em que os veria. Ela abraçou o pai e depois a mãe.

— Obrigada pelo Natal incrível — disse ela.

— Omn — disse a mãe —, de nada, meu amor.

— Vou deitar um pouquinho — disse Valquíria. — Acho que comi demais.

— Aquela inscrição na academia de repente começou a parecer uma boa ideia, hein? — O pai deu uma piscadela.

Ela sorriu e se afastou, e, no instante em que saiu da sala, o sorriso desapareceu. Tinha muita prática na arte de silenciar a parte dela que se sentia triste por coisas assim. Isso agora acontecia naturalmente; ela sentiu a muralha se erguer e não tentou impedi-la. Subiu as escadas até o quarto e ligou para Ardiloso.

— Não posso encontrar com você mais tarde — disse ela.

— Ah — Foi a resposta. — Que pena.

— É. Tem uma coisa de família e todos nós vamos. Espero que não aconteça todo ano, mas eu não podia me recusar a ir.

— É claro que não. Bom, talvez eu passe aí mais tarde, durante a noite.

— Não sei bem quando vamos voltar — disse Valquíria, se sentindo horrível mais uma vez. — Que tal assim: se eu voltar em um horário decente, te aviso. Pode ser?

— Claro, tudo bem. Seu dia foi bom até agora?

Ela engoliu em seco.

— Foi ótimo. Está tudo ótimo.

— Até suas primas?

— Surpreendentemente, sim. Realmente preciso ir.

— Tudo bem, então. Feliz Natal.

— Ardiloso?

— Sim?

Valquíria hesitou, um emaranhado de palavras em sua língua.

— Sou muito feliz por sermos amigos. — Acabou dizendo.

— Eu também, Valquíria.

— Tchau.

Ela ligou para Fletcher e disse que não poderia vê-lo. Ele quis saber por que não

podia simplesmente aparecer, entregar o presente dela e sumir. Ela não falou que não queria vê-lo. Podia mentir ao telefone, quando não estavam cara a cara.

— Tá bom — disse ele, soando irritado. — Não vou passar aí.

— Mas amanhã — disse ela —, quero um encontro.

— Um o quê?

— Um encontro. Acho que devíamos sair.

— Sair para onde?

— Quero ir dançar.

A voz dele ficou cética.

— Sêrio?

— Tem uma boate em Skerries que faz uma coisa estilo discoteca todo Natal para menores de 18. Só quero me divertir com você. Nunca conseguimos fazer coisas normais e não vamos viver para sempre, sabe? Acho que devíamos encher as nossas vidas de coisas normais agora, enquanto ainda podemos.

— Está tudo bem, Val? Você está soando bem... mórbida.

— Vai me levar para dançar ou não?

Ele soltou um suspiro exagerado.

— Tá bem.

— E também...

— Sim?

— Amanhã, eu acho que você deveria conhecer meus pais.

Pela primeira vez desde que ela o conhecera, Fletcher Renn estava surpreso demais para falar.

Valquíria desligou o telefone, tirou a roupa e tocou o espelho. O reflexo saiu e começou a colocar as roupas que Valquíria acabara de tirar, enquanto a verdadeira vestia o uniforme preto.

— Você vai morrer — disse o reflexo, enquanto se vestia.

— Eu sei — respondeu Valquíria, irritada.

— Talvez nunca volte.

— Você sabe o que fazer se isso acontecer.

O reflexo assentiu.

— Assumir a sua vida. Ser uma boa filha. Me certificar de que nossos pais sejam felizes.

Valquíria ergueu os olhos.

— O que você disse?

— Como?

— Você disse “me certificar de que nossos pais sejam felizes”.

— Eu disse “me certificar de que *seus* pais sejam felizes”.

— Você disse *nossos*.

— Ah, deve ser alguma outra falha. Não fui feita para ser tão usada, como você sabe. Tem mais alguma instrução para mim?

Valquíria olhou para a coisa. Seria uma cópia absolutamente perfeita se não fosse pelo fato de que ela duvidava que seu próprio rosto já tenha parecido tão inocente. Ela colocou a jaqueta e foi abrir a janela.

— Só fique aqui em cima por meia hora.

— Ok. Feliz Natal.

Valquíria deslizou janela afora e se deixou cair. Ela aterrissou suavemente e correu para longe de casa.

Desceu até o píer, checkou as horas no celular e olhou em volta, à procura de quem quer que viesse buscá-la.

Valquíria não gostava do fato de que a banshee aparentemente sabia onde ela morava. Haggard era um porto seguro, um refúgio, e as vezes em que sua outra vida invadira esse lugar a perturbaram mais do que qualquer outra coisa. Crepúsculo liderara um pequeno exército de Infectados para lá — foi precisamente naquele ponto em que ela finalmente conseguira se livrar deles. Remus Crucial visitara Haggard duas vezes: na primeira para prendê-la, na segunda para tentar matá-la. Essas invasões eram imperdoáveis aos seus olhos.

Ela ouviu um som de cascos e se virou quando a impressionante Carruagem do Silêncio se materializou na frente dela.

— Ah, que inferno — disse Valquíria.

Os cavalos sem cabeça empinaram ao parar. O condutor, o Dullahan, deu um último puxão nas rédeas, e os cavalos se aquietaram. Os corpos eram luzidios, musculosos e lindos. Eles eram gigantes — as costas na altura dos olhos de Valquíria — e soltavam vapor contra o ar frio da noite. As cabeças haviam sido cortadas na metade do pescoço, e agora que estava perto o suficiente, Valquíria pôde ver que não fora um corte preciso. Ela viu entalhes, rasgos e tentativas malsucedidas, evidências de uma serragem irregular. Os ferimentos não haviam se curado, mas também não estavam gotejando sangue.

O Dullahan não desceu. Sequer deu qualquer indicação de que sabia que ela estava ali. Será que podia vê-la? Será que pessoas sem cabeça enxergavam?

Então a porta da carruagem se abriu, e um único braço pálido surgiu de dentro da escuridão. A mão a chamou, o dedo se curvando lentamente.

Valquíria deu um passo para a frente, com as pernas instáveis, e esticou o braço para segurar a mão.

NYE

A mão estava fria ao toque. Outra apareceu, segurando o pulso de Valquíria com suavidade. Então outra, se fechando em torno da manga, e outra, e a cada mão que a segurava, Valquíria era puxada um pouquinho mais para perto da porta aberta. Ela pôs um dos pés no degrau e se ergueu do chão, ouvindo um som como o de um suspiro quando as mãos a guiaram para dentro.

Valquíria ficou sem ar. Seus pulmões se encheram de frio. O sangue desacelerou em suas veias conforme seu coração parava de bater. Ela não sentia mais o peso das roupas contra a pele. Estava sentada no banco de trás, uma coisa morta agora, sem sentir nada, e sua mente ficou entorpecida.

Não havia calor na carruagem. Três pessoas estavam sentadas a sua frente, olhando-a com olhos vazios. Uma parte dela se perguntou por um instante aonde todos os outros tinham ido. Ela esperara, afinal, uma carruagem cheia de mortos. Mas não, só havia esses três, e essa vaga curiosidade se esvaiu de sua mente antes que ela pudesse fazer qualquer pergunta.

Ela desviou o olhar. Não se importava com o que vestiam ou com a aparência deles. Um homem e duas mulheres, foi tudo o que viu antes de perder o interesse. A carruagem partiu, balançando pelo solo irregular. Os assentos eram de couro vermelho desbotado. Ela abriu a cortina negra com uma mão tão pálida que estava se tornando azul, então olhou para o próprio reflexo na janela e viu o rosto de um cadáver, emoldurado pelo cabelo escuro.

Tirou a mão, a cortina caindo de volta no lugar. Ela ficou ali no assento de couro vermelho, diante de três pessoas mortas, e o embotamento em sua mente foi ficando mais denso e pesado, como um cobertor que sufocava os pensamentos logo depois que nasciam.

E o tempo fez o que o tempo faz — passou.

O olhar inexpressivo de Valquíria estava no sapato de um colega de viagem quando ela se deu conta de que a carruagem estava parando. Ela obrigou o olhar a se erguer para a janela, mas as cortinas ainda estavam fechadas, e ela não sentiu o desejo de abri-las agora. A porta à sua direita se escancarou, e os três mortos saíram sem falar. Se movendo sem energia, ela os seguiu.

Estavam em um tipo de armazém. Estava tão frio ali quanto estivera na carruagem. O Dullahan estava esperando por ela, e ela o seguiu, afastando-se dos outros até chegar a uma sala ocupada por mesas. A cabeça de uma mulher piscou para ela de onde estava, ao lado de um corpo sem membros. Pessoas mortas, em diversos estados de dissecação, encontravam-se penduradas em ganchos e grandes pregos de ferro nas paredes. Eles a olhavam quando ela passava, mas não emitiam som algum.

O Dullahan parou diante de uma criatura vestida com um avental encardido, os braços e pernas impossivelmente longos, inclinada sobre um cadáver em cima de uma mesa. A criatura girou a cabeça quando Valquíria se aproximou. Ao redor da máscara cirúrgica, ela pôde ver a palidez oleosa da pele. As sobrancelhas eram perfuradas por pedacinhos quebrados de fio preto, e as pupilas, pequenas e amarelas.

A criatura guardou a faca que estivera usando para cutucar o interior do cadáver e puxou a máscara para baixo. Tinha uma grande cicatriz onde o nariz deveria estar, e uma boca que, assim como os olhos, um dia havia sido costurada, mas agora estava aberta para ela em um sorriso parecido com uma ferida exposta.

— Estive ansiando por este momento — disse a coisa, a voz de um tom agudo e ofegante. Era impossível dizer se esta criatura era masculina ou feminina. — Sabe quem sou eu?

Valquíria assentiu.

— Seu nome é Nye. — Sua voz soou estranha para ela mesma.

— De fato. Sou a única coisa viva neste lugar. Sabe o que isso me torna? — A criatura não esperou uma resposta. — Isso me torna *melhor* que você.

Valquíria não disse nada. Nada disso importava.

Nye olhou para o Dullahan, e irritação cintilou no rosto da criatura.

— Eu sei, droga. Eu vou. Bem, não *vou* sair da linha, vou? Eu aprendi minha lição!

Parecendo satisfeito, o Dullahan se virou e saiu.

— Mas só para ter certeza — gritou Nye atrás dele —, se ela não sobreviver, posso ficar com as sobras, não é?

O Dullahan não diminuiu o passo.

Quando ele se foi, Nye endireitou a coluna, a cabeça quase tocando as luzes penduradas no teto. Ele olhou para a menina.

— Você está aqui para selar seu nome verdadeiro — disse. — Não é fácil, sabe? Não são muitas as pessoas que descobrem qual *é* o nome verdadeiro delas, então gente como eu não consegue praticar muito. O que a banshee contou?

— Disse que eu precisaria morrer — respondeu Valquíria.

— O que você já fez. — Nye assentiu. — Você morreu na Carruagem do Silêncio

e estará morta até sair deste lugar e a vida voltar a você. Ela disse mais alguma coisa?

— Que você precisa me operar.

Aquele sorriso de ferida aberta novamente.

— Sim. É um procedimento delicado, no qual preciso entalhar três símbolos no seu coração de uma maneira impossivelmente precisa. Eu perguntaria se você está preparada para aceitar esse risco, mas sinceramente não me importo. A verdade é que você está morta e está aqui, então seu livre-arbítrio está meio comprometido, não é mesmo? Você não está pensando com muita clareza. Ainda que mudasse de ideia agora, eu prosseguiria com a operação, e você não poderia me impedir. Faz anos que não faço isto, então estou um tanto curioso para saber se consigo terminar sem matá-la para sempre. Agora dispa-se, por favor.

Valquíria não conseguiu pensar em nenhum contra-argumento, então fez o que a criatura mandara enquanto Nye limpava seus instrumentos em trapos velhos e os dispunha em uma pequena bandeja. Quando ela terminou, deitou-se em uma das mesas, à qual Nye amarrou firmemente seus pulsos e tornozelos. Cuspiu na lâmina do bisturi e olhou para ela.

— A única coisa realmente trágica disto tudo — disse a criatura — é que você não vai sentir nada da enorme dor à qual estou prestes a submetê-la.

Nye pressionou a ponta do bisturi contra o ombro de Valquíria e cortou a pele dela até chegar no esterno. O sangue, sem nenhum motor para o bombear, escorreu preguiçosamente.

— Isto deve ser excruciante — comentou Nye, a voz deformada pelo esforço conforme continuava o corte até a barriga. — Se você estivesse viva agora, estaria gritando. Me implorando para parar. Vou abrir suas costelas em um minuto, e isso *definitivamente* seria doloroso.

Nye deu um passo para trás, repousando o bisturi e sacudindo bem a mão, como se estivesse se livrando de uma cãibra.

— Isso não foi fácil — disse a criatura. — Você tem uma quantidade impressionante de músculos em torno do abdômen.

Valquíria não queria ver isso — não queria ver o que Nye estava fazendo com ela. Tentou dizer, mas não tinha energia para falar. Nye a encarou, e os olhos da criatura se arregalaram, como se tivesse compreendido.

— Oh, céus! — disse Nye de repente. — Oh, você está mesmo certa! Estou sendo *pouquíssimo* profissional! — Nye parou por um momento para ajeitar a máscara cirúrgica, colocando-a de volta no rosto. — A higiene é a coisa mais importante numa mesa de operações. Sinto muitíssimo.

Nye afastou as abas de carne da parede torácica, e Valquíria olhou para baixo quando seus músculos se separaram com a facilidade de um zíper sendo aberto.

— Algumas pessoas usam uma serra elétrica para as costelas — prosseguiu Nye —, mas eu acho isso um tanto insatisfatório. — Ele ergueu uma enorme tesoura de poda, do tipo que Valquíria teria encontrado no galpão do jardim de casa. — E isto aqui é muito mais eficaz.

Valquíria fechou os olhos enquanto Nye se inclinava novamente. Ela ouviu um estalo alto e olhou em volta, esticando o pescoço, vendo todos os mortos nas paredes ao redor dela. Nenhum deles parecia se importar com o que estava acontecendo. Houve um segundo estalo, e, quando ela olhou para si mesma de novo, Nye estava afastando o esterno do corpo.

— Quase no coração — disse Nye. — Agora, eu *vou* ter que removê-lo para poder entalhar alguns símbolos, o que vai levar um tempo, mas estou um tanto confiante de que vou conseguir ligar de volta todas as artérias necessárias e tudo o mais depois. Cirurgia cardíaca não é cirurgia *cerebral*, afinal de contas — acrescentou ele com uma risadinha. — Um pouquinho de humor médico para você.

Ele voltou a trabalhar, e Valquíria ficou ali deitada, sabendo que deveria estar desesperada de dor, mas ainda assim incapaz de escapar do entorpecimento que se instalara em sua mente.

Nye ergueu o coração do peito dela e o mostrou à menina.

— Me perdoe por não fazer nenhuma piada sobre como roubei seu coração — disse ele. — Temo ter gastado todas elas nos pacientes anteriores. Fique tranquila, foram todas adequadamente mórbidas e sagazes.

Valquíria observou o coração ser depositado em uma bandeja ao lado das tesouras de poda. Os olhos amarelos de Nye se estreitaram conforme ele sorria por baixo da máscara.

— Pronto — disse a criatura. — Não foi tão ruim afinal, foi? Não deixei nada cair. Não perfurei os rins ou enfiei o dedo num pulmão. A primeira parte da operação, acho que você vai concordar, foi um inegável sucesso. E agora é hora do jantar.

Nye se virou e se afastou com suas pernas impossivelmente longas, deixando Valquíria amarrada à mesa.

EM BUSCA DA ALMA

Nye voltou uma hora depois e colocou o coração de Valquíria em um torno. Ela observou o torno sendo apertado, e uma parte de sua mente começou a gritar, temendo que o coração se rompesse. A mão de Nye se afastou do torno, e ela relaxou, voltando ao atordoamento que a morte trouxera. Nye falou com ela enquanto segurava um bisturi sobre uma chama, contando sobre suas glórias passadas, sobre a vida que tivera fora daqueles aposentos. As palavras não significavam nada para Valquíria, esquecidas assim que chegavam aos seus ouvidos.

Nye se inclinou por cima do torno e pressionou suavemente o bisturi, vermelho de tão quente, contra o coração. Havia um livro aberto ao lado dele, e, antes de cada traço, Nye consultava as páginas, medindo o comprimento e a largura dos símbolos ali detalhados, calculando a profundidade. O bisturi foi do coração para a chama, então novamente ao coração. De novo, e então mais uma vez, o procedimento foi repetido. Leves fios de fumaça se erguiam das linhas traçadas. Valquíria podia ouvir o chiado suave da carne.

Uma hora. Foi o tempo que Nye levou para terminar o primeiro símbolo. O segundo, um desenho mais simples, levou metade do tempo, mas o terceiro levou o dobro.

— Uma vez que este coração esteja dentro de você de novo — disse Nye, os olhos amarelos fixos em seu trabalho —, e uma vez que comece a bater novamente, estes símbolos farão parte de você. Compreende? Está entendendo alguma coisa do que estou dizendo? Os mortos aqui têm uma inteligência tão limitada.

Valquíria grunhiu.

— Ah, que bom, você *consegue* me entender. Quando sair daqui, vai ser a *dona* de seu verdadeiro nome, em vez de ele ser dono de você. Armada desse conhecimento, poderá fazer grandes coisas. Pode ser a feiticeira mais notável que este mundo já viu. — Nye a olhou de relance. — Ou pode ser a mais terrível.

A porta se abriu, e o olhar de Nye voltou ao coração quando o Dullahan entrou, com passadas largas.

— Quase acabando! — gritou Nye. — Não posso correr com coisas assim, sabe? Um corte errado, uma parte de um símbolo fina ou grossa ou profunda ou rasa

demais, e não vai mais funcionar! Eu sou um profissional e não posso ser apressado!

O Dullahan ficou parado, e Nye endireitou a coluna, desenroscando o longo corpo.

— Oh — disse ele, em resposta ao que quer que o Dullahan estivesse dizendo silenciosamente. — É claro. Não, não, entendo completamente. Seus deveres o levam a outro lugar. Você é um homem ocupado, afinal de contas. Não tema; quando a operação estiver completa, vou mandar esta garota embora, de volta ao mundo dos vivos. É claro que não. Eu não sonharia com tal... Ora, ouça bem, como eu já disse anteriormente, essas experiências já acabaram, e você *sabe* disso. Deixei para trás essa parte da minha vida. Agora percebo que estava no caminho errado e... aprendi minha lição. Sim. Bom, se você não puder confiar no cirurgião, então em quem *pode* confiar?

Nye escutou por mais um momento, então assentiu gravemente, e o Dullahan se virou e saiu a passos largos. A porta se fechou atrás dele.

Nye voltou a atenção ao coração e não falou por quinze minutos.

Finalmente, se ergueu de novo.

— Pronto — disse. — E fiz um trabalho esplêndido, se posso dizer.

Ele retirou o coração do torno e o mostrou a Valquíria.

— Reparou na precisão? — disse ele. — Está vendo a habilidade artística? A própria Porcelana Tristeza não poderia ter gravado estes símbolos de um jeito melhor. Uma obra de arte, não concorda?

Nye puxou a máscara cirúrgica do rosto.

— Mas temo que eu não tenha boas notícias. O Dullahan foi chamado. Você pode ter me ouvido concordar em cuidar de você, em entregá-la de volta ao mundo dos vivos. Mas a má notícia, a verdadeira e infeliz notícia, é que estive mentindo o tempo todo.

Nye jogou o coração na bandeja ao lado da mesa, espalhando os instrumentos e fazendo-os tilintar.

— Ninguém vai saber que você não foi embora. Posso escondê-la em meio aos cadáveres aqui. Você nunca será encontrada. Vou dizer ao Dullahan, e até mesmo à banshee, se ela vier investigar, que eu me despedi e observei você ir embora. Quem vai saber o que pode ter acontecido com você depois disso? Pode estar jogada na sarjeta até onde sabemos.

Nye se inclinou por cima de Valquíria, o rosto a centímetros do dela.

— Você é minha agora — disse. — Você foi entregue a mim para me ajudar com a pesquisa. E ajudou. Todos esses corpos ao seu redor? Toda essa gente morta e muitos outros além deles? Todos me ajudaram. Todos *tentaram*, pelo menos. Mas você... estou com uma sensação boa a seu respeito.

A criatura se afastou com pompa, a passos largos e lentos. Valquíria virou a

cabeça para observá-la.

— O que sabe sobre a alma? — perguntou a criatura do outro lado do aposento ao tirar um pano de cima de um grande carrinho de instrumentos. — Eu apostaria que não muito, mas sem dúvida já a viu em diferentes formas.

Nye puxou o carrinho. As rodas rangeram, e as lâminas, serrilhas e pinças tilintaram.

— Fantasmas, Remanescentes, até essências, são formas que a alma pode assumir. Mas nenhuma delas é a forma *pura*.

O carrinho bateu com estrondo na mesa. As lâminas estavam incrustadas com sangue velho.

— A alma pura reside em algum lugar do corpo, em algum lugar onde não pode ser perturbada. Eu fui por eliminação até os lugares mais plausíveis, mas ainda não a encontrei. Sinto, no entanto, que estou à beira de uma descoberta revolucionária. — Ele pegou uma longa faca com serra. — Farei um favor para você. Vou dissecar seu cérebro por último. Assim, se eu encontrar sua alma no meio das vísceras ou dentro dos seus órgãos, você pode compartilhar, pelo menos em parte, meu momento de glória.

Nye puxou a máscara por cima da cicatriz do nariz.

— Isso vai fazer uma bagunça...

A COVA

As estradas rurais começavam macias e com vida antes de se estreitarem conforme se aproximavam de Roarhaven, por fim se transformando em pouco mais do que veias inanes, que serpenteavam através de uma paisagem morta e congelada. A cidade ficava enfurnada entre um lago estagnado de água suja, algumas árvores ressecadas que o margeavam, uma encosta de grama congelada e amarelada, e um matagal de tojos. A rua principal, se é que podia ser chamada assim, possuía a confusão de um punhado de lojas e estabelecimentos necessários para a sobrevivência, mas esta não era uma cidade que atraísse visitantes. Roarhaven era a cidade onde viviam os feiticeiros.

Tesseracto estacionou a caminhonete e foi para o trailer. Toda a sua vida estava neste trailer, firmemente protegida contra os rigores da estrada. Tudo estava preso por correias e fivelas e ferrolhos. A parede acima da mesa estava repleta de máscaras metálicas. Ele pegou uma, que tinha o cenho franzido e uma boca raivosa sob o nariz. Às vezes ele preferia as neutras, mas naquele dia desejou um pouco de expressividade.

Ele checou as agulhas em torno das bordas e, certificando-se de que nada estava emperrado, levou as mãos à máscara que estava usando. Ouviu-se um *fsss* quando as agulhas se retraíram e a máscara se soltou. Ele a retirou e olhou para seu rosto irregular no pequeno espelho. A cada dia as protuberâncias eram diferentes. Às vezes as bochechas se dilatavam, e a testa inchava. Outras, era o nariz que crescia, e o queixo que se projetava. Qualquer que fosse a forma como as protuberâncias se arranjassem, ele sempre ficava feio. As máscaras deixavam sua pele pálida e oleosa, e os ferimentos vermelho-vivos onde as agulhas penetravam formavam uma borda em torno do rosto, que secretava pus.

Mesmo enquanto se olhava, ele viu a própria carne apodrecer. Pressionou rapidamente a outra máscara contra o rosto, ouvindo as agulhas chiarem quando penetraram nos ferimentos. Ele sentiu o apodrecimento parar e retroceder, conforme o líquido das agulhas fazia seu trabalho. Salvando sua vida por mais um dia. Ele fez pequenos ajustes nas correias e saiu do trailer.

Uma mulher o esperava do lado de fora — Ceryen. Ela o guiou encosta acima

pelo leste da cidade, para o lugar onde o Tormento espiava por um grande buraco, cavado por um homem chamado Enxerto.

Tesseracto relatou tudo a Tormento, de maneira breve e sucinta. Tormento assentiu.

— Se quiser que eu continue — disse Tesseracto, quando terminou —, tenho certeza de que podemos chegar a um acordo. Uma tarifa de grupo, talvez. Artiloso Cortês, Valquíria Caos, Fenestor Enredo, Tanith Low, Medonho Reservado. E o teletransportador, se quiser.

— Temos planos para cuidar deles — disse o Tormento, com um aceno. — Nosso contrato com você está concluído.

Tesseracto ficou decepcionado, mas não insistiu no assunto. Ele era um profissional, afinal de contas.

— Nesse caso, falta apenas o meu pagamento.

— É claro — disse o Tormento, mas não se mexeu.

Algo fez a pele de Tesseracto formigar, e ele virou a mão, vendo uma minúscula aranha branca subir por sua manga. Uma das aranhas de Madame Névoa, se seus arquivos estavam corretos. Tesseracto sentiu calor, e sua língua pareceu pesada.

— Você entrou numa briga de bar — disse o Tormento. — Não há nada de errado nisso. E você conseguiu a informação de que precisava para completar sua missão. Infelizmente, os homens que matou eram cidadãos de Roarhaven.

Tesseracto tentou esticar o braço até ele, mas não conseguiu se mover. Ele oscilou sobre os pés, instável.

— Eu particularmente não me importava com esses homens. Eram irritantes e brigões. Mas se pretendemos controlar esta cidade, precisamos seguir as regras dela. Você tirou as vidas de magos de Roarhaven. Então tiraremos a sua.

O Tormento se afastou. Tesseracto viu Ceryen pelo canto do olho. Nem conseguia mais mover a cabeça. Sentiu a mão da mulher no ombro, e ela o empurrou. Ele caiu para a frente, para dentro do buraco, da cova, aterrissando numa posição retorcida, com a orelha direita pressionada contra a terra fria e úmida.

— Ok — veio a voz de Ceryen acima dele —, pode fechar.

— Tem duas pás — ouviu Enxerto murmurar. Uma chuva de terra tamborilou contra as costas de Tesseracto.

— Eu sou o cérebro — respondeu Ceryen. — Você é o músculo.

— O cérebro de quê exatamente? Escavação de buraco? Eles realmente deram uma responsabilidade e tanto para você, não foi?

Outro punhado de terra caiu, mais pesado que o anterior.

— Na verdade, deram sim — disse Ceryen. — Acha que isto é apenas cavar um buraco? Fechar o buraco? Não é. Isto é se livrar das provas. Se fosse apenas o serviço de cavar um buraco, você teria sido capaz de lidar com ele sozinho, não é

mesmo? Não precisaria de supervisão.

— Eu *não* preciso de supervisão — respondeu Enxerto. — Preciso de alguém usando aquela segunda pá.

Cada último pingo de sensação estava abandonando o corpo de Tesserato. Ele precisou de toda a força que ainda tinha para virar minimamente a cabeça e conseguiu passar a olhar para baixo, o queixo encostado no peito. Então não conseguiu mais.

— Sabe qual é o seu problema? — dizia Ceryen. — Você reclama demais.

A terra caía tamborilando contra a nuca de Tesserato.

— Não reclamo — disse Enxerto.

— Reclama, sim. Você acha que deveria estar no comando. Acha que o caminho óbvio é o certo. Não tem ideia de tática ou estratégia.

— É um buraco, Ceryen. Qual é a estratégia aqui, a não ser cavar?

A voz de Ceryen saiu desdenhosa:

— Conseguir que alguém cave para você.

Alguns momentos se passaram, e Enxerto disse:

— Odeio você.

Outro punhado de terra caiu, e outro, e as vozes deles foram ficando abafadas conforme enterravam Tesserato vivo.

A GAROTA MORTA

Valquíria fora deixada na semiescuridão.

Nye não estava ali. Ele fora para a cama. Valquíria não se importava. Ficou ali, deitada na semiescuridão, com o coração fora do corpo.

Seu olhar oscilou pelo teto. As luzes principais estavam apagadas, e apenas pedaços do aposento eram visíveis. Os corpos nas paredes não passavam de formas. Os olhos de Valquíria absorveram as formas dos cadáveres, a geometria da sala, as mesas e carrinhos. Então ela fechou os olhos, e, quando os abriu, Ardiloso estava de pé diante dela.

— Estou aqui para resgatá-la — disse ele. Estava todo vestido de preto. Até a camisa dele era preta. — Consegue me entender?

Valquíria assentiu. A esperança nasceu e floresceu.

— Que bom — disse ele. — Lembra de quando você me resgatou dos Sem-Rosto? Você chegou e me arrastou de lá. Estou devolvendo o favor, porque é isso que os parceiros fazem. — Ela esperou que começasse a desafivelar as correias que a prendiam. Em vez disso, ele inclinou a cabeça. — Aliás, por que está aqui? Este é um lugar estranho para se estar.

Eles não tinham tempo para isto. Nye voltaria logo.

— Veio aqui para ser operada? — perguntou Ardiloso. — Por que precisaria de uma cirurgia? O que há de errado com você? Por que está toda aberta assim? Por que seu coração está ali?

— Por favor... — sussurrou ela.

— Por favor? Por favor o que? Por favor me ajude? Por que eu ajudaria você? Você vai me matar.

Valquíria balançou a cabeça. Isso não estava certo.

— Não...

— Sim, você vai. Você vai me matar, Valquíria. Você vai matar *todo mundo*. Por que eu deveria ajudá-la? Algum de *vocês* pode me dar um motivo?

Os pais dela estavam do outro lado da cama. Ela não sabia como tinham chegado ali.

— Minha Stephanie não mataria ninguém — disse a mãe para Ardiloso.

— A *minha* Stephanie mataria — disse o pai, tristemente.

A boca de Valquíria estava seca quando disse:

— Estou impedindo que isso aconteça.

— Podemos assumir esse risco? — disse a mãe. Ela acariciou a barriga, que estava enorme. — Tenho outro filho a caminho. Uma criança melhor. Melhor que você. Não podemos arriscar que a machuque.

— Acho que devíamos atirar nela. — Valquíria ouviu a própria voz dizer. Seu reflexo estava ao lado de Ardiloso, vestido com as roupas que Medonho fizera para ela, só que cor-de-rosa. — Por que precisamos dela? Posso ficar no lugar.

Isto estava errado. Não era real. Não fazia sentido.

— Mas você não pode fazer magia — disse o pai de Valquíria.

— Eu acho que isso é uma coisa boa — respondeu o reflexo. — Valquíria pode e vai aniquilar o mundo, se Ardiloso não atirar nela.

— Quem é Valquíria? — perguntou o pai.

— Stephanie — respondeu o reflexo.

— Ah — disse o pai.

— Ela está certa — disse Ardiloso, e sacou a arma. — Vou ter que atirar em você, Valquíria.

— Não é real — murmurou ela.

— Como?

Valquíria focou o olhar num ponto específico do teto. Quanto mais o encarava, menos definidas se tornavam as figuras ao seu redor. Sua mãe e pai desapareceram. O reflexo sumiu lentamente. Apenas Ardiloso permaneceu.

Estava tudo na cabeça dela.

— Você está certa. — Ardiloso assentiu.

Ela o ignorou e a arma que ele segurava.

— Não pode me ignorar para sempre — comentou ele. — E não vou atirar em você. Balas imaginárias são incrivelmente ineficientes contra... contra qualquer coisa, para dizer a verdade. Não vou vir buscar você, sabe. Ninguém vai vir resgatá-la. Você se colocou nessa confusão, e depende de você sair dela.

Ardiloso recolocou a arma no coldre e desapareceu, deixando Valquíria sozinha de novo.

Não.

Ela se agarrou àquilo, à esperança momentânea que se espalhara por ela. Ela se agarrou a ela antes que se dissipasse e sua mente voltasse ao estado embotado de não existência. Por quanto tempo ela ficara deitada ali daquele jeito, sem que um pensamento entrasse em sua cabeça? Mesmo então era uma luta manter a mente remotamente acordada. Ela precisava se libertar. Precisava fugir.

O corpo estava entorpecido. Ela não conseguia sentir o ar ao seu redor ou saber

como os espaços se conectavam. Ela estalou os dedos e não conseguiu sentir a fagulha — não era capaz de se concentrar o suficiente para transformá-la em uma chama. O anel de Necromante estava na jaqueta dela, na pilha de roupas sobre a mesa ao lado. A magia não iria salvá-la. Não ali.

Nye deixou a faca de serra ao lado do joelho de Valquíria, mas estava longe demais para que conseguisse alcançá-la. O carrinho, por outro lado, ainda estava bem do lado dela, e sobre ele estavam todos os instrumentos que haviam sido usados para abri-la e futucar seu interior.

Ela lutou contra a correia que prendia seu pulso esquerdo, e seus dedos se esticaram até a ponta do bisturi. Ela encostou nele, e o instrumento se moveu, então encostou de novo, e, de repente, ele estava ao seu alcance. Ela fechou as pontas de dois dedos ao redor do bisturi e o puxou lentamente do carrinho. Mas seus dedos entorpecidos não tinham uma pegada forte o suficiente, e o bisturi caiu no chão.

A raiva perpassou sua mente, e ela a segurou ali, se recusando a deixá-la ir, a permitir que a apatia retornasse.

Ela estendeu a mão para o carrinho e o sacudiu como pôde, tentando mover alguma outra lâmina para mais perto. Mas os instrumentos só chacoalharam e se moveram para mais longe ainda. Ela segurou bem a ponta do carrinho e o puxou, num esforço para virá-lo. O carrinho se inclinou por um momento, então escapou da mão dela, voltando a ficar sobre as quatro rodas com um estrondo e batendo contra a grande luminária que Nye estivera usando por cima da cabeça. A luminária tombou, atingindo a mesa e escorregando na direção do chão. Valquíria tentou pegá-la. A luminária atingiu o piso, e Valquíria olhou para baixo, percebendo que estava segurando o fio de eletricidade da lâmpada.

Ela conseguira alguma coisa. Agora tinha que pensar com clareza o suficiente para definir se aquilo podia servir para algo.

Puxou o fio, então cuidadosamente percorreu mais um pouco dele com os dedos e puxou de novo. Repetiu o exercício lentamente, até que tivesse um laço de fio por cima da barriga. O laço chegou à outra mão, e os movimentos dela foram ficando mais confiantes. Ela puxou o fio até ele se retesar, e então deu um puxão mais forte.

Ela ouviu o plugue sendo arrancado da tomada e o puxou pelo chão. Ele se enroscou duas vezes, provavelmente nas pernas das mesas, mas Valquíria conseguiu soltá-lo e continuou puxando. Ela não soube quanto tempo levou, quantos segundos ou minutos — toda a sua concentração estava em tal tarefa. Então o plugue estava em sua mão. Ela o soltou, deixou que ficasse pendurado por um longo pedaço de fio, ao lado da mesa. Então começou a girar o pulso.

O plugue girou em um círculo amplo. Antes de soltá-lo, ela se certificou de que uma parte estava amarrada na outra mão. Então o largou, e o plugue se ergueu pelo ar e atingiu a perna dela. Ela o puxou de volta. Ele encostou na faca de serra, depois

caiu pela beirada da mesa.

Valquíria o puxou de novo para a mão, girou novamente e o largou uma segunda vez. O plugue aterrissou do lado da faca de serra, e quando ela o puxou, a faca se moveu um pouco antes de o plugue passar por cima dela.

Ela tentou uma terceira vez e errou feio.

Da quarta vez, a faca ficou mais perto da mão dela.

Foram necessárias oito tentativas até a faca estar em sua mão. Valquíria segurou o cabo de maneira que a lâmina pressionasse a correia em seu pulso. Começou a serrar. Primeiro, a borda da serrilha ficou presa na correia, e cada movimento era um puxão descoordenado. Mas em seguida a lâmina encontrou tração, e Valquíria achou seu ritmo, começando a cortar a amarra.

Seu olhar vagava enquanto ela cortava, das paredes para o teto, parando atônito em uma lâmpada de baixa voltagem do outro lado da sala. Na penumbra, era brilhante como o sol.

Ela olhou para a lâmpada.

A luz tremeluziu, e Valquíria franziu a testa, incapaz de se lembrar quanto tempo passara olhando aquilo. Obrigou o olhar a se afastar e voltou para a mão. Ainda segurava a faca, mas não estava mais cortando.

Ela rangeu os dentes, a raiva se inflamando e afastando o atordoamento. Ela se concentrou na lâmina e na correia. Nada mais importava. Não havia mais nada no mundo além da lâmina e da correia.

Então a faca atravessou a corda, e a mão dela estava livre.

Valquíria soltou a faca e ergueu a mão livre até o outro lado para desfazer as amarras da mão direita. Com ambas as mãos livres, ela se sentou e esticou os braços para soltar os tornozelos. Estava livre.

Se movendo lentamente, ela girou as pernas para fora da mesa e se levantou. Havia uma bandeja ali perto, repleta de curativos. Ela pegou uma atadura e envolveu o torso, dando várias voltas, e então andou, instável, até a pilha de roupas. Se vestiu lentamente, sem sentir nenhum tipo de conforto ou alívio. Pegou o telefone, mas estava sem sinal.

Valquíria foi até a porta e a abriu, entrando em um corredor. Não fora por ali que entrara, mas continuou andando de qualquer jeito. Só queria ir embora. Não importava como.

Passou por uma sala onde cada lâmina já forjada estava pendurada por pregos enferrujados, e outra sem nada além de cabeças em jarros, que olhavam boquiabertas enquanto a garota passava. Um terceiro quarto estava vazio, as paredes manchadas de sangue.

Ela chegou a um salão grande, foi até a porta do outro lado e parou. O coração. Ela esquecera o coração, assim como todas as outras coisas que Nye tirara dela.

Valquíria se virou, e algo chamou sua atenção. Ela olhou para cima. Nye estava dormindo numa rede bem acima dela, os braços e pernas pendurados. Ela olhou para todas as alavancas e cordas e roldanas, mas não parou para pensar a respeito do processo que Nye usava para se erguer do chão toda noite. Ouviu o cirurgião roncar.

Se movendo silenciosamente, ela refez os passos, passando pelo quarto com sangue, pelo das cabeças e depois o das lâminas, voltando à sala de operações. Valquíria pegou o coração e o esterno, colocando-os em uma sacola que encontrou num canto, e saiu por outra porta.

Ela se viu no depósito onde saltara da carruagem. Os mortos estavam por ali, mal olhando para ela enquanto passava.

— Aonde acha que vai?

Valquíria se virou no momento em que Nye se abaixava rapidamente para passar pela porta.

— Acha que vai escapar? — perguntou ele, se aproximando. Ainda estava usando o avental, mas não a máscara, nem a touca. Veias grossas pulsavam contra a pele pálida das têmporas. — Não pode escapar, menina estúpida. Está morta. Aqui, assim como na carruagem de Dullahan, desfruta de uma existência despreocupada. É uma das coisas mortas. Mas além destas paredes está a *vida*. Se colocar um pé para fora, vai desmoronar. O sangue vai jorrar, seu corpo vai ceder. Você está carregando seu coração em um *saco de lixo*, pelo amor de Deus. O que achou que ia acontecer?

— Deixe-me ir — disse Valquíria, a língua pesada dentro da boca.

— Não — disse Nye. — Volte para a mesa. Ainda não acabei com você.

— Então me conserte — falou Valquíria.

A boca arruinada de Nye estremeceu em um sorriso surpreso.

— Como? Como é? Está me dando ordens, é isso? É isso que está fazendo?

Ela assentiu.

— Você não me dá ordens! — gritou Nye, e parou na frente de Valquíria antes que ela sequer percebesse que se movera. A parte de trás da mão da criatura desceu rapidamente contra o rosto dela. A força do impacto a fez cambalear, mas ela não sentiu dor.

— Eu estou no comando aqui! — berrou Nye, e a chutou. Valquíria rolou pelo chão, e a sacola foi arrancada de suas mãos.

— Vamos ver quantas ordens você consegue dar quando seu coração tiver sido incinerado! — vociferou o cirurgião, e se virou para marchar porta adentro.

Valquíria se levantou e ergueu os braços, mas a magia Elemental ainda não estava acessível. Um pensamento surgiu em sua mente, e ela enfiou a mão no bolso da jaqueta, deslizando o dedo para dentro do anel.

As sombras a envolveram, e uma grande onda de escuridão colidiu contra Nye, erguendo-o no ar. O cirurgião guinchou de medo, e Valquíria direcionou a onda para

baixo. Nye atingiu o chão duro e quicou levemente.

Valquíria começou a andar na direção dele, mas, como um servo ansioso, as sombras a ergueram. Ela aterrissou levemente ao lado de Nye, que se levantou desajeitadamente, tentando correr. Ela estava vagamente consciente de um objetivo, simplesmente impedi-lo de fugir, e então as sombras repentinamente se enroscaram em torno da perna direita de Nye, a longa perna direita da coisa, e a apertaram.

Nye gritou quando sua perna se partiu em 12 lugares diferentes, e caiu no chão.

— Por favor — gritou ele. — Você não sabe o que está fazendo!

As sombras brincaram com o cabelo de Valquíria.

— Isso é Necromancia! — berrou Nye. — Mas você está morta! É a magia da morte sendo usada por uma pessoa morta... Você não sabe o que está fazendo! Não pode controlá-la... Não está forte o suficiente! Por favor, não me mate!

— Me conserte — disse Valquíria.

— Eu vou! — gritou Nye, lágrimas escorrendo pelo rosto. — Mas minha perna está quebrada. Deixe-me consertá-la e então eu...

— Me conserte agora — disse Valquíria, sem emoção — ou deixarei que as sombras o matem.

Nye assentiu rapidamente.

— Sim, sim, é claro. Vamos só colocar você de volta na mesa e...

— Nada de amarras — disse Valquíria. — Nada para me segurar. Faça isso ou vai morrer.

TERRA

Sobreviver ao veneno não foi a parte difícil. Tesserato já sobrevivera a envenenamentos antes. Os fluidos que sua máscara injetava na pele haviam sido feitos para reforçar sua imunidade e suas defesas naturais e antinaturais — principalmente contra a doença da putrefação que o amaldiçoava, mas também, como um efeito colateral afortunado, contra qualquer outra doença, afecções e venenos que ele por acaso encontrasse em suas viagens. Então o veneno não o incomodara por mais do que alguns minutos.

A parte de ser enterrado vivo, no entanto, era um bom motivo de preocupação.

Ele criara um pequeno bolsão de ar para si mesmo, conseguindo um pouco mais de tempo para se livrar dos efeitos do veneno. Quando a sensação voltou aos seus membros, ele tentou se erguer, mas o peso da terra era forte demais. O buraco tinha, no máximo, 1,5 metro de profundidade. Isso significava que bastava ele ficar de pé para sair.

Ficar de pé, no entanto, não era tão fácil quanto antes. Seus dedos raspavam a terra, cavando para cima lentamente. Ele empreendeu um avanço razoável, até perceber que tudo o que conseguira fora se colocar em uma posição ainda mais desconfortável.

Ele ergueu o corpo, lutando contra o peso, e se empurrou com as pernas. A terra solta se moveu sob seu corpo quando ele mexeu lentamente o joelho direito. Mexer o segundo foi mais difícil, porém, ele conseguiu. Agora ambos os joelhos estavam abaixo dele, o rosto ainda pressionado contra o fundo da cova, e os braços em algum lugar acima. Se ele morresse ali embaixo e fosse desenterrado centenas de anos depois, tinha a sensação de que os arqueólogos ficariam intrigados com o que exatamente ele estivera fazendo no momento de sua morte ridícula.

Tesserato inspirou profundamente o que ainda restava do oxigênio e ergueu a cabeça. As pernas ardiam, os músculos das costas clamavam, e ele sentia como se cada tendão de seu pescoço pudesse se partir a qualquer instante. Deu um impulso para cima, forçando o próprio corpo a se endireitar mais um pouco, as mãos escavando a terra congelante. Os dedos da mão esquerda de repente pararam de encontrar resistência. Ele se impulsionou para cima, a mão direita abrindo caminho

desta vez, então sentiu o ar no escalpo, e de uma vez por todas sua cabeça estava livre.

Ele arquejou, inspirando com força através da máscara e piscando para afastar a terra dos olhos. Sua visão estava embaçada, mas ele tinha relativa certeza de que estava sozinho. Do jeito que andava sua sorte nos últimos tempos, não ficaria nada surpreso se encontrasse Ceryen e Enxerto ainda ali, discutindo.

Foi preciso um pouco mais de esforço para conseguir sair da cova, e, quando conseguiu, Tesserato se esparramou na grama ensopada, a visão ficando nítida conforme ele olhava para um céu tão cinzento que poderia ser feito de ardósia. Ele simplesmente se sentia agradecido por olhar para qualquer tipo de céu que fosse. Cinzento como ardósia, ele decidiu, era um tom de cinza particularmente belo.

Ele se pôs de pé. Havia barro gelado em suas roupas, descendo por suas costas, dentro de suas calças, na máscara. Ele espanou o que pôde, sacudiu o que conseguiu, mas não dava para negar que ainda parecia ter acabado de se arrastar para fora da própria cova.

Ele olhou morro abaixo, para a cidade e o lago e o Santuário. Não levou a coisa para o lado pessoal. Era um assassino por encomenda, afinal de contas. Seria um tanto hipócrita levar uma tentativa de assassinato para o lado pessoal, depois de tudo o que fizera. Mas não havia motivo para deixá-los vivos.

Enxerto, pelo que conseguia se lembrar dos arquivos, morava perto da rua principal de Roarhaven. Tesserato o encontrou em uma casa pequena, saindo do banho, e o matou enquanto o homem implorava pela própria vida.

Ceryen trabalhava diretamente para o Tormento, portanto, teria voltado ao Santuário. Tesserato entrou sem ser visto. Todos estavam ocupados demais organizando o lugar para se preocupar em guardar a entrada. Depois de quinze minutos se esgueirando, ele ouviu a voz do Tormento e a seguiu pelos longos corredores.

Espiou por uma esquina, vendo o Tormento e três outros Filhos da Aranha — Madame Névoa, uma jovem chamada Pórtia e um jovem chamado Syc. Ceryen os seguia discretamente, mantendo uma distância respeitosa. Os da Aranha estavam falando entre si.

Tesserato já encontrara Pórtia, mas apenas ouvira histórias sobre Névoa e vira uma fotografia borrada de Syc, portanto, não sabia muito sobre eles. Isso o incomodava.

O Tormento liderou seus irmãos através de um par de portas pesadas e fez um gesto para Ceryen, dispensando-a. Ela fez uma reverência, aguardou até que as portas estivessem fechadas, e andou na direção de Tesserato. Ele deu um passo para trás, entrando nas sombras para observá-la passar, então a seguiu. Quando estavam a uma distância em que não seriam ouvidos, ele revelou sua presença, esticando o

braço e encostando na perna dela. A mulher soltou um guincho quando o membro se dobrou e desabou no chão.

— Olá, Ceryen — disse Tesserato, dando a volta para que ela pudesse vê-lo.

— Minha perna! — gritou ela. Ele nunca compreendera por que algumas pessoas gostavam de indicar qual parte delas estava quebrada. — Por favor, não me mate! — Ele sabia o que vinha a seguir. Historinhas tristes seguidas por súplicas, entremeadas de lógica e racionalizações. — O Tormento mandou! Eu estava seguindo ordens! Por favor, não me mate! Tenho família.

— E ainda assim, vou matar você.

Ela fez um movimento na direção dele, mas Tesserato esticou o braço e fez o crânio dela afundar com um toque.

— Você não é um homem fácil de matar.

Lentamente, Tesserato se virou para encarar o Tormento, que estava parado com Madame Névoa ao lado. Ele ouviu um movimento atrás de si e não precisou olhar para trás para saber que Pórtia e Syc estavam se aproximando para encurralá-lo.

— Não devia ter tentado me enganar — disse Tesserato. — Eu teria voltado para casa e nunca mais nossos caminhos teriam voltado a se cruzar. Em vez disso, estamos onde estamos. Você compreende, não posso deixá-lo viver.

— Você fala como se estivesse em vantagem. Somos quatro.

— Estar em menor número significa bem pouco para mim. Ainda vão morrer, um por um.

O Tormento vomitou um negrume, que se esparramou no chão e se transformou em aranhas do tamanho de ratos. Tesserato chutou uma para longe, pisou em outra e recuou conforme milhares de aranhas menores, minúsculas, deslizavam em sua direção como água. Saíam das dobras do longo vestido de Madame Névoa, escalando pelo corpo da mulher, entrando e saindo das roupas dela, passando pelo pescoço e desaparecendo atrás do véu.

Ele ouviu lâminas sendo desembainhadas e se virou para esquivar-se do primeiro golpe das adagas gêmeas de Syc. Tentou agarrá-lo, mas o garoto era rápido, mais rápido que qualquer um que Tesserato já tivesse visto. As lâminas reluziram novamente, e Tesserato cambaleou. Ele pisou em um amontoado de aranhas, esmagando-as.

Uma das aranhas maiores subiu pela sua perna, afundado as presas enquanto andava. Tesserato grunhiu e olhou para baixo. Syc era jovem, sem experiência nem imaginação, e mordeu a isca. Quando avançou, Tesserato o pegou e o lançou contra a parede. Syc o manteve afastado vomitando, como Tormento fizera. O negrume de piche se aglutinou, formando aranhas, não tão grandes quanto as de Tormento, mas sem dúvida quase isso. Tesserato recuou novamente. Havia muitas aranhas malditas.

Pórtia foi atrás dele. Como Syc, tinha avançado bastante nos estudos, mas o fato

de não ser capaz de completar a transformação em aranha a deixava ainda mais aterrorizante. Ela duplicara de tamanho, com uma armadura negra cobrindo seu peito e as costas. Quatro braços a mais surgiram do torso esticado, cada um com uma garra no final, mas o rosto era o mais apavorante. Seus traços tênues haviam desaparecido, substituídos por um buraco escancarado no lugar de boca, repleto de presas das quais pingava veneno. Oito olhos negros estavam amontoados em torno de sua cabeça.

Tesserato esquivou-se quando ela atacou. Aranhas subiam por todo o seu corpo. O veneno delas estava em seu sistema, deixando-o desastrado. Ele deveria ter fugido quando teve a oportunidade. Olhou para cima, e viu Syc mergulhando uma adaga contra seu peito.

Ele bloqueou o golpe, os dedos se fechando em torno do pulso de Syc. Os ossos se partiram, e Tesserato tomou a adaga, golpeando um cotovelo contra o rosto do rapaz. Ele chutou o jovem, que caiu em cima de milhares de aranhas. Tesserato o usou como trampolim para saltar sobre Pórtia. Ele se manteve firme enquanto ela tentava fazê-lo recuar, então enfiou a adaga por entre as placas da armadura. Caiu no chão enquanto ela recuava, guinchando.

Algo voou até o rosto dela e ficou preso ali. Algo negro. Tesserato se virou e viu Anton Frêmito correndo pelo corredor, Remanescentes em turbilhão em volta dele.

Uma daquelas vis criaturas negras entrou pela boca de Syc, e o jovem sentiu ânsia e engasgou. Mal reparando que Tormento e Névoa já fugiam, Tesserato percebeu que era tarde demais para ele próprio escapar. Então avançou até Frêmito, chutando-o para fazê-lo recuar. Frêmito sorriu e esticou o braço, que Tesserato segurou, quebrando-o.

Frêmito sibilou de dor e deu um passo para trás.

— Você me danificou — disse.

Então o Remanescente saiu num movimento rápido da boca dele para a máscara de Tesserato, que por um instante não conseguiu ver nada. A criatura se espremeu contra suas órbitas oculares e ele a sentiu, fria em seu rosto, descendo. Ele percebeu que outro Remanescente se atrelava à figura inconsciente de Frêmito — nada de desperdício — e então caiu de joelhos. O Remanescente encontrou sua boca, e Tesserato engasgou quando a criatura forçou a entrada.

A VERDADE

Valquíria saiu para a luz do sol. Estava viva novamente.

Esfregou os olhos, como se estivesse acordando de um longo sono. As sensações a inundaram. Emoções. Sentidos. O ar frio expulsando a tontura de sua mente, que começou a se aguçar conforme o mundo entrava em foco ao seu redor. Estava na zona portuária. O sol fraco estava bem acima de sua cabeça. Era meio-dia.

— Você não se desfez — comentou Nye.

Valquíria se virou. Nye estava do lado de dentro do galpão, onde tudo era cinzento e letárgico. Ela olhou para a linha que acabara de cruzar, passando dos mortos para os vivos — uma linha atrás da qual a penumbra do galpão era obrigada a se manter, vencida pela claridade da vida.

— Fiz um bom trabalho. — Nye assentiu, mais para si mesmo do que para ela. — E não foi fácil, com toda a pressão. Mas eu consegui. Sou um dos poucos que conseguiriam.

— Quantos outros como eu você tem aí dentro? — perguntou Valquíria.

— Como você?

— Pessoas que não deveriam estar aí.

— Nenhum — disse a criatura, balançando a cabeça. — Todos os outros foram entregues pelo Dullahan de acordo com as regras. O Dullahan sempre segue as regras. Ele se certifica de que eu também as siga.

— Às vezes ele erra. Você ia me manter aí.

Nye sorriu.

— Não pode me culpar por tentar, não é? Mas está tudo bem. Você está andando, falando, vivendo, respirando... e não se desfez. E seu nome verdadeiro está selado. Não foi fácil, mas eu sabia que, se alguém conseguiria fazer, seria eu.

Valquíria imaginou que deveria fazer alguma coisa, mas não sabia o quê. Prendê-lo? Socá-lo? Ameaçá-lo? Ela decidiu pela ameaça:

— Vou ficar de olho em você — disse. — Se eu ficar sabendo que você tentou qualquer coisa do tipo novamente, vou voltar e arrastar você daí de dentro.

Nye assentiu.

— Sim, sim, você é muito assustadora. Melhor ir brincar lá fora agora. Os adultos

têm trabalho a fazer.

A coisa sorriu, e a porta do galpão se fechou. Valquíria lançou um olhar de ódio para a porta. Devia ter escolhido a opção número dois.

Pegou um táxi. Estava a meio caminho de casa quando se lembrou de verificar se tinha dinheiro, mas felizmente encontrou algumas notas no bolso de trás. O motorista foi ouvindo rádio durante o caminho inteiro até Haggard, e Valquíria observou o mundo passar. Ela desceu no píer, correu até em casa e flutuou até a janela. Enfiou os dedos pelo vão, abriu-a e entrou.

O quarto estava vazio, o reflexo em outro lugar. Ela ficou contente por isso. Olhou em volta e percebeu que estava sorrindo. Era bom estar em casa. Era bom estar viva, a salvo e em casa, e era bom saber que não viraria um monstro que aniquilaria o mundo. Isso era particularmente reconfortante.

Ela ouviu alguém subir as escadas e reconheceu os próprios passos. O reflexo abriu a porta, não parecendo nem um pouquinho surpreso ao vê-la.

— Seus pais saíram — disse, e Valquíria imaginou se ele tinha dito “seus” só para tranquilizá-la de que o erro anterior não se repetiria. — Quer voltar à sua vida?

Valquíria balançou a cabeça.

— Só quero tomar um banho e comer alguma coisa, depois vou sair de novo.

— Vou ficar aqui em cima, então, pode ser?

Valquíria se lembrou, em sua alucinação, do reflexo encorajando Ardiloso a atirar nela.

— Sim, faça isso.

Ela desceu as escadas e pegou um prato de sobras de peru com um copo de leite enquanto ligava o telefone. Mensagens apareceram: três ligações perdidas. Ela se contraiu, então ligou para Ardiloso a fim de pedir desculpas por ter dormido demais. Ele soou perplexo, mas disse que estava a caminho e chegaria em meia hora.

Valquíria comeu mais peru e bebeu mais leite, em seguida foi tomar banho. Parada sob a ducha, ela passou a mão pelo tórax, sem detectar o menor traço de cicatriz. Nye era bom — suas habilidades talvez fossem comparáveis às de Conspícuo. E quando se parava pra pensar, o jeito de tratar os pacientes também era, a grosso modo, o mesmo.

Ela se vestiu, pegou o presente que embrulhara para Ardiloso e desceu pela janela sem sequer dar uma olhada no reflexo. Andou até o píer, imaginando se deveria contar a Ardiloso o que havia feito. Agora que o perigo passara, que o futuro mudara, poderia compartilhar com ele o segredo que escondera por cinco meses? Ele compreenderia a razão pela qual ela não tinha dito nada. Se alguém fosse capaz de entender, seria ele.

Valquíria chegou ao píer. O Bentley já estava estacionado, e Ardiloso ao lado dele, olhando para o mar que rugia contra concreto e pedras. Ele estava com olhos

castanhos e lábios finos. Mesmas maçãs do rosto e maxilar, e a mesma pele que parecia cera. O chapéu estava inclinado no ângulo de sempre. Valquíria achava incrível o jeito como tendia a ficar na cabeça dele, independentemente da força do vento. Então percebeu que ele provavelmente estava manipulando o ar em torno da própria cabeça. Furtivo e estiloso, a combinação perfeita.

Ela estendeu as mãos.

— Presente.

Ele olhou para ela.

— Você não vai ganhar o seu.

Valquíria franziu o cenho.

— O quê? Por que não?

— Porque era um presente de *Natal*. E não é mais Natal.

— É claro que é. São doze *dias* inteiros de Natal.

— Não conta.

— Claro que conta.

— Os doze dias são só para as pessoas saberem quando é a hora de tirar as decorações de mau gosto. Hoje é dia de Santo Estêvão, e eu não comprei um presente de Santo Estêvão pra você.

O vento jogou o cabelo de Valquíria contra o rosto.

— Mas... Mas não é justo! Eu estou com o *seu* presente!

— Posso pegar?

— Não, não pode!

— Por que não?

— Por que você acha? Porque não quer me dar o *meu*.

— Ah, isso é cruel.

— Como pode achar *isso* cruel quando foi você que começou?

— Não vou dar o *seu* presente porque simplesmente não dou presentes de Natal depois do Natal. Não vejo motivo. Mas você não tem essa regra, então não tem desculpa. O único motivo que eu vejo para não receber o meu presente é mera amargura. Você está apenas sendo cruel.

Valquíria olhou para ele de cara feia.

— Tá. Toma o seu presente.

Ela o tirou da jaqueta e o jogou para ele, que examinou o embrulho.

— Tem um formato bem específico.

Ela grunhiu.

— Não tenho certeza de que eu precise desembulhar. Acho que sei o que é.

— Bom para você.

— Valquíria, é uma escova de cabelo?

Ela apontou um dedo para ele.

— É! Viu? Um presente atencioso! Faz centenas de anos que você não precisa de uma escova de cabelo, mas agora precisa! De vez em quando, pelo menos.

— Sim, mas você me deu uma *escova de cabelo* de Natal.

— Funciona em dois níveis! É atencioso *e* divertido! O presente que você me deu não funciona em sentido *nenhum*, porque você *não* me deu um presente. Não ouse reclamar.

Ardiloso hesitou, então guardou o presente no bolso.

— Foi um presente muito atencioso e divertido, Valquíria. Obrigado.

— De nada. Podemos entrar no carro agora? Está bem frio.

— Teve um bom Natal?

— Claro.

— Como foi o evento em família a noite passada?

— Bom.

— Acha que vai virar uma tradição anual?

— Não.

— Ok, então — disse Ardiloso.

Valquíria assentiu.

— Vamos.

Ela caminhou até o Bentley, então olhou de volta para ele. Os braços de Ardiloso estavam cruzados.

— Você não está se movendo.

— Estamos viajando no espaço a 390 quilômetros por segundo, Valquíria. Eu não chamaria isso de não me mover.

— Não estamos nos movendo até o *carro* — suspirou ela.

— Isso é verdade.

— E por que não estamos nos movendo até o carro, Ardiloso?

— Porque não.

— E por que não?

Ele olhou em volta para se certificar de que ninguém estava observando e deixou o rosto se retrair. Uma vez de volta a seu eu esquelético, prosseguiu:

— Porque estou esperando você me contar o que está acontecendo. Você anda escondendo alguma coisa de mim, e isso vai acabar agora.

— Ah.

— Em situações comuns, é claro, eu respeitaria sua privacidade, mas...

— Não, não respeitaria.

— Como?

— Você não respeitaria minha privacidade.

— Respeitaria, sim.

— Ardiloso, você nunca respeita minha privacidade.

— Respeito o tempo todo. Semana passada mesmo, respeitei sua privacidade.

— O que eu estava fazendo?

— Bom, você não estava por perto.

— Isso praticamente não faz sentido.

— Mas faz *um pouco* de sentido, que é tudo de que preciso. Como estava dizendo, eu normalmente respeitaria sua privacidade, mas o que quer que esteja escondendo de mim está interferindo em seu trabalho. Você é minha parceira, afinal.

— Ok — disse ela. — Vou falar. Eu já ia falar, em algum momento. Mas antes que conte, quero que saiba que eu já dei um jeito em tudo. Já resolvi o problema. Então tenha isso em mente quando eu contar. Promete?

— Prometo.

— Ok. — Valquíria inspirou longamente. — Está pronto?

— Estou.

— Tem certeza?

— Bastante.

— Ok. Então vou contar. Aí vai. Ardiloso...

— Sim, Valquíria?

— Eu... eu não sei bem como contar isso. Eu... — Ela engoliu em seco. — Eu sou Trevária.

No mesmo instante, ela se sentiu melhor. No mesmo instante, sentiu-se mais limpa e leve, e de volta a ser a velha Valquíria. Descobriu que estava sorrindo.

— Certo — disse Ardiloso.

— É isso.

— Você é Trevária.

— É isso aí.

— Em que sentido?

— Em um... Como assim, em que sentido?

— Você é Trevária num sentido metafórico? Do tipo: *todos temos o mal no coração, somos todos Trevária*?

— Não — disse Valquíria, lentamente. — Quero dizer que sou Trevária. Num sentido literal, do tipo *eu sou Trevária*.

A cabeça dele se inclinou.

— Então você é a Trevária?

— Sim.

— A mesma Trevária que vai matar todo mundo?

— Isso.

— A mesma Trevária que mata seus pais?

— Aparentemente.

— E como chegou a essa conclusão?

— Lembra daquela vez, anos atrás, em que você estava lutando contra Serpênteo, e o Livro de Nomes caiu? Eu dei uma olhada em meu nome verdadeiro, tão rápido que nem registrei. Mas quando ouvi o nome Trevária há alguns meses, soube que já tinha visto em algum lugar, e foi nesse dia. Esse é o meu nome.

— Entendo — disse Ardiloso. — Há quanto tempo sabe?

— Mais ou menos desde a primeira vez em que ouvimos falar dela. Desde que o Santuário foi destruído.

— E não contou a ninguém?

— Até agora.

— Por que não me contou antes?

— Eu queria dar um jeito nisso.

— E conseguiu?

— Eu não estaria contando tudo isso se não tivesse conseguido. Trevária não vai dar as caras por pelo menos mais um... nunca. O mundo está a salvo.

— Como conseguiu isso?

— Vou contar — disse Valquíria. — Mas primeiro você vai *me* dizer o que acha que acontece. Por que mato todo mundo? Ou por que *mataria se* não tivesse acabado de, você sabe, me impedir?

— O cenário mais provável é que alguém descubra quem você é e use seu nome verdadeiro para controlá-la.

— Exatamente. E foi nisso que eu dei um jeito.

— Como?

— Seleí meu nome. Falei com algumas pessoas, encontrei outras, descobri como fazer e executei meu plano sozinha. Está orgulhoso de mim?

— Quem fez?

— Fez o quê?

Ardiloso inclinou a cabeça.

— Quem selou seu nome?

— Não importa.

— Não pode ter sido Conspícuo. Algo assim levaria anos de pesquisas e tentativa e erro, até para ele.

— Não importa, tá bem? Foi feito. Meu coração foi retirado, os símbolos desenhados, e fui costurada de volta.

— Por quem?

— Não quero falar a respeito.

— Você disse que ia me contar.

— Eu disse que ia contar o que andei fazendo. Não falei que daria o nome da pessoa.

— Só há um punhado de possibilidades...

— Ardiloso, deixa para lá.

— Você devia ter me contado — disse ele. — Eu poderia ter me certificado de que seria seguro.

— Não se preocupe.

— Tiraram seu coração do corpo — disse ele, com firmeza. — Você esteve *morta*.

— Você está morto o tempo todo e está bem.

— Quem foi?

— Não quero falar sobre isso. Não quero falar sobre a pessoa que fez. Só quero...

— *Pessoa* — falou Ardiloso. — Você só fala “pessoa”. Não “ele” ou “ela”. É um esforço para proteger melhor a identidade dele ou porque... é uma *criatura*?

— Não sei do que você...

A voz dele ficou dura:

— Doutor Nye.

— Que diferença faz? — deixou escapar. — Tá, tudo bem, foi Nye! E daí? A criatura fez o trabalho dela, estou em casa de novo, e tudo está uma maravilha.

— Nye é uma aberração perversa, doentia e maligna, Valquíria. Você tem sorte de ter voltado. Você tem muita, *muita* sorte.

— Eu sei — respondeu ela baixinho, e olhou para o outro lado.

— Devia ter me contado. Devia ter confiado em mim. Devia ter... — Ele parou, ficando em silêncio. Então disse: — Deixa para lá.

Ela ergueu os olhos.

— O quê?

— Você estava com medo. Eu entendo. Não sabia como eu reagiria.

— Bem... é.

Ele deu um passo na direção dela e pôs a mão em seu ombro.

— Foi um erro da sua parte — disse ele, gentilmente. — Não vou julgar você, Valquíria. Eu nunca julgaria você.

De repente, ela teve vontade de chorar.

— Sinto muito por não ter contado.

— Que fardo deve ter sido. Você é muito corajosa por ter enfrentado isso sozinha.

— Obrigada — murmurou ela.

— Incrível e absurdamente *estúpida*, mas corajosa.

Ela abriu um sorriso.

— É.

— Muito tola, é o que estou tentando dizer.

— Estou vendo.

— Obtusa, basicamente. Simplesmente obtusa. Burra como uma porta. Nada de

esperto aí, Valquíria.

— Já pode parar de me elogiar agora.

Ardiloso a puxou gentilmente para um abraço, dando um tapinha nas costas dela.

— Sua tapada sem cérebro. Sua cretina simplória. Aparvalhada. Apalermada. Uma imbecil. Inteligente como uma anta. Sagaz como uma tartaruga. Não é a mais esperta da sala. Se fosse uma faca, seria a menos afiada, se fosse uma lâmpada, seria a menos brilhante. Cérebro de nabo. Tem todos os órgãos e nenhum miolo.

Ela riu contra o peito dele.

— Por favor, pare de falar.

Ele se afastou dela.

— No futuro, você vai me contar se achar que há a *menor* chance de você ser a responsável pelo Armagedom, certo?

— Certo.

Ele hesitou.

— E você sabe, é claro, que pode estar errada.

— A respeito do quê?

— Do que faz você virar Trevária. Nós não *sabemos* qual é o gatilho, só estamos imaginando que alguém tentaria controlar você.

— Então, basicamente, apesar de eu ter acabado de selar meu nome verdadeiro, isso não significa que não vou me transformar? Sim, eu pensei nisso. Eu não acredito, mas pensei nisso.

— Ok — disse Ardiloso, e assentiu. — Só queria me certificar. — Ele se virou para o Bentley e abriu a porta. — Eu sabia que você estava escondendo alguma coisa de mim — disse ele. — Mas não pensei que fosse assim tão *importante*...

Valquíria sorriu.

— O que achou que fosse?

— Soa risível de tão insignificante agora.

— Vamos ver.

— Eu... Ok, eu achei que fosse me dizer que estava rolando alguma coisa entre você e o Caelan. E quer saber? Eu acho até que estou aliviado.

Ardiloso deu uma risadinha e foi para trás do volante. Valquíria se virou para que ele não visse o sorriso dela se desfazer e entrou do outro lado.

— Para onde? — perguntou ela, ao afivelar o cinto de segurança.

— Alguém contou para o Tesserato onde eu morava. Ontem passei o dia inteiro investigando e finalmente descobri onde está o culpado.

— Eu o conheço?

— Conhece, sim.

— E vamos rastreá-lo?

— Vamos, sim.

— E eu vou me divertir?

— Pra caramba.

DE VOLTA A FINBAR

Finbar Errado estava encolhido num canto, com as persianas de madeira da janela fechadas. Estava escuro, e o lugar, silencioso. Mortalha foi obrigado a forçar a fechadura para entrar no estúdio de tatuagem. Ele se moveu silenciosamente pelo andar térreo, depois subiu as escadas, a bengala na mão. Não sabia qual seria a utilidade da Necromancia contra um Remanescente em sua verdadeira forma, mas era melhor do que nada.

Ele viu Finbar no momento em que colocou os pés lá dentro, e passara três minutos observando o psíquico se balançar para a frente e para trás, de cabeça baixa. De vez em quando, murmurava alguma coisa. Mortalha agora estava usando sua bengala para se inclinar para ele. O Remanescente não estava mais lá.

— Finbar — disse Mortalha.

Recebeu um murmúrio como resposta. Ele repetiu, aumentando a voz, e Finbar olhou para cima.

— Quem é? — perguntou.

— Salomão Mortalha. Você me conhece.

Finbar assentiu.

— Conheço você. Sim. É um Necromante.

— Isso mesmo.

— O que você quer? Estou muito... — Finbar se levantou e ajeitou a camiseta. — Estou muito ocupado.

— A placa na porta dizia “fechado”.

Finbar balançou a cabeça.

— Nunca confie numa porta, elas sempre mentem. Sr. Mortalha, não quero ser grosseiro com alguém tão assustador como você, mas não faço tatuagens em Necromantes. É uma regra minha, que eu acabei de inventar.

— Finbar, você se lembra de algo dos últimos dias?

Finbar franziu a testa.

— Por que está perguntando? O fato de estar perguntando quer dizer que tem alguma coisa que eu com certeza não lembro. O que é?

— Do que você *lembra*?

— Lembro... que tive uma visão. De uma pessoa. Vestida toda de preto.

— Isso. Lembra do rosto da pessoa?

— Está... está meio embaçado... Sim. Eu lembro.

— Quem era? — perguntou Mortalha. — Quem você viu?

Os olhos de Finbar se arregalaram.

— Vi *you*.

— O quê?

— Vi você, entrando aqui e me ameaçando e... fazendo alguma coisa...

Mortalha suspirou.

— Isso foi há dois dias.

— Foi?

— Você teve essa visão dois dias atrás, então mandou sua esposa e seu filho para longe e ficou esperando para ver se eu apareceria.

— E aqui está você — disse Finbar, de forma dramática.

— Na verdade, essa é a segunda vez que venho. Estive aqui há dois dias e aqui estou de novo.

Finbar franziu a testa.

— Eu o ataquei com uma almofada?

— Então você se *lembra*. Lembra de qualquer coisa que tenha feito em seguida?

— Por que eu deveria contar pra você?

— Acredite ou não, Finbar, estou aqui para ajudar. Acho que Valquíria Caos está em perigo, e se você puder se lembrar do que aconteceu com você nos últimos dois dias, espero ser capaz de impedir que algo ruim aconteça a ela.

Finbar olhou para ele, como se estivesse tentando decidir se confiaria ou não. Surpreendentemente, resolveu tentar.

— Lembro-me de hoje de manhã — disse ele. — Ou talvez tenha sido ontem. Tranquei a porta e subi até aqui. Acho que fui ao banheiro algumas vezes. E tomei um pouco de chá.

— E antes disso?

— Eu... eu, hã... eu não sei, está meio turvo... acho que estava em uma floresta. Acordei, e havia todas essas árvores, e comecei a andar. Não tenho certeza. Eu tenho tido essas dores de cabeça terríveis, terríveis.

— Que floresta?

— Não sei. Eu saí dela, e alguém parou para me dar carona. Eu não conseguia ver direito. As dores de cabeça, sabe? Estou vendo... coisas.

— Tendo visões?

— Ou pesadelos. Não sei qual dos dois. Acho que tem alguma coisa errada. Comigo. Tipo, na minha cabeça.

Mortalha não tinha como saber se o dano que o Remanescente causara seria

permanente. Algumas portas, uma vez abertas, jamais podem ser realmente fechadas. Ele olhou para o homem magrelo com tatuagens e uma camiseta amarrotada e sentiu pena dele.

— O que tem visto? — perguntou.

— Realmente não sei. Está muito confuso. Não é nada legal, isso eu posso dizer.

Que tipo de perigo?

— Como?

— Em que tipo de perigo Valquíria pode estar?

— Ainda não sei. Mas quero descobrir melhor antes de contar a ela.

— Você devia falar com o Caveirão a respeito — sugeriu Finbar.

— Sim — disse Mortalha. — Talvez eu faça isso. De qualquer maneira, obrigado pela ajuda. E sinto muito pelas dores de cabeça.

— Eu também.

Mortalha o deixou e desceu as escadas, mas, quando abriu a porta, havia algo esperando por ele.

A PALAVRA COM Z

Ninguém gosta de zumbis.

Era isso que Valquíria estava aprendendo. Eles vinham vasculhando a cidade em busca de Patife e Esmagador, e todos com quem falavam faziam caretas quando a palavra com Z era usada. Narizes eram franzidos de nojo, como se a palavra trouxesse consigo um mau cheiro. Os que sabiam de alguma coisa, qualquer coisinha, ficavam mais do que satisfeitos em compartilhar a informação. Ninguém mantinha a boca fechada, ninguém se recusava a responder às perguntas e ninguém exigia nada em troca. Aparentemente, os zumbis não podiam contar com o mesmo código de honra que funcionava para outros criminosos e assassinos.

— Conheço, sim — dissera Tarr, uma feiticeira famosa por nunca abrir o bico. — Um deles fala com pompa, e o outro concorda com tudo o que ele diz. São esses dois que estão procurando? Sim, conheço eles. Estão morando em um caminhão refrigerado que está com dois pneus furados. Está estacionado a umas duas ruas daqui.

Eles encontraram o caminhão onde Tarr disse que estaria. Conforme se aproximaram, viram dois homens andando para o mesmo lugar que eles. Quando os viram, os dois pararam, giraram e começaram a escorregar e deslizar pela calçada coberta por gelo, em um esforço frenético para escapar. Ardiloso e Valquíria andaram a passos largos até eles.

— Olá, Vaurien — disse Ardiloso.

Girando de volta, mal conseguindo se manter de pé, Patife olhou de cara feia.

— Por que estão atrás da gente? Não fizemos nada de errado.

— Vocês são zumbis.

— Mas a gente não matou ninguém.

— Mataram, sim.

— *Recentemente*. Não matamos ninguém *recentemente*.

— Você contou a Tesserato onde ficava a casa de Ardiloso — disse Valquíria. Patife sacudiu a cabeça.

— Não contamos, não.

— Seis feiticeiros foram mortos em um bar de Dublin — disse Ardiloso —, há

três noites. A única testemunha que encontramos e que conseguia falar disse que um homem grande com uma máscara de metal acabou com eles e depois falou com um zumbizinho patético que se acovardou e choramingou. Esse era você, certo?

— Não — respondeu Patife. Ele apontou para Esmagador, que estava se agarrando a um poste de luz para se erguer do chão. — Foi ele.

— Oh — disse Esmagador.

— Nós o deixamos perambular por aí — disse Ardiloso —, porque imaginamos que não era lá grande ameaça. Não achamos que estaria ansioso para recrutar mais membros, não depois que sua pequena horda ficou maluca da última vez. Mas agora vocês já se provaram um incômodo do qual o mundo não sentiria falta.

— Poupe meu mestre! — choramingou Esmagador. — Acabe com minha vida, mas deixe meu mestre em paz! Eu imploro!

— Concordo com ele — disse Patife.

O Esmagador pulou entre Ardiloso e Patife.

— Corra, mestre! Eu vou segurá-los.

— Você não conseguiria segurar um espirro — murmurou Patife.

— Mas morrerei tentando.

Esmagador avançou para cima de Ardiloso, que o empurrou para Valquíria, e ela deu um passo para o lado e esticou a perna, fazendo-o tropeçar.

— Ok — disse Patife, nervoso —, que tal fazermos um acordo?

Ardiloso sacou a arma.

— O que neste mundo você acha que poderia nos oferecer?

— Informação.

— Sobre o quê?

— Sobre coisas. Coisas nas ruas. Coisas secretas. Coisas sombrias.

— Por exemplo?

— Bem, eu... eu não tenho nenhuma *agora*. Quero dizer, teríamos que nos infiltrar. Seríamos seus espiões, iríamos a lugares aos quais jamais poderia ir.

— Não acho que vocês seriam muito bons nisso — comentou Ardiloso.

— Tá bem, tá bem, que tal virarmos seus reforços, então? Poderiam ter um exército secreto de zumbis...

— Só tem dois de vocês.

— Poderiam ter uma dupla secreta de zumbis como reforço, prontos a qualquer momento para responder ao seu chamado. Poderíamos fazer parte do time, salvando o mundo, derrotando os caras malvados...

— Acho que vocês provavelmente nos trairiam. Ou seriam apenas inúteis.

— Não seríamos, eu juro. — Patife parecia à beira das lágrimas. — Por favor. Você não pode me matar.

Ardiloso ergueu a arma.

— Você já está morto.

— Não de verdade. Não propriamente morto. Ainda posso fazer coisas. Ainda consigo pensar.

— Não vai nem saber o que houve.

— Mas... mas eu quero ficar. Sinto muito, está bem? Sinto muito por todas as coisas ruins que eu fiz. Valquíria, eu sinto muito por ter tentado matar você todas aquelas vezes. Por favor, não deixe que ele... não deixe ele fazer isso.

Ele olhou para Valquíria com seus olhos opacos, o pedaço de rosto queimado frouxo e apodrecendo, e por um instante ele a fez lembrar um cachorro morto no acostamento.

— Ardiloso — disse ela —, não podemos matá-lo.

A mão que empunhava a arma não se moveu.

— E por que não?

— Olhe para ele. Seria diferente se ele estivesse nos atacando, mas... ele não está.

Patife ergueu as mãos.

— Viu? Não estou atacando ninguém. Nem o Esmagador. Você está atacando alguém, Esmagador?

O outro zumbi se sentou.

— Acho que mordi um pedaço da minha língua.

— Não queremos machucar ninguém — disse Patife. — Só queremos ser normais de novo. Eu quero viver. Quero estar vivo.

Ardiloso baixou a arma, mas não a guardou.

— Impossível.

— Não, não é impossível. Tem um médico que pode nos ajudar. Conspícuo Lamento.

— E por que acham que Conspícuo pode ajudar vocês?

— Dreilho Escaravelho falou sobre ele. Disse que era o melhor do mundo. Se alguém pode nos ajudar, é ele. Você o conhece? Acha que ele ajudaria? Poderia marcar uma consulta?

— Você realmente quer mudar?

— Sim. Ah, Deus, sim. Odeio ser assim. Só quero uma nova chance.

— Por favor — disse Esmagador. — É Natal.

— Ele tem razão — comentou Valquíria.

Ardiloso olhou para ela.

— “É Natal” não é um argumento. Não é um motivo. É só uma afirmação do óbvio.

— Mas é a época do perdão.

Ardiloso embainhou a arma.

— Está bem. Se quer que a gente leve esses dois para o professor Lamento, a gente leva. Se ele não puder fazer nada por eles, destruimos seus miolos. De acordo?

— De acordo.

— Não sei se gosto disso — murmurou Patife.

Valquíria sorriu.

— Não me importo.

Esmagador gritou de agonia quando um pedaço de sua orelha foi cortado fora. Conspícuo murmurou alguma coisa, provavelmente mandando ele parar de agir como um bebezinho, enquanto depositava cuidadosamente o pedaço de orelha em sua placa de Petri. Valquíria estava do lado de fora, olhando para eles através da porta transparente.

Conspícuo virou-se para Patife.

— Sente-se na cama — ordenou, a voz saindo pelo alto-falante na parede do corredor.

Patife fez o que lhe foi ordenado, mas quando o bisturi se aproximou de sua orelha esquerda, ela caiu. Patife pareceu constrangido. Conspícuo examinou a orelha.

— Isso é cola?

Patife assentiu, meio sem jeito.

— E esses buraquinhos aqui? Piercings?

— São do grampeador.

Conspícuo suspirou, colocou a orelha em uma segunda placa de Petri e deixou o aposento. A porta se fechou atrás dele. Ele se juntou a Valquíria.

— E aí? — perguntou ela. — Consegue curá-los?

— Ainda não sei. Teoricamente, sim. Os zumbis foram criados por acidente... mais ou menos como o champanhe e a penicilina, mas não tão bem-vindos. Os Necromantes não estavam procurando uma maneira de transformar as pessoas em pedaços vacilantes de podridão estúpida...

— Ei! — disse Patife, da outra sala.

— ...eles estavam tentando trazer os mortos integralmente de volta à vida. Isso foi o máximo que conseguiram. Não é um fracasso absoluto, mas olhe para eles... Também não são um enorme sucesso...

— Isso me magoa! — comentou Patife.

— A questão é: será que consigo avançar a partir do que os Necromantes conseguiram? Será que posso completar a ressurreição com minha própria corrente de magia científica? É o que me intriga. E aí entram todas as variáveis. Será que posso reverter a decomposição? Trazer o corpo de volta a seu estado natural? Será

que consigo reverter a morte cerebral?

— Meu cérebro não está morto — disse Patife, irritado. — Está dormindo.

— Com isso tudo, é uma proposta fascinante. Obrigada por trazer o assunto à minha atenção, Valquíria.

— O prazer é meu. Só uma coisa: se eu fosse você, deixaria essa porta trancada.

— Pretendo fazer isso.

Patife pulou da cama, parecendo assustado.

— O quê? Como é? Vou ter que ficar no mesmo quarto que *ele*?

Esmagador se esforçou para não parecer magoado.

— Assim não vai dar — insistiu Patife. — Não somos prisioneiros, somos convidados. E, assim sendo, exijo quartos separados.

— Vocês são meus pacientes — respondeu Conspícuo — e vão fazer o que eu mandar. Sr. Patife, quanto tempo se passou do momento em que foi transformado em zumbi até a hora em que infectou nosso amigo Gerald aqui?

— O nome dele é Esmagador.

— Recuso-me a chamá-lo assim. Quanto tempo, Sr. Patife?

— Não sei — respondeu Patife, com uma carranca. — Duas horas, talvez três. — Ele esticou um dedo na direção de Esmagador. — E você, não vá se acostumando a ser chamado por esse nome ridículo.

Esmagador pareceu envergonhado.

— Três horas — murmurou Conspícuo.

— Por que isso é importante? — Quis saber Valquíria.

— Provavelmente não tem a menor importância, mas, como sempre, tenho minhas teorias, e este parece um excelente momento para testá-las.

Patife deu alguns passos decididos na direção da porta.

— Preocupe-se em me curar, está bem? É o único motivo para termos vindo até você. É seu único propósito. Deixe tudo para lá e se concentre em me trazer de volta à vida.

Valquíria ergueu uma sobrancelha.

— Antes que algo importante caia?

Patife olhou para ela de cara feia. Esmagador pigarreou e olhou para os próprios sapatos.

— E quanto a você? — perguntou Conspícuo, olhando para Valquíria. — Como vai passar o dia enquanto fico aqui fazendo experimentos em gente morta? Vai lutar? Correr? Perseguir alguém?

— Vou dançar — foi a resposta, com um sorriso. — Vou passar o tempo dançando.

O ANJO DA GUARDA

Ainda dava para sentir o gosto do sangue dela. Ele passou a língua pelos lábios, curtindo o jeito como seu corpo inteiro parecia eletrizado. Era como se ele tivesse recuperado a pulsação, com um coração de verdade batendo no peito. Era como se estivesse vivo.

Caelan observou Valquíria com a família pela janela da cozinha deles. Ele a observou conversar e sorrir e gargalhar. Estava apaixonado por aquela parte dela, a parte que ela não permitia que ele visse. Quando estavam juntos, ela mantinha a guarda levantada; era sempre cautelosa, sempre desconfiada. Mas ali, em sua casa, ela podia relaxar. Podia parar de atuar. Podia ser ela mesma. Ele duvidou que até mesmo Ardiloso Cortês tivesse a oportunidade de ver este lado de Valquíria Caos. Ele duvidava que até mesmo o grande Detetive Esqueleto conhecesse esta parte dela.

Caelan se recostou na cerca de madeira do jardim. Encontrá-la tinha sido fácil. Agora que provara seu sangue, não haveria aonde ela pudesse ir que ele não conseguisse segui-la. Havia muitos aspectos de ser um vampiro que ele odiava, mas até ele tinha que admitir que, às vezes, suas habilidades predatórias podiam acabar sendo úteis. Graças a elas, Valquíria nunca mais ficaria sozinha durante o dia. Enquanto houvesse sol, ela estaria sempre protegida, sempre guardada.

Ela ainda não sabia, mas Caelan era seu novo anjo da guarda. A única coisa que lhe faltava era encontrar um jeito de se manter perto dela à noite, quando seu monstro interior mostrava a cara.

Mesmo seu amor não era forte o suficiente para protegê-la dele mesmo. Inclusive, desde que provara seu sangue, o monstro ficara mais forte, mais feroz. Em um frenesi, destruíra seu quarto no Hotel da Meia-Noite, e sem dúvida foi por esse motivo que Anton Frêmito o abandonara.

No dia anterior, quando voltou, descobriu que o hotel havia mudado de locação sem ele. Não podia culpar Frêmito. A única coisa que o surpreendia era o fato de ter demorado tanto. Caelan por pouco conseguira chegar à jaula de emergência antes do cair da noite e se acorrentou bem na hora em que começou a sentir o monstro emergindo. Bem a tempo.

Ele não gostava de imaginar o que teria acontecido se tivesse demorado demais. Sua mente, privada da razão e da humanidade superficial, teria se concentrado em Valquíria, e nela apenas. Caelan sabia que jamais se perdoaria se a machucasse de alguma maneira.

Estava ficando tarde. O sol sumiria em breve, e a noite entraria em cena. Dilacerado por dentro, ele se obrigou a se levantar. Deu uma última olhada em Valquíria pela janela, então pulou a cerca.

CONHECENDO OS PAIS

Valquíria borrou o rímel e se afastou do espelho, batendo os pés e xingando. Ela odiava maquiagem. Odiava o fato de ter que *usar* maquiagem. O vestido era fantástico, os cabelos estavam brilhantes, e os sapatos até tinham saltos de verdade. Por que precisava de maquiagem? Pretendia usar o mínimo possível, mas ainda assim já tinha conseguido machucar o olho três vezes. Grunhindo, ela voltou ao espelho.

Finalmente, terminou. O telefone tocou.

— E aí — disse Fletcher —, pronta?

Valquíria se olhou no espelho. Apresentável.

— Sim — respondeu.

— Legal, chego aí agora.

— Sem teletransporte.

Ele fez uma pausa.

— O quê?

— Fletch, você não pode se teletransportar para dentro do meu *quarto*. Isto é um *encontro*. Você bate na porta da frente. Você conhece meus pais.

— Estava falando sério quanto a isso?

— Ah, sim. Eu falei para eles sobre você. É meu namorado, estamos saindo faz três semanas, você costumava frequentar minha escola, é dois anos mais velho. Você acabou de começar a faculdade. Está cursando economia.

— Economia? Val, eu não sei *nada* sobre economia.

— Nem os meus pais. Vai ficar tudo bem. Os seus pais são separados, e agora você mora com o seu pai em algum lugar não muito perto daqui. Você vai me levar para uma discoteca onde aceitam menores de idade. Não precisa falar mais do que isso.

— Realmente não estou muito certo disso. Val, os pais não costumam gostar de mim quando me encontram pela primeira vez.

— Fletch, *ninguém* gosta de você de primeira. Você é incrivelmente irritante, lembra?

— Ah, é.

— Bata na porta da frente em alguns minutos.

— Quantos?

Valquíria suspirou.

— Não sei. Me surpreenda.

Ela desligou, colocou o telefone na bolsa, pendurou-a no ombro e desceu as escadas. Os pais estavam na sala de estar, assistindo a TV. A árvore de Natal estava toda iluminada, e o fogo ardia na lareira, cujo consolo estava repleto de cartões. Seu pai franziu a testa quando viu o que ela estava usando.

— É um vestidinho preto — disse ela.

— É um pouco *inho* demais — comentou ele, franzindo o cenho. — Cadê o restante da roupa? Dá pra ver seus joelhos.

— Deixa de bancar o puritano — disse a esposa, de onde estava. Ela estava confortável demais para se levantar, e grávida demais também. — Steph, você está adorável. Diga que ela está adorável, Des.

— Stephanie, você está adorável. No entanto, eu realmente acho que mostrar os joelhos é um pouco demais.

— Pai.

— Des.

— Estou só dando minha opinião, só isso. Particularmente, acho que os joelhos têm que ser guardados até o oitavo ou nono encontro. Talvez até o dia do casamento. É uma surpresa legal, sabe? “*Oh, querida, você tem joelhos! Eu nunca teria imaginado!*”

A campainha tocou, e o pai de Valquíria bloqueou a passagem.

— Lamento, Stephanie — disse ele, puxando para cima as calças sociais —, mas é o dever de um pai abrir a porta para o primeiro namorado. Você fica aqui com a sua mãe e conversa sobre pontos de tricô. Se eu aprovar o garoto, e for com a carranca dele, podemos até ir ao meu escritório para um pouco de conhaque e charutos.

— Você não tem um escritório.

— Estou falando, é claro, do banheiro do andar de baixo.

— Você ao menos sabe o que é uma carranca?

— É claro que sei — respondeu ele, na defensiva. — É um tipo específico de corte de cabelo.

— Não. Era um tipo de escultura que ficava na frente dos barcos.

— E como é que *você* sabe disso?

Valquíria encolheu os ombros.

— É só uma das coisas que eu sei.

— Bom, só por causa dessa sua presunção, mocinha, você vai ficar esperando aqui enquanto eu interrogo o senhor seu visitante.

E ele foi.

Valquíria olhou para a mãe, que sorriu e deu de ombros.

— Deixa ele se divertir — disse ela.

Valquíria se esforçou para escutar o que estavam dizendo no corredor, mas tudo o que conseguiu captar foram murmúrios. Ela imaginou a cena apavorante do pai e Fletcher parados na porta, balbuciando e olhando para os próprios sapatos. Mas aí ouviu a porta se fechar, e passos se aproximando. Seu pai era o líder no caminho até a sala.

— O cabelo do garoto é enorme! — exclamou ele.

Fletcher entrou, acanhado, mas bonitinho, em seus jeans escuros e camisa preta.

— Olha! — prosseguiu o pai, apontando. — E fica espetado nos ângulos mais esquisitos! Que nem um porco-espinho defeituoso!

— Pare de implicar — disse a mãe de Valquíria, se esforçando para ficar de pé. Ela apertou a mão de Fletcher. — Seu cabelo está formidável, Fletcher. Meu nome é Melissa, e este é Desmond.

O pai de Valquíria fechou a cara.

— Eu disse a ele para me chamar de Sr. Edgley.

— Não ligue para ele, Fletcher. Pode chamá-lo de Des.

— Pare de desbancar minha autoridade.

— Desculpe, querido. Pode falar alguma coisa agora.

— Obrigado. — Ele encarou Fletcher, estreitando os olhos. — Quais são as suas intenções com a minha filha, então? Espero que não esteja achando que vai segurar a mão dela nem nada. Só porque os joelhos dela estão à vista não quer dizer que ela é o tipo de garota que dá a mão para um garoto de cabelo estranho logo no primeiro encontro.

— Não, senhor — disse Fletcher —, claro que não.

— Aonde planeja levá-la?

— A uma discoteca, senhor.

— E ainda assim, não trouxe flores, nada de caixa de chocolates em forma de coração. Faz alguns anos desde a última vez em que estive num encontro, Fletcher, como dá pra ver pela minha esposa...

— Ei!

— ...mas ainda me lembro das regras. Um buquê de flores e uma caixa de chocolates. Toda garota adora.

— Eu não gosto de buquês de flores — comentou Valquíria.

— Toda garota exceto minha filha, naturalmente.

— Mas não teria reclamado dos chocolates.

— Ouviu essa, Fletcher?

— Des — disse a mãe de Valquíria, suspirando —, será que dá para deixar o

pobre garoto em paz, por favor? Fletcher, Stephanie nos disse que você está na faculdade. O que está achando?

— Ótimo — respondeu ele, tentando sorrir. — Estou fazendo ciências econômicas. É para estudar a economia. Adoro.

— Qual faculdade?

— Hum?

— Em que faculdade você está?

Fletcher assentiu.

— Sim.

— Como é?

— Ah — disse Fletcher, e riu.

Os pais de Valquíria olharam para Fletcher, meio atônitos. Fletcher olhou para eles, completamente atônito. Valquíria balançou a cabeça.

— Ele não é muito bom na hora de passar a primeira impressão — disse ela, tristemente. — Não sabe o que diz. Precisamos ir, antes que ele comece a babar. Fletcher, imagino que tenha um táxi nos esperando lá fora?

— Hã... sim?

— Perfeito. Mãe, pai. Ele não é um idiota completo. Por favor, acreditem nisso. Fletcher, vamos lá.

Ela liderou o caminho até a porta, e ele a seguiu.

— Você vai precisar de um casaco! — gritou o pai atrás deles.

— Eu vou ficar bem! — gritou ela de volta, então saiu de casa e arquejou com o frio, mas não parou de andar.

Fletcher correu para alcançá-la.

— Que bom que tudo correu *bem* — comentou ele.

— Assim que estivermos fora de vista — disse Valquíria —, nos teletransporte.

Uma rajada de um vento congelante atravessou o mar, e Valquíria lutou para impedir que o vestido voasse cintura acima. Ela não estava acostumada a usar vestido.

Ela saiu da fila para ver o quanto ainda teriam que andar e gemeu. Tinha um monte de gente esperando para entrar no Shenanigans, o point favorito das cidades em torno de Haggard. Valquíria não tinha certeza, mas ela suspeitava de que também fosse o *único* point das cidades costeiras perto de Haggard, o que não era lá grande coisa.

De acordo com a mãe, o lugar havia sido um fliperama no passado, bem ali no finalzinho da península, praticamente já na praia de pedras, antes do advento dos computadores caseiros e consoles de videogame. Fora fechado, completamente remodelado, e reabriu como um pub, em seguida uma boate, e depois como ambos. Agora, no fim das contas, era uma boate de novo — uma gruta de dois andares de

música alta, máquinas de fumaça e luzes piscantes. O lugar mudara de proprietário mais vezes que de nome.

Os pais de Valquíria costumavam levá-la ali quando era pequena. Ela brincava nas pedras, em meio ao cheiro dos barcos de pesca chegando carregados. Naquela noite, no entanto, a maré estava alta, os barcos balançavam sobre as ondas, e tudo o que ela sentia era o cheiro do mar.

Ela deu uma olhada em Fletcher e viu que ele estava se esforçando visivelmente para conter a própria irritação. Odiava filas. Chegar onde queria instantaneamente era tão parte da sua vida nos últimos tempos como respirar, e ele realmente ficava indignado por ter que esperar na fila com os outros.

O vento estava ficando mais forte, ameaçando bagunçar o cabelo de Valquíria. Ela moveu a mão discretamente, afastando as correntes de ar mais próximas. Parada em uma bolha de calmaria, ela torceu para que ninguém reparasse que seu cabelo agora estava parado, e o vestido não voava. Felizmente, todos pareciam estar ocupados demais tremendo.

Eles chegaram à frente da fila e atravessaram as portas em direção ao calor lá de dentro, pouco antes de o segurança anunciar que a boate estava lotada. Fletcher se virou para ela, que sorriu e o beijou, então pegou a mão dele e o levou até a pista de dança.

A PRIMEIRA ONDA

Medonho abriu um pedaço das persianas e olhou para a rua silenciosa. Ainda escura. Ainda vazia. Ainda brilhando.

— Você parece estar esperando por alguém — comentou Enredo atrás dele. — Alguém que eu conheça?

— Estou só olhando, Fenestor.

Ravel bebericou de sua caneca de chá.

— Sabe quem eu gostaria de encontrar de novo? Tesseracto. E dessa vez, estaríamos prontos para ele.

Ardiloso, sem se incomodar em levantar os olhos do jornal, disse:

— Se eu fosse você, não ficaria tão ansioso por uma revanche.

Medonho ergueu uma amostra de tecido até uma mesa pequena e se sentou à máquina de costura.

— Faz tempo desde a última vez que enfrentei alguém tão bom. Foram só uns segundos, mas foi o suficiente.

Enredo sorriu.

— Vocês garotos perderam o gosto pela aventura. Houve uma época em que mergulhávamos de cabeça em algo assim.

— Não somos mais jovens.

— Mas seja honesto: a ideia de os Mortos voltarem à ativa não te enche de um tipo perigoso de alegria?

— Os Mortos não estão de volta — disse Ardiloso. — Estamos só sentados aqui no Natal porque não temos mais o que fazer.

Medonho pressionou o pedal. O zumbido baixo da máquina atraía seus pensamentos e os acalmava. Ele sempre se sentia mais calmo quando trabalhava.

— Além disso, eu não saio mais procurando briga por aí, especialmente contra gente como Tesseracto. Agora tenho responsabilidades. Tenho esta loja. E vocês dois vão ter que crescer mais cedo ou mais tarde, sabem? As pessoas esperam certo nível de maturidade dos Anciãos.

Ouviu-se o som de dedos amassando um jornal.

— Não brinque com isso, Reservado — repreendeu Ardiloso.

Medonho sorriu enquanto passava a manga do casaco pela máquina, fazendo ajustes finos na peça.

— Ainda não mudou de ideia quanto a aceitar o cargo?

— Acho que seria uma escolha horrendamente ruim. Talvez Corrival possa ser convencido a dar o cargo a alguém menos controverso que eu. Porcelana, quem sabe.

— Ah, todo mundo adoraria isso. — Enredo riu. — Um dos membros fundadores da Diablerie e uma seguidora devota dos Sem-Rosto.

— Ex-seguidora.

— Isso vai fazer *tanta* diferença para as pessoas de boa memória. — Enredo se recostou. Então disse: — Sua amiga Tanith é uma garota interessante.

Medonho sibilou quando a manga embolou sob a agulha. Ele corrigiu o erro e assentiu:

— Ela é mesmo.

— Quanto tempo faz que você a conhece?

— Alguns anos — disse Ardiloso. — Não muitos. Êxtase a trouxe para nos ajudar a combater Serpênteo. Tem sido uma boa amiga para Valquíria e boa aliada para o restante de nós. E você, Fenestor, vai ficar longe dela.

Enredo riu.

— E posso saber por quê?

Ele olhou para Ardiloso, que inclinou a cabeça, mas não disse nada. O sorriso de Enredo se apagou, e ele deu uma olhada para Medonho.

— Ah — disse ele. — Entendi. Desculpa.

Medonho ergueu uma sobrancelha.

— Desculpa pelo quê?

— Nada. Nadinha mesmo. A Tanith é ótima, mas ela não faz o meu tipo. Quero dizer, não estou dizendo que haja nada de *errado* com ela. Ela é incrível. Mas, sabe como é, não para... não para mim, basicamente. Para outra pessoa, no entanto, eu diria que ela poderia ser... hã, perfeita. Caso, sabe, caso outra pessoa gostasse dela.

Medonho se concentrou na costura, e Enredo mudou de assunto rapidamente.

— Eu estava pensando, na verdade, sobre essa história de Conselho. Talvez não seja tão ruim. Pode ser um novo começo para todo mundo. Novo Conselho, novo Santuário... começar do zero. Acho que está na hora de você começar do zero, Ardiloso.

Ardiloso dobrou o jornal e o colocou na mesa.

— O que está querendo dizer?

Enredo hesitou.

— Qualquer que seja o fardo que você vem carregando, seja lá o que você tenha feito na guerra que foi tão terrível, talvez seja hora de colocar isso de lado. Pode ser

bom para você resgatar o legado da sua família. Mais cedo ou mais tarde, você precisa se perdoar e seguir em frente.

Ardiloso ficou em silêncio por um momento.

— É mesmo?

Medonho parou de costurar.

— Concordo com Enredo. E a verdade é que Valquíria talvez seja a sua maneira de fazer exatamente isso. Eu acho que ela é uma boa influência para você, para ser sincero. Faz de você uma pessoa melhor.

— Você nem sempre pensou assim. Ela me contou sobre a visão que a sua mãe teve... sobre Valquíria e eu lutando lado a lado, e que essa seria a nossa queda.

— E o mundo cairia com vocês — disse Medonho. — Acho que minha mãe foi a primeira sensível a prever a chegada de Trevária, mas eu não acho que esse futuro vá acontecer. Não mais. Acho que vocês dois, juntos, são fortes o suficiente para mudar o que está por vir.

— Você me soa estranhamente otimista, Medonho.

— É Natal. Posso ser otimista.

Alguém bateu na porta, e Medonho se levantou para atender.

Enredo sorriu.

— Quem poderia ser?, me pergunto. Quem se aventuraria por uma noite tão fria e implacável como esta? Uma certa jovem inglesa, talvez?

Medonho olhou de cara feia para ele.

— Não diga nada.

— Nem uma palavra.

Medonho abriu a porta, mas no lugar da bela figura de Tanith Low, ele foi saudado pela estrutura corpulenta de Corival Revés.

— Grande Mago — disse Medonho, com certo desalento na voz.

— Não precisa de tanto entusiasmo — suspirou Corival, passando por ele. — Ah, está quente e agradável aqui dentro. Olá, rapazes.

Ardiloso e Enredo se levantaram.

— Qual é o problema? — perguntou Ardiloso.

Corival riu.

— Por que é que tem que haver um problema? Não posso visitar velhos colegas sem nenhum terrível motivo oculto? É época de festas, pelo amor de Deus.

Enredo franziu a testa.

— Então... não tem nada errado?

— Nada. Podem relaxar. É uma ordem. — Corival pegou uma cadeira de madeira e a puxou para perto dos outros. — E aí, o que está acontecendo? Três velhos amigos compartilhando histórias de guerra, é isso? Nada de garotas? Sem nenhuma companhia?

— Só a gente — disse Medonho.

— Não é o ideal — respondeu Corrival —, mas vai servir.

Corrival lançou a cadeira contra as costas de Medonho. A claraboia explodiu em uma chuva de vidro quebrado, e Salomão Mortalha aterrissou na loja no instante em que a porta foi arrombada e Anton Frêmito entrou. Enredo investiu contra Mortalha, e Ardiloso foi para cima de Frêmito.

Os lábios de Corrival estavam negros, e suas veias, escuras sob a pele. Ele empurrou o ar, e Medonho foi erguido do chão, atingindo a parede e quebrando prateleiras.

Frêmito segurava o braço direito como se este estivesse quebrado, mas seu âmagô estava mais sombrio e furioso do que nunca. Ele investiu contra Ardiloso, que mal teve tempo de se lançar para fora do caminho. Tentar atacar o âmagô em si não servia de nada: a única maneira de lutar contra Frêmito era levar a luta diretamente até ele. Ardiloso estalou os dedos e lançou uma bola de fogo, mas o âmagô mergulhou para interceptá-la.

Do outro lado da loja, Enredo estava fazendo o possível para evitar as sombras afiadas que Mortalha atirava contra ele. Com uma onda de ar, ele fez o Necromante cambalear, então arremeteu contra ele, tentando arrancar a bengala de suas mãos.

Medonho se jogou no chão e rolou para evitar outra parede de ar, terminando ao lado de Corrival e desferindo nele um soco que teria derrubado alguém com o dobro do tamanho. Mas Corrival se limitou a grunhir, e Medonho se lembrou de quão misericordiosamente breve tinha sido seu papel na luta contra o Tesserato — um inimigo que parecia não sentir dor. Corrival o acertou, e o mundo pareceu girar. Medonho caiu para trás.

O âmagô guinchou quando Ardiloso pegou um dos enormes rolos de tecido que Medonho deixava apoiados na parede e o puxou num gesto rápido. O tecido, vermelho-vivo e muito caro, se desenrolou com um estrondo, então o âmagô voou direto contra ele, se embolando. Antes que pudesse rasgar o tecido para abrir caminho, Ardiloso usou o ar para se lançar contra Frêmito. Chegando por trás, colocou um braço em torno da garganta dele e apertou. O âmagô chiou ao ser puxado de volta ao peito de Frêmito.

Medonho espalmou o ar, e Corrival foi empurrado para trás. Ele olhou para Enredo, que pegara a bengala de Mortalha e a estava usando para bater no Necromante até ele perder os sentidos. Houve um movimento na claraboia quebrada quando um Remanescente entrou na sala, grudando no rosto de Enredo. Este se debateu e caiu de joelhos. Medonho correu para ajudá-lo, mas era tarde: veias negras já começavam a se espalhar por sob a pele do amigo.

— Ardiloso! — gritou Medonho. — Temos que ir!

Ele se virou para a porta bem no instante em que Tesserato entrou por ela.

Ardiloso agarrou Medonho.

— Segure firme — disse, antes de sair voando pela claraboia para o gélido ar noturno.

SHENANIGANS

O Shenanigans estava lotado. Valquíria e Fletcher subiram para o segundo andar, onde havia enormes espelhos em uma das paredes, talvez num esforço para convencer os jovens de que a pista de dança era maior do que realmente era. Os espelhos eram uma distração. Fletcher não parava de olhar para o próprio reflexo, verificando o cabelo enquanto dançava. Porém, Valquíria não riu da vaidade dele — ela própria dava algumas olhadas no espelho, só para se certificar de que estava com uma aparência tão boa quanto esperava.

Havia dois degraus que desciam até a pista de dança. Não eram servidas bebidas alcoólicas, mas mesmo assim umas três pessoas já tinham tentado entrar na pista sem perceber os degraus e caído de cara no chão. Valquíria estava se divertindo com isso.

Eles dançaram, riram e conversaram em voz alta por causa da música, então Fletcher foi até o bar para pegar uma Coca-Cola. Valquíria ficou na beira da pista, e um garoto se aproximou. Era da idade de Fletcher, com o cabelo castanho e curto, e um sorriso agradável.

— Oi — disse ele.

Valquíria sorriu educadamente de volta.

— Oi.

Ele se inclinou para que ela o ouvisse:

— Posso pagar uma bebida pra você?

Ela fez que não com a cabeça.

— Meu namorado já está fazendo isso.

— Aquele é o seu namorado?

Ela assentiu.

— Ele tem sorte.

Ela sorriu de novo.

— Meu nome é Owen. E o seu?

— Valquíria — respondeu ela.

— Como?

Ela piscou.

— Stephanie — disse, em voz alta. — Meu nome é Stephanie. Oi, Owen, como vai você?

— Ah, bem — respondeu ele. — Prestei atenção em você a noite inteira.

Valquíria assentiu mais uma vez e se inclinou para ele.

— Isso é meio bizarro.

Ele riu.

— Eu estava me perguntando se você me daria o seu telefone.

— Tenho namorado, Owen.

— Eu tenho namorada, Stephanie. Isso não significa que você não possa me dar seu telefone.

— Verdade — disse ela, dando um tapinha no braço dele. — Só significa que não vou.

Valquíria passou por ele sem olhar para trás. Abriu caminho pela multidão e, depois de um tempo, conseguiu atravessar. Foi direto para o banheiro feminino. Pela primeira vez, não tinha fila para entrar, mas Valquíria ainda precisou esperar um minuto até que uma das cabines ficasse disponível. Ela entrou e trancou a porta atrás de si.

A música estava abafada ali, o suficiente para que ela conseguisse ouvir as conversinhas das garotas ao redor. Quando terminou, destrancou a porta e foi até a pia lavar as mãos e verificar a maquiagem. Nada borrado. Sempre que sentia que a dança poderia fazê-la transpirar, Valquíria — e quem estivesse em volta dela — era subitamente atingida por uma misteriosa e providencial corrente de ar fresco. A magia era espantosamente útil às vezes.

Um grupinho de garotas entrou atrás dela, e Valquíria se virou para sair, mas elas bloquearam a passagem.

— Aquele cara com quem você estava de conversinha é meu — disse a primeira, uma loira bonita com maquiagem demais e uma cara feia de desdém.

Valquíria recuou.

— Eu não estava de conversinha com ninguém — respondeu. — Eu vim com o meu namorado.

As três amigas da loira a cercaram, garotas com blusinhas finas, saias curtas e saltos altos. Valquíria reconheceu uma da escola, mas não sabia o nome dela.

— Para mim pareceu conversinha — disse a loira, a cabeça inclinada na atitude de alguém que quer puxar uma briga.

— Está falando de Owen? — perguntou Valquíria. — Falamos muito rápido, e foi tudo. Não tenho o menor interesse nele, se for essa sua preocupação.

A loira pressionou o indicador contra o meio do peito de Valquíria.

— Eu tenho cara de alguém que está preocupada? Acha que estou com medo de que ele fique com você, é isso?

Valquíria deu um sorriso paciente.

— Gostei do seu estilo de maquiagem. Você usa um pincel ou só enfia a cabeça no balde?

A cabeça da loira subitamente se lançou para a frente. Valquíria conseguiu virar o rosto a tempo, e só sentiu um raspão na bochecha, em vez de um nariz quebrado. Valquíria se desequilibrou e se apoiou na pia enquanto as quatro garotas avançavam contra ela. Duas delas agarraram seus cabelos, e ela gritou quando a puxaram para a frente. Ela caiu de joelhos, e a loira — Valquíria tinha certeza de que aquilo podia ser considerado loiro — desferiu um chute contra suas costelas. Ela ficou sem ar. Estavam à volta dela, xingando-a, chutando-a, impedindo-a de se levantar.

A loira chutou de novo, e Valquíria bloqueou o golpe, segurou a perna dela e, com uma das mãos, puxou a outra. A garota guinchou ao cair, levando uma das amigas junto. Valquíria recuou, enfiando o cotovelo no músculo da coxa de outra garota. A quarta, agora temporariamente sozinha, se afastou quando Valquíria levantou. Valquíria deu-lhe um soco forte na mandíbula, e a garota caiu.

Valquíria afagou as costelas, lutando para respirar. Chutes como aquele teriam sido facilmente absorvidos pelas roupas de Medonho se ela as estivesse usando — mas *não estava*. Estava no banheiro de uma boate, lutando num vestido que era curto pra caramba.

A garota que Valquíria atingira na coxa se lançou contra ela. Valquíria desviou das unhas que miravam em seu rosto e lhe deu um empurrão, ouvindo a cabeça da garota bater com estrondo na parede.

A loira e a amiga que restava já estavam de pé. Valquíria se abaixou para evitar um golpe e enfiou o punho na barriga dela. Então envolveu a cintura da garota com um braço e a girou pelo quadril. A loira foi atingida pelas pernas da amiga e cambaleou para trás, caindo contra a porta fechada de um dos cubículos.

Valquíria enfrentou a loira, cercada pelos soluços e grunhidos das outras agressoras. Ela descalçou o sapato do pé direito. Com o rosto distorcido de fúria, a loira se jogou para a frente, e o pé descalço de Valquíria a atingiu bem no peito, lançando-a para trás. A porta do cubículo se abriu com um estrondo, a loira aterrissando na garota aterrorizada que estava lá dentro.

— Foi mal — disse Valquíria.

Ela colocou o sapato de volta e fez uma careta quando a dor percorreu suas costelas. A luz tremulou de um jeito esquisito, lançando sombras pelas paredes. Ela se virou para ir embora e estava quase saindo quando ouviu uma das garotas engasgando. Parou. Se alguma coisa do que tinha feito resultara em ferimentos sérios para qualquer pessoa naquele banheiro, por mais detestável que fosse, Valquíria sabia que ficaria um mês sem conseguir dormir. Então se virou, entrou no banheiro de novo, e congelou. As quatro garotas com quem havia lutado, e mais a outra que

antes se encontrava dentro do cubículo, estavam de pé. Elas olharam para ela e sorriram com seus lábios negros.

— Não — sussurrou Valquíria.

— Você não tem como escapar — disse a loira. Veias negras se espalharam por seu rosto. Valquíria já tinha visto aquilo acontecer antes, no dia em que Conspício fora possuído, no dia em que ele torturara Tanith.

— Estamos todos livres daquele quartinho — prosseguiu a loira. — Cada um de nós. E um de nós viu o futuro. Sabemos que você vai aniquilar o mundo, Trevária.

Valquíria empalideceu.

— Isso é mentira. Está errado. Não é mais o futuro. Eu o mudei.

— Então vamos mudá-lo de volta. Não estamos aqui para lutar contra você. Queremos nos unir a você. Queremos ajudar.

— Não se aproxime.

— Você está assustada. Está confusa. Nós compreendemos. É por isso que estamos aqui. Estamos aqui para guiá-la e para servi-la. Nós te amamos, Trevária.

Valquíria se virou e saiu em disparada.

Correu até o primeiro lance de escadas, abrindo caminho por um aglomerado de gente jovem e bonita. Alguém gritou, em seguida outro alguém, e Valquíria olhou para cima, vendo uma torrente negra descendo até o bar. Remanescentes, centenas deles, mergulhando em direção às pessoas em pânico abaixo. Ela observou as criaturas sombrias rastejarem para dentro de bocas que gritavam, insensíveis às tentativas desesperadas de impedir a entrada delas. Gargantas esboçavam ânsias conforme as criaturas forçavam a entrada.

Valquíria procurou por Fletcher, e o viu do outro lado do salão, gritando por ela. A multidão avançou, derrubando-o e fazendo com que ela o perdesse de vista. Valquíria esqueceu das escadas e correu para a beira do terraço. Ela se lançou por sobre a amurada e caiu, os Remanescentes rodopiando ao seu redor enquanto atacavam as pessoas na pista de dança abaixo.

Ela usou o ar para desacelerar a queda, mas mesmo assim aterrissou pesadamente em cima de um jovem casal que tentava escapar. Os três se chocaram contra o chão, e imediatamente meia dúzia de Remanescentes se colou às costas e aos ombros do garoto. Valquíria teve que abandonar a garota, que gritava ao ver o namorado ser possuído, então a música foi interrompida, e tudo o que ela conseguia ouvir eram gritos.

Ela correu, passando por gente aterrorizada, evitando as garras dos que já tinham sido tomados pelos Remanescentes. Entrou numa área reservada para funcionários e a atravessou até chegar a uma porta aberta, indo parar nos fundos da boate. Água salgada respingava pela beira da amurada de concreto, deixando o chão escuro e molhado. Valquíria pegou o telefone com a intenção de ligar para Ardiloso e viu que

tinha três chamadas perdidas dele. Ouviu passos e olhou para cima. Um oficial da Garda, a polícia irlandesa, corria na direção dela.

— O que é que está havendo lá dentro? — perguntou ele. — O que está acontecendo?

— Uma briga — respondeu Valquíria, se esforçando para pensar em alguma coisa. — Eu não entraria lá se fosse você.

O homem não respondeu, só derrubou o telefone da mão dela com um tapa e investiu, fazendo com que batessem contra a amurada e caíssem dentro da água gelada e escura.

Aproveitando o momento de choque, Valquíria conseguiu se afastar o máximo possível, chegando até a rampa. O oficial emergiu e a puxou para baixo. Eles lutaram na escuridão congelante. As unhas dela arranharam o rosto do homem, que a soltou. Ela se libertou e voltou a nadar, o policial logo atrás dela. Ela mudou de direção, deixando a rampa para trás e apenas nadando de volta até o muro.

Ela tomou controle da água, que se revolveu, erguendo-a de suas profundezas e lançando-a contra a grade. Seu corpo atingiu-a com força, e Valquíria se segurou, arquejando, então passou uma perna por cima e caiu na estrada do outro lado. Perdera os sapatos no mar.

Estava com água nos ouvidos, portanto só notou o oficial chegar quando os braços dele estavam em volta da sua cintura. Ele a jogou contra a lateral de uma van estacionada, fazendo-a cair. Então agarrou seus tornozelos e a puxou. Ela gritou, seu vestido amarrotado, os pés descalços e o cabelo molhado nos olhos. O homem a arrastou mais um pouco e riu.

Valquíria lançou a mão para trás, e uma rajada de vento o atingiu com força suficiente para que a soltasse. Ela se levantou no momento em que ele sacava um longo cassetete e sorria para ela. Um facho de luz da rua atingiu o rosto dele, e Valquíria pôde ver as veias negras sob a pele pálida.

Ela espalmou o ar contra ele. O vazio tremulou, mas o homem já estava se movendo, esquivando-se do ataque. Ela estalou os dedos no rosto dele, e uma chama se acendeu. Ele xingou e recuou, cambaleando com as mãos nos olhos. Ela o chutou bem no meio das pernas, o fazendo ceder, mas ele bloqueou o joelho que ela mirara em seu rosto e investiu. Valquíria desviou para o lado, e ele passou direto, tropeçando no pé dela. Seu rosto bateu contra a lateral da van com um baque nauseante, e ele deu uma guinada instável para ficar de pé. Ela chutou a perna do guarda, fazendo o músculo fraquejar e o homem cair de lado contra a van, o sangue escorrendo do nariz quebrado. Ela estalou os dedos e lançou uma bola de fogo, que atingiu o braço do oficial. Ele uivou de dor e largou o cassetete, que ela chutou para longe.

— Não é possível — disse uma voz incrédula atrás dela, e Valquíria se virou para

rosnar em direção à pessoa que tinha ousado interromper. Então congelou.

— Stephanie — disse sua prima Carol, estupefata —, por que está espancando este guarda?

AS GÊMEAS

O oficial aproveitou a oportunidade e se jogou em cima de Valquíria. Ela caiu para trás, as mãos dele em sua garganta, o rosto do homem contorcido.

— Solte ela — trovejou Crystal, tentando tirá-lo de cima da prima.

Carol começou a golpear a cabeça do guarda com a bolsinha que carregava. Quando isso não surtiu efeito, ela tentou arrancar os olhos dele com as unhas. O guarda xingou, mas não tirou as mãos de Valquíria, então Fletcher chegou, abrindo caminho por entre Carol e Crystal. Ele colocou o braço na garganta do homem, e os três juntos conseguiram puxá-lo. Carol e Crystal o soltaram, então Fletcher desapareceu, levando o policial.

As gêmeas ficaram com o olhar perdido.

— *Hã?* — disse Carol.

Fletcher voltou sozinho.

— Eles estão por toda parte — disse ele. — A boate inteira...

Lutando para controlar a própria respiração, Valquíria apurou os ouvidos.

— Os gritos pararam — comentou. — Ah, meu Deus, eles pegaram todo mundo.

— Aonde você foi? — perguntou Crystal a Fletcher.

Valquíria pegou o telefone do chão.

— Pessoal, dêem as mãos. Fletcher, para o píer ao lado da minha casa. Vai.

Eles se teletransportaram até o píer, a apenas 6 quilômetros da costa. Carol e Crystal cambalearam para longe deles, os olhos arregalados diante da nova paisagem, e, em uníssono, se encolheram e vomitaram nos próprios sapatos.

— O que está acontecendo? — choramingou Carol.

— Você está a salvo agora — disse Fletcher.

— Estávamos do lado de fora do Shenanigans! — guinchou Crystal. — Como é que chegamos aqui?

— Eu teletransportei vocês — disse o garoto, fazendo o possível para soar tranquilizador.

Carol piscou.

— Como em *Star Trek*?

— Exatamente como em *Star Trek* — ele sorriu —, mas sem as máquinas.

Carol mudou o foco da atenção para Valquíria.

— E você. Você. Você pôs fogo naquele guarda! Você tocou fogo em um policial!

— Não — corrigiu Crystal. — Ela *atirou* fogo em um guarda. Stephanie, você *atirou* fogo nele. E então o empurrou, mas nem tocou no cara. Como foi que fez isso?

— É complicado — disse Valquíria, de repente se sentindo muito molhada e com muito frio.

Crystal deu um passo para trás, cautelosa.

— Você é uma mutante?

— Oi?

Os olhos de Carol se arregalaram.

— Você tem superpoderes?

— Não, não tenho. Foi só... bem, magia.

Carol deu uma risada súbita e meio louca.

— Espera que a gente acredite nisso?

— Vocês acharam Ok acreditar que a Valquíria era uma mutante com superpoderes — comentou Fletcher —, mas não que sabe usar magia?

— Quem é Valquíria? — Quis saber Crystal.

— Eu — respondeu Valquíria. — É tipo um codinome ou algo assim. Mas ainda podem me chamar de Stephanie. Na verdade, eu realmente prefiro que continuem me chamando de Stephanie. Eu vou responder às suas perguntas num segundo, está bem? Tenho que fazer uma ligação.

Ela se virou e apertou a discagem rápida para falar com Ardiloso.

— Remanescentes — disse, assim que ele atendeu.

— Eu sei — respondeu ele. — O que houve?

— Eles vieram atrás de mim na boate. Centenas deles. Pegaram todo mundo que estava lá dentro.

— Você está bem?

— Estou — respondeu ela. — Dolorida e congelando, mas escapamos.

— Vá até Conspício. Medonho já está lá.

— Temos que avisar os outros.

Ardiloso hesitou.

— Deixe que eu me preocupo com isso.

— Como assim? Estão todos em perigo.

— Até onde sabemos, os Remanescentes já pegaram eles, Valquíria. Vou verificar. Farei o possível para averiguar se ainda são quem são, mas você precisa se preocupar com a sua *própria* segurança.

— E quanto aos meus pais? Se os Remanescentes possuírem alguém que sabe onde eu moro...

— Seu reflexo não é uma coisa viva, eles não podem possuí-lo. Mande ele te avisar se acontecer alguma coisa. É o melhor que você pode fazer.

— Eu não gosto disso...

— Apenas vá até Conspícuo. Ele já está trancando o prédio. Você e Fletcher, fiquem por lá com Medonho e esperem por mim. Não atenda o telefone para ninguém. Entendido?

— Sim.

— Seja cuidadosa. Nos vemos em breve.

Ele desligou.

— Ok — disse Carol. — O que exatamente está acontecendo? Explique para a gente. Agora. Ou então vamos... Vamos contar para os nossos pais. E eles vão contar para os seus, e você vai estar encrencada.

— Não contem para os pais de vocês — disse Valquíria, os olhos se estreitando. Ela se forçou a ser gentil. — Gente, não temos muito tempo aqui, mas sabem todas aquelas coisas sobre as quais o tio Gordon escrevia?

— Nos livros? — perguntou Carol. — Nunca tivemos permissão para ler os livros dele. Mamãe dizia que eram pervertidos.

— Eu li — disse Crystal, um pouco envergonhada.

Carol pareceu estupefata.

— Quando foi que leu um livro?

— Li alguns — disse Crystal, na defensiva. — São todos sobre magos e bruxos e monstros. Tem umas partes meio pervertidas, mas não são tão ruins.

— É tudo verdade — interrompeu Valquíria —, só que não são chamados magos e bruxos, são chamados feiticeiros. Todas as coisas sobre as quais Gordon escreveu são reais.

— Até as partes pervertidas? — Quis saber Crystal.

— Bom, talvez não as partes pervertidas.

Carol pôs as mãos nos quadris.

— Como foi que *você* aprendeu magia?

— Algumas pessoas nascem com o dom. Tudo o que precisam é do treinamento correto para que ele venha à tona.

— Somos suas primas — disse Carol. — Também podemos fazer magia? É um negócio de família? Tem algum teste que a gente possa fazer para descobrir?

— Não existe teste — disse Valquíria lentamente, pensando desesperadamente em uma mentira convincente —, mas a verdade é que vocês não são altas o suficiente para isso.

Crystal pareceu decepcionada.

— Sério?

— É verdade — disse Fletcher. — Tem uma altura mínima exigida, e vocês estão

um pouco abaixo dela.

— Poderíamos usar saltos — tentou Crystal.

— Não vai funcionar — disse ele, sacudindo a cabeça.

— Aquele homem — disse Carol. — O homem magro no dia da abertura do testamento de Gordon, com aquele nome ridículo. Ele está envolvido nisso, não está?

— Ardiloso Cortês. — Valquíria assentiu. — E sim, ele está.

— Eu sabia que havia algo de errado com ele. Soube no instante em que mamãe disse que havia algo de errado com ele. Sou excelente para julgar o caráter das pessoas. Então tá, vocês são magos e bruxos e sei lá o quê...

— Feiticeiros — insistiu Valquíria.

— ...mas por que estava lutando contra o policial? — prosseguiu Carol. — O que era aquilo? E o que estava acontecendo lá dentro? O segurança falou que o lugar estava lotado, então estávamos tentando entrar pelos fundos quando ouvimos uma gritaria.

— O policial não era um policial. Ele era um Remanescente, que é tipo um fantasma maligno. Ele entra no seu corpo pela boca e absorve sua personalidade e possui você. Se você não se livrar dele em quatro dias, ele fica dentro de você para sempre.

— Que nojo — murmurou Carol.

— Ouçam, preciso me secar e trocar de roupa. Fletcher pode contar todo o resto para vocês enquanto isso, depois deixamos vocês em casa. Fletcher, pro meu quarto.

— Espera — disse Carol —, você vai deixar a gente sozinha aqui?

— Dois segundos. — Fletcher sorriu. Ele pegou a mão de Valquíria, e eles apareceram no quarto dela.

— Mantenha-as calmas — disse Valquíria. Ele assentiu e desapareceu. Ela foi até o banheiro na ponta dos pés, tirou a roupa e entrou no banho quente. Abraçou o próprio corpo até a pele arrepiada voltar ao normal, então saiu e achou uma toalha. Ela pegou as roupas molhadas e correu pelo corredor bem na hora em que a mãe dela chegou ao topo da escada.

— Voltou cedo, pelo que estou vendo.

Valquíria forçou um sorriso no rosto.

— É.

— Não ouvi você entrar.

— Sou silenciosa como um ninja. — Valquíria assentiu. — Acabei de chegar em casa.

— E você se divertiu?

— Suponho que sim. A música estava ruim, e as pessoas eram irritantes. Tirando isso, tudo bem.

— E Fletcher se divertiu?

— Imagino que sim. Mas eu estava bem cansada, então só queria vir pra cama.

— Acha que vai sair com ele de novo?

— Fletcher? Sim. Na verdade, ele é ótimo. Ele só *parece* idiota.

— Bom, eu o achei encantador — disse a mãe, então franziu a testa. — Suas roupas estão molhadas?

— Deixei a porta do boxe aberta — respondeu Valquíria, tentando parecer o mais envergonhada possível.

A mãe revirou os olhos, então deu um beijo na bochecha dela.

— Boa noite, querida.

— Boa noite, mãe.

Valquíria voltou para o quarto e fechou a porta silenciosamente. Ela tocou o espelho e seu reflexo piscou e saiu.

— Me avise — disse Valquíria —, no instante em que alguma coisa der errado. Agora vá para a cama.

Ela pegou as roupas negras e começou a se vestir.

— O que é que você vai fazer? — perguntou o reflexo.

Valquíria olhou ao redor.

— Eu disse para você ir para a cama.

— Eu vou — respondeu o reflexo. — Mas você precisa conversar com alguém.

Valquíria riu.

— Você? Seria melhor falar *comigo mesma*.

— Os Remanescentes sabem que você é Trevária.

— Nada disso vai acontecer mais. Por que está fazendo perguntas? Toda vez que você é ativada, fica com os meus pensamentos e memórias. Sabe de tudo o que eu sei.

— Na verdade, eu sei mais.

Valquíria estreitou os olhos.

— O quê?

— Sei as coisas que você não quer enfrentar. Os Remanescentes sabem que você é Trevária, e isso significa que eles têm um Sensitivo. Faz sentido que possuam um, se não dois, dos mais poderosos do país.

— Finbar Errado — disse Valquíria — ou Cassandra Pitonisa.

— E se estiverem controlando *eles* dois, então quem mais podem ter controlado? Porcelana, talvez? Tanith? Fletcher?

— Do que você está falando? Fletcher me ajudou a escapar não faz nem cinco minutos.

— E nos quatro minutos em que você não o viu, qualquer coisa pode ter acontecido.

Valquíria queria dizer ao reflexo para se calar, mas ele estava dizendo a verdade, e ela sabia.

— Você não pode confiar nos seus amigos — disse o reflexo.

— Posso confiar em Ardiloso. Os Remanescentes não podem tomar o corpo de nada que esteja morto.

— E mesmo assim, você *não* confiou no Ardiloso — disse o Reflexo, casualmente. — Se confiasse, teria dito a ele há meses que era Trevária.

— Você *sabe* porque eu não contei isso a ele — disse Valquíria, com raiva.

— Sim, eu sei. Mas você não sabe.

— Estou ficando de saco cheio dessa sua nova atitude irreverente.

— Você estava dizendo para si mesma que não queria que Ardiloso olhasse para você de um jeito diferente, mas isso está longe de ser o motivo verdadeiro.

— Já chega — grunhiu Valquíria. — Por que simplesmente não vai dormir?

— O motivo pelo qual não disse a ele...

— Eu disse para *ir dormir*.

— É porque tem medo dele.

Valquíria riu.

— Eu tenho medo dele? É isso? Esse é a sua grande sacada? Eu não tenho medo de Ardiloso, sua grande idiota.

— Estava com medo do que ele faria com você se descobrisse. Quando foi amarrada àquela mesa e alucinou, quando o viu pegar a arma para atirar em você... era *disso* que você tinha medo.

— Ele nunca me machucaria — respondeu Valquíria.

— Você não acredita nisso.

— Na verdade, acredito assim.

— Na verdade, não acredita, não. Pergunte a si mesma: e se as visões nunca pararem?

— O quê?

— Se os Sensitivos continuarem a ter visões com Trevária, se selar seu nome não tiver mudado o futuro. O que acha que Ardiloso fará se você ainda for uma ameaça?

— Cala essa boca — rosnou Valquíria — e vai dormir.

— É claro — disse o reflexo, e fez o que foi mandado.

Valquíria estava fumegando ao colocar a jaqueta. Ela ligou para o telefone de Fletcher.

— Estou pronta — falou quando ele atendeu.

Nos três segundos em que esperava ele se teletransportar, foi tomada pelo pânico. E se os Remanescente o *tivessem* pegado? Talvez ele a teletransportasse direto para as garras do inimigo. Fletcher apareceu na frente de Valquíria e segurou sua mão.

Ela hesitou.

— Como estão as gêmeas? — perguntou.

— Acho que consegui acalmá-las.

Valquíria pegou a mão dele com a sua esquerda, deixando a direita livre para lutar, caso precisasse. O coração dela batia violentamente, e então apareceram do lado de fora novamente, perto do píer — *não* cercados por Remanescentes. Ela fez o possível para que seu suspiro de alívio não pudesse ser ouvido.

— Carol está tendo um ataque de pânico — comentou Crystal, apontando com o polegar a irmã, que andava em círculos, hiperventilando.

— Eu acabei de fazer com que ela parasse com isso — murmurou Fletcher, e correu até a garota.

— Ele é seu namorado? — perguntou Crystal, assim que ele ficou fora do alcance auditivo.

— É, sim — respondeu Valquíria.

— Ele é mais velho que você, né? Talvez preferisse alguém como eu. Estou mais perto da idade dele.

— É, mas não. Não vejo isso acontecendo.

— Ele tem um irmão?

— Não.

— Ele é lindo.

— Ele acha que é.

— O cabelo dele é incrível.

— Desafia tanto a gravidade quanto a razão.

— Onde vocês se conheceram?

— Eu ajudei a salvar a vida dele.

— Ah — disse Crystal, assentindo como se de repente tudo fizesse sentido. — Então ele namora você por gratidão.

Valquíria soltou um suspiro.

REMANESCENTES À SOLTA

Eamon Campbell era o tipo de leiteiro que aparecia independentemente de granizo, chuvisco, chuva ou neve. Ele levava seu trabalho muito a sério, aplicando a ele o mesmo nível de dedicação que seu pai fizera, e o pai do pai dele antes disso. Houve uma época em que Eamon esperava que a tradição pudesse se perpetuar após sua morte, mas a não ser que seu filho perdesse o entusiasmo por contabilidade, Eamon temia que os dias dos leiteiros Campbell estivessem chegando ao fim. Eamon não tinha tempo para contabilidade. Era cheia de números e dígitos e pedacinhos complicados de papel. Ele não gostava dela, e não confiava nela.

No entanto, gostava de leite. Leite era simples. As melhores coisas na vida, Eamon sempre dizia, eram simples. Seu trabalho. Sua esposa. As melhores coisas.

Ele não se importava em começar cedo. Na verdade, gostava de acordar antes de todo mundo, trabalhar no escuro, colocando o leite na soleira da porta das pessoas. Ele era o último de uma raça em extinção, como adorava dizer a qualquer um que se dispusesse a ouvir. Ultimamente, no entanto, todo mundo comprava o leite em grandes lojas. “Onde estava o toque pessoal?”, ele sempre se perguntava. “Onde estava o esforço?”

Eamon diminuiu a velocidade de seu caminhão de leite, cuidadoso nas estradas congeladas. Um monte de gente vinha reclamando do clima. Eamon, não. Ele estava acostumado. Quando você começa a trabalhar às três horas da manhã, se acostuma com qualquer coisa. Ele desliga o rádio com um *tsc* ao ouvir as notícias sobre diversas brigas em uma boate. As coisas eram bem diferentes quando *ele* era jovem, sem sombra de dúvida.

Ele saiu do carro, abriu o painel lateral do caminhão, pegou três caixinhas nas mãos e as deixou na porta do número 11. O número 12 comprava o leite num supermercado, então tudo o que ele deixava naquela casa era seu desgosto. Deixou duas caixas no número 13, e a mesma quantidade no 14. Ele sentia falta do tilintar das garrafas de leite enquanto trabalhava. Algumas de suas memórias de infância mais queridas eram do tilintar das garrafinhas de leite nas mãos grandes do pai.

Ele viu um homem correndo em sua direção, se mantendo na grama à beira da calçada, e murmurou baixinho. O corredor aparecera há alguns meses, passando por

Eamon na mesma hora toda manhã, acenando com a cabeça e sorrindo ao passar. Ele usava braçadeiras e cintos que refletiam a luz, e tinha lanterninhas nos pulsos. A aparência era ridícula, mas não era esse o motivo pelo qual Eamon o odiava. Eamon não gostava do homem pelo simples motivo de que ele roubara seu momento solitário.

Esse tempo da manhã, das três às cinco e meia, era só dele. Ele era o único acordado, o único ativo. E esse panaca, iluminado como uma árvore de Natal, começara a interromper sua rotina. Um aceno e um sorriso. Eamon não queria *ninguém* acenando e sorrindo para ele, especialmente um maldito imbecil que provavelmente poderia ser visto do espaço.

A reação de Eamon foi simplesmente ignorar o cara. Pelas primeiras semanas, isso funcionou bem. Ele passava correndo, acenava e sorria, e Eamon olhava para o leite ou para as estrelas ou para alguma cerca que estivesse por perto. O corredor deve ter percebido que estava sendo ignorado, porque começou a passar o mais perto possível de Eamon, e quando isso não funcionou, ele acrescentou um aceno ao repertório e, então, um “opa”. Estava ficando cada vez mais difícil ignorá-lo, mas Eamon estava determinado a não se deixar abater por essa intrusão.

Eamon encheu os braços de caixinhas de leite e ergueu o olhar, reparando que o homem não estava fazendo sua corridinha galopante. Estava correndo a toda velocidade. Eamon compreendia esse tipo de corrida. Você ia o mais rápido possível porque queria chegar a algum lugar. O que não entendia era essa baboseira de *cooper*. Era uma corrida, só que mais lenta, então obviamente você não estava com pressa de chegar a lugar algum. Por que não ir andando?

Ainda murmurando para si mesmo, Eamon atravessou a rua em direção ao número 9. Ele deu outra olhada para o corredor, cujos pés esmigalhavam a grama coberta pela geada. Correndo. Não como uma gazela, mas como um leão. Como um leão se aproximando da presa.

O homem saiu da grama e correu pela rua. Foi direto na direção de Eamon e o levantou do chão. As caixinhas voaram pelo ar frio, batendo no asfalto e explodindo. Leite derramado. Eamon quase chorou.

— O que acha que está fazendo? — gritou, afastando o corredor. — Poderia ter me matado!

Ele se levantou da rua, enfurecido. O corredor já estava de pé. Havia algo errado com o rosto dele.

As mãos do corredor se fecharam em torno do pescoço de Eamon, apertando-o em um sufocamento que imediatamente fez o sangue golpear a cabeça do leiteiro. Eamon guinchou e tropeçou para trás, levando o corredor junto. Os dois escorregaram e deslizaram, mas o sufocamento continuava, o aperto impossivelmente forte. O rosto do corredor estava matizado de veias escuras, e seus

lábios estavam negros.

— Nunca gostei de você, velho — disse o corredor, com um sorrisinho.

Eamon atingiu a lateral do caminhão e bateu à procura de uma arma. Quebrar uma garrafa de leite na cabeça do atacante o teria detido. Esmagar uma *caixinha* não teria o mesmo efeito.

Eamon recuou, se apoiando no caminhão para tomar o máximo de impulso possível. Os sapatos de corrida do homem, cuja sola brilhava com luzinhas, escorregaram no gelo, e assim que Eamon conseguiu um pouco de embalo, aumentou a pressão, forçando o agressor para cima da poça de leite. As pernas do corredor cederam, e o sufocamento parou. O corredor caiu no chão, e Eamon recuou, arquejando com a falta de ar. O corredor riu, abrindo bem a boca.

Eamon viu quando uma sombra negra deixou a boca do homem e flutuou no ar até a porta número 9. Ela abriu a entrada para cartas e desapareceu lá dentro.

Eamon ficou olhando. Nunca, em todos os anos que entregara leite, vira algo como *aquilo*.

Olhou para o corredor, que parecia ter caído no sono. Estava ali deitado, suas luzes estúpidas ainda piscando. As veias negras, no entanto, haviam desaparecido, e ele não era mais uma ameaça para Eamon do que um patinho seria. Mas aquela coisa, a sombra, estava no número 9, e Eamon sentia que tinha a responsabilidade de ajudar as pessoas para as quais entregava leite. Ele começou a atravessar a rua, os punhos fechados e erguidos.

Antes de chegar no meio do caminho, a luz do vestíbulo se acendeu, e, um instante depois, a porta do número 9 se abriu. Uma garota de uns 25 anos estava parada, descalça e pijamas. Eamon tirou o chapéu e estava prestes a falar quando a garota saiu correndo, vindo diretamente para ele.

Eamon teve tempo de ver as mesmas veias escuras no rosto dela antes de se virar para correr, mas a garota saltou nas costas dele. Ele tentou derrubá-la, mas ela era forte, mais do que ele, e não passava de uma menina magrinha. Ela riu enquanto Eamon lutava, as mãos agarrando a cabeça dele com tanta força que ele sentiu que seu crânio poderia estourar. Eamon sabia que se caísse, não haveria mais esperanças. Tinha que continuar de pé. Enquanto permanecesse assim, tinha uma chance de fazê-la perder o equilíbrio e ir embora dali.

Ele pisou na poça de leite ao lado do atleta inconsciente e escorregou no gelo molhado. Caiu na estrada, a garota rindo enquanto ele desabava.

ESCRUTÍNIO

Geoffrey Escrutínio olhou bem nos olhos da mulher histérica e falou:

— Não, você não viu.

Ela agarrou o braço dele, lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Eu vi, juro! Sei que parece loucura, mas eu vi essas... essas *coisas*, essas *coisas de sombra*, entrando pela *boca* das pessoas!

— Você não viu nada disso — respondeu Escrutínio, falando devagar e mantendo contato visual. O cabelo dele estava especialmente desalinhado e encaracolado naquela noite, mas ele estava torcendo para que a mulher ignorasse isso e continuasse olhando em seus olhos. — E você não está entrando em pânico. Está ficando bem mais calma.

Ela assentiu e inspirou profundamente.

— Pra dizer a verdade, estou mesmo. Mas eu ainda sei o que vi...

— Você viu pessoas começando a ficar violentas — interrompeu Escrutínio — e aí deu o fora de lá. Foi uma coisa muito chocante, não foi?

— Ah, foi sim.

— E você ficou contente por ter saído de lá.

— Você não faz ideia de como estou contente por isso — respondeu ela.

— Agora você vai para casa dormir e pela manhã não vai se lembrar de nenhuma das coisas ruins que aconteceram nesta noite.

Ela soltou o braço dele e deu um sorriso incerto.

— Tenho mesmo que ir. Obrigada pela ajuda, mas eu...

— Não foi por nada, sem problema. Agora vá para casa em segurança.

A mulher sorriu, apertou um pouco mais o casaco ao redor do corpo e se afastou de maneira apressada. Imediatamente, Escrutínio começou a andar até o carro. Ele pegou o telefone e discou.

— Isso é mau — comentou Filomena Aleatória ao atender a chamada.

— Parecem os Remanescentes — comentou Escrutínio. — Interromper a operação. Não vamos conseguir conter isto, e é perigoso demais ficar por aqui. Volte à Câmara Principal. Encontro você lá.

Ele desligou e ouviu um grito. Xingando baixinho, foi até a esquina e deu uma

olhada em volta, vendo um homem gordo jogando um guarda contra a vitrine de uma loja. A vitrine rachou, e o homem quicou de volta. Ele estava machucado e ensanguentado; mal conseguia se manter em pé.

— Odeio pessoas — disse o homem gordo. — Pacotes de carne, é o que vocês são. Pacotinhos nojentos de carne.

Não foi pela primeira vez que Escrutínio desejou fortemente ter escolhido a disciplina de combate dos Adeptos — assim, situações como aquela não seriam tão intimidantes como pareciam. A verdade pura e simples é que ele detestava violência, nunca gostara; e o motivo principal era porque ele era bem ruim nisso.

O guarda fez o possível para desferir um soco. Atingiu o gordo, mas sem provocar dano algum.

— Olhe só para o que estou vestindo — disse o gordo, e socou o homem de volta.

O guarda se dobrou, arquejando.

— Está fedendo. Consegue sentir? Fede. Você fede. Vocês todos fedem.

Mas o que é que Escrutínio ia fazer? Ficar parado ali na esquina observando enquanto um Remanescente matava um mortal — só porque não queria se meter numa briga? Isso era contra os seus princípios, não era? Bom, teria sido se tivesse princípios. Ele desejou intensamente ter se preocupado em criar algum código de conduta; situações como esta seriam muito mais fáceis de resolver.

O gordo envolveu a garganta do guarda com uma mão roliça, carnuda e suada, e o apertou contra a parede. O guarda lutou e esperneou, mas seu rosto já estava ficando roxo.

Escrutínio fez uma cara feia e entrou em ação.

— Com licença? — disse.

O gordo virou sua cabeça gorda.

— Quê? Quem está aí?

Escrutínio apareceu na esquina e acenou.

— Hã, eu. Eu vou, hã, vou ter que pedir para você colocar esse mortal no chão.

— Ah, é mesmo? — disse o gordo, com um sorrisinho de escárnio.

— Eu... eu sinto muito. Mas vou ter que insistir.

O homem gordo riu e apertou ainda mais a garganta do guarda. Escrutínio inspirou profundamente algumas vezes para fazer o sangue acelerar, então deu um salto e correu até eles a toda velocidade. Mas as sandálias não eram aderentes, e ele escorregou na calçada coberta de gelo e caiu, esfolando o joelho e quebrando o cotovelo.

Conforme rolava pela estrada, cheio de dor, o gordo balançou a cabeça.

— Você é bem ruim nisso.

— Eu estava pensando exatamente a mesma coisa — respondeu Escrutínio,

cerrando os dentes.

O gordo deixou o guarda inconsciente cair no chão, e foi até Escrutínio.

— É um feiticeiro, então? O que sabe fazer?

Escrutínio se obrigou a ficar de pé.

— Sou um lutador treinado — mentiu. — Se aproxime mais um passo que seja e vou rasgar sua laringe com minha técnica da Pata de Tigre.

O homem soltou um sorrisinho, e Escrutínio parou de trocar o peso de uma perna para outra e fez uma pose de tai-chi que tinha visto uma vez. Um punho rápido estourou contra seu nariz, e ele cambaleou para trás, vendo uma brilhante luz branca. Era isso? Será que aquele único soco o matara? Será que ele estava deixando este mundo para trás, viajando para o Grande Desconhecido? Então ele ouviu o motor e a porta de um carro se abrindo e soube que estava caminhando como podia na direção de um par de faróis.

— Mais pacotes de carne? — disse o gordo. — Por mim tudo bem.

— Nada de carne aqui — disse Ardiloso, se colocando entre Escrutínio e o homem —, mas tem bastante osso.

Ardiloso empunhava a arma, mirando diretamente na cabeça do homem.

O gordo riu.

— Você não atiraria.

— Não?

— Eu sou inocente. Sou mortal.

— O homem na minha frente é inocente — disse Ardiloso. — E mortal. Mas o Remanescente dentro dele é perverso e cruel. E só tem dez segundos para sair.

— Por que se incomodar? Vou simplesmente encontrar outra pessoa para possuir.

— Faça isso. Encontre alguém mais em forma. Está prestes a fazer esse homem ter um ataque cardíaco.

O gordo olhou para baixo, para Escrutínio.

— Está com sorte.

Ele jogou a cabeça para trás, e o Remanescente saiu pela boca, voando pelo ar e desaparecendo na escuridão. O gordo caiu no chão, inconsciente.

Ardiloso ajudou Escrutínio a se levantar.

— Você está bem?

— Esfolei o joelho e machuquei o cotovelo.

— Tadinho. Entra no carro, temos que chegar na Câmara Principal.

Escrutínio mancou até o banco do carona enquanto Ardiloso entrava pelo lado do motorista. Era um bom carro, o Bentley. Era rápido.

— Como isto começou? — perguntou Escrutínio.

— Ainda não sei — respondeu Ardiloso. — Frêmito, Enredo, Corrival Revés... todos eles foram possuídos. Estou colocando as pessoas que eu *sei* que não estão

infectadas em quarentena até eu ter uma ideia melhor do que estamos enfrentando.

Escrutínio olhou para ele.

— Pegaram Revés? Já? Mas... por quê? Ele não é o feiticeiro mais poderoso que temos, ele é só...

— Ele é o nosso Grande Mago. Esta não é como as insurgências que aconteceram no passado, Geoffrey. Desta vez, os Remanescentes parecem ter um plano.

Escrutínio empalideceu.

— Se for esse o caso, então... então a primeira etapa do plano deles seria ligar para a Câmara Principal, a fim de nos impedir de organizar o contra-ataque.

Ardiloso assentiu.

— Ninguém na Câmara está atendendo o telefone.

— Então por que *nós* estamos indo para lá?

— Porque cada feiticeiro da cidade vai querer ajudar, e é para lá que eles vão.

— Direto para a armadilha.

Ardiloso olhou para ele.

— Não está contente de ter levantado da cama esta manhã?

SILÊNCIO, POR FAVOR

A biblioteca de Porcelana nunca fechava. A qualquer momento do dia ou da noite, em qualquer estação ou qualquer tempo, a biblioteca ficava aberta. Afinal, o conhecimento não tirava férias, e nem Porcelana. Não havia janelas na biblioteca — ela detestava a ideia da luz do sol desbotando as lombadas de seus livros —, mas as janelas de seu apartamento mostravam uma Dublin cintilante por conta da geada. Estava frio e prateado do lado de fora. E quente e muito bem-iluminado dentro de seu apartamento. Havia momentos em que Porcelana não entendia por que qualquer um teria vontade de ir lá fora.

O homem no rádio falou sobre a polícia sendo chamada para um tumulto a norte de Dublin. A voz do homem era suave demais, fraquinha demais para a profissão que escolhera, mas ela se forçou a escutar conforme ele oferecia os escassos fiapos de informação de que dispunha. Ele mencionou o nome da boate, repetiu os mesmos relatos de testemunhas e, no geral, pareceu animado demais pela primeira notícia de verdade que aparecia para ele àquela hora da noite.

Porcelana desligou o rádio e saiu do apartamento, atravessando o corredor e andando pela biblioteca, observando as pilhas mutantes que se organizavam conforme a necessidade.

Era um velho truque, ostentoso, deselegante e meio desorientador. As pilhas de livros na verdade se organizavam de acordo com o clima da sala. Se fosse hostil, os livros sobre luta viriam para a frente; se fosse de paranoia, os livros sobre segredos e como guardá-los seriam os primeiros. Não era um truque sofisticado, mas Porcelana o mantinha porque a lembrava da biblioteca que teve na antiga casa de sua família.

Ela costumava passar horas perdida em meio àquelas pilhas de livros, rodeada pelos que falavam sobre os Sem-Rosto. Tinha sido uma infância feliz. Completamente maluca, mas feliz. Quando ela olhava para trás, via como sua fé nos velhos deuses fora na verdade um conforto vazio. Mesmo assim, desde o dia em que as primeiras fissuras em sua fé apareceram até quando ela se libertou totalmente, passaram décadas.

Cada um dos discípulos dos Sem-Rosto sabia que, quando os deuses antigos

retornassem, trariam o inferno consigo. E ainda assim, cada um deles teve esperança de estar entre os poucos que seriam poupados, elevados à divindade junto a seus mestres. Uma expectativa ridícula, mas que era reforçada por séculos de lavagem cerebral.

Por mais inteligentes que fossem feiticeiros como Serpênteo e Vingança, por mais inteligente que o próprio Malevolente fosse, eles não poderiam se livrar de uma dezena de eras de condicionamento. Êxtase conseguira, e Porcelana seguira no encaicho do irmão, mas não tinha sido fácil.

Mas *tinha* valido a pena. É verdade que, de um modo geral, ela se divertira muito mais no passado, mas pelo menos estava viva, era independente e não tinha que passar metade do dia rezando. Nunca gostara dessa parte. Nunca fora capaz de entender por que é que não eram os Sem-Rosto que rezavam *para ela*.

Ela tirou um livro do lugar, percebendo com o canto do olho que Flama estava na seção seguinte. Flama era a freguesa ideal de uma biblioteca. Não falava alto, não deixava os livros espalhados e, se precisava pegar uma obra emprestada, se certificava de devolvê-la em um período de tempo razoável. Se ao menos todos os fregueses da biblioteca fossem tão satisfatórios quanto Flama...

Porcelana abriu o livro que segurava, passando os olhos pelo sumário, e alguma coisa chamou sua atenção. Olhou de volta para o espaço vazio na prateleira. Flama já não estava à vista, mas Porcelana tinha certeza de que vira uma sombra se mover. Não era o tipo de pessoa que descartava as *coisas* como sendo fruto da imaginação. A imaginação de Porcelana era uma coisa impressionante, como a de todo mago deve ser, mas também era algo disciplinado, *organizado*. E era, em diversos aspectos, como um animal de estimação bem-treinado: nunca, sob nenhuma circunstância, lhe *pregava peças*.

Ela percebeu que havia um som na seção seguinte. Era Flama. Parecia estar vomitando. Então o som parou abruptamente.

Porcelana era uma mulher lógica, não alguém propenso a tirar conclusões precipitadas, mas sua mente trouxe dois fatos à tona. O primeiro era que os Necromantes vinham examinando um Remanescente, e o segundo era o rumor que ouvira, fazia apenas algumas horas, de que Salomão Mortalha e seu Sumo Sacerdote haviam discutido.

Sua mente percorreu os fatos e as possibilidades, e ela recolocou o livro na prateleira antes de começar a recuar lentamente. Havia um Remanescente à solta. Na verdade, levando em consideração o tumulto na boate tão perto de Haggard, provavelmente havia mais de um. Muito mais.

Porcelana se virou, andando devagar, sem se apressar desnecessariamente. Se pudesse avisar silenciosamente aos outros clientes e evacuar o recinto, então teria como selar a biblioteca e prender Flama, assim como o Remanescente dentro dela.

Se não pudesse, ou tivesse a impressão de que a vantagem estava, ainda que ligeiramente, tendendo para o lado do Remanescente, deixaria todos para trás e selaria o lugar mesmo assim. Ardiloso chegaria em minutos, resolveria o problema, e a biblioteca seria reaberta sem muitos danos à sua reputação. Uma solução elegante em sua fria simplicidade.

Mas quando passou por Jago Equilíbrio e viu que este lutava contra um Remanescente que tentava forçar passagem pela sua garganta, soube que a solução que encontrara já não era viável.

Recuou antes que ele se virasse, escolhendo outro caminho. Quase deu um pulo quando Hidalgo apareceu na frente dela, saindo de uma das alas. Ele estava com aquele olhar distraído de sempre, que parecia só deixar seu rosto quando ele a via. Como sempre, assim que seu olhar recaiu sobre ela, ele ajustou a postura e encolheu a barriga.

— Olá, Porcelana — falou baixinho, um sorriso feliz aparecendo.

Ela colocou um dedo em seus lábios, e ele corou.

— Desculpe — sussurrou ele, e correu para outra ala como um garotinho que tivesse levado uma bronca. Estava agindo de forma completamente normal, não como um possuído.

Ela começou a segui-lo pelo corredor e congelou. Ele havia parado de costas para ela, as mãos no rosto, com ânsias. Então se levantou.

Porcelana continuou andando, se obrigando a não se lançar numa corrida desesperada e sem dignidade. A porta estava perto. Tudo o que tinha de fazer era chegar até ela e estaria do lado de fora. Desceria os degraus e entraria no carro. Ligaria para Ardiloso enquanto dirigia para longe. Assim que tivesse a certeza de estar a salvo.

Mas havia pessoas na porta. Porcelana podia vê-los pelos vãos estreitos entre os livros e as prateleiras. Pelo menos quatro deles, parados, sem falar nada. Ela ouviu alguém atrás de si, mas não olhou em volta. Em vez disso, pegou um livro e continuou em frente, virando as páginas conforme andava, fingindo ler.

O tecido de sua linda saia era macio e justo. Nada prático para lutar. Os saltos de seus lindos sapatos eram altos e finos. Nada práticos para fugir. Por um momento atordoante, Porcelana se viu invejando o estilo tão vulgar de Tanith Low, que usava constantemente as roupas de um brigão normal: botas de couro, correias e fivelas.

Então Porcelana recuperou o bom senso. Todo aquele couro poderia ser útil em alguns momentos, mas o dom da classe recompensava eternamente.

Ela se aproximou da parede dos fundos da biblioteca sem encontrar ninguém, aliado ou inimigo. Uma porta secreta levava dali para uma plataforma na qual só cabia uma pessoa. Esta seguia até o porão. Tudo bastante secreto, tudo bastante privativo. Ninguém sabia sobre o lugar a não ser Porcelana. Bem, a não ser ela e seu

assistente...

Que estava ali parado, as mãos unidas à frente do corpo. Ela pulou para trás antes que ele a visse.

Era isso que ganhava por confiar em alguém. Nos seus dias de Diablerie, teria matado quem quer que conhecesse sua rota de fuga secreta. Porcelana desviou para a esquerda, fechando a cara enquanto se movia. Obrigada a se esconder na própria biblioteca. Ela correu pelas fileiras e se abaixou, escutando o que diziam.

— Você viu Porcelana? — perguntou o assistente, baixinho.

— De relance — foi a resposta. Flama.

— Acha que ela sabe? — Quis saber outra voz, de um homem desta vez.

— Provavelmente — comentou o assistente. — Já pegamos todo mundo?

— Acho que sim.

— Então não serve de nada sermos furtivos.

Porcelana captou movimentos e apertou as costas contra as sombras.

— Porcelana — gritou o assistente em voz alta. — Sabemos que você sabe. Por que não aparece?

— Realmente não é tão ruim assim — gritou Flama.

— Cale-se — disse o assistente. — Ainda que sejam poucas as chances que temos de ela se render a mim, não temos chance nenhuma de ela se render a alguém como *você*. — A voz dele se ergueu de novo. — Isso não é nada digno, espero que se dê conta. Está se escondendo, pelo amor de Deus. Porcelana Tristeza, se *escondendo*. Tenho que comentar: covardia não faz seu estilo.

Por mais que quisesse arrancar os olhos dele naquele momento, se viu forçada a concordar.

— Vamos encontrá-la — gritou o homem. — Se lutar contra nós, vamos machucá-la.

— Dá pra calar a boca? — vociferou o assistente. — Porcelana, faz muito tempo que nos conhecemos. Tenho sido seu fiel assistente por séculos. Não quero vê-la se revolvendo no escuro, como um ratinho assustado encurralado pelos gatos. Se está preocupada com o que vai acontecer, peço que não fique. Você não deixa de ser quem é. Ainda vai ser você. Quando o Remanescente está no seu corpo, você se torna *mais*, não menos.

Movendo-se silenciosamente, Porcelana tirou os sapatos. Fechou os olhos. O outro motivo pelo qual mantinha o velho truque dos livros que se moviam era bem menos sentimental que a lembrança da própria infância. Às vezes, muito de vez em quando, velhos truques podiam ser muito úteis. Por exemplo, pelo fato de que a biblioteca estava em sintonia com as *suas* variações de humor muito mais que com as de qualquer pessoa. Porcelana disse à biblioteca o que precisava, e a biblioteca obedeceu.

As fileiras se moveram de repente, colidindo contra os feiticeiros possuídos, obrigando-os a se separar, fazendo-os tropeçar, cambalear e gritar de surpresa. Porcelana se levantou e correu, as prateleiras criando paredes de cada um dos lados, formando uma linha reta até a porta. Mas tinha alguém no caminho. Hidalgo tinha conseguido se manter no lugar e não ser empurrado para fora. Ele se virou e a viu, começando a sorrir bem na hora em que a prateleira à esquerda se lançou para cima dele, imprensando-o contra a da direita.

Porcelana voltou a correr. Se lançou para o corredor e bateu a porta, pressionando o símbolo acima da fechadura. O selo não os seguraria por muito tempo, mas seria o suficiente para que ela pudesse escapar.

Ela se virou para as escadas, mas dois magos estavam terminando de subi-las. Eles sorriram quando a viram. Ela não esperou para descobrir se eram sorrisos genuínos e não se incomodou em alertá-los do perigo. Correu para o próprio apartamento, entrou no quarto e pegou a bolsa que deixava pronta para emergências. Apertou os símbolos tatuados em suas pernas e sentiu a energia subir por seus músculos.

Com um gesto, a janela se abriu, e Porcelana saltou para fora. O frio a atingiu, o vento soprando ao seu redor, e ela caiu três andares antes de aterrissar agachada no concreto. Ninguém estava por perto para ver. Faróis se aproximaram. Ela acenou, e um táxi freou, derrapando levemente na rua coberta de gelo. Ela pulou para o banco de trás.

— Apenas dirija — mandou —, e rápido.

O motorista riu, então olhou para ela e se apaixonou.

— Vá! — gritou ela.

Choramingando, ele enfiou o pé no acelerador, e o carro guinchou ao acelerar.

— Olhos na estrada!

Ele olhou para a frente fixamente.

— Para o centro da cidade — disse ela, abrindo o zíper da bolsa. — Vou dizer para onde estamos indo assim que der um telefonema.

Ela viu os olhos dele vacilarem na direção dela pelo retrovisor.

— Eu amo você — disse o homem.

Porcelana não se incomodou em responder. Retirou um par de botas caras da bolsa, colocou-as no assento ao seu lado, e pegou o restante das roupas. Eram escuras, justas, práticas e estilosas.

— Não vai se importar se eu trocar de roupa aqui atrás, não é? — perguntou Porcelana.

Ela o ouviu choramingar mais uma vez.

AS MÃOS DO INIMIGO

— Filomena — sussurrou Escrutínio. — Filomena! Venha aqui!

Flagrada tentando atravessar a rua sem ser notada, Filomena Aleatória se virou de súbito, os punhos fechados, preparada para a luta. Ela viu Escrutínio acenando freneticamente e hesitou, então correu até ele. Quando estava perto o suficiente, Ardiloso entrou na sua frente, apontando a arma para o rosto de Filomena.

— Não atire! Eu sou eu!

Ardiloso deu de ombros.

— Infelizmente, Filó, se você estivesse possuída, diria exatamente isso.

— Não me chame de Filó. Meu nome é Filomena.

— Se estivesse possuída, também diria isso.

— Geoffrey — grunhiu Aleatória —, diga a ele para baixar essa maldita arma. Os Remanescentes não me pegaram. Passei a última meia hora correndo de abrigo em abrigo para chegar aqui. Não fui vista por nada nem por ninguém.

— Gostaríamos de acreditar em você, Filomena — respondeu Escrutínio.

— Faça suas perguntas, então — respondeu Aleatória. — Vai. Usa seu poder em mim.

— Não sei se funcionariam em um Remanescente.

— Por que não? Funciona com mortais e com magos. Por que não funcionaria com um Remanescente?

— Tente — disse Ardiloso, empunhando a arma com uma firmeza assustadora. Escrutínio olhou bem nos olhos de Aleatória.

— Você vai me dizer a verdade — disse.

— Sim, eu vou — respondeu ela.

— Não vai mentir para mim.

— Não, não vou.

— Quem é você?

— Sou eu, seu imbecil.

— Não precisa falar desse jeito.

— Então vai direto ao assunto.

— Tem um Remanescente dentro de você?

— Não, tenho certeza absoluta de que não. Satisfeito?

Escrutínio olhou para Ardiloso.

— Não senti nada de estranho. Acho que é ela.

Ardiloso guardou a arma.

— Filomena, temos motivos para acreditar que a Câmara Principal já foi infestada. Acho que os Remanescentes estão correndo para chegar nos receptáculos mais poderosos que encontrarem. Este seria o primeiro lugar aonde iriam.

— Então o que vamos fazer? — perguntou ela.

— Precisamos nos certificar. Se tivermos sorte, os feiticeiros lá dentro vão ter descoberto tudo a tempo e selado a Câmara. Se tiverem feito isso, só o que temos que fazer é chegar a eles e tirá-los de lá.

— Mas você não acha que foi isso que aconteceu.

— Não, não acho. Mas precisamos ter certeza.

— Então vamos entrar — disse Escrutínio.

Aleatória riu.

— Não, não vamos.

— Vamos, sim.

A risada de Aleatória sumiu.

— Não, não vamos. Ficaram malucos? Ardiloso, você está acostumado a esse tipo de coisa, mas eu e Geoffrey somos da área de relações públicas. Não lutamos nem usamos armas. Nós convencemos as testemunhas mortais de que não viram o que, na verdade, *viram* mesmo. Não podemos atacar um prédio que caiu nas mãos do inimigo. Não poderíamos atacar um *guarda-roupas*.

— Vocês vão ter de aprender — disse Ardiloso —, porque vocês dois são o único meio de que disponho para me certificar de que as pessoas são mesmo quem dizem que são.

— Mas dá *medo* — choramingou Aleatória.

Escrutínio colocou uma das mãos no ombro de Aleatória.

— Eu estive em uma luta de vida ou morte esta noite, Filomena. Quase morri. Mas superei. Me machuquei? Sim. Foi sério? Meu joelho ainda arde. Mas estou vivo. Eu consegui. Você também vai.

Aleatória respirou fundo.

— Ok. Está bem, vamos lá. Mas você vai na frente.

— Na verdade — disse Escrutínio —, Ardiloso vai na frente. É ele que está com a arma.

— Bom, eu não vou por *último* — disse Aleatória. — Vou no meio.

Escrutínio olhou de cara feia para ela.

— *Eu* vou no meio. Estou ferido.

— Você ralou o *joelho*.

— Ralar o joelho é um dos ferimentos não letais mais dolorosos que existem.

— Não é pior que um corte de papel.

— Eu disse *um dos* mais dolorosos — lembrou Escrutínio.

— Vocês dois — disse Ardiloso —, calem-se. Eu vou na frente. Vocês podem ficar um do lado do outro, atrás de mim. Felizes?

— Não muito — disse Aleatória, mas Ardiloso já estava atravessando a rua. Escrutínio agarrou o braço dela e a puxou para o outro lado. Eles seguiram Ardiloso escada abaixo e atravessaram a porta de ferro. Ela se fechou depois que eles entraram no corredor de paredes esculpidas.

— Se um Remanescente possuir meu corpo — sussurrou Escrutínio para Aleatória, conforme avançavam cautelosamente —, eu... eu... prefiro que me mate a permitir que eu machuque alguém.

Aleatória olhou para ele e assentiu, solene.

— Dou a minha palavra. E se alguma daquelas *coisas* possuir o *meu* corpo eu... eu quero que me deixe em paz e permita que eu vá cuidar da minha vida.

— Você está histérica — respondeu Escrutínio. — Não está falando sério.

— *Não* estou histérica e, sim, *estou* falando muito sério. Se eu estiver possuída, você não está autorizado a deixar *ele* atirar em mim.

— Mas você vai ser má.

— Pelo menos estarei viva. Me dá a sua palavra?

— Não — respondeu Escrutínio, zangado. — *Não dou* minha palavra.

— Então tá — respondeu Aleatória, com brusquidão. — Então também não dou a minha.

Uma porta se abriu em algum lugar para além da Câmara Principal, e eles ouviram berros e gritos alarmados. Pancadas, estrondos e coisas se quebrando. O som de uma batalha.

Eles correram até a porta adiante e olharam para dentro da Câmara bem na hora em que os vultos a atravessaram. Uma bola de fogo explodiu no ar, fazendo-o ondular. Eram os cinco membros daquele grupo de nome ridículo, o Quatro Elementais, numa luta de três contra dois. Veias negras se destacavam claramente nos rostos dos três agressores. Os dois defensores recuavam.

Ardiloso entrou na sala a passos largos, Escrutínio e Aleatória se apressando para alcançá-lo.

— Que tal acabarmos com a desvantagem aqui? — disse, e todos os Quatro Elementais olharam para ele. Ardiloso parou de andar e disse: — Ah, droga.

Os dois que tentavam se defender também eram Remanescentes, de lábios negros e cheios de veias. Esta não era uma luta entre bem e mal, estava mais para uma rixa entre irmãos.

Os Quatro Elementais empurraram o ar ao mesmo tempo, e uma onda invisível

atingiu Escrutínio, Ardiloso e Aleatória, erguendo-os do chão. Aleatória atingiu a parede atrás da porta e caiu no chão, enquanto Escrutínio e Ardiloso caíram esparramados no corredor. Escrutínio olhou para cima, tonto, a tempo de ver um Remanescente descer na direção de Aleatória, então Ardiloso veio e o levantou, e ambos correram.

Ouviram-se mais gritos, e Escrutínio olhou para trás, vendo Shakra se unir aos Quatro Elementais que corriam atrás deles, assim como ainda mais feiticeiros emergindo atrás do grupo. E acima deles, em movimentos rápidos, Remanescentes se aproximando. Escrutínio aumentou a velocidade, as sandálias estalando contra o chão duro, as miçangas ao redor do pescoço saltando contra o cavanhaque. Ardiloso era rápido e já estava perto da saída. Escrutínio, não.

Algo frio se grudou em sua nuca e deslizou até a frente antes que ele tivesse a oportunidade de erguer as mãos. Ele tropeçou, tentou gritar por ajuda, mas no momento em que abriu a boca, o Remanescente escorregou para dentro. À frente dele, Ardiloso estava com a porta aberta, olhando para trás. Escrutínio tentou gritar quando os feiticeiros de lábios negros o alcançaram e a sensação fria se espalhou garganta abaixo. Quando voltou a olhar para a porta, Ardiloso já não estava lá.

LUTAS

O sol do início da manhã não ajudou em nada contra o frio congelante. Poucos carros se arriscavam a sair, mas a moto de Tanith avançava pelas estradas traiçoeiras como se fosse um dia morno de verão. Ela parou em um posto onde havia apenas um veículo, uma caminhonete esportiva, apoiou a moto no estribo e tirou o capacete. Suas mãos estavam dormentes quando levou a mangueira de gasolina ao tanque. O contador na bomba começou a subir gradualmente, o tiritar dos dentes de Tanith se juntando à sinfonia.

Apesar de Conspícuo ter curado as feridas de quando Tesserato jogara aquele *aparelho de som* na sua *cabeça* — só de lembrar já ficava tensa de raiva —, o frio fazia seu rosto doer. Parada ali, congelando, ela decidiu finalmente pedir a Medonho para lhe fazer umas roupas mais quentes. Sempre gostara das que ele fizera para Valquíria, e o fato de elas funcionarem como armadura era um bônus que provavelmente lhe seria útil. Era verdade que aquele tipo de roupa era caro, mas ela achou que se pedisse com carinho...

Colocou a mangueira de volta na bomba e se apressou para pagar. O calor envolveu seu corpo no instante em que ela pisou no interior da loja, e ela estremeceu, agradecida.

— Frio lá fora — comentou o cara atrás do balcão.

Se fosse Valquíria ali em vez de Tanith, o rapaz teria recebido um olhar contundente por afirmar o que já era tão óbvio. Como era Tanith, ela sorriu ao se aproximar.

— Está mesmo — respondeu.

O cara, que não devia ter mais de 18 anos, sorriu ao comentar sobre o veículo dela.

— Moto maneira — comentou. O crachá o identificava como Ged. — Queria comprar uma, mas o seguro é caro demais.

Tanith entregou algumas notas ao rapaz.

— Bom, não é o meio de transporte mais seguro, tenho que admitir.

Ele assentiu, ainda sorrindo.

— Gostei do seu casaco.

— Obrigada.

— Gostei das suas botas.

Ele ainda estava sorrindo. Não de um jeito amigável e nem, bendito seja, como um flerte. Só sorrindo. Parado ali, sorrindo e fazendo comentários aleatórios.

— Obrigada — disse Tanith mais uma vez. A porta se abriu atrás dela, e uma rajada de ar frio entrou. — Bom, vejo você por aí.

Uma mulher de meia-idade se colocara entre ela e a porta. Ela era roliça, o cabelo um pouco vermelho demais para ser completamente natural. Ela não estava se movendo nem tremendo nem fazendo compras nem procurando alguma coisa na bolsa. Estava apenas parada ali, olhando diretamente para Tanith, um leve sorriso no rosto.

Ged agarrou o cabelo de Tanith e puxou para trás, fazendo-a cair por cima do balcão. A mulher de meia-idade correu para a frente, o punho afundando na barriga dela. O ar foi expelido dos pulmões de Tanith, e ela quis se encolher, mas Ged ainda segurava seus cabelos. Ela tentou se soltar, mas o garoto era mais forte do que parecia. A mulher a atingiu mais uma vez, e de novo, então se inclinou para a frente, colocando as mãos em seu rosto.

— Isto não vai levar nem um minuto — disse a mulher, e abriu bem a boca de Tanith. Algo se revolveu em sua garganta, uma coisa negra, se retorcendo e debatendo para descer pela goela. Ela parou de tentar se soltar de Ged e, em vez disso, espalmou ambas as mãos contra as orelhas da mulher. A mulher se dobrou para a frente, tonta, fechando a boca e forçando a escuridão de volta. Um Remanescente. Tinha que ser. A mulher deu um passo para trás, e Tanith lhe deu um chute no rosto.

Ged grunhiu, e Tanith gritou ao ser arrastada por cima da bancada. Ged a jogou no chão do outro lado e ajoelhou em cima dela, desferindo múltiplos socos. Ela se protegeu como pôde, mas os socos a atingiam, chacoalhando seu crânio.

Desesperada, ela inclinou o corpo para o lado, chutando desenfreadamente. Ela o acertou nos ombros, e o rapaz grunhiu. Tanith tentou se levantar, mas ele já estava em cima dela, fazendo-a recuar. Quando seu quadril se encostou à parede, ela girou, lançando-o contra uma prateleira de produtos de limpeza.

Tanith pulou por cima do balcão, ignorando a mulher de meia-idade que tentava agarrar seus pés, e correu direto para a porta.

Um garotinho, de 8 ou 9 anos, estava parado ali.

— Por que machucou minha mamãe? — perguntou ele.

Ged a atacou, e os dois bateram contra uma fileira de prateleiras. Tudo veio abaixo. Jarras de geleia se quebraram, sacos de açúcar explodiram, e dezenas de outros mantimentos se derramaram pelo chão. Tanith rolou por cima deles e enfiou o cotovelo na boca sorridente de Ged. Quando ela o atingiu, ele gargalhou de verdade.

Então o acertou com o joelho, e o rapaz grunhiu, a gargalhada reduzida a um risinho dolorido.

Ela se ergueu. A mulher de meia-idade estava de pé, mas sacudindo a cabeça, como se tivesse perdido o equilíbrio e tentasse recuperá-lo.

— Mamãe! — gritou o garotinho, correndo até a mulher. Ele passou por Tanith e de repente se virou, o pequeno punho afundando nas costelas dela. Uma dor aguda percorreu a lateral do corpo de Tanith, e ela se encolheu quando ele a socou novamente.

O garotinho olhou para as próprias mãos, os olhos brilhando.

— Isso aqui é novidade — murmurou. Ele a agarrou, deu um passo para trás e a lançou pelo chão. — Tenho quase certeza de que acabo de quebrar minha mãozinha — disse o menino, avançando aos pulinhos. — Mas não faz diferença. Estou prestes a fazer um *upgrade*.

Tanith tentou se levantar, apoiando-se nas mãos e nos joelhos, mas o garotinho atacou, seu pé estalando contra a bochecha dela. Ela caiu de costas.

— Tínhamos um acordo, sabe — continuou o garotinho, ao se aproximar dela. — Nós três. Nós todos queríamos o corpo de um feiticeiro, então decidimos que quem conseguisse derrotá-la, ficaria com você. Os dois procuraram os receptáculos mais velhos e fortes. Mas eu? Tive o pressentimento de que você não estaria muito ansiosa para bater numa criança.

O Remanescente o deixava mais forte, porém não mais pesado. Ela golpeou o tornozelo dele com uma perna, derrubando-o em cima do porta-revista, que caiu em cima dele. Tanith se levantou rapidamente. Ged e a mulher tentavam encurralá-la.

— Não pode nos matar — disse Ged, o sangue escorrendo de sua boca destruída. — Estamos usando pessoas inocentes.

— Gente do bem — concordou a mulher, assentindo.

— Se você se entregar para mim — ofereceu Ged —, prometo que cuidarei muito bem de você.

— Você será mais feliz comigo — disse a mulher. — Estou começando a me acostumar com o corpo feminino, e nós, mulheres, temos de ficar unidas, não é mesmo?

— Não me importo se são gente do bem — rosnou Tanith. — Conspícuo Lamento era uma boa pessoa, mas ainda assim enfiou pregos em minhas mãos e pernas. Se qualquer um dos dois der mais um passo, vou machucá-los.

Ged e a mulher se entreolharam, soltando uma gargalhada, então se aproximaram.

Tanith deu três passos rápidos e saltou, girando levemente o quadril e esticando ambas as pernas. A ponta de sua bota esquerda atingiu a bochecha de Ged, e o salto da bota direita se chocou contra o nariz da mulher.

Enquanto ela aterrissava, os dois voavam, cada um para um lado.

Tanith correu para o frio e subiu na moto. Colocando o capacete, ela tirou a moto do apoio e ligou o motor. Olhou por cima do ombro e viu o garotinho correndo atrás dela, gritando enfurecidamente enquanto a moto se afastava, emitindo ruídos pela estrada.

MURIEL

Muriel Hubbard entrou em casa, deixou as chaves do carro na mesinha do vestibulo e pendurou o casaco no corrimão. Foi procurar o marido e o encontrou na sala de estar, ao telefone, falando sobre alguma confusão. Era o dia de folga dele, mas eles ainda ligavam para o Superintendente quando alguma coisa ruim acontecia. O telefone dela também tocou, e James olhou em volta, dando um sorriso tenso para ela. Ela sorriu de volta e saiu da sala, levando o telefone ao ouvido.

— Mãe. — Era Ashley. Estava sussurrando. — Preciso de ajuda.

Muriel ajustou o termostato no corredor (estava quente demais dentro de casa) e foi até a cozinha.

— O que houve, querida?

— Estão atrás de mim.

— Quem está atrás de você?

— Os outros.

— Seus amigos?

— Não são meus amigos.

Muriel levou a chaleira até a pia e a encheu.

— Você discutiu com Imogen de novo? Querida, você sabe como ela é. Espere algumas horas e ela vai se derreter em desculpas.

— Imogen está morta.

— Ora, não seja tão dramática. Você vai perdoá-la, sempre perdoa.

— Mamãe. Imogen está morta. Eles a mataram.

— Quem matou? — perguntou Muriel.

— Os outros. Dan e Aoife e os outros. — A voz da filha estava trêmula. — Eles... eles a despedaçaram.

Muriel assentiu.

— E por que foi que fizeram isso?

— Como diabos eu vou saber?!

— Não precisa falar desse jeito, Ashley. Todo mundo discute, todo mundo briga, todo mundo despedaça o coração dos outros. Amigos de verdade superam essas coisas.

— Mãe, você não está me ouvindo. Eu não quis dizer que a despedaçaram com *palavras*. Eles a despedaçaram com as *mãos*. Ela não está morta para *mim*, mãe; ela está *morta*. Está entendendo agora? Eles a atacaram fisicamente e a *mataram* fisicamente.

Muriel suspirou.

— Então por que você não vem para casa?

— Estou escondida.

— Onde?

— No playground, naquela cabaninha.

— Onde as criancinhas brincam? Você conseguiu se enfiar aí?

— Eles estão atrás de mim. Eles querem o papai.

Muriel colocou água fervente em uma caneca e mergulhou um saquinho de chá nela.

— Por que querem seu pai?

— Não sei. Dizem que ele é influente.

— É claro que é influente, ele é Superintendente da Garda.

O sussurro de Ashley se ergueu novamente.

— Eu sei quem ele é, mãe! Só estou te dizendo o que eles falaram! Eles disseram que poderiam usá-lo, e queriam chegar a ele através de mim!

— Ah, entendi. — Muriel tomou um gole de chá.

— Eles estão aqui — disse Ashley, bem mais baixo.

— Seus amigos?

Ashley não respondeu. Muriel tomou outro gole de chá enquanto esperava que a filha voltasse a falar. Então ouviu um grito distante e o som de movimentos, depois o telefone batendo e o ruído do vento contra o microfone.

— Mãe! — gritou Ashley, tão alto que Muriel teve que afastar o aparelho do ouvido. — Chame o papai! Eles estão atrás de mim! Estou indo para casa, mas eles estão logo atrás de mim! Eles são mais rápidos!

Batidas. O som do vento. A respiração desesperada de Ashley. Muriel sacudiu a cabeça e revirou os olhos quando o marido entrou na cozinha.

— Tem alguma coisa acontecendo na cidade — disse James, pegando as chaves do carro. — Um monte de gente ficando maluca, aparentemente. Tumultos nas ruas. Viu meu casaco?

— Acho que está em cima da cama — disse Muriel. Ele assentiu e subiu as escadas. — Desculpe, querida — disse ela no telefone —, o que estava dizendo?

— Chame o papai! — gritou Ashley. O som de movimento foi interrompido abruptamente por um baque forte.

Muriel ouviu os gritos de Ashley, mas ela soava distante, como se tivesse deixado o telefone cair.

James voltou à cozinha, já de casaco.

— Talvez fosse melhor ficar aqui dentro — disse ele. — Pode não ser seguro lá fora. Onde está Ashley?

— Estava falando com ela agora — disse Muriel.

Ele assentiu.

— Mande ela vir para casa.

— Ah, ela não vai gostar disso.

— Diga que ela pode ter um daqueles ataques de raiva adolescente comigo e eu vou assistir à coisa toda, prometo. Mas não é seguro lá fora.

— Não é seguro nem *aqui dentro* — respondeu Muriel, com uma risada.

James riu, depois parou.

— Não entendi.

Muriel o atacou, e ele voou contra a bancada da cozinha, desmoronando no chão azulejado. Era a primeira vez em 22 anos de casamento que um dos dois levantava a mão contra o outro. Tão triste.

Outra voz surgiu do telefone. Baixa. Sarcástica.

— É a mamãe da Ashley?

— Olá, Dan — respondeu Muriel. — Temo que seja tarde demais para você. Devia ter chegado nele pela *esposa*, não pela filha.

Ela ouviu Dan xingar, e isso a fez sorrir. Abriu bem a boca, e o Remanescente se esforçou para sair. O corpo dela caiu, e a criatura flutuou até o marido, descendo pela garganta dele. Os olhos de James se abriram de súbito. Ele grunhiu levemente ao se sentar, desejando não ter batido em si mesmo com tanta força. Ele esticou a mão para pegar o telefone caído ao se levantar.

— Ainda aí, Dan? Agora estou no comando de todos aqueles excelentes policiais, e você *o que é*, mesmo? Um adolescente cheio de espinhas?

— Não — respondeu Dan, na defensiva. — Eu tenho um plano B.

— Ah, eu adoraria ouvi-lo.

— Bom, antes de mais nada, vou matar sua filhinha aqui. E aí vou... — James ouviu outras vozes, e, depois de um momento, Dan voltou a falar. — Ok — disse ele. — Aparentemente eu não vou matar sua filha. Aoife se empolgou um pouco, o pequeno psicopata. Mas ainda vou me divertir. Você é o Superintendente? Então vou me tornar o *Taoiseach*.

James riu.

— De adolescente espinhento a primeiro-ministro. Não é uma má promoção. Desde que outra pessoa não chegue lá antes de você. Melhor se apressar, Dan. Se continuar desperdiçando tempo desse jeito, todos os feiticeiros superpoderosos e os mortais mais importantes já terão sido tomados.

Dan não respondeu, apenas desligou. James riu, ficou de pé e passou por cima da

esposa inconsciente. Então saiu de casa, indo para o trabalho em seu dia de folga.
Os maus não têm descanso, pensou consigo mesmo, e riu.

O PLANO

O cinema Hibernian estava trancado. Havia barras de ferro travando as portas, e as janelas estavam cobertas. Todas as alas não essenciais do estabelecimento mágico-científico estavam seladas. Conspícuo não queria se arriscar.

Valquíria estava sentada na Ala Médica. Ela estava ali havia horas, e passara a manhã inalando os vapores de uma vasilha que Conspícuo colocara em suas mãos.

— Para evitar o resfriado — disse ele de um jeito ríspido, enquanto se ocupava com alguma outra coisa.

Fletcher estava ao lado dela, assistindo às notícias na TV, e Tanith e Medonho estavam na frente deles, sentados lado a lado em uma das camas. Porcelana estava num canto, fazendo ligações que ninguém atendia, se esforçando ao máximo para se manter longe de Clarabela, que parecia fascinada por ela. Ardiloso entrou, com o chapéu para trás na cabeça, o único indício de sua preocupação.

— Porcelana? — disse.

— Nada — respondeu ela. — Estão todos em pânico.

— Não precisa mais tentar — disse Ardiloso. — Se não atenderam até agora, devemos presumir que foram pegos. A partir deste momento, não podemos confiar em ninguém.

— Quantos? — perguntou Tanith. — Se todos eles escaparam do Hotel da Meia-Noite, e precisamos imaginar que foi esse o caso, de quantos estamos falando?

— Não sabemos — disse Medonho. — Mil. Talvez dois mil. Ninguém nunca conseguiu calcular precisamente.

— Dois mil Remanescentes — sussurrou ela. — O que eles querem? Do que será que estão atrás?

Valquíria ficou pálida.

— Estão atrás de Trevária — respondeu Ardiloso, antes que ela pudesse sequer considerar fazer uma confissão. — Foi o que disseram a Valquíria. Um deles deve ter dominado um Sensitivo e visto aquela versão do futuro. Agora têm alguém para idolatrar.

Tanith franziu o cenho.

— Então está dizendo que eles têm um objetivo? Os Remanescentes com um

objetivo? Um motivo para se *organizar*? Isso é novidade. Isso é... horrivelmente assustador.

— Eles estão em todos os noticiários — disse Fletcher. — Reportagens sobre tumultos em uma boate, distúrbios por toda a cidade, outro tumulto em Galway.

— Não — disse Conspícuo, entrando no aposento —, o de Galway não foi com os Remanescentes. Fui eu.

Valquíria franziu a sobrancelha.

— Quê?

Ele alisou o jaleco.

— Desde a minha experiência com os Remanescentes há cinco meses, comecei a trabalhar em um vírus cuidadosamente controlado. Ele deixa as pessoas com um comportamento mais agressivo e antissocial; dura poucos minutos, então desaparece, deixando os infectados inconscientes, sem ideia do que aconteceu. Deixamos tubos cheios desse vírus pelo país, e eles ficaram inativos, até esta noite.

Fletcher o encarava.

— Por quê? Quero dizer... pelo amor de Deus, *por quê?*

— É a nossa cobertura — respondeu Ardiloso. — Faz com que os civis acreditem que existe algum tipo de explicação racional para toda esta loucura e ao mesmo tempo os assusta, de maneira que eles se mantêm longe das ruas e trancam as portas. Nos permitindo operar sem obstáculos.

— Achei que pudéssemos precisar disso — disse Conspícuo, assentindo. — Na verdade, achei que talvez precisássemos disso daqui a algumas *décadas*, então foi uma sorte eu ter trabalhado tão rápido.

— Mas o Professor falou que eles não vão machucar ninguém — disse Clarabela, toda contente.

— É um vírus projetado. Se a pessoa infectada estiver prestes a se machucar ou a ferir outra pessoa, ela dorme antes do tempo. Fiz o possível para reduzir o risco de danos, mas a questão é que os ataques dos Remanescentes de verdade vão se misturar com os falsos, então ainda vai parecer que é a mesma epidemia. Quando tivermos resolvido o verdadeiro problema e todas aquelas coisas terríveis estiverem trancafiadas, vou transmitir a fórmula secreta do antídoto para alguns jovens médicos esforçados que só querem tornar o mundo um lugar melhor. Eles vão nos salvar, serão heróis, e qualquer que seja o maravilhoso projeto em que estiverem trabalhando vai receber o equivalente a dez anos de financiamento do dia para a noite. Como dizem por aí, todo mundo sai ganhando.

— Agora só temos que resolver o verdadeiro problema — comentou Ardiloso.

Valquíria colocou a vasilha de vapores de lado.

— Isso já aconteceu antes — comentou ela. — Você me contou. Há anos, em Kerry.

— Mil oitocentos e noventa e dois — disse Ardiloso, concordando. — Eles dominaram uma cidade inteira. Um Apanhador de Almas gigantesco foi construído no desfiladeiro de MacGillycuddy para aprisioná-los.

— Desfiladeiro? — Quis saber Fletcher.

— É uma cadeia montanhosa do outro lado do país. E aquela máquina, o Receptáculo, é nossa única chance de detê-los.

— Certo — disse Tanith —, então atraímos os possuídos até lá, ligamos a coisa, os Remanescentes são sugados dos corpos, e acabou o problema.

— Como sempre — começou Porcelana —, é um pouco mais complicado que isso. Para começo de conversa, vai ser muito difícil conseguirmos atrair todos para o único lugar nesse mundo onde *sabem* que podem ser atingidos. Eles já caíram nessa uma vez, não vão cair de novo. Em segundo lugar, tenho quase certeza de que ninguém faz a menor ideia de como se liga esse Apanhador de Almas gigante.

— Ninguém que esteja vivo — concordou Ardiloso. — Gordon Edgley era a única pessoa que tinha esse conhecimento.

— Eu posso descobrir — disse Valquíria, dando um passo à frente. — Vai estar no escritório dele. É onde ele guardava suas pesquisas.

Ardiloso balançou a cabeça.

— É perigoso demais.

— Fletcher pode me teletransportar até lá; eu descubro o que precisamos saber, e estaremos de volta em três minutos.

— Vamos todos nos teletransportar — disse Ardiloso.

— Eu, hã, sou melhor em encontrar as coisas quando estou sozinha.

— Isso não está aberto à discussão.

— Mas Porcelana está certa — comentou Medonho. — Ativar o Receptáculo é uma coisa, mas como vamos levar os possuídos até ele?

Ardiloso olhou para Fletcher.

— Quantas pessoas você acha que consegue teletransportar de uma só vez?

— Hã — disse Fletcher. — Não sei. Umas dez?

— Você vai precisar levar muito mais do que isso. Se conseguirmos atrair todos os possuídos até um mesmo lugar, se todos estiverem se tocando ou encostando, talvez sobre uma mesma superfície, acha que seria capaz de teletransportar todos até Kerry?

Fletcher o encarou, boquiaberto.

— Duas mil pessoas? Duas mil pessoas *más*?

— Acha que consegue?

— Não. De jeito nenhum.

— Mas é possível — comentou Ardiloso. — Vi Cameron Luz teletransportar um salão de festa cheio de gente para o outro lado do mundo em um piscar de olhos.

— Bom, isso foi com Cameron Luz — disse Fletcher. — Só faz alguns anos desde que comecei a me teletransportar. Ainda não tenho ideia do que estou fazendo na maior parte do tempo. Além disso, nunca estive em Kerry e não posso me teletransportar para um lugar que não conheço.

— Vamos começar do início. Primeiro precisamos saber se conseguimos ativar o dispositivo. Fletcher, leve todos nós até a casa de Gordon.

Conspícuo olhou ao redor.

— Como? Eu também vou?

— Temos que ficar juntos — disse Ardiloso.

— Mas eu não quero ir. — Conspícuo franziu a testa. — Sou contra o próprio princípio do teletransporte.

— Lamento, Professor, realmente não estou te dando escolha. Vai ser só um minuto.

— Eu quero me teletransportar! — anunciou Clarabela, sorrindo de animação. — Preciso trocar de sapatos? Estou com galochas de vaquinha.

— Seu sapato está ótimo — respondeu Ardiloso. — Todo mundo, venha aqui e dê os braços. Fletcher?

Fletcher esperou até todos estarem de mãos dadas, então a Ala Médica bem-iluminada se transformou imediatamente na sala de estar obscura da casa de Gordon Edgley.

— Ooh — murmurou Conspícuo —, não estou me sentindo muito bem.

— Acho que vou vomitar! — Clarabela riu.

— Todo mundo pode ficar aqui — disse Valquíria. — Eu vou dar uma olhada no escritório.

— Vou com você — disse Porcelana.

Ardiloso ergueu uma das mãos.

— Não tem nada lá em cima que você possa acrescentar à sua coleção, Porcelana. Valquíria será mais rápida se estiver sozinha.

Porcelana revirou os olhos.

— Vocês estão sempre desconfiando de mim. — Mas permaneceu onde estava.

Valquíria acendeu algumas luzes enquanto corria escada acima. Era o fim da tarde e já estava escuro. Ela chegou ao andar superior e fechou a porta do escritório de Gordon atrás de si. Movendo-se com rapidez, entrou no quarto secreto e levou o dedo aos lábios quando a imagem de Gordon tremeluziu diante dela.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Temos companhia? — sussurrou ele.

— Estão no andar de baixo — respondeu ela, baixinho. — Gordon, temos um problema sério. Os Remanescentes estão à solta, e você é o único que sabe como ativar o Apanhador de Almas gigante no desfiladeiro de MacGillycuddy.

— Os Remanescentes à solta? Como assim? Todos eles?

— Parece que sim. Você *sabe* como ativar aquilo?

— O Receptáculo? Sim, é bastante fácil. Você só precisa da chave, e eu sei onde ela está. Como pretendem atraí-los até lá?

— Ainda estamos trabalhando nisso. Ardiloso quer que Fletcher os teletransporte, mas ele diz que não consegue levar tanta gente assim.

— É claro que consegue. Você tem que ler *Em pleno ar* mais uma vez. Não apenas porque é um dos meus melhores livros, cheio de perigos e intrigas, ou porque venceu o Bram Stoker Award, além de ter ganhado um Hugo e um Nebula, mas também por ser fruto de uma pesquisa na qual entrevistei vários Teletransportadores. Há alguns capítulos ali que podem ajudar Fletcher a atingir seu potencial.

— Não temos muito tempo para leituras, Gordon.

Ele balançou a cabeça com pesar.

— Esse é o problema com o mundo de hoje: ninguém encontra tempo de parar e ler um bom livro.

— Na verdade o problema do mundo hoje é que os Remanescentes estão à solta e tentando matar todo mundo.

— Não sei, ainda acho que é o fato de ninguém mais gostar de ler.

— Gordon, preciso que me faça um favor.

— Qualquer coisa.

Valquíria hesitou.

— Preciso que fale com Ardiloso e os outros.

— Qualquer coisa menos isso.

— É hora de você fazer seu grande retorno.

— Não, não é — retrucou Gordon.

— Precisamos de você.

— Posso contar o que precisa saber, e você pode transmitir a eles. Não seria muito melhor? Assim é você quem vai salvar o dia.

— Já salvei o dia muitas vezes, Gordon. Não temos tempo de fazer isso do jeito usual. Você sabe tudo o que precisamos. Por que está com medo?

— Porque eu não sou *eu*, Valquíria. Eu não sou Gordon, por mais que eu finja que sim. Não passo de uma gravação.

— Acha que vão ficar decepcionados?

— Não é isso, é só que... Você me trata como sempre me tratou, e eu gosto muito disso. Mas para todos os outros, para meus velhos amigos, vou parecer... diminuído. E meu ego, apesar de bravejante e grandioso, não aguentaria um ataque desses.

— Não vai nos ajudar por causa do seu ego?

— Minha querida sobrinha, grande parte do que eu sou é ego. A confiança faz

com que eu vaze arrogância, e a arrogância me impele para a frente quando meus membros já estão muito fracos.

— Gordon, você precisa fazer isso. Precisa fazer esse sacrifício.

— Nunca fui muito bom com sacrifícios. Sou bem melhor com doações razoáveis.

— Tenho certeza de que os Remanescentes querem me idolatrar.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Sêrio?

— E se for dessa maneira que eu viro Trevária? E se ter selado meu nome não mudou *nada*? E se eu for levada a fazer o que farei porque tem duas mil sombras malucas me *mandando* fazer? Eu não quero matar ninguém, Gordon. Eu não quero machucar meus pais. Por favor. Ajude-nos.

Gordon pareceu amolecer.

— Está bem, Stephanie. Leve-me até eles.

Ela pegou a Pedra Eco e o suporte.

— Obrigada.

Ele assentiu. Então Valquíria tocou a Pedra, fazendo a imagem dele desaparecer, e desceu as escadas. Os outros estavam conversando na sala de estar, discutindo planos e possibilidades. Pararam quando Valquíria entrou na sala e observaram enquanto ela colocava o suporte em cima da mesa.

— Tem uma pessoa que quero apresentar a vocês — disse, um pouco nervosa. — Antes de mais nada, queria que soubessem que eu não gostei de manter isso em segredo. Ela tocou na pedra novamente, e Gordon apareceu.

— Olá — disse ele.

Olhos se arregalaram. Bocas se abriram. Ardiloso permaneceu imóvel.

Gordon prosseguiu rapidamente:

— Não culpem Valquíria por isto. Eu insisti para que ela não contasse a nenhum de vocês que eu estava... por aqui. Ela tentou me convencer, em diversas ocasiões, a mudar de ideia, mas eu estava decidido. Acho que me senti um pouco constrangido, ou envergonhado, de minha atual encarnação. E embora eu não tenha pretensão de fingir que sou o homem que um dia conheceram, acredito que possa ser de alguma ajuda nesse momento de necessidade. Gostaria que me tratassem da mesma maneira que tratariam um livro ou uma fonte de conhecimento do gênero. — Gordon pigarreou e esperou a reprimenda.

— Já estava na hora — disse Ardiloso.

Agora foi a vez de Gordon parecer surpreso.

— Você sabia?

— É claro.

Valquíria franziu a testa.

— Você sabia? Como?

— Sempre que precisávamos de alguma informação que o Gordon teria — explicou Ardiloso —, você vinha para cá, sozinha, e depois de alguns minutos voltava com a informação precisa que estávamos procurando.

— Então nunca acreditou quando eu dizia que estivera pesquisando.

— Não.

— Presumiu que eu estava *trapaceando*?

— Você *estava* trapaceando.

— Mas você *presumiu* que eu estava trapaceando! Isso é *pior* do que a minha trapaça, o fato de você ter *duvidado* de mim.

— Sua lógica é incrivelmente confusa.

— Por que não disse nada? — perguntou Gordon.

— Se eu estivesse certo — disse Ardiloso —, e Gordon tivesse mesmo passado sua consciência para uma Pedra Eco, imaginei que essa nova versão de Gordon seria um pouco sensível a respeito da situação. Você me contaria quando estivesse pronto. Eu estava preparado para esperar. É bom revê-lo, velho amigo.

Gordon piscou.

— Eu... sim. É, é muito bom ver você também.

Medonho sorriu do outro lado da sala.

— Bem-vindo de volta. Eu apertaria sua mão se pudesse.

— Medonho, é realmente maravilhoso vê-lo outra vez — respondeu Gordon. — Ouvi dizer que você passou um tempo como estátua. Está com uma aparência muito melhor. E Porcelana... está ainda mais bonita.

O sorriso de Porcelana era acolhedor.

— Olá, meu queridinho.

Tanith se aproximou. Lambeu os lábios, e, quando falou, sua voz estava abalada:

— Eu sou... uma grande fã.

— Oh — respondeu Gordon, com evidente prazer. — Obrigada.

— Li todos os seus livros. Todos eles. *E a escuridão choveu sobre eles* é brilhante. Provavelmente o meu favorito depois de *O covarde Coronel Despojo* e *Mastigador de cérebros*.

— Despojo sempre foi meu melhor personagem. Então você deve ser a Tanith. Valquíria me falou muito sobre você, mas eu ouvi coisas sobre seus feitos mesmo enquanto estava vivo. Sabia que um dos meus contos é baseado em uma história que ouvi sobre você?

O sorriso de Tanith se alargou tanto que Valquíria teve medo de que ela engolisse a própria cabeça.

— Bom, chega de bajulações — disse Conspícuo. Tanith assentiu, envergonhada, e deu um passo para trás. — Gordon, é bom vê-lo, mas não temos tempo para ficar de papo furado.

— Estávamos falando sobre a minha obra — respondeu Gordon. — Não tem nada de papo furado nisso.

Conspícuo suspirou.

— Ainda assim, podemos mudar para alguma coisa que ajude nossa situação? A cada segundo que passamos discutindo quão brilhantes ou não seus livros possam ser, mais gente se machuca.

— É claro — respondeu Gordon —, desde que concordemos que todos os meus livros são realmente brilhantes.

— Certo — grunhiu Conspícuo. — Agora podemos falar de alguma coisa importante?

— Claro. Valquíria me contou sobre seu plano e sobre a insegurança de Fletcher. Passei quatro semanas entrevistando Teletransportadores e tenho certeza de que posso compartilhar o que descobri com rapidez e facilidade. Hum, olá.

Clarabela se aproximara enquanto ele falava, e agora estava parada diante dele com um olhar levemente intrigado no rosto. Estava mordendo suavemente o lábio inferior, como se tentasse resolver uma equação particularmente complicada, e se inclinou levemente para a frente, de maneira que a sua cabeça atravessou o queixo de Gordon.

— Ah — disse Gordon.

— Ai, pelo amor de Deus — murmurou Conspícuo. — Clarabela, pare com isso.

Ela se endireitou e começou a andar em torno de Gordon, examinando o quão real e sólido ele parecia. Gordon, por sua vez, sorriu e fez o possível para ignorá-la.

— Então pode dizer a Fletcher como teletransportar duas mil pessoas? — perguntou Ardiloso.

Gordon assentiu.

— Ah, sim. Não é uma técnica, sabe. É um estado de espírito. É uma ideia que deve ser compreendida e aceita. Tenho certeza de que se explicá-la da maneira que foi passada a mim, Fletcher vai compreender as sutilezas e ser capaz de realizar o que se espera dele antes que o dia termine.

— Perfeito. Que bom que você ainda está com a gente, Gordon.

Gordon sorriu e estava prestes a dizer algo modesto quando dois dedos esguios emergiram de sua testa e se balançaram.

— Clarabela — chamou Conspícuo, irritado —, tire a mão da cabeça do Sr. Edgley.

Clarabela puxou a mão e fechou a cara.

— Tem outra questão — disse Ardiloso. — O Receptáculo.

— Sim, é claro. Ativado por uma chave que foi quebrada em duas partes e escondida. Não é uma chave como conhecemos, na verdade, é só uma placa de ouro, do tamanho da sua mão. No entanto, são as imperfeições do ouro, quaisquer que

sejam, que ativam o dispositivo.

— Sabe onde estão as partes? — perguntou Ardiloso.

— Uma está em Drogheda — revelou Gordon —, na igreja de St. Peter. Tinha algo a ver com o caso Plunkett, e isso é tudo o que sei sobre ela. A outra estava escondida em Newgrange, até que um homem chamado Burgundy Dalrymple a roubou. Ele mora nos arredores de Meath.

— Dalrymple — ecoou Porcelana. — Já ouvi falar dele. Lutou ao lado de Malevolente na guerra. Era bom com a espada.

— Melhor do que bom — disse Gordon. — Ele era mestre espadachim, isso sim. Quando a guerra terminou e o lado dele perdeu, ele se ajustou ao novo sistema melhor do que os outros, e se virou bem, para as circunstâncias. Mas foi um dos possuídos da última vez em que os Remanescentes se libertaram. O Remanescente foi arrancado dele nos desfiladeiros de MacGillycuddy, assim como todos os outros, mas Dalrymple... Dalrymple teve dificuldades desde então.

— Que tipo de dificuldade? — Quis saber Ardiloso.

— Quando o Remanescente abandona o corpo de uma pessoa e ela volta, não consegue se lembrar de nada da experiência. Mas, de vez em quando, se recordam de *sensações*. Dalrymple se lembra da *sensação* de não estar sozinho, de fazer parte de algo maior que ele próprio, e tem tentando reconquistar essa sensação desde então. Tem esperado pela volta dos Remanescentes, e provavelmente roubou aquela parte da chave para que, quando *estiver* possuído novamente, ninguém possa ativar o Receptáculo para separá-lo do Remanescente.

— E quanto ao dispositivo em si? — perguntou Porcelana. — Você o viu?

Gordon balançou a cabeça.

— Está escondido em uma caverna. Não sei como encontrá-lo, nem como chegar a ele. Mas dizem que é impressionante. Falei com outros feiticeiros que o construíram, e eles me disseram o suficiente para empolgar minha imaginação.

— Por que não disseram a você como encontrá-lo? — perguntou Fletcher.

— O Receptáculo salvou o mundo — explicou Gordon. — Era o último esforço para vencer os Remanescentes. Uma vez utilizado, eles juraram selá-lo para que ninguém mais pudesse mexer nele, desmontá-lo ou adulterá-lo. Um deles me disse que, quando se está lidando com magia, nunca se pode acreditar que seus inimigos foram derrotados ou mortos. Se tivéssemos que encarar aquelas coisas de novo, eles se certificaram de que pelo menos tivéssemos uma arma.

— E não temos tempo a perder — disse Ardiloso. — Fletcher, leve-nos de volta ao Hibernian.

Valquíria pegou a Pedra Eco do suporte, e todos deram os braços. Em um piscar de olhos, estavam de volta à Ala Médica.

— Esse foi muito melhor — disse Clarabela, com um enorme sorriso. — Só

vomitei um pouquinho dentro da minha boca.

Ardiloso se virou para Gordon.

— Tem certeza de que pode ensinar a Fletcher o que ele precisa aprender?

Gordon sorriu e assentiu.

— Não vai ser um problema.

— Então vocês vão começar quase imediatamente — disse Ardiloso. — Mas antes, Fletcher vai levar Valquíria e Tanith para Drogheda a fim de fazer buscas na igreja e encontrar a primeira metade da chave. Porcelana, você vai me acompanhar para localizarmos esse tal de Dalrymple.

— Adoro quando você começa a dar ordens — disse Porcelana, sem nenhum tom detectável de sarcasmo.

— Medonho — prosseguiu Ardiloso —, você vai levar Fletcher de carro até o desfiladeiro de MacGillycuddy. Gordon, eu gostaria que os acompanhasse até Kerry, se não for um problema para você.

Gordon piscou algumas vezes, e, quando falou, a voz estava estranhamente embaçada.

— É claro. Fico contente de poder ajudar.

Valquíria não disse nada, mas sabia que Ardiloso acabara de fazer o melhor elogio que Gordon poderia ter recebido: ele o tratara como uma pessoa de verdade.

— É melhor você torcer para conseguir ensinar o garoto em poucas horas — disse Ardiloso.

— Tudo de que ele precisa é compreender a verdade fundamental por trás do teletransporte — disse Gordon —, então será capaz de fazer o necessário. Não vai ser um problema.

— Conspícuo, temo que precisemos usar seu laboratório como base de operações — disse Ardiloso. — Quando Medonho e Fletcher chegarem ao desfiladeiro, vão se teletransportar de volta para cá, e também vamos atrair os possuídos até estarem todos aqui, no mesmo lugar, então Fletcher vai teletransportar *todo mundo* até o Receptáculo.

— Como vamos atraí-los até aqui? — Quis saber Medonho. — Está um caos lá fora.

Ardiloso sacudiu a cabeça.

— Não está tão desorganizado quanto você imagina. Pense dessa maneira: os Remanescentes ficaram trancafiados e sem corpos por anos. Na primeira noite à solta, alguns deles vão ficar meio fora de si. Mas eles têm um propósito, e esse é a Trevária. Eles vão começar a se reunir. Os Remanescentes podem não ter líderes, mas seus hospedeiros humanos têm. Assim que os líderes começarem a vir atrás de nós, os outros os seguirão. E a verdade é que, mais cedo ou mais tarde, Fenestor ou Frêmito *vão* descobrir onde estamos. Eles *vão* vir atrás da gente.

— Que felicidade — disse Tanith. — Que alegria.

— Vamos precisar conectar fisicamente os possuídos de algum modo — comentou Fletcher.

— Eu posso fazer isso — disse Valquíria. Todos olharam para ela, que ergueu as mãos para as sombras da sala e fez com que se erguessem como névoa ao redor deles. — É um dos exercícios do treinamento de Necromancia — disse ela. — Quando estão esparsas assim, as sombras não podem machucar ninguém, mas funcionam como um elo. Tudo o que Fletcher precisaria fazer seria me teletransportar, e todo mundo que as sombras estivessem tocando viria conosco.

— Aqui dentro da sala funciona perfeitamente — comentou Porcelana —, mas você conseguiria amarrar todos aqueles Remanescentes?

Valquíria hesitou por apenas um instante.

— Sim — respondeu. — Conseguiria.

— Excelente — disse Ardiloso. — Medonho, melhor você ir assim que Fletcher tiver teletransportado Valquíria e Tanith. Com esse clima, você vai levar quatro ou cinco horas para chegar a Kerry, mesmo com os pneus do Bentley.

Medonho piscou.

— Você vai me deixar dirigir o Bentley?

— É mais rápido que a sua van. Só... cuida bem dele, está bem?

— Vou cuidar.

Ardiloso ficou em silêncio. Quando voltou a falar, foi com grande relutância.

— Nem um arranhão.

— Certo.

— Nem *um*, Reservado.

— Se preocupe em ir buscar as chaves e deixa que eu me preocupo com o carro.

— Sou multitarefa, posso fazer os dois. Certo, isso é tudo. A não ser que alguém ainda tenha perguntas, vamos lá.

Fletcher pegou a Pedra Eco das mãos de Valquíria.

— Não se meta em nenhuma encrenca enquanto eu não estiver aqui — disse ele.

— Sei que não vai conseguir resistir à tentação, mas precisa se lembrar de que não vou ter como salvá-la.

Valquíria deu um risinho desdenhoso.

— Acho que consigo sobreviver algumas horas sem você.

Ele assentiu e se inclinou para beijá-la.

— Por favor, fique em segurança — sussurrou. Os beijos dele eram muito melhores que os de Caelan. Mais suaves. Mais doces. Mais carinhosos. Ela afastou os pensamentos de Caelan da mente e beijou o namorado mais uma vez.

— Vou ficar — respondeu ela.

Eles olharam ao redor quando Medonho pigarreou, e observaram quando ele tocou

as tatuagens nas clavículas. Uma pele clara cobriu suas cicatrizes, e ele andou meio sem jeito até Tanith.

— Hã — disse ele. — Não morra.

— Certo — respondeu Tanith.

— Quando isto tiver acabado — prosseguiu ele —, vou preparar um jantar para você. Não precisa gostar nem comer, e acho que nem precisa ir, mas... Mas é o que vou fazer.

Tanith franziu a testa.

— Está me convidando para um encontro?

— É, acho que sim. Você jantaria comigo?

Tanith abriu o sorriso mais lindo.

— Eu adoraria — respondeu. Levou a mão ao peito dele, encostou os dedos em suas clavículas, e a pele imaculada se retraiu. Quando as cicatrizes ficaram à mostra, Tanith beijou os lábios dele uma vez. — Gosto de bife — disse ela. — Não dá pra errar no bife.

— Então bife será — murmurou ele.

Ele recuou, e Valquíria deu um sorrisinho para Tanith.

— Ai, meu Deus — disse Porcelana, revirando os olhos. — Espero seriamente que os Remanescentes *me* matem primeiro.

A CABEÇA NA CAIXA

O centro da cidade de Drogheda se destacava, iluminado em meio a escuridão, mas não havia ninguém por ali para admirar as luzes de Natal. Estava frio demais para as pessoas ficarem perambulando pelas ruas, e as estradas estavam escorregadias demais para saírem de carro. Fletcher deixou Valquíria e Tanith na rua principal, dando um beijo rápido em Valquíria e oferecendo outro a Tanith. Valquíria deu um soco no ombro dele, que desapareceu com uma expressão de dor no rosto.

— Até meus globos oculares estão com frio — disse Tanith. — Não é um bom sinal.

Elas andaram rápido, em um esforço para se aquecerem.

— Estão dizendo que este é o inverno mais frio em sessenta anos — murmurou Valquíria. — Preciso de um gorro de lã e luvas quentes.

— Luvas quentes — ecoou Tanith, sonhadora. — Talvez amarradas às mangas da blusa.

— Também preciso de aquecedores de ouvido — decidiu Valquíria. — Daqueles felpudos. Minhas orelhas estão vermelhas, não estão?

Tanith deu uma olhada.

— Sim. Mas não tanto quanto o seu nariz. Vou pedir a Medonho para fazer roupas como as suas para mim. Talvez assim só as minhas mãos e rosto fiquem congelados.

— Já considerou que, talvez, o motivo para você estar congelando é porque não usa roupas o *suficiente*? Já pensou em colocar alguma coisa por baixo desse colete?

Tanith apertou mais o colete ao redor do corpo.

— Meu colete foi feito para ter apenas uma coisa por baixo, Valquíria: eu.

— E você se pergunta por que está com frio.

Elas chegaram à igreja. Tão intimidadora quanto impressionante, seus pináculos se erguiam para o céu noturno como pontas de lanças. As portas estavam trancadas, mas se abriram com um estalo ao toque de Tanith.

Com as luzes principais apagadas, o interior da igreja era arrepiante. Elas passaram por um túmulo decorado com entalhes de esqueletos usando mortalhas. À esquerda do gigantesco altar havia um mausoléu, em cujo centro estava um pedestal com um esquite de vidro ornado em ouro e cercado por longas velas. No topo, havia

uma espiral metálica que se erguia por uns 3 metros. Dentro do esquiife havia uma cabeça mumificada, amarronzada e curtida, com os globos oculares vazios e dentes pequeninos e amarelados. Tanith ficou olhando para ela.

— Quem é esse cara? — perguntou.

— Oliver Plunkett — respondeu Valquíria. — Em mil seiscentos e alguma coisa, ele foi enforcado, desmembrado e esquartejado por praticar o catolicismo na Irlanda. Pelos ingleses, claro.

— É claro — respondeu Tanith, solene. — E lamentamos muito por isso.

Valquíria assentiu.

— Deveria mesmo.

— E por que a cabeça dele está em exibição numa igreja? — perguntou Tanith.

— Onde mais você colocaria uma cabeça?

— Você não acha isso meio nojento? Quero dizer, *nós* estamos acostumadas a ver esse tipo de coisa, mas e quanto às pessoas normais que vêm aqui só para rezar, se ajoelhando e murmurando e fazendo o sinal da cruz, daí olham para o lado e veem a cabeça de alguém em uma caixa de vidro? É um bocado mórbido, sem falar um tanto estranho.

— Com licença? — disse uma voz atrás delas.

Elas se viraram. Havia um padre ali de pé, barrigudo e de meia-idade.

— Sou o padre Reynolds — prosseguiu ele. — Posso ajudá-las com alguma coisa?

Valquíria preparou as mãos dos lados do corpo, pronta para empurrar o ar se reparasse em uma veia negra que fosse.

— Estamos só de passagem, Sr. Reynolds — assegurou ela.

O corpo dele se retesou um pouco.

— É *padre* Reynolds — corrigiu.

— Oh, sinto muito — respondeu Valquíria. — E qual é o seu primeiro nome?

— Meu nome completo é Padre Declan Reynolds e você, mocinha, arrombou e invadiu esta igreja.

— É um prazer conhecê-lo, Declan — respondeu Valquíria, ignorando as acusações. — Meu nome é Valquíria, e esta é Tanith. Na verdade, talvez você possa nos ajudar. Estamos procurando uma coisa. É uma placa de ouro, mais ou menos do tamanho da sua mão. Você a teria visto?

O padre franziu a sobrancelha para ela.

— Vocês perderam ouro?

— Não o perdemos — explicou Tanith. — Só estamos procurando. Um amigo nosso falou que estaria em algum lugar perto da cabeça na caixa. Estamos imaginando que se referia a *esta* cabeça na caixa, a não ser que você tenha outra escondida em algum lugar...

— Eu posso ser novo nessa paróquia, mas até onde sei, esta é a única cabeça em uma caixa que temos. Sinto muito, mas se isso for uma piada, não estou conseguindo ver a graça.

— A placa de ouro — disse Valquíria. — Você a viu?

— Não sei do que vocês estão falando — disse o padre, se afastando —, mas talvez vocês possam se explicar à Garda quando chegarem aqui.

Se ele esperava ouvir protestos, ou que elas corressem atrás dele, ficou decepcionado. Quando andou alguns passos e viu que ainda não tinham reagido, ele se virou, vendo ambas examinando a caixa.

— Se afastem daí imediatamente.

Valquíria passou as mãos pela base.

— Em um segundo — respondeu ela.

— É proibido tocar no console! — gritou o padre, dando passos largos na direção delas. O punho de Valquíria o atingiu por baixo do queixo. Ele cambaleou para trás, as pernas cedendo, e os olhos já fechando. Ele desabou no chão e ficou ali, inconsciente.

— Ah — disse Valquíria. — Achei que ele estivesse possuído.

— Claro que achou — respondeu Tanith, com um sorrisinho. Ela fez uma pequena pressão com a mão na base dourada do console, e ouviu-se um *clique*. Ela empurrou, girou as pontas dos dedos, e uma placa de ouro se soltou, caindo da base para a mão aberta dela.

— Caramba — comentou. — Eu sou boa.

Elas ligaram para Ardiloso avisando que tinham encontrado a primeira parte da chave. Ele lhes disse para irem andando até a estação de ônibus e esperar por ele lá.

Em toda a Drogheda, as ruas estavam congeladas e vazias. O asfalto cintilava, como se alguém tivesse cuidadosamente jogado centenas de milhares de pequenos cristais sobre ele. Carros estacionados estavam cobertos pela geada, os para-brisas com camadas grossas de gelo. Luzinhas de Natal acrescentavam um brilho sobrenatural à cena, e, em algum lugar ao longe, o alarme de uma casa havia disparado.

Valquíria e Tanith atravessaram a rua e continuaram seguindo para o sul, na direção da estação rodoviária. Valquíria estava com os braços cruzados, as mãos bem apertadas sob as axilas. As orelhas estavam congelando, e o nariz vermelho escorria. Ela pisou num pedaço de gelo, e seus pés escorregaram. Pela terceira vez em dez minutos, ela caiu de costas. Tanith olhou para trás e suspirou. Até ela já tinha parado de achar graça.

Elas atravessaram a ponte, se mantendo longe das calçadas e preferindo o asfalto, que era menos escorregadio. Ainda não tinham escutado um único carro, quanto menos visto algum. As luzes da estação rodoviária estavam acesas, e os ônibus,

parados e silenciosos. Elas pularam o muro baixo e abriram a porta de vidro. Uma velhinha olhou para elas de onde estava sentada.

Valquíria acenou com a cabeça, cautelosa, enquanto Tanith ia até o balcão de atendimento. Estava quase tão frio ali dentro quanto lá fora.

— Não tem mais ninguém aqui — disse a velhinha. — Também tentei a administração. Ninguém mesmo.

Tanith olhou para Valquíria e foi se certificar do que ela tinha dito. Quando ela saiu, a velha olhou para Valquíria.

— Vocês têm acompanhado as notícias? Terrível, não é? Todas aquelas pessoas ficando doentes.

— É, sim — respondeu Valquíria.

— Estou sentada aqui há horas. Tentei ligar para o meu filho, mas a ligação não completa.

— Os telefones foram desativados.

— Então é por isso? Espero que ele esteja bem. Espero que não esteja doente. Ele tem filhos, sabe. Um de 10 e outro de 4 anos.

— Ele deve estar bem — disse Valquíria.

A velhinha forçou um sorriso.

— Só quero chegar em casa. Isso não está certo. Esta cidade nunca esteve tão quieta. Onde estão todos? Será que estão doentes? O homem do jornal disse que as pessoas doentes podem ter surtos de violência. Se todo mundo está doente, não é seguro ficar aqui. Eu só quero ir para casa.

— Nós também.

— Qual é seu nome, menina?

A velhinha não parecia alguém que os Remanescentes tomariam. Ela não era jovem e nem forte. Era pequena, tinha o cabelo branco, e apesar de estar toda agasalhada por causa do frio, parecia magra e frágil.

— Meu nome é Valquíria.

— Que nome incomum. É francês?

— Hã, acho que deve ser escandinavo.

— É muito bonito.

Tanith voltou.

— Não tem ninguém aqui — disse.

— Eu falei — respondeu a velhinha. — Estou aqui há três horas e vocês duas são as primeiras pessoas que vejo. Eu deveria ficar grata por não serem como as pessoas que estão mostrando nos noticiários.

— Onde você mora? — perguntou Valquíria.

— Duleek — respondeu a velhinha. — Conhecem?

— Vi algumas placas indicando.

— O ônibus para Duleek deveria sair às 7h10, mas lá fora nada parece se mexer. Não vi nenhum motorista. Não sei como vou chegar em casa.

— Estamos esperando uma carona que vai chegar a qualquer minuto — disse Valquíria. — Talvez pudéssemos te dar uma...

— Val — interrompeu Tanith, olhando feio para ela.

— É muito gentil — disse a velhinha, com um sorriso —, mas não tem problema.

— Não podemos deixá-la aqui — disse Valquíria para Tanith.

— Por que não? — Quis saber Tanith. — Quem vai encostar nela? Ela está mais segura aqui do que estaria com a gente.

— Está um frio de congelar.

— E daí? Ela tem luvas quentes. — Tanith se virou para a velhinha. — Normalmente, eu não veria problema nenhum em você ir com a gente. Mas até onde sabemos, você pode estar doente.

— Eu? — disse a velhinha, surpresa. — Mas não estou correndo por aí machucando gente.

— Não mesmo. Mas poderia estar prestes a começar.

A velhinha piscou para elas, então pareceu se encolher em meio às camadas de roupa que estava usando.

— Talvez seja melhor eu ficar aqui de qualquer maneira. Meu filho pode estar procurando por mim.

Tanith deu de ombros e virou-se para Valquíria.

— Viu? Problema resolvido.

Então as luzes se apagaram.

— Ótimo — ouviu-se Tanith murmurar.

Por alguns segundos, ficaram na mais completa escuridão. Em seguida, os olhos de Valquíria começaram a se ajustar, e ela passou a ver contornos vagos na penumbra. A forma de Tanith se moveu até uma janela.

— Toda a cidade está no escuro — disse. — Não tem uma luz em quilômetros.

— Talvez tenham uma lanterna no escritório — disse a velhinha, parecendo assustada.

— Eu tenho um isqueiro — disse Valquíria, estalando os dedos. Ela ocultou a chama, escondendo o fato de que o fogo queimava na palma de sua mão.

— Oh, que maravilha — disse a velhinha, aliviada. — Não quero ser um fardo para vocês, mas acham que existe alguma possibilidade de eu pegar uma carona quando seu amigo chegar? Não gosto muito da ideia de ficar aqui sozinha.

— Tenho certeza de que podemos dar um jeito — disse Valquíria. Ela conseguia ver Tanith na luz bruxuleante. A amiga não parecia contente. — Vou procurar uma lanterna.

Valquíria foi até o escritório, procurou em duas mesas e depois olhou nas

estantes. Encontrou uma lanterna e a acendeu. O facho iluminou a sala inteira.

— Achei uma — gritou.

Ela ouviu Tanith engasgar, e o medo percorreu seu corpo. Ela correu para fora do escritório. As mãos frágeis e magras da velhinha envolviam a garganta da amiga.

Valquíria urrou, e a velhinha xingou em uma língua que ela jamais ouvira. Valquíria estava quase em cima dela quando o punho longo e esguio da velhinha a atingiu, quase arrancando sua cabeça fora. A lanterna girou pelo chão, e Valquíria se abaixou, rolando por puro instinto e levantando sem saber o que estava acontecendo. Suas pernas tremeram um pouco, e ela cambaleou, então viu a velhinha desferindo socos em Tanith, que estava presa embaixo dela.

Valquíria bateu no ar com a palma da mão, e o espaço ondulou quando a velhinha foi jogada para o lado, gritando ao voar. Tanith estava esparramada no chão, inconsciente.

A velhinha se ergueu com dificuldade. À luz da lanterna, Valquíria pôde ver seus lábios negros e o rosto marcado pelas veias.

— Você não tem como fugir — disse a velhinha. — E por que iria querer? Seu destino é glorioso.

— Não é meu destino — disse Valquíria, fervilhando de raiva e se aproximando. — E ainda que fosse, eu o mudei. Não vai mais acontecer.

— É por isso que estamos aqui — explicou a mulher. — Para nos certificar de que aconteça. Trevária, estávamos sem propósito. Não éramos nada. Só raiva e ódio e rancor. Mas agora? Agora temos objetivo. Agora temos um futuro. Com você.

— Se quiserem que eu os lidere, então vamos começar agora. Estou com um par de algemas no bolso. Quero que as coloque.

A velhinha sorriu e balançou a cabeça.

— Você ainda precisa ser guiada para mais além — disse ela. — Só então poderá assumir seu manto. E aí obedeceremos. Agora, você ainda acha que é Valquíria Caos. Ainda acha que tem amigos. Como esta. — A velhinha se ajoelhou ao lado de Tanith e passou a mão no cabelo dela. — Deixe que eu seja sua amiga. Eu vou deixar este corpo, esta coisa velha e decrepita, e me unir a ela. Uma forma tão agradável de ser, com esse rosto bonito, tudo tão firme, forte e resistente. Todos esses músculos e todo esse couro.

— Pare de descrevê-la — disse Valquíria. — Está ficando esquisito.

A velhinha se lançou para a frente, mas Tanith ergueu o braço e a fez tropeçar. Valquíria deslizou até ela, virando-a no chão, colocando-se atrás dela e a enforcando. A velhinha se debateu como um peixe, mas Valquíria manteve o aperto. Não queria machucá-la, não queria ferir de verdade a velhinha, só queria que ela dormisse um pouco. Ela apertou mais, e a velhinha enfraqueceu, a cabeça pendendo para a frente. Valquíria a colocou no chão e se levantou.

— Ai, meu Deus — disse Valquíria, entorpecida. — Acabamos de bater em uma aposentada.

— Aposentada do mal — corrigiu Tanith, tossindo levemente ao se levantar do chão. — Sobre o que ela estava tagarelando? Ouvi ela falar de Trevária.

— É. Foi, falou. Só, sei lá, tagarelice. Metade não fazia sentido. Você está bem?

— Estou. Meio fraca. Ela tem um gancho de direita bastante bom, sabe. Para uma vovó.

PRIMEIRA AULA

— Teletransportar mil pessoas não é tão diferente de teletransportar uma — disse Gordon, conforme aceleravam pela estrada vazia. — O esforço, a magia, está na primeira abertura da fenda no espaço. A largura possível para essa fenda é um tanto quanto imaterial.

— Que fenda? — Quis saber Fletcher.

— Você ao menos sabe como funcionam seus poderes?

Fletcher não conseguia olhar para Gordon enquanto estavam em movimento, então ele manteve os olhos fixos no para-brisas.

— Claro. Eu penso em um lugar onde já estive e vou para lá. Não abro uma fenda no espaço nem nada disso.

— Na verdade, é exatamente o que você faz. Emmett Peregrino me contou como fazia para entender o poder, e acho que isso pode ajudar você. Hã, Fletcher, não quero parecer um professor de escola nem nada, mas será que você pode olhar para mim enquanto estou falando com você?

— Desculpe — disse Fletcher. — É que você me deixa enjoado.

Medonho franziu o cenho.

— Como Gordon o deixa enjoado?

— Bom, é que ele fica escorregando, sabe... Tipo, para fora do carro.

— Isso não é minha culpa — disse Gordon. — Às vezes não reparo que vamos entrar numa curva, ou Medonho muda de pista sem me avisar.

— Desculpa por isso — disse Medonho.

— Não tem problema. Fletcher, prometo que vou me esforçar mais.

Fletcher soltou o ar e assentiu, então se virou no assento.

— Certo — disse. — Pode continuar.

Gordon deu um sorriso de reconhecimento, em seguida o Bentley passou por uma lombada, e o rosto dele desapareceu por trás do assento. Ele se inclinou para a frente para ficar visível de novo. A coisa toda fazia o estômago de Fletcher embrulhar.

— Em vez de focar na distância viajada — disse Gordon —, encare da seguinte maneira: não é você quem está se movendo.

— Não?

— Você está usando seu poder para ficar completamente imóvel, e é o mundo que se move ao seu redor até que você chegue exatamente aonde quer.

— Hã...

— Como eu, agora. Estou preso à Pedra Eco, e a Pedra está se movendo, mas *eu* não. É o mundo que se move ao meu redor. E, ocasionalmente, através de mim. Para você, Fletcher, a própria existência se move conforme sua vontade. Tenho certeza de que alguém com uma autoestima como a sua não tem dificuldade em entender a ideia de que o universo gira em torno de você, estou certo?

— Penso nisso o tempo todo.

Gordon sorriu.

— Conheço a sensação. Emmett costumava dizer que ele deixava para o mundo a parte de viajar, e ele ficava no lugar. Ele se concentrava onde queria que o mundo parasse, e era tudo. Ele não se sobrecarregava com questões sobre distância ou sobre a quantidade de pessoas que estava levando consigo ou com o tamanho do que estivesse transportando. Ele via o destino como um ponto fixo em um redemoinho e deixava que viesse até ele. Compreende?

— Eu... acho que sim.

— Isso é bom. A compreensão é o primeiro passo. O segundo é a aceitação. Uma vez que tenha aceitado isso como a verdade, as possibilidades são infinitas.

PELA ESPADA

Burgundy Dalrymple não morava em uma casa muito agradável. Ela era, na opinião de Porcelana, um lugar tão decrepito que parecia prestes a cair aos pedaços. Não havia nada além daquele bangalô na estrada morta. Duas das janelas estavam iluminadas, e até a luz era meio mortiça. O jardim era uma selva de ervas-daninhas e grama alta. Para dizer a verdade, Porcelana não conseguia ver muito dele na escuridão e ficou grata por isso. A imundície não a atraía em nada.

Valquíria ligou assim que Ardiloso desligou o motor da van. Porcelana esperou enquanto ele conversava com ela. As meninas obviamente tinham sido bem-sucedidas na tentativa de pegar a primeira metade da chave. Ardiloso disse a Valquíria para esperar por eles e ativou a fachada, assentindo para Porcelana. Eles saíram do veículo e se aproximaram da casa.

A porta dianteira se abriu lentamente.

— Vão embora! — disse uma voz masculina por trás dela.

Ardiloso e Porcelana pararam de andar, e o rosto que Ardiloso estava usando sorriu.

— Olá, Burgundy — disse ele.

— Esse não é o meu nome — disse o homem. — É outra pessoa. Vão embora.

— Burgundy — disse Ardiloso —, só queremos falar com você. Um minuto do seu tempo, e aí vamos embora.

— Não me chamo Burgundy!

— Você é Burgundy Dalrymple — disse Porcelana. — Mestre espadachim e herói de guerra.

A risada do homem saiu parecida com um latido.

— Herói de guerra? Ninguém me chama de herói de guerra!

— Bem — disse Porcelana, saindo da escuridão para que ele pudesse ver o rosto dela —, acho que depende de que lado da guerra se estava lutando.

Houve um instante de silêncio, então a voz dele falhou quando disse:

— Você é Porcelana Tristeza.

— Sou. E este é Ardiloso Cortês. Gostaríamos de falar com você sobre os Remanescentes, se estiver com tempo.

— Eu... eu acho que...

— Podemos entrar? — Quis saber Ardiloso.

— Bom... tudo bem. Mas não permito que ninguém entre aqui armado. Vocês estão armados?

— Não.

— Quero ver. Abra sua jaqueta.

Ardiloso hesitou.

— Ah — disse —, você disse *armado*. Sim, estou armado. Um *pouquinho* armado. Só tenho uma pistola. Na mão de certas pessoas, isso *mal* pode ser considerado uma arma.

— Tire-a e deixe aí fora.

Resmungando, Ardiloso fez o que ele mandou.

— Certo — disse —, entrem.

Eles colocaram os pés na entrada. A madeira estava velha e podre, e rangia sob o peso deles. Ardiloso empurrou a porta da frente para abri-la. O vestíbulo que os recebeu tinha luz fraca. No momento em que Ardiloso entrou, o rosto dele ondulou e se retraiu. Ele parou imediatamente e se virou para Porcelana.

— Cuidado — disse, com a voz suave. — Esta casa foi lacrada.

Porcelana sentiu a mesma coisa ao atravessar a soleira da porta — as tatuagens invisíveis que agraciavam seu corpo ficaram inúteis enquanto sua magia enfraquecia.

— Estou aqui — chamou o homem.

Os dois avançaram lentamente até a sala de estar. Era surpreendentemente grande, mas mal mobiliada. Havia uma mesa de jantar no meio da sala e algumas cadeiras ao redor dela. Algumas luminárias. E mais nada. As paredes, no entanto, eram ornamentadas com espadas de esgrima, floretes e sabres de todos os tipos, e, diferentemente dos arredores empoeirados, essas espadas pareciam ser afetuosamente mantidas em perfeitas condições.

Burgundy Dalrymple estava parado no outro extremo da mesa de jantar. Ele era meio magro demais e estava precisando se barbear, cortar o cabelo e, Porcelana imaginou, de um banho.

— Eu sou Burgundy Dalrymple — disse ele, nervoso.

— Precisamos de sua ajuda — disse Ardiloso. — Sabemos sobre a sua história com os Remanescentes, o quanto isso afetou você, e a maneira como segue sua vida.

— Certo — disse Dalrymple —, prossiga.

— Também sabemos que você encontrou uma das metades da chave para o Receptáculo.

— Já encontrei as duas a esta altura — disse Dalrymple, assentindo —, mas as pessoas pararam de falar comigo faz uns dez ou quinze anos, então ninguém responde as minhas... sabe, minhas perguntas. Por quê? O que vocês querem?

— Queremos sua metade da chave — disse Porcelana.

O tom de Dalrymple foi firme:

— Não. Não. Vou ficar com ela para que ninguém possa prender os Remanescentes novamente. Eu já a teria destruído, mas é bem resistente. Por que a querem?

Ardiloso inclinou a cabeça.

— Quer dizer que não está sabendo?

— Se eu soubesse, estaria perguntando?

— Precisamos ligar a máquina, Burgundy. Os Remanescentes estão à solta.

Dalrymple olhou para Ardiloso e, por um bom tempo, não disse nada.

— Onde — disse finalmente, soando como se precisasse de um copo de água —, onde estão eles?

— Precisamos da chave, Burgundy.

— Achei que quisessem estudá-la ou alguma coisa. Fazer testes, descobrir como uma coisa daquelas... como funciona, mas... Mas querem *usar* o Receptáculo? Por que eu ajudaria vocês com isso? É por este momento que tenho esperado!

— Não quero ameaçá-lo em sua própria casa — disse Ardiloso —, então se quiser dar um pulo lá fora, posso ameaçá-lo lá.

— Lá fora? — disse Dalrymple, com desprezo. — Onde a magia não está lacrada? Onde vocês podem jogar fogo em mim e roubar a chave do meu pescoço chamuscado?

— Ah, então está aí *com* você?

Dalrymple foi até a parede e pegou uma espada.

— Vocês querem? Podem vir pegar.

— Seria realmente mais fácil se você apenas a entregasse para mim.

— Qual é! — rosnou Dalrymple. — Cai dentro!

— Eu realmente acho melhor não — respondeu Ardiloso.

— Se conseguir me derrotar, pode pegar a chave do meu corpo ensopado em sangue.

— Mais uma vez, não me parece lá muito convidativo.

— Empunhe sua lâmina!

Ardiloso suspirou, foi até a parede mais próxima e escolheu uma espada cujo punho era cravejado de joias. Dalrymple avançou, atacando de repente. As lâminas se chocaram, e Dalrymple começou a descrever círculos.

— Realmente não precisamos fazer isso — disse Ardiloso. — Não quero lhe fazer mal. Nem um pouco.

— Eu quero fazer *bastante* mal a você — grunhiu Dalrymple. — Quantidades *inenarráveis* de mal. Vou fazer um *continente* de mal a você antes de terminarmos.

— Você é um cara esquisito.

Porcelana observou Dalrymple avançar com três estocadas rápidas. Ardiloso bloqueou as duas primeiras e se esquivou da terceira, revidando com um contragolpe que Dalrymple bloqueou com facilidade. Eles avançaram de novo, as lâminas cintilando e tilintando ao se encontrar. Dalrymple manteve a mão direita para trás, no meio das costas, numa postura clássica de esgrima. Ardiloso manteve a mão livre para baixo e à frente do corpo, bem menos pomposo, muito mais cauteloso.

— Você é bom — disse Dalrymple.

— Que gentileza a sua — respondeu Ardiloso.

— Faz uma centena de anos que não enfrento alguém com metade da sua habilidade.

— É muito simpático da sua parte falar isso.

— Na verdade, não. É só que faz uns cem anos desde que *lutei* com alguém. — Dalrymple atacou, obrigando Ardiloso a recuar, mal mantendo a lâmina que o golpeava à distância. — Estou enferrujado — prosseguiu Dalrymple. — Sem prática. Totalmente fora de forma.

— Parece bom para mim.

— Minha luta está desleixada. — Dalrymple bateu na espada de Ardiloso, obrigando-o a abaixá-la, e desferiu um golpe contra a cabeça dele. Ardiloso fez um movimento abrupto para trás e desabou no chão. — Em meus melhores dias, isso teria arrancado a sua cabeça.

Ardiloso se esforçou para ficar de pé.

— Que constrangedor para você.

— Houve uma época na minha vida em que lutar com espadas era a única coisa que tinha algum significado.

— Todo mundo precisa de um hobby.

— Mas era uma época vazia — disse Dalrymple, quase soluçando. — Uma época solitária. — Ardiloso se aproximou, tentando aproveitar a distração, mas não conseguiu furar a defesa de Dalrymple. — Então os Remanescentes entraram em mim, e toda aquela solidão se foi. — Dalrymple golpeou, cortando a manga da jaqueta de Ardiloso.

Ardiloso retrocedeu.

— Mas você não consegue se lembrar de nada do que aconteceu — comentou.

— Não preciso me lembrar dos detalhes. Era a *sensação*. A sensação de estar *inteiro*. De estar *completo*. É disso que eu me lembro. É disso que sinto falta. É isso que quero ter de volta.

— Você já tentou simplesmente fazer uns amigos?

Dalrymple grunhiu de novo e avançou rapidamente, sua lâmina tentando chegar a Ardiloso, que estava fazendo o possível para se esquivar.

— Está zombando de mim.

— Eu, não — insistiu Ardiloso, recuando mais uma vez.

— Está rindo de mim.

— Acho grosseiro rir de um homem com uma espada.

As lâminas se encontraram, e Dalrymple girou o pulso. A espada de Ardiloso voou da mão dele, e ele precisou se jogar no chão para escapar. Ele rolou e se levantou, ganhando um pouco de espaço.

— Burgundy — disse Porcelana, pegando um florete na parede —, você ficaria muito chateado se eu substituísse Ardiloso pelo restante do duelo?

Dalrymple olhou em volta, estreitando os olhos.

— Não vou poupá-la só porque me apaixonei por você — avisou ele. — Sei como funciona. Sei que não é amor de verdade.

— Mas é claro que é de verdade — disse ela, fazendo um floreio com o espadim. — Todo amor é de verdade. — Ela deu uma estocada suave, que ele bloqueou. — Se não, não é amor, certo? Se não, não faz sentido. É um desperdício de tempo e energia. E eu detesto desperdiçar qualquer uma dessas coisas.

Agora era Ardiloso que assistia enquanto Dalrymple revidava o golpe de Porcelana e ela bloqueava, respondendo com um ataque que ele bloqueava, os encontros estridentes de lâmina contra lâmina ganhando ritmo conforme se moviam em torno um do outro.

— Está tentando me confundir — disse Dalrymple.

— Não estou. O amor que está sentindo é algo real e genuíno. Só porque não é nem um pouco recíproco não quer dizer que é menos importante.

— Você não me ama — disse Dalrymple, com desprezo.

— Não foi isso que acabei de dizer?

Ele se aproximou.

— Você não estaria lutando se soubesse como é. Quando seu corpo é um receptáculo para um Remanescente, você não precisa de truques para que as pessoas se apaixonem por você. Você não *precisa* do amor delas.

Porcelana se afastou, bloqueando e contra-atacando. Ela subiu em uma cadeira, então na mesa, e ele a seguiu, as espadas se encontrando cada vez mais rápido. Era perigoso ali em cima, não havia muito espaço para manobra, e os golpes de Dalrymple ficavam cada vez mais fortes. Porcelana ficou impressionada. O pulso dela já estava doendo.

Ela viu, com o canto do olho, que Ardiloso pegara de volta a espada e estava andando na direção deles.

— Burgundy — disse ele —, acredito firmemente em lutas justas. De verdade. Mas não viemos aqui para perder. Viemos para pegar metade da chave que você roubou, e não vamos embora sem ela. Então temo que precisemos trapacear um

pouquinho.

Enquanto Dalrymple aparava o golpe de Porcelana, Ardiloso tentou enfiar a ponta da espada na perna dele — e a espada de Dalrymple ressoou contra a sua.

Porcelana piscou, então se defendeu, e Ardiloso tentou machucar Dalrymple mais uma vez. Porém, novamente a espada de Dalrymple se moveu rapidamente, mais rápido do que o olho nu poderia captar, e ele afastou o golpe de Ardiloso antes de continuar a atacar Porcelana. Ela teria julgado isso impossível se não estivesse ali para testemunhar o feito.

— Trapacear contra você não é fácil — murmurou Ardiloso.

Dalrymple saltou para o outro lado da mesa. Porcelana também voltou ao chão enquanto Ardiloso dava a volta. Eles o encurralaram, as espadas avançando contra Dalrymple enquanto este se defendia com uma vivacidade impressionante. Porcelana foi pela direita, Ardiloso pela esquerda, e ainda assim, falharam em derramar sangue. A coisa toda estava começando a ficar completamente inaceitável. A qualquer momento, Porcelana ia começar a transpirar.

Ela avançou com um golpe longo, que foi aparado, mas respondeu com uma rotação que quase arrancou a mão de Dalrymple do pulso. Agora o mestre espadachim estava em desvantagem. Ardiloso golpeou por baixo, Porcelana por cima, então eles inverteram, e inverteram mais uma vez, privando Dalrymple da oportunidade de antecipar o movimento seguinte.

— Renda-se — disse Ardiloso.

Dalrymple não respondeu na hora, ocupado demais defendendo-se.

— Vocês parecem ter me vencido — disse ele, por fim.

— É o que parece. Mas, se isso é verdade, então por que está sorrindo?

— Porque — respondeu Dalrymple — sei de uma coisa que vocês não sabem.

— E o que seria isso? — Quis saber Ardiloso.

— Não sou destro — respondeu Dalrymple, e jogou a espada para a mão esquerda. Porcelana xingou e recuou diante dos assaltos renovados do espadachim, e Ardiloso gritou quando uma lasca de osso foi arrancada de seu braço. Porcelana avançou desesperadamente na tentativa de manter Dalrymple a distância, mas a espada dele se movia ainda mais rapidamente que a dela, impedindo-a de encontrar equilíbrio. Caiu no chão, apoiando-se em uma das mãos enquanto continuava a lutar com a outra e sair do alcance.

Ardiloso se aproximou de Dalrymple pela retaguarda, e este girou, estocando contra as costelas de Ardiloso. Ele congelou, olhando para baixo, para a lâmina que furara suas roupas. Então Dalrymple a girou e a puxou para fora, de maneira que ela arranhou o esterno de Ardiloso, o fazendo urrar de dor e desabar no chão.

Porcelana usou seu florete contra a nuca de Dalrymple, mas ele se esquivou, girou, e a espada dele colidiu com a dela até que, de repente, Porcelana estava de

mãos vazias. Ele chutou o peito dela e a fez cair no chão.

Dalrymple estava de pé ao lado de Porcelana, a ponta da lâmina na garganta dela.

— Pronto — disse ele, arquejando um pouquinho. — Vocês foram derrotados. Agora são *vocês* que vão responder às *minhas* perguntas. Onde estão eles? Onde estão os Remanescentes?

— Eu não sei — respondeu ela.

A pressão da ponta da lâmina aumentou.

— Diga ou vou matá-la.

Ardiloso ainda estava encolhido no chão, os braços em volta do corpo. Porcelana suspirou.

— Está bem, eu vou dizer. Mas se você ligasse a televisão ou um rádio, já estaria sabendo de tudo.

— Não confio na tecnologia moderna — informou ele.

— Por que é que não estou surpresa com isso? Nesse caso, perdeu as inúmeras histórias sobre tumultos acontecendo por toda a cidade. Por todo o país.

A boca de Dalrymple estava aberta.

— Eles estão livres? Os Remanescentes? Todos eles? Isso é... isso é...

— Isso é o que você estava esperando?

Os olhos dele se encheram de lágrimas.

— Sim.

— Há mais de cem anos?

Ele assentiu rapidamente.

— Sim.

— Então hoje é seu dia de sorte, Burgundy. Mas é melhor correr, senão não vai sobrar nenhum para se unir a você.

— Sim — disse ele, os olhos fora de foco. — Sim, eu... eu tenho que ir.

A ponta de sua espada deixou a garganta de Porcelana, e ela golpeou, afundando a ponta de sua bota no joelho dele. Ele caiu para trás, e Ardiloso se ergueu, pegando a mão com que Dalrymple empunhava a espada e a torcendo para trás, quebrando-a. Dalrymple gritou, e, quando a espada caiu, Ardiloso o lançou contra a parede.

— Me dê a sua metade da chave — disse Ardiloso, com uma voz fria, despida de humanidade.

Dalrymple soluçava de dor. Ele tentou correr até a porta, mas Ardiloso lhe deu uma rasteira. Então pisou no braço quebrado de Dalrymple, e o pobre homem guinchou até desmaiar. Porcelana se levantou enquanto Ardiloso o vasculhava, finalmente encontrando a chave em um corrente fina que ele usava em torno do pescoço.

— Você está bem? — perguntou Ardiloso a Porcelana, conforme examinava a placa de ouro.

— Estou bem — respondeu ela. — E você? Estou vendo que ele o machucou.

— Só um arranhão.

— Só o suficiente para fazer você perder o senso de humor?

Ele olhou para Porcelana.

— É temporário, eu garanto. Mas estou perfeitamente bem agora. Temos uma metade da chave, Valquíria está com a outra. Talvez tenhamos uma chance de vencer essa, sabe, mesmo estando em tremenda desvantagem.

Porcelana deu de ombros.

— Já aconteceram coisas mais estranhas.

O CERCO AO HIBERNIAN

Ardiloso e Porcelana chegaram a Drogheda, e todos entraram no delicioso ar aquecido da van. Tanith imediatamente contou que Valquíria batera num padre e numa velhinha. Porcelana riu, e Ardiloso entregou a Valquíria a metade da chave que ele pegara de Dalrymple. Ela pressionou uma contra a outra, e não conseguiu mais separá-las.

Eles foram para a estrada e seguiram sem avistar nenhum outro carro até chegarem à pista escorregadia que levava a Balbriggan. Havia dois carros parados na pista do meio, com as portas abertas e sem ninguém por perto.

— Um acidente? — perguntou Tanith, conforme passavam lentamente pelos carros. Valquíria não viu nenhum sinal de batida e teve a sensação desconfortável de estar sendo observada.

Ardiloso pisou com mais força no acelerador.

— Não vamos parar — disse. — Para ninguém.

Nem Valquíria nem Tanith responderam.

Eles chegaram ao centro da cidade e passaram por ruas vazias, ignorando os semáforos. Na entrada para o Trinity College, um carro de cimento que fora jogado para o acostamento estava com as luzes e o motor ligados, mas não havia nem sinal do motorista. Eles viraram no parque de St. Stephen e viram um homem correndo até eles, sacudindo os braços freneticamente. Valquíria desviou o olhar enquanto o deixavam para trás.

A cidade estava morta ao redor deles, sufocada pelo terror e pelo frio.

— Blitz — disse Ardiloso, conforme ativava a fachada.

Valquíria olhou para fora e viu as luzes azuis piscantes dos carros da Garda à frente. Quatro policiais com jaquetas reflexivas faziam sinal para que parassem.

Valquíria e Tanith se deitaram no banco de trás. Quando a van freou, o coração de Valquíria estava batendo freneticamente. Ela ouviu o ranger do vidro sendo aberto e um policial pedir a carteira de motorista de Ardiloso. Porcelana quis saber se havia algum problema. O policial gaguejou um pouco quando respondeu que era só uma blitz de rotina, nada com que se preocupar. Pelo menos sua reação apaixonada diante de Porcelana Tristeza foi uma resposta normal. Era um bom começo. Mas

quando Ardiloso falou que não estava com a carteira de motorista, o policial ordenou que saísse da van.

— Há algum problema? — perguntou Ardiloso.

— Apenas saia da van, senhor — respondeu o policial.

— Não estávamos correndo, guarda.

— Senhor — disse o policial, a irritação aumentando em sua voz —, estou dizendo para sair da van. Pode fazer como estou pedindo ou então o tiraremos à força e o prenderemos.

— Não há necessidade de ameaças — disse Ardiloso. Valquíria ouviu a porta se abrindo e Ardiloso saindo. A porta se fechou.

— São quatro — sussurrou Porcelana do assento do carona. — Um do meu lado, três em volta do Ardiloso.

Ouviu-se uma batida na janela do carona. Porcelana a abriu.

— Olá. — Valquíria ouviu um policial dizer.

— Olá — disse Porcelana de volta, com um sorriso na voz.

Valquíria percebeu que Tanith se movia lentamente. A luz que vinha da rua cintilou brevemente no aço de sua espada. Valquíria engoliu em seco.

Ouviu-se um grito curto do lado de fora, e alguma coisa bateu contra a lateral da van ao mesmo tempo em que Porcelana abriu a porta com um chute. O som da porta atingindo a cabeça do policial foi inconfundível. Porcelana fechou a porta calmamente enquanto Ardiloso voltava ao banco do motorista, e eles aceleraram.

— Problemas? — perguntou Tanith, sentando-se.

— Nada que eu não pudesse resolver na conversa — respondeu Ardiloso.

Valquíria olhou pelo vidro traseiro para as figuras caídas dos guardas.

— Eles estavam possuídos?

— Acho que não — disse Porcelana. — Não pareciam particularmente fortes.

— Basta um Remanescente conseguir uma posição de poder — disse Ardiloso. — Até onde sabemos, a polícia inteira pode estar à nossa procura. Segurem firme, vamos andar um pouco mais rápido.

Ele pisou com tudo no acelerador, e a van avançou rugindo.

Quando chegaram ao Hibernian, Valquíria estava assustada e deprimida. Estava preocupada com os pais e, pela primeira vez, com as primas. Imaginava como estavam lidando com o que haviam descoberto nas últimas vinte e quatro horas. Os eventos que haviam testemunhado, além da loucura se espalhando por toda a cidade, por todo o país, seriam o suficiente para deixar *qualquer um* em pânico, mais ainda duas adolescentes altamente histéricas.

De acordo com o rádio, todo o país estava entrando em pânico — o que era compreensível. As autoridades foram soterradas por denúncias sobre pessoas

desaparecidas. Alguns comentaristas diziam que era um vírus neurológico, outros que era um ataque biológico, e outros ainda diziam, e este era o favorito de Valquíria, que era a punição divina por não irem mais à igreja. Alguns dos ataques noticiados de fato eram obra dos Remanescentes, mas outros claramente eram culpa da bomba planejada por Conspícuo.

Qualquer que fosse o motivo, o efeito era o mesmo. As pessoas ficavam dentro de casa, fechavam as portas e janelas, se isolavam dos vizinhos. Havia notícias sobre cientistas que andavam nas ruas em macacões de biossegurança que cobriam o corpo inteiro. Todo o país estava ficando louco, e o restante do mundo só esperava a doença chegar até eles.

Ardiloso estacionou a van de Medonho do outro lado da rua do Hibernian, fora de vista. Se certificando de que ninguém os observava, correram até a porta trancada nos fundos do cinema. Uma câmera oculta os captou, e, alguns momentos depois, a porta se abriu. Eles correram para dentro, e, no momento em que a porta se fechou novamente, a tranca foi ativada, barras de aço deslizando para as fechaduras e ativando o sistema de alarme que o próprio Conspícuo desenvolvera.

— Medonho ligou — disse Conspícuo ao vê-los. — Ele disse que estão a três horas de distância, se tiverem sorte.

Ardiloso mandou Tanith checar as defesas dos andares superiores, e levou Valquíria com ele para checar os inferiores.

— Quando você acha que os possuídos vão chegar aqui? — perguntou Valquíria, enquanto caminhavam.

— A qualquer momento agora. Para dizer a verdade, estou surpreso que ainda não tenham chegado.

— Não gosto de esperar — disse Valquíria. — Penso demais. Penso em tudo o que poderia dar errado com esse nosso plano horroroso.

— Com certeza não pensa em *tudo*.

— Você não me tranquiliza em nada, sabia? Se fosse um bom amigo, estaria me dizendo que em algumas horas os Remanescentes não estarão mais aqui e que tudo vai voltar ao normal.

— Está dizendo que se eu fosse um bom amigo — disse Ardiloso —, aproveitaria esta chance para mentir para você?

— É, isso aí.

— Nesse caso, nosso plano horroroso não tem como falhar. Em algumas horas, os Remanescentes estarão presos no Receptáculo, e todo mundo vai poder voltar ao normal. As pessoas podem continuar discutindo sobre quem vão ser os dois novos Anciãos, eu posso voltar a rastrear aquele tal de Tesserato, e você pode continuar suas aulas de Necromancia e depois sair em outro encontro com Fletcher enquanto Caelan se contorce de ciúmes.

Ele testou as grades de metal que selavam uma porta antiga.

— Você repara em tudo — comentou ela.

— Não tudo, mas bastante coisa.

— Ele disse que me ama — disse Valquíria. — Caelan.

Eles continuaram a andar.

— Você não quer o amor de um vampiro, Valquíria.

— Ele não é uma pessoa ruim.

— Isso é porque ele não é uma pessoa.

— Não me venha com isso — disse ela, irritada. — É o que todo mundo sempre diz. *Ele é um animal. Não se pode confiar nele.* É isso o que ele diz também. Fala *dele mesmo* como se fosse um *animal*, pelo amor de Deus.

— E o que você acha que ele é? Problemático? Incompreendido? Ele é um assassino.

— Caelan é diferente dos outros.

— Sim, ele é.

Valquíria franziu o cenho.

— Você concorda comigo?

— Completamente. Os outros vampiros são brutais, animais com sede de sangue que mal podem ser contidos pelo código brutal e sedento de sangue deles. Mas Caelan? Ele é muito pior.

Ela suspirou e balançou a cabeça, mas ele prosseguiu.

— Ele transgrediu a primeira lei dos vampiros ao matar um de sua espécie. Se não consegue seguir essa regra simples, você acha mesmo que está segura? Sabe por que os vampiros têm a reputação de guardar rancor? É porque, uma vez que a paixão por alguma coisa, nesse caso, a vingança, começa a arder, ela os consome completamente. Vingança, ódio ou amor. Queimam todos com a mesma intensidade.

— Então está me dizendo que ele vai ficar obcecado por mim?

— Se ele disse que ama você, *já está* obcecado.

— Se você conversasse com ele, se sentasse com ele e lhe desse uma chance, perceberia como está errado.

Ardiloso não disse nada. Apenas olhou para ela e inclinou levemente a cabeça para um lado. Valquíria olhou para o outro lado, consciente do rubor que tomava seu rosto.

— O que você fez? — perguntou ele.

— Eu não fiz nada. Do que você está falando?

— Por mais aversão que eu tenha a proteger seu relacionamento com Fletcher, você *ainda* está com o garoto, não está?

— Claro que sim.

— E não com Caelan, então?

Ela fez que não com a cabeça.

— E não tem *planos* de ficar com ele?

— Ele é velho demais.

— Isso não é uma resposta.

— Bem, eu não sei o que você quer que eu diga! Quer que eu diga que nos beijamos? Porque tudo bem, nos beijamos! Uma vez! Isso é tudo. E eu disse que nunca faria isso de novo porque estou com o Fletcher, e ele concordou. Pronto. O que mais quer saber?

Ardiloso não disse nada, só continuou andando. Ela sentiu o lampejo de raiva autodefensora desaparecer rapidamente, e ficou se sentindo estúpida e infantil, realmente desejando que não tivesse dito nada.

— Entendo — disse ele, por fim.

— Eu não tenho que ficar me explicando para você — disse Valquíria. — Não preciso da sua permissão para beijar Caelan ou Fletcher ou ninguém.

— É verdade — disse ele, baixinho —, não precisa. Mas ainda temos o problema de um vampiro estar apaixonado por você.

— Eu já disse, *não* é um problema.

— Você não pode ser dar o luxo de encorajá-lo.

Ela olhou feio para ele.

— Não estou encorajando.

— Então beijá-lo provavelmente deu o sinal errado.

Valquíria olhou para o outro lado, incapaz de discutir com ele nesse ponto.

— E se Fletcher descobrir? — Quis saber Ardiloso. — Você está disposta a perder seu namorado por causa disto? Caelan pode se comportar da melhor forma possível *com você*, mas a essa altura, posso garantir que ele está *odiando* Fletcher. Uma sugestão, uma alusão, é o que basta para arruinar as coisas entre vocês dois.

— Caelan não vai dizer nada — disse ela, sem convicção.

Então as luzes se apagaram. Antes que Valquíria sequer pudesse estalar os dedos, o gerador de emergência foi ativado.

— Corte de energia? — disse ela. — Ou...?

— Remanescentes — disse Ardiloso. — Estão aqui.

Eles correram de volta até os outros. Conspícuo estava na Ala Médica com um conjunto de monitores que mostravam várias imagens do exterior do prédio.

Havia centenas: homens, mulheres e até algumas crianças, mortais e feiticeiros; todos ali fora no frio congelante, com os sorrisos de lábios negros em seus rostos cheios de veias negras. Valquíria pôde ver Mortalha e Frêmito e Enredo e outras pessoas que reconheceu. Houve um movimento na multidão que se aglomerava perto da porta principal, e Tesserato avançou. Ele olhou diretamente para a câmera.

Valquíria sentiu o medo nas entranhas, a culpa gelada. Parte dela, uma parte

desesperada, gemeu e choramingou que estavam ali por causa dela, que era tudo sua culpa.

Não era, claro. Os Remanescentes terem se soltado não tinha nada a ver com ela, até onde sabia. Se não tivessem ido atrás dela, ainda estariam por aí, machucando pessoas e tomando corpos. Desse jeito, pelo menos, não estavam alvejando mortais. Por enquanto.

Eles observaram as telas conforme os possuídos se espalhavam, envolvendo o prédio como um laço em torno de um pescoço.

Alguns deles se aproximaram do perímetro ao lado oeste. Um deles balançou um bastão no ar até atingir o domo invisível que Conspícuo tinha instalado. O domo ficou azul no ponto em que o bastão o atingiu, e o ponto formou uma onda que se dissipou gradualmente, como uma pedrinha jogada num lago tranquilo. Os possuídos soltaram um coro de apreciação por um trabalho de defesa tão requintado.

No lado que dava para a rua, um feiticeiro lançou uma torrente de energia, que foi absorvida pelo azul sem causar danos. Uma bola de fogo explodiu contra a barreira, balas a atingiram e caíram no chão, inúteis, e um punho de sombras se despedaçou com o impacto. Tudo o que esses ataques conseguiram foi mandar ondas de azul em torno do pequeno prédio.

Um grupo de possuídos se separou dos outros e começou a usar magia para explodir o chão.

— Estão cavando para entrar por baixo — disse Valquíria.

— Vão ter que cavar bastante — respondeu Conspícuo. — Não estamos fechados em uma bolha, mas o domo se afunda por uns 10 metros na terra. Não vai ser fácil para eles.

— Quanto tempo até eles conseguirem passar? — perguntou Tanith.

— O domo não vai falhar completamente — disse Conspícuo. — Mas pode ser que apareçam algumas lacunas. Achamos que alguns deles tenham como entrar antes que o domo consiga se restaurar.

— Não tem problema nenhum — disse Tanith. — Só não quero ficar entediada.

Valquíria não falou nada, mas, olhando para as centenas de rostos assassinos marcados por lábios negros, ela não achou que haveria muita chance de se entediarem.

— Espalhem-se — disse Ardiloso —, mas não muito. Vamos aonde for preciso, mas nunca sozinhos. Entenderam? Nosso objetivo é defender e repelir ataques até que Fletcher se teletransporte de volta. Até lá, não descansamos e não paramos. Vamos nessa.

Com os ataques constantes, foram aparecendo as lacunas, e os feiticeiros começaram a conseguir chegar ao prédio em si. Havia mais defesas ali, é claro, e

ainda mais do lado de dentro, mas, pouco a pouco, as brechas foram se abrindo.

Valquíria estava no necrotério, observando desamparada enquanto um buraco grande era aberto na parede e três feiticeiros pulavam para dentro do prédio.

Ardiloso correu para interceptar os intrusos. Ele empurrou o ar e mandou um deles de volta para o domo. Os outros dois eram Elementais e sabiam como receber a rajada de ar sem perder terreno. O maior deles, um homem feio de cabelo preto cacheado, se jogou contra Ardiloso, derrubando-o no chão. O outro, vestido de terno e gravata respingados de lama, avançou contra Valquíria.

Ela se jogou no chão bem antes de ele a atingir, fazendo o homem tropeçar. Ele caiu no chão, e ela o agarrou com sombras antes de lançá-lo girando para o outro lado do necrotério. O som da cabeça dele rachando contra o concreto foi úmido e enjoativo.

O homem de cabelo cacheado deu um soco na cabeça de Ardiloso, grunhindo ao quebrar a mão. Ardiloso o chutou para longe e se colocou de pé, deslizando para evitar um ataque do outro invasor. A mão dele se desviou para o lado, acertando o homem atrás da orelha e fazendo-o cair. Valquíria empurrou o ar, direcionando-o para os pés do outro homem. As pernas dele foram para trás, e ele caiu. Valquíria correu para bater na cabeça dele antes que atingisse o chão, como se fosse uma bola de futebol.

Ardiloso deu uma cotovelada no nariz do homem de cabelo cacheado. Os Remanescentes eram fortes, e a sensibilidade deles à dor era menor, mas ainda estavam em corpos humanos, portanto reagiam de certa maneira a algumas coisas. Um cotovelo no nariz faz com que os olhos lacrimejem, deixando a visão embaçada. Um chute na canela dispara diversos sinais para o cérebro, que por sua vez faz com que as mãos desçam para proteger a área ferida. E um chute no queixo joga a cabeça para trás, o que faz com que o cérebro bata na parede do crânio, o que resulta num desmaio.

O homem de cabelo encaracolado caiu como um saco de batatas feias.

Através do buraco na parede, Valquíria pôde ver a energia azul do domo e os possuídos do outro lado. Ela mal resistiu ao impulso de gritar: “Isso é o melhor que conseguem fazer?” O impulso era causado pelo medo e pela expectativa do inevitável, como quando ela era criança, brincando de pique-esconde, e era consumida pela necessidade de sair do esconderijo, conforme a criança que a procurava se aproximava, e gritar: “Estou aqui! Estou aqui!”

Ela não era mais uma criança, e esse tipo de impulso autodestrutivo não tinha mais lugar em sua vida, especialmente agora.

Os possuídos olharam para ela e sorriram. Alguns deles entoaram seu nome verdadeiro. Ela simplesmente ficou parada ali, ao lado de Ardiloso, esperando a próxima leva invadir.

PAVOROSO

Tanith conhecia o feiticeiro que atravessava o laboratório a passos largos na direção dela. A pele dele era escura como ébano, seu corpo, grande e largo, os olhos, chamejantes. Ele tirara a espada que se encaixava tão confortavelmente em suas mãos de um inimigo vencido em um campo de batalha havia muito tempo, e ela lhe servira bem desde então. Era um Adepto, o nome dele era Pavoroso Jones, e eles tinham saído juntos por um curto período na década de 1970.

A espada dele a procurou, e Tanith deslizou para o lado, tentando fazer com que ele passasse a própria lâmina na traseira da perna, mas ele já estava revidando. Com o choque do aço, Tanith recuou.

— Senti a sua falta. — Ele sorriu.

— Como tem andando? — murmurou ela.

Ele encolheu os ombros, e a ponta da espada veio assobiando na direção da garganta dela. Ela se esquivou.

— Estou bem — disse ele, ainda avançando. — Estava por aqui para resolver algumas coisas e, bem, você sabe... — Ele bateu os dedos na cabeça. — Realmente não é tão ruim quanto você imagina, compartilhar o espaço com um Remanescente. Se bem que, para ser sincero, essa nova aliança não me ajudou nem um pouco a valorizar mais o clima irlandês. Ainda estou ansioso para voltar à África.

Pavoroso atacou, e Tanith aparou o golpe, girando a espada para o ombro dele, mas ele ergueu a lâmina e desviou o golpe para longe.

— E quanto a você? — Quis saber ele. — Alguém especial na sua vida?

— Ah, Pavoroso, você sabe que é o único para mim.

Ele riu, ela avançou, e desta vez foi Pavoroso que se viu forçado a recuar. A defesa dele era boa, o aço de sua lâmina apoiado pelos músculos e tendões. A espada se desviava para onde devia, e seus pés se moviam para onde precisavam. Ele ainda era bom. Não deixara suas habilidades diminuírem. Tanith se perguntou se ele ainda era melhor do que ela fora.

Ele bloqueou um ataque e se moveu para a frente, usando o ombro para jogá-la de lado. Ela saltou para trás a fim de evitar o golpe contra seus joelhos, aparou o seguinte e evitou também o que veio depois.

— Vou esperar terminarem de dançar — disse Porcelana, ao entrar no aposento.

Pavoroso se moveu para poder manter as duas à vista.

— Srta. Tristeza — disse ele —, é tão bom vê-la de novo. Se não se importar em esperar, vou aí matá-la assim que possível.

Porcelana cruzou os braços.

— Não tenho o dia inteiro, Sr. Jones.

Pavoroso golpeou de cima para baixo contra a espada de Tanith, quase arrancando-a das mãos da oponente. Ele deu um passo à frente e um chute em sua barriga. Ela cambaleou, o corpo meio dobrado, e mal conseguiu rolar para longe antes do ataque seguinte.

— E aí? — arquejou Tanith para Porcelana.

A sobancelha de Porcelana se ergueu.

— E aí o quê?

— Vai me ajudar ou não?

— Tolice, você não precisa da minha ajuda. Está indo muito bem.

Pavoroso fez uma finta baixa e puxou a espada para cima. Tanith bloqueou e contra-atacou com três estocadas em sucessão rápida. As duas primeiras ele rebateu com facilidade, mas a terceira ele deixou passar por cima da cabeça, abaixando-se e desferindo um golpe perigosamente perto das costelas dela. Ela se jogou para o lado bem a tempo.

Três outros feiticeiros possuídos apareceram. Porcelana se virou para eles, ainda de braços cruzados, os dedos tocando rapidamente os símbolos invisíveis desenhados em seus braços. Então abriu bem os braços, e o possuído mais próximo foi atingido à queima-roupa por uma onda de energia azul. Os ossos dele se quebraram, e a pele rasgou enquanto ainda voava para trás. Os outros dois Remanescentes se aproximaram de Porcelana pelos lados, no mesmo momento em que Pavoroso renovava os ataques contra Tanith.

Tanith cambaleou ao aparar e bloquear, tentando recuperar o equilíbrio e ganhar algum espaço ao mesmo tempo. Um giro poderoso da lâmina de Pavoroso tirou a espada de suas mãos. Em vez de recuar mais, ela o surpreendeu saltando para a frente.

Eles lutaram pela espada dele, Tanith chutando e dando joelhadas nas pernas do adversário o tempo todo. Ela passou uma bota em volta do pé de Pavoroso e puxou, apoiando-se nele. Ele caiu para trás ao tropeçar, mas a levou junto. Ele grunhiu quando ela aterrissou em cima dele. Usando todo o seu peso, ela pressionou a espada contra a garganta do oponente. Com os dentes rangendo e a transpiração surgindo em sua testa, ele resistiu.

Com o canto do olho, Tanith viu Porcelana jogar uma adaga de luz vermelha no peito de um dos possuídos. Ele arquejou e se inclinou, caindo de joelhos e em

seguida tombando para o lado. O feiticeiro que restou agarrou Porcelana e a jogou contra a parede.

Pavoroso estava empurrando Tanith, a lâmina se afastando da garganta dele com uma lentidão agonizante. Tanith não podia fazer nada a não ser assistir ao inevitável. Em mais alguns segundos, a lâmina estaria longe o suficiente de Pavoroso para que ele pudesse se contorcer por baixo dela. Ele a jogaria para longe, a batalha recomeçaria, e era mais do que provável que Tanith morresse.

Ela pensou em Medonho, no beijo rápido que dera nele. Tanto tempo desperdiçado. Morrer aqui, agora, assassinada nesse chão frio por um homem de quem gostara, mas que nunca amara, quase beirava o insuportável. Ela pensara que tinha todo o tempo do mundo para encontrar o momento certo com Medonho. O mal da imortalidade, refletiu ela, era a procrastinação.

Tanith girou o corpo verticalmente até apoiar o corpo nas mãos, que ainda seguravam a espada. Os olhos de Pavoroso se arregalaram quando todo o peso do corpo dela foi aplicado sobre ele, mas o ponto de equilíbrio de Tanith poderia ser facilmente deslocado. Ela saltou para longe antes que ele tentasse qualquer coisa arriscada, pegando a própria espada enquanto o oponente ficava de pé.

Enquanto isso, Porcelana tinha se rebaixado, as coisas ficando sujas com o outro mago. Eles rolavam pelo chão, o cabelo de Porcelana sobre o rosto. Finalmente, ela simplesmente agarrou a cabeça do homem e a bateu contra o concreto, uma, e depois duas vezes. Satisfeita porque o oponente já não era uma ameaça, ela se levantou, ofegando e parecendo irada.

As pupilas de Pavoroso se dissolveram, deixando seus olhos completamente brancos e brilhantes. Tanith xingou e teve que mergulhar para evitar a torrente de luz branca que irrompeu. Ela se escondeu atrás de uma mesa de metal, sentiu o calor e ouviu o metal chiar ao seu redor. Subitamente, a luz se moveu, e ela espiou, vendo que Pavoroso se aproximava de Porcelana. Os braços de Porcelana estavam unidos, formando o sinal que erguia um escudo entre ela e as rajadas oculares de Pavoroso. Tanith sempre achou que essas rajadas estavam entre os poderes adeptos mais legais de se ter. Não as estava achando tão legais naquele dia.

— Mantenha o escudo! — gritou. — Ele não consegue manter essa intensidade por mais de alguns segundos!

— Se estiver entediada — gritou Porcelana em resposta —, uma ajudinha é sempre bem-vinda.

— Tolice! Você está indo muito bem!

Pavoroso girou a cabeça, os raios gêmeos chispando na direção de Tanith e a forçando a se abaixar atrás de alguma coisa. Sentiu o calor esmorecer, o brilho vacilar, e quando arriscou outra olhadinha, viu Pavoroso piscar conforme suas pupilas voltavam a funcionar.

— Agora! — gritou, saindo do esconderijo.

Depois de usar seus poderes, Pavoroso ficava cego por alguns momentos enquanto recarregava a magia. Porcelana o atingiu pelo lado, e Tanith saltou, ambas as botas afundando na mandíbula dele. Ele caiu esparramado, a espada tilintando no chão. Em um instante, Porcelana estava inclinada por cima dele, a mão pressionada em sua testa. Ele gritou, então ficou em silêncio, mas Porcelana manteve a mão ali, fazendo o corpo dele chacoalhar. Tanith agarrou Porcelana e a puxou para trás.

O cotovelo de Porcelana atingiu a bochecha de Tanith com um estrépito, e ela ergueu as mãos.

— Pare! Espere! Que diabos foi isso?

Porcelana estreitou os olhos.

— Você me atacou.

— Não, não ataquei.

— Atacou, sim. Você é um deles.

Tanith a encarou.

— Você viu um maldito Remanescente descer pela minha garganta? Não, não viu!

— Então por que me fez parar?

— Porque você ia matá-lo!

— Ele ia matar *a gente*, menina idiota.

— Não, Porcelana, ele ia ficar deitado aí, inconsciente. Quando aquela coisa tiver saído dele, Pavoroso vai voltar a ser um bom sujeito. E o mesmo vale para a maior parte dessas pessoas, contra as quais você parece usar força letal sem o menor problema.

Sem tirar os olhos de Tanith, Porcelana prendeu o cabelo para tirá-lo do rosto.

— Se for para escolher entre mim e eles, escolho a mim. Suas concessõezinhas misericordiosas vão acabar fazendo com que seja morta.

Tanith limpou o sangue do lábio e não respondeu.

DE ACORDO COM O PLANO

O escudo aguentou firme.

A cor ficava mais escura a cada impacto. A cada tentativa de penetrá-lo, ele escurecia, então desaparecia, e os ataques recomeçavam até o Cinema Hibernian ficar coberto por um domo de energia azul.

Os feiticeiros do lado de fora estavam revezando, cinquenta de cada vez, lançando tudo o que podiam contra as defesas de Conspícuo.

Os defensores iam aonde eram necessários — sempre repelindo ataques e forçando os invasores a recuar. Era exaustivo. Valquíria lutou de um extremo do prédio até o outro e depois pelo caminho inverso. Tinha cortes e sangrava, estava machucada e não conseguia recuperar o fôlego.

Ouviu um estrépito em um corredor atrás de si, e o grito de Tanith:

— Eles entraram!

Valquíria correu para ajudar. Tanith estava engajada em uma luta contra um feiticeiro de lábios negros, os dois rolando pelos destroços em volta do buraco gigantesco no meio do chão. Outro feiticeiro estava escalando, e Valquíria espalmou o ar, fazendo uma pedra voar contra o rosto dele. O feiticeiro caiu para trás com um grito dolorido, mas outro tomou o lugar dele antes que o grito sequer morresse.

Um lampejo de luz vermelha a cegou, e ela sentiu algo quente chilar contra a bochecha. Cambaleou para trás, as mãos estendidas à frente como proteção. Havia uma perturbação, algo grande vindo por trás dela. Ela estalou os dedos e lançou uma bola de fogo, ouvindo xingamentos breves em resposta. Piscou rapidamente, já capaz de ver as formas, e avistou a figura que apagava as chamas da camiseta. Reuniu sombras e as mandou mais ou menos para o lugar onde a cabeça deveria estar. A forma indistinta girou no ar e caiu.

Valquíria fechou os olhos com força e os abriu novamente, a visão clareando bem a tempo de ver Tanith se afastar do feiticeiro inconsciente com quem estivera lutando. Outro homem de lábios negros subiu pelo buraco, e Tanith foi ao encontro dele, se esquivando de um golpe de faca e desferindo três socos em resposta. O homem grunhiu, derrubando a faca no chão. Tanith o atingiu com um chute que o fez cair para trás, de volta ao buraco.

Ardiloso entrou correndo, com fogo em ambas as mãos. Ele parou no meio da sala e lançou torrentes de chama gêmeas para dentro do buraco. Valquíria ouviu gritos e berros e ainda mais xingamentos. De repente, ele apagou as chamas e se abaixou, os dedos estendidos contra o chão. O chão rugiu, estalou e expeliu nuvens de poeira contra o ar enquanto o túnel desmoronava sob eles.

Ardiloso olhou para cima.

— Estão bem?

Tanith assentiu. Valquíria ergueu uma sobrancelha.

— Outro de seus novos truques? — ofegou.

— Apenas a progressão natural da manipulação da terra. Vou ter que ensinar pra você um dia desses.

— Não vai segurá-los por muito tempo — disse Tanith.

Os possuídos estavam dentro do cinema, tentando atravessar as instalações mágico-científicas. Valquíria ouviu um grito de pavor e foi em direção dele, se separando dos outros. Virou uma esquina do corredor, vendo uma mulher de cabelos selvagens e espessos encurralando Clarabela. Valquíria mergulhou contra ela.

— Corre! — gritou para Clarabela, que obedeceu.

A mulher deu uma cotovelada em Valquíria, que ouviu um estalo quando a mulher mostrou uma arma de eletrochoque. Valquíria se esquivou para trás, tropeçou e caiu de costas. Estava tão cansada, seu corpo tão exausto, que, quando atingiu o chão, chegou a gostar da sensação de estar deitada. Então a louca pulou em cima dela, e a sensação já não pareceu mais tão boa.

A arma crepitou a centímetros do pescoço dela, e Valquíria fez o possível para mantê-la a distância.

— Você vai me agradecer por isto mais tarde — disse a louca, através dos dentes trincados.

Valquíria pressionou o antebraço contra a metade inferior do rosto da mulher e o empurrou para trás lentamente. Estava se movendo por pura adrenalina, usando suas últimas reservas. A louca deu um sorrisinho, e a força de Valquíria esmoreceu. Um momento antes de a arma ser encostada em sua pele, Fletcher agarrou a mulher e a jogou para longe. Os dois desapareceram, e Valquíria se deixou cair de novo. Lentamente, com um grunhido, ela ergueu ambos os braços. Fletcher apareceu de novo acima dela, segurou ambas as mãos de Valquíria e a puxou para colocá-la de pé.

— Estou ficando muito bom nesse negócio de timing, não é? — perguntou Fletcher. Ela teria batido nele se não estivesse tão cansada.

Ardiloso correu até eles, Porcelana e Tanith logo atrás.

— Fletcher, conseguiram chegar até o desfiladeiro?

— Conseguimos, sim — disse Fletcher. — Ainda não sabemos onde exatamente fica a caverna, mas sem dúvida consigo me teletransportar para a área.

— Você é o único imune aos Remanescentes — disse Porcelana a Ardiloso. — Quando chegarmos lá, vamos fazer o possível para contê-los enquanto você liga o dispositivo. A partir desse ponto, você é o único que importa.

— Consegui fazer com que Conspícuo abrisse algumas portas — disse Medonho, correndo até eles —, então estão todos indo para o cinema. Precisamos que estejam todos no mesmo lugar, e não teremos outra chance melhor do que esta.

Ardiloso se virou para Valquíria.

— Está pronta?

Ela assentiu.

— Vou conseguir.

— Fletcher, eles vão focar a atenção na tela, tentando atravessá-la. Você precisa nos teletransportar para trás deles, então se preparar para levar todo mundo para o desfiladeiro de MacGillycuddy. Consegue fazer isso?

— Consigo — disse Fletcher. — Todo mundo de mãos dadas, agora.

De repente, estavam no cinema, observando duas mil pessoas malucas, que gritavam e riam e xingavam.

— Valquíria — disse Ardiloso. — *Agora*.

Ela estendeu as mãos, permitindo que o frio do anel se espalhasse até as pontas de seus dedos. As sombras espiralaram e se ergueram como névoa negra. O barulho morreu gradualmente conforme os possuídos se viravam para a névoa, esperando um ataque. Quando não houve nenhum, eles olharam ao redor, confusos. Valquíria sentiu as sombras fluindo pelo espaço entre eles e se concentrou em espalhá-las mais. Quando abriu os olhos, viu que estavam todos olhando para ela.

— Fletcher! — vociferou Ardiloso.

— Todo mundo segurando firme — disse Fletcher. Suas mãos agarraram o ombro de Valquíria. Os outros formaram uma corrente do outro lado dela. — Não sou eu que estou me movendo. — Ela o ouviu murmurar. — É o universo que gira ao meu redor...

Valquíria viu pelo canto do olho uma lasca de escuridão se espalhando a partir do ombro de Fletcher. Antes que pudesse alertá-lo, o Remanescente disparou contra o rosto de Fletcher, que caiu para trás, tentando arrancá-lo dali. Caiu de joelhos, mas a coisa já estava dentro da boca dele. O garoto se inclinou para trás, e a coisa sumiu de vista, o corpo dele se arqueando de dor antes de relaxar.

Ao redor deles, os possuídos gargalhavam. Fletcher ergueu a cabeça e sorriu com seus lábios negros.

Ardiloso puxou a arma, mas Fletcher desapareceu.

— Estou aqui — disse Fletcher.

Eles giraram. Medonho empurrou o ar, mas Fletcher já tinha sumido. Ele apareceu do lado de Tanith, que se virou em um instante, a espada atingindo o vazio.

— Não podem me derrotar — disse Fletcher, por trás deles.

Ardiloso disparou a arma, e Porcelana lançou adagas de luz vermelha.

— Como são idiotas — gritou Fletcher do palco.

— Eu posso estar em todo e qualquer lugar — disse Fletcher, a dez passos de distância.

— Vocês não podem me deter — riu Fletcher, bem ao lado deles. Ele agarrou Valquíria, afastando-a dos outros, e a colocou no meio dos feiticeiros possuídos. A névoa escura já havia desaparecido. Os feiticeiros ao redor dele começaram a rir. Ela podia ver Ardiloso e os outros pelos vãos, mas eles estavam sendo ignorados agora que os Remanescentes tinham seu troféu.

— Eu amo você — disse Fletcher, apertando-a em seus braços. — Eu já tinha quase certeza de que amava você antes disso, mas agora? Agora eu sei. Amo você mais do que tudo, Val, e por favor, confie em mim. Quando um de nós se unir a você, vai gostar.

Valquíria deu um soco bem na mandíbula dele, uma cotovelada em uma mulher que esticou a mão para ela e um chute, afastando um homem. Alguém a fez tropeçar e cair. Enquanto as pessoas riam, ela sentiu mãos agarrando-a *por baixo* e afundou no chão. Os feiticeiros mergulharam atrás dela, mas em vão, e ela fechou os olhos ao ser puxada em direção ao subterrâneo.

— Olá, queridinha — disse Billy-Ray Sanguíneo em sua orelha.

COMPANHEIROS INUSITADOS

O ruído parou, e Valquíria sentiu a terra fria e dura ao redor de si. A escuridão era completa, e os medos familiares subiram por sua garganta. Encostou o indicador no polegar.

— Se estiver planejando estalar esses dedos aí e fazer um foguinho para poder ver — disse Sanguíneo —, posso sugerir uma alternativa que não queime o oxigênio que ainda nos resta?

Luz amarela inundou o espaço pequeno que os rodeava, e Valquíria se viu olhando para o próprio reflexo nos óculos escuros dele. Ele lhe entregou a pequena lanterna.

— O que está fazendo? — sussurrou ela.

— Não estou completamente certo — retrucou ele —, mas me parece, e posso estar errado, que estou salvando sua vida. É, eu... acho que é isso aí.

Ela franziu a testa.

— Você não é um deles?

— Dos Remanescentes? Nah, ainda não me pegaram. Criaturas arrepiantes, não são?

Valquíria se mexeu um pouco. Uma meia dúzia de pedras a espetava dolorosamente.

— Por que está aqui?

— Olha, antes que comece a ficar agressiva, vou dizer que eu me *lembro* da última vez em que nos encontramos e *também* me lembro da promessa que você me fez.

— Eu disse que ia matar você.

— Eu *falei* que me lembrava, não foi? — disse Sanguíneo, irritado. — Não precisa me ameaçar de novo só porque pode. A questão é: eu pretendia deixar você em paz por um tempo, mas aí apareceu um serviço e eu precisava do meu... pagamento.

— Como foi que se envolveu nisto?

— Pela primeira vez, estou do lado dos bons, se é que podemos descrever assim aquele pessoal de Roarhaven. Eles me contrataram para ajudar a derrotar aquelas

criaturas arrepiantes. Eu dei uma olhada, vi que eles pareciam estar atrás de *você* o tempo todo, então imaginei que a melhor forma de atingi-los seria tirar deles o que queriam.

“Admito, considere a ideia de matar você, tirando-a deles de forma mais permanente, mas dois fatores me desviaram desse curso de ação. O primeiro é que, até onde eu sei, eles podem querer você tanto assim para matá-la, e aí se eu te matasse, seria como fazer um baita de um favor pra eles. O segundo é que ainda não quero você morta. Estou bem ansioso por toda dor e tortura que sei que você vai sofrer.”

— Está do nosso lado?

— Parece que é o que estou tentando dizer.

— Então... vai lutar do nosso lado?

— Vai ser estranho não passar o tempo todo tentando cortar a sua garganta, mas sim.

Valquíria afastou as perguntas, suspeitas e receios da cabeça.

— Tudo bem, então. Vamos ter que entrar na Ala Médica para pegar Conspício e Clarabela, depois vamos precisar chegar na van do outro lado da rua.

— Em um segundo.

Ela olhou de cara feia para ele.

— Vamos logo.

— Você não é minha maldita chefe, Caos. Para sua informação, qualquer que seja o campo de força que vocês inventaram, ele só faz com que eu tenha que cavar mais do que o normal para chegar lá, o que significa que tenho que me esforçar mais. Vamos nos mover quando der.

— Ainda está ferido.

— Sim — disse ele, a boca se retorcendo em uma careta feia de escárnio —, ainda estou ferido de quando você me cortou com uma maldita *espada*. Ainda não consigo me mover com a minha eficiência habitual. Agora, se isso é uma inconveniência para você, por favor, aceite minhas desculpas mais sinceras. Porém, mais uma vez, preciso informá-la de que essa droga é culpa *sua*.

O olhar no rosto dele e o ódio na voz disseram a Valquíria para tratá-lo com cautela. Ele era um assassino e um psicopata, e embora tivesse mudado de lado temporariamente, ela sabia que não precisaria de muito para que ele a abandonasse ali embaixo.

— Aposto que nunca imaginou que a gente acabaria lutando do mesmo lado, hein? — perguntou ele, um novo sorriso atravessando o rosto. — Aposto que nunca achou que eu ia salvar sua pele.

— O quê?

— Só jogando conversa fora. Tenho que me distrair da dor, sabe? A vida tem um

jeito engraçado de fazer as coisas, não é? Sua amiga, por exemplo. A garota da espada.

— Tanith?

— Da primeira vez que nos conhecemos, estávamos tentando matar um ao outro, lembra? Mas em todas as vezes depois disso, houve uma espécie de *frisson* entre a gente.

— De quê?

— *Frisson*. É a palavra em francês para... Sinceramente, não sei bem a tradução, mas sei o significado. É tipo uma subcorrente elétrica de emoção.

— Sei o que quer dizer *frisson*, mas realmente não acho que Tanith compartilharia de seu ponto de vista.

— Você é uma criança. Não sabe como funcionam os homens e as mulheres. Todas aquelas ameaças que ela joga para cima de mim? São sinais do flerte.

— Ai, meu Deus — disse Valquíria, o rosto ficando sem cor. — Você gosta da Tanith.

— Eu não *gosto* dela, eu...

— Você tem uma queda pela Tanith. Isso é nojento.

— Por quê? Por que seria nojento?

— Porque você é um assassino de aluguel.

— Isso não torna a coisa nojenta, só a torna... incomum. Ela fala sobre mim?

— Alguém me mate.

— O que ela diz? Que sou um adversário formidável, não é? Ela diz outra coisa, de um jeito mais... desejoso?

— Eu não quero falar sobre isso.

— Ela fala coisas do tipo “se ao menos ele fosse bom...”?

— Pare de falar. Pare agora. Pare com isso. Ela tem namorado.

O rosto dele mudou.

— Alguém que eu conheça? — perguntou, de mau humor.

— Ele já pode ter socado você algumas vezes, sim.

— Ela não... Ela não está namorando o esqueleto, está? Como isso seria possível? Sem mencionar... como poderia ser bom? Ele não tem pele, nem lábios, nem... nem nada. E ele fala. Meu Deus, como ele fala e nunca cala a boca.

— Não é o Ardiloso.

— Bom, então quem mais poderia...? Não é o cara feio, é? Não poderia ser o feioso.

— Não chame ele de feio.

— Então é ele! Mas ele é cheio de cicatrizes! Quero dizer, eu sei que não tenho olhos, mas uma vez que você supera isso, ainda tem meu rosto. E meu rosto é Ok. Melhor que o dele. O dele é um horror, como se tivesse sido jogado de cabeça num

liquidificador quando era criança. Sérico? Ela está com ele?

— Sérico, e você não vai separá-los. Não porque não vai tentar, mas porque não vai conseguir. Olha, você já está pronto? Podemos ir?

— Estou pronto. — Foi a resposta áspera. — Mas essa conversa fica entre nós dois, está bem? Meu galanteio não vai funcionar se ela estiver esperando.

— Acredite, eu nunca mais quero conversar com outra pessoa sobre isto.

Sanguíneo inspirou e cerrou a mandíbula, e Valquíria se segurou firme. Eles atravessaram o chão, os estrondos parecidos com os de trovões em suas orelhas. Ela cuspiu a terra, mantendo os olhos fechados. Depois de um tempo, sentiu que mudavam de trajetória. Estavam subindo agora, mas se movendo mais devagar a cada segundo.

Eles irromperam na luz. Não estavam na Ala Médica, mas perto o suficiente. Ela o deixou arfando no chão.

— Fique aqui — disse — e recupere o fôlego. Volto em um minuto.

— Já estou... sentindo sua falta. — Ele conseguiu dizer.

Valquíria começou a correr. Gritou o nome de Conspício e então o de Clarabela. Ela sabia que ele não se deixaria possuir novamente, mas não sabia até onde ele iria para impedir que isso ocorresse. Será que se machucaria? Será que faria pior?

— Conspício! — gritou ela. — Temos que ir! Clarabela!

Sem resposta, ela percorreu todo o corredor, chegando ao seguinte. Gritou por Conspício novamente e passou por mais uma sala escura.

Ping.

Ela parou e se virou. Lentamente, refez seus passos. Apurou os ouvidos.

Ping. Ping. Ping.

Valquíria encostou o ombro na parede, a centímetros da porta.

— Olá? — disse, baixinho. — Conspício? Clarabela?

Ping.

— Conspício? Sou eu. Valquíria. Você está aí dentro?

Ainda sem resposta. Ainda nenhum som a não ser aquele gotejamento irregular.

— Vou entrar — disse, e atravessou a porta. Concentrou a magia em uma chama, que queimou intensamente, lançando luzes por todas as bancadas e equipamentos pelos quatro cantos do aposento. Uma luz quente e bruxuleante iluminou o corpo de Conspício Lamento, que jazia sobre uma mesa, e Clarabela, a assistente, encurvada sobre ele com um bisturi em cada mão. Os olhos de Conspício estavam abertos e vazios, e o trabalho que Clarabela estava fazendo nele lembrou Valquíria da própria dissecação, de apenas alguns dias antes. Ele estava coberto de sangue, que pingava para uma poça no chão.

Clarabela guinchou, os lábios negros e a pele marcada por veias. Ela saltou de cima do corpo do homem e caiu em Valquíria. As duas rolaram pela porta,

aterrissando no corredor, os bisturis avançando contra Valquíria como serpentes. Ela segurou um dos pulsos de Clarabela, mantendo a lâmina longe de si e tentando bloquear a outra, mas a ponta afundou em seu rosto, cortando sua bochecha. Valquíria gritou e foi dominada pela raiva, que lhe deu a força para jogar Clarabela longe.

Ela se levantou, pegou uma bandeja de metal e a atirou contra a nuca de Clarabela. Então a atingiu de novo, e de novo, não deixando que ela se levantasse. Valquíria a espancou até Clarabela ficar no chão, imóvel. Depois jogou a bandeja de lado e correu.

Os corredores serpenteavam e davam voltas. A mão de Valquíria estava pressionada contra o rosto, o sangue escorrendo entre os dedos. Ela desacelerou, ofegando, e ouviu vozes. Avançou lentamente e deu uma olhada pela esquina. Frêmito e Tesserato seguiam em sua direção, seguidos por vários outros feiticeiros, incluindo Fletcher.

— Vamos ter que quebrá-la — dizia Fletcher. — Vocês não a conhecem, não como eu.

— Deixe Trevária com a gente — disse Tesserato.

— Mas é exatamente aí que está o problema. Ela não é Trevária, não ainda. Ela é Valquíria. Nunca vamos convencê-la a aceitar sua assassina interior, a não ser que nos livremos das coisas a que ela se apegava.

— E o que você sugere? — perguntou Frêmito.

Valquíria se escondeu no vão de uma porta conforme eles se aproximavam.

— Eu vou pegar os pais dela. — Ouviu Fletcher dizer, e seu estômago se revirou. — Vou trazê-los de volta para cá e matá-los na frente dela.

— E do que é que isso vai servir? — Quis saber Tesserato. — Exceto fazê-la nos odiar tanto que nunca vai ceder? Não, Valquíria precisa se tornar Trevária por vontade própria. Vamos deixar a família dela em paz por enquanto.

Valquíria permaneceu onde estava, agachada na escuridão conforme eles se afastavam, tentando manter a respiração sob controle. Suas mãos tremiam quando ela tirou o telefone do bolso. Apertou um botão e ligou para o reflexo.

— Tire os meus pais de casa — sussurrou.

A voz do reflexo estava tão fria e desinteressada como sempre.

— Por quê?

— Estão em perigo. Fletcher foi possuído. Leve-os para algum lugar. Que não seja a casa de Beryl; Fletcher sabe onde eles moram. Eu não me importo para onde vai levá-los, apenas tire-os de casa.

— Olá, meu bem — disse Fletcher, bem ao lado dela.

Valquíria se virou, mas ele já tinha sumido. Algo atingiu sua mão, e o telefone saiu voando. Ela girou o braço em um arco, mas não o pegou, e ele apareceu atrás

dela novamente, o punho dele estalando contra sua nuca. Ela caiu de quatro com o cabelo no rosto, aturdida. Fletcher a agarrou e a içou pelos cabelos, lançando-a contra uma mesa, e se teletransportou para o outro lado quando ela aterrissou no chão. Ele a chutou, o Remanescente dentro dele aumentando sua força. Ela se encolheu, se esforçando para respirar.

— Achei ter ouvido você — disse, sorrindo. Aquele sorriso fofo de que ela gostava tanto. — Quando disse que queria matar seus pais, achei ter ouvido alguma coisa, um pequeno arquejo. Eu sabia que era você.

Valquíria se virou, gemendo de dor.

— Vou levá-la para os outros em um instante — disse Fletcher —, não se preocupe com isso. Só achei que seria legal se passássemos alguns minutos sozinhos. Achei que quisesse conversar ou algo assim.

Ela se moveu rapidamente, empurrando o ar e fazendo a mesa voar até o outro lado da sala. Mas não Fletcher. Ele não estava mais lá. Ela o sentiu atrás de si, mas foi lenta demais para reagir quando ele a agarrou por baixo da mandíbula com ambas as mãos e começou a arrastá-la pelo chão.

— Eu sabia que você estava me enganando — disse ele. — Conheço você bem demais, sabe. Não tem como me enganar, meu bem.

Valquíria agarrou os pulsos dele para aliviar a pressão e jogou as pernas para cima em uma cambalhota para trás. Suas botas o pegaram no rosto, e ele a largou, xingando. Ela estava de pé agora. Tomou controle das sombras do quarto, que o ergueram e o lançaram contra o chão. Ela olhou para a porta, mas sabia que não tinha como vencer um Teletransportador.

Mirou um chute em sua cabeça. Ele se moveu no último segundo, rolando para longe e tentando se levantar, mas o joelho dela o atingiu sob o queixo. Ele caiu para trás, e Valquíria continuou atacando. Se lhe desse um momento sequer para se recuperar, ele se teletransportaria. Ela se posicionou atrás dele e envolveu sua garganta com um braço, firmando-o com o outro em um enforcamento. Fletcher recuou, mas ela segurou firme. Ele se jogou para a frente, fazendo os pés dela deixarem o chão, e tentou se sacudir até se livrar dela. Ela apertou com ainda mais força. O Remanescente podia não precisar de ar para funcionar, mas o corpo que estava usando sem dúvida precisava. Só mais alguns momentos e Fletcher estaria inconsciente.

Ele parou de tentar soltar os dedos dela e, em vez disso, cambaleou até uma cadeira próxima à parede. Colocou um dos pés em cima do assento. Valquíria se sacudiu o máximo possível para tentar fazê-lo perder o equilíbrio, mas não ousou afrouxar o aperto. Grunhindo, Fletcher colocou o peso do corpo para a frente e subiu lentamente na cadeira, levando Valquíria consigo.

Ela gritou mil xingamentos em sua mente, mas não havia nada que pudesse fazer

quando Fletcher se pôs de pé com as pernas trêmulas e se jogou de costas. Eles caíram em silêncio, Valquíria fechando os olhos e esperando o impacto. Ela atingiu o chão, sua cabeça estalando contra o solo, e estrelas explodiram por trás de suas pálpebras. Sequer se deu conta de que o soltara. Sequer teve consciência de que Fletcher estava se levantando ao lado dela. Apenas ficou deitada ali.

— Uau, você é resistente. — Ouviu Fletcher dizer. A voz dele soava distante. — Não estou bravo. Não estou. Isso é bom. Trevária vai precisar ser resistente, não é mesmo?

A imagem dele entrou em foco.

— Mas, uau, você quase me pegou ali. Quase acabou comigo. Se eu não tivesse toda essa força extra, eu estaria fora do jogo. Acho que gosto disso, sabia, de ter uma namorada mais forte que eu. Eu nunca poderia admitir... bom, pelo menos não o velho eu, mas o novo eu é bem mais autoconfiante.

Valquíria grunhiu, e Fletcher se ajoelhou ao lado dela. Ele ergueu gentilmente a cabeça dela do chão, então a jogou de volta. As mãos dele se moveram por cima dela, vasculhando os bolsos.

— Sabe, eu gostei de você no instante em que a vi. Não queria admitir, porque você era nova e, sabe, bem irritante, mas é, gostei de você. Tínhamos alguma coisa, não é? Uma conexão. Eu gostava de como você levava tudo isto tão a sério. Achava bem engraçado. Ah, aqui estão. — Ele fez as algemas tilintarem em cima dela. — Eu gostei bastante de ser seu namorado, pra falar a verdade. Adoro todas as coisas divertidas que a gente faz. Mas isso não é *nada* comparado ao quanto ainda vamos nos divertir.

Ele fechou a alga no pulso direito dela com um estalo e ia fazer o mesmo no esquerdo quando alguém colidiu com ele por trás. Os dois caíram contra a cadeira no escuro.

Valquíria rolou lentamente. Sua cabeça doía, e ela estava enjoada, mas trouxe as pernas para perto e fez com que sustentassem seu corpo. Na escuridão ao seu redor, havia mais sons de colisões, sons de luta. Duas figuras, se jogando contra as paredes. Ela inspirou profundamente uma, duas vezes, dizendo a si mesma para não vomitar. A força estava voltando a cada momento. O mundo estava ficando mais claro. Ela se levantou.

Fletcher apareceu, cambaleando das sombras. Ouviu-se um grunhido, e ele se virou bem na hora em que Caelan se jogou em cima dele, ambos desaparecendo.

Valquíria franziu o cenho, e bem quando estava começando a se perguntar o que Caelan estava fazendo ali, uma onda de tontura quase a faz cair de cara no chão. Ela conseguiu se manter de pé e cambaleou até o corredor. Apoiou-se na parede e ficou ali, reunindo forças. Pegou uma chave pequena do bolso, abriu as algemas e guardou os dois objetos. Sangue quente escorria por seu rosto.

O telefone dela estava no chão ali perto. Ela esticou a mão. Sentia o ar, mas precisou de alguns segundos antes de conseguir se concentrar o suficiente para puxá-lo para si. O telefone se ergueu até suas mãos, e ela o colocou dentro da jaqueta antes de se empurrar para longe da parede. Tinha recuperado o equilíbrio. Tinha recuperado a força. Estava machucada, mas ia superar.

Encontrou o caminho de volta para Sanguíneo, que ergueu uma sobrancelha ao vê-la se aproximar, mas não disse nada. Ele a levou para o subsolo, e eles se moveram lentamente através da terra e por sob a rua. Sanguíneo estava ofegante, o rosto contorcido por causa da dor.

Finalmente, ela ouviu gritos. Mãos a agarraram, tirando-a do chão. Estavam do outro lado da rua, longe do Hibernian. Ela abriu os olhos e viu Medonho erguendo Sanguíneo, o punho preparado para socá-lo. Ela gritou, e ele olhou em volta, confuso.

— Nosso lado. — Tossiu ela, nos braços de Ardiloso. — Ele está do nosso lado.

Medonho franziu o cenho para Sanguíneo e o largou. O texano caiu de joelhos, exausto e com dor. Valquíria ouviu gritos.

— Eles nos viram — disse Tanith.

— Todo mundo na van — ordenou Ardiloso.

Eles correram, os Remanescentes atrás deles. Medonho pulou no banco do motorista, e eles partiram, cantando pneu.

— Vamos até lá *de carro*? — Quis saber Tanith. — Eu sei que esta coisa é rápida, mas eu não gosto da ideia de uma perseguição de cinco horas por estradas cobertas de gelo. E estão com Fletcher agora. Ele poderia teletransportar todos eles para uma centena de lugares que ele conheceu até chegar a Kerry, e estaríamos dirigindo direto na direção deles.

— Fletcher está distraído agora — disse Valquíria. — Não sei por quanto tempo. Caelan está lá. Ele me ajudou. Conspícuo está morto.

Houve um momento de silêncio terrível, que Ardiloso afastou rapidamente:

— Precisamos nos manter à frente deles só o suficiente para encontrarmos um lugar onde parar. Vamos deixar que nos ultrapassem, que alcancem Kerry antes de nós, e vamos devagar, chegando do jeito certo.

— Isso vai ser complicado — murmurou Medonho.

— Costuma ser.

O PLANO DÁ ERRADO

Valquíria mastigava uma folha para anestesiar a dor enquanto Tanith fazia o possível para costurar o corte no rosto da amiga. Quando Tanith terminou de dar os pontos, Valquíria se recostou e fechou os olhos. Depois de uma hora dirigindo, eles saíram da estrada principal e chacoalharam durante vinte minutos por vias estreitas esburacadas e cobertas de gelo, então seguiram para o norte, se mantendo perpendiculares ao destino. Valquíria estava com a cabeça baixa. A van estava aquecida, mas isso não servia de conforto. Depois de tudo o que vira e pelo que passara, só queria os braços do namorado ao seu redor. Às vezes a coisa mais reconfortante do mundo é um abraço.

Escureceu, e Medonho ligou os faróis. Eles passaram por seis carros em duas horas, e a cada um se preparavam para um ataque. Mas os motoristas eram humanos, e mortais, e não lhes ofereciam nenhuma ameaça.

Ardiloso fez perguntas. Sanguíneo respondeu do seu jeito arrastado e preguiçoso. Valquíria não prestou atenção. Ficou deitada no banco de trás, a cabeça no colo de Tanith, e caiu no sono.

Acordou ouvindo uma conversa entre Ardiloso e Medonho sobre abandonar a van e pegar outra. Medonho insistia na velocidade. Ardiloso achava que deviam trocar pelo primeiro veículo apropriado que encontrassem no caminho — não dava para saber quando aquela van seria reconhecida e delatada.

Valquíria voltou a cochilar e só abriu os olhos quando o veículo parou em um posto de gasolina 24 horas. Havia neve do lado de fora. Tanith ouviu o que cada um queria e saiu, correndo até o homem entediado na janela da loja de conveniências. Medonho ativou a fachada e foi atrás, para o caso de os Remanescentes terem se espalhado até ali. Valquíria saiu e ficou ao lado de Ardiloso enquanto ele enchia o tanque.

— Sei que ele escondia bem — disse Ardiloso —, mas Conspícuo realmente gostava de mim.

Ela se surpreendeu com um sorriso fraco.

— Não, não gostava — respondeu.

— É, não mesmo. Mas gostava de você.

— Realmente não estou muito a fim de falar sobre isso. O que é que se pode dizer? Não acredito que ele se foi? Não acredito que ele está morto? É óbvio que é um choque. Não preciso *falar* isso pra ninguém.

— Às vezes não é o que se diz, Valquíria, é só o fato de *dizer*.

Ela fez que não com a cabeça.

— Não temos tempo. Agora a luta, depois o luto. É o que fazemos, certo? Se parássemos para considerar as implicações a cada vez que acontece uma coisa ruim, nunca conseguiríamos fazer nada.

— Conspícuo era seu amigo.

— Quando tudo isto acabar, a gente vê quem ainda está vivo e quem morreu, e aí eu choro, Ok?

Ele colocou a mão no ombro dela.

— Ok.

— Clarabela vai se sentir tão mal quando tudo isto tiver acabado — disse Valquíria, baixinho, então sacudiu a cabeça. Tinha que se concentrar. — Ainda estamos muito longe do Receptáculo?

— Estamos a menos de uma hora da cadeia de montanhas, mas devíamos esperar até de manhã para nos aproximar. Quando estivermos lá, a chave de ouro no seu bolso vai nos guiar até onde precisamos ir.

— Temos um plano?

— Planos são um convite à decepção.

— E mesmo assim, provavelmente vamos precisar de um. Os Remanescentes estarão por toda parte, tentando nos impedir de chegar ao dispositivo. Você vai nos levar voando por cima da cabeça deles?

— Eles estariam esperando por isso. Agora que estamos com Sanguíneo do nosso lado, também poderíamos *cavar* por baixo deles.

— Acho que não. Ultimamente ele não consegue cavar 3 metros sem precisar de descanso.

— Não podemos ir por cima, não podemos ir por baixo. Parece que vamos ter que chegar o mais perto possível de carro e simplesmente andar até lá.

— A abordagem direta.

— A única que nos resta.

A manhã chegou lentamente e falhou em trazer algum calor. Os nervos de Valquíria borbulhavam sob a pele. Ela reparou que Tanith fechava e abria o punho ao lado dela, e Medonho ficara assustadoramente quieto. Apenas Porcelana e Ardiloso pareciam imperturbáveis pelo perigo em que estavam prestes a se meter. Valquíria não poderia se importar menos com a maneira como Sanguíneo estava lidando com a situação.

Embrenharam-se em uma cidade pequena, que parecia hibernar sob a neve. Valquíria ansiava por ver pessoas normais caminhando, comprando jornais ou mesmo paradas diante de semáforos. Ela não gostava dessa coisa de cidade fantasma que tinha virado moda, transformando a Irlanda em um *país* fantasma.

A van desacelerou de repente, encostando à beira da estrada. Valquíria olhou por cima do ombro de Ardiloso. Um carro de polícia estava virado de lado na interseção adiante, as luzes ainda piscando.

— Vocês ficam aqui — disse Ardiloso. — Valquíria, você vem comigo.

Os dois saíram. Ela deslizou a porta até fechá-la e levantou o curativo no rosto.

— Como está?

Ele olhou.

— Curando. O inchaço sumiu. É uma cicatriz feia, mas com tudo o que Tanith colocou no ferimento, deve desaparecer em mais ou menos um dia.

Ela olhou de volta para a van e abaixou a voz:

— Você não confia neles.

— Não completamente — admitiu Ardiloso.

— Acha que algum está possuído?

— Não tem como sabermos até se revelarem. Você tem que se manter perto de mim, certo? Não fique sozinha com nenhum deles.

Ela assentiu. Ardiloso esticou a mão enluvada para a frente conforme se aproximavam do carro, transformando o gelo em vapor e melhorando a aderência dos pés deles na estrada. Valquíria desejou ter sido capaz de fazer isso quando estava escorregando e deslizando por toda a cidade de Drogheda.

Eles chegaram à interseção. Dois policiais estavam caídos do outro lado do carro. Valquíria foi até um e Ardiloso até o outro. Ela agachou, à procura de pulsação.

— Este aqui está vivo — disse.

— Este, não — respondeu Ardiloso. — Mas não acho que os Remanescentes já estejam tão longe. Eu diria que estão entrando em pânico, mantendo todo mundo a distância.

— Então estão satisfeitos em simplesmente ficar por lá esperando a gente aparecer?

— Por que não? Sabem que eventualmente teremos de ir até eles. Provavelmente deixaram alguns batedores voando por aí, verificando o perímetro. Vamos ter que ser bem cuidadosos daqui em diante.

Eles se viraram e refizeram os próprios passos. Sanguíneo estava vindo na direção deles.

— Volte para a van — disse Ardiloso.

— Talvez — respondeu Sanguíneo, suas palavras indistintas como se estivesse bêbado — a gente esteja com um pequeno problema.

Então caiu no chão. Uma torrente de luz vermelha atingiu Ardiloso e o jogou para trás, lançando-o até a interseção, onde ele bateu no carro de polícia virado, rolando por cima dele. Valquíria pulou para o lado. Pôde ver Medonho, caído na estrada ao lado da porta aberta da van, e depois Porcelana, andando a passos largos em sua direção com o lindo sorriso de lábios negros.

Valquíria ergueu a mão, mas Porcelana lançou uma rajada de luz vermelha contra ela. A luz atingiu a jaqueta de Valquíria, e foi como se tivesse enfiado os dedos em uma tomada. Teve um espasmo para trás e caiu de joelhos.

— É hora de vir comigo — disse Porcelana. — Já conseguiu nos impressionar, mas sério, não precisava. Você é Trevária. É tudo o que precisamos saber.

Porcelana se agachou ao lado dela e pegou a chave de ouro do bolso de Valquíria, colocando-a no próprio bolso.

— Não acho que isso vá servir de muita coisa a você, para ser bem honesta.

Alguém deu a volta na van. A visão de Valquíria clareou bem na hora em que Tanith colidiu com Porcelana, vindo por trás. As duas escorregaram no gelo e caíram, mas Tanith se colocou de pé imediatamente. Porcelana desferiu um chute, acertando a perna da adversária e jogando-a para trás, então se aproximou, encostou os dedos nos antebraços e os abriu bem. Tanith se esquivou da onda de energia azul e avançou, o punho estalando contra a bochecha de Porcelana. As mãos de Tanith eram um borrão. Um soco atingiu as costelas de Porcelana. Ela cambaleou para trás, se esforçando para respirar, mas conseguiu bloquear o chute que veio em seguida. Tentou conseguir algum espaço, mas Tanith já estava se aproximando.

Porcelana juntou os nós dos dedos, e por um instante as tatuagens brilharam em vermelho. Ela desferiu um soco que passou direto, mas o seguinte atingiu Tanith bem no peito. Tanith saiu voando e escorregou pelo chão.

Valquíria viu de relance o símbolo que brilhava na palma da mão direita de Porcelana um momento antes de ela pegar o pulso de Tanith, que gritou em uma agonia desesperadora, esperneando por puro instinto. A bota de Tanith encontrou as costelas de Porcelana com um estrépito. Porcelana grunhiu, soltando-a, e Tanith se levantou cambaleando antes de atacar.

Ela mirou baixo, o ombro contra o estômago de Porcelana, os braços envolvendo as pernas da adversária. Ela ergueu Porcelana e a jogou contra o chão, caindo em cima dela. Com o braço esquerdo, Porcelana segurou Tanith perto de si, privando-a do espaço de que precisava para desferir ataques capazes de provocar estragos. Tanith estava concentrada em manter a mão direita de Porcelana, com aquele símbolo brilhante, longe de si.

A sensibilidade voltou às pernas de Valquíria, e ela começou a se levantar. Seu cérebro lutava para manter a calma.

Tanith empurrou Porcelana, e elas se separaram, levantando-se ao mesmo tempo.

Tanith foi a primeira a atacar, mas Porcelana aparou e deu um golpe de caratê no bíceps de Tanith, que recuou, o braço direito pendendo inutilmente. Porcelana avançou rapidamente, atingindo-a com um murro poderoso na mandíbula. Tanith girou e caiu de joelhos.

Sanguíneo pulou em cima de Porcelana, envolvendo a garganta dela com o braço. Eles cambalearam para trás, mas em vez de tentar se livrar do enforcamento, Porcelana levou a mão à barriga. Uma energia azul estalou pelo seu corpo, jogando Sanguíneo para longe. Ele caiu na calçada, e Porcelana voltou a concentrar a atenção em Tanith. Ela ativou os símbolos nas palmas de ambas as mãos, então avançou para colar uma de cada lado da cabeça da oponente. As costas de Tanith se arquearam, e ela gritou.

Valquíria empurrou o ar, mas estava difícil se concentrar, e tudo o que conseguiu provocar foi uma brisa, que brincou com o cabelo de Porcelana. Esta olhou para Valquíria e soltou Tanith, que desabou sob ela. As pernas de Valquíria cederam, e ela caiu. Viu um Remanescente descendo até Tanith, mas Porcelana ergueu a mão.

— Não — ordenou. — Deixe esta. Ela me irrita. Pegue o das cicatrizes.

O Remanescente pairou como se estivesse relutante, então se lançou para Medonho. Porcelana se virou para Valquíria.

— Agora, vamos lá — disse. — Seus discípulos estão esperando.

ATRÁS DA CHAVE

Tanith levantou a cabeça e viu Porcelana e Medonho levarem a van contendo Valquíria. A cabeça de Tanith zumbia, e cada articulação de seu corpo doía.

— Será que alguém pode me ajudar a levantar? — pediu Sanguíneo, completamente esparramado na calçada. Tanith o ignorou. Ardiloso se aproximou e levantou-a do chão, uma onda de tontura a dominando. Ela cambaleou e se apoiou em um poste.

— Pegaram a Val — murmurou, enquanto esperava o mundo parar de girar. — Por que Porcelana simplesmente não a matou? Por que precisam dela viva?

— Valquíria é Trevária — disse Ardiloso.

— Quê?

— É uma longa história, e vamos ajudar Valquíria a se certificar de que ela nunca se concretize. Nossa única chance é o Receptáculo. Você está bem? Consegue lutar?

— Sempre. — Tanith tomou impulso e se afastou do poste, tentando se manter de pé por conta própria. — Mas Porcelana está com a chave. Você consegue ativar o dispositivo sem ela?

— Oi? — disse Sanguíneo. — Tem alguém me ouvindo?

— De acordo com Gordon, *precisamos* da chave — disse Ardiloso. — Temos que recuperá-la.

— Então lutamos contra todos os possuídos até chegar a Porcelana, depois lutamos de novo até chegar ao Receptáculo? Eu gosto de uma boa briga tanto quanto qualquer garota, Ardiloso, mas nunca conseguiríamos. Precisamos de outro plano.

— Não *temos* outro plano. Os Remanescentes estão lá *neste momento*. Não temos tempo de discutir sobre como tentar fazer uma ligação direta em um dispositivo que nenhum de nós sequer já viu.

Sanguíneo grunhiu.

— Está bem. Não me ajudem a levantar. Vejam se me importo. Vou só ficar aqui deitado e congelar até a morte.

Tanith se virou para ele.

— Quer calar a boca?

Sanguíneo sorriu.

— Finalmente sucumbindo ao meu charme, não é?

— A não ser que você tenha algo construtivo a acrescentar — disse Ardiloso, a raiva pontuando suas palavras —, então concordo com Tanith. Cale. A. Boca.

— Ah, mas eu *tenho* uma coisa construtiva a acrescentar. Garota da espada, me ajude a levantar e vou resolver todos os seus problemas e angústias, eu juro pela minha querida mamãe, estejam seus pedaços onde estiverem.

Tanith foi batendo o pé até Sanguíneo, agarrou a mão que ele estendia e torceu seu pulso até que ele deu um pulo, uivando de dor.

— Pronto — disse ela. — Feliz?

O texano olhou para ela de cara feia.

— Precisamos trabalhar nossas habilidades comunicativas, meu docinho.

— A tal coisa construtiva que você tinha a acrescentar à conversa — disse Ardiloso. — Agora seria um bom momento para compartilhá-la.

Ouviu-se um som, como o de um carro explodindo a distância. Sanguíneo franziu a testa e levou a mão ao ombro. Quando a tirou, estava coberta de sangue.

— Ei — disse ele, surpreso. — Acho que fui baleado.

Tanith olhou para além dele e viu um homem correndo em sua direção, o braço esquerdo em uma tipoia, o direito segurando a arma. Ele atirava enquanto avançava.

— Aquele cara atirou em mim! — exclamou Sanguíneo.

A mira do homem não tinha melhorado, mas quanto mais perto o homem chegava, mais perto deles as balas zuniam. Tanith se abaixou atrás de Ardiloso, que ergueu uma das mãos, criando uma parede sólida de ar. Sanguíneo inspirou profundamente, e o chão o engoliu.

— Remanescente? — Quis saber Tanith.

— Dalrymple — respondeu Ardiloso.

O homem, Dalrymple, jogou a arma de lado e puxou uma espada do cinto, soltando um grito de guerra. Mãos apareceram no chão, puxando o pé dele, e Dalrymple caiu na estrada. Sanguíneo se ergueu atrás dele, chutando a espada da mão do homem. Dalrymple arremeteu, mas Sanguíneo acertou um joelho nos intestinos dele, então agarrou sua orelha. Dalrymple gritou, e Sanguíneo o arrastou até a calçada. Jogou-o aos pés de Ardiloso, então concentrou toda a atenção em pressionar o ombro machucado.

— Isso dói de verdade — murmurou ele. — Espero que a gente mate esse cara. A gente *vai* matá-lo, certo?

— Por favor — soluçou Dalrymple. — Deixem eu me aproximar deles. Desculpa por ter atirado em você. Você só estava no caminho. Achei que iam tentar me impedir.

Ardiloso virou a cabeça, olhando para trás do grupo. Tanith seguiu o olhar dele. Os possuídos estariam se preparando para impedir qualquer um de chegar ao

Receptáculo, o que provavelmente queria dizer que se reuniriam justamente do lado de fora da câmara onde ele estava. Ela olhou para Ardiloso e soube que ele estava pensando na mesma coisa.

— Deixe as armas aqui — disse Ardiloso. — Não vamos impedi-lo.

Sanguíneo ergueu o olhar.

— O quê? Vamos deixá-lo ir?

— Isto não tem nada a ver com você, Sanguíneo.

— Mas fui eu que levei o tiro!

— Dalrymple, vá. Agora.

O homem olhou para cima com lágrimas nos olhos, como se estivesse esperando Ardiloso mudar de ideia. Como o esqueleto não disse mais nada, ele se levantou aos tropeços e correu para longe deles.

— Vocês são inacreditáveis — disse Sanguíneo, balançando a cabeça. — Aposto que, se tivesse atirado em você, não seria nem de perto tão clemente.

Tanith olhou para ele.

— Você é mesmo tão burro?

Sanguíneo pareceu ofendido.

— Nem tanto.

— Pense bem, imbecil. Nenhum de nós sabe onde está o Receptáculo, não é mesmo? Nenhum de nós sabe onde estão os Remanescentes. Poderiam estar em qualquer lugar. É um desfiladeiro bem grande.

— Nem é *tão* grande.

— Ele vai nos levar bem aonde queremos ir. E você reparou que ele está a pé? Isso quer dizer que conhece um atalho.

— E... nós vamos segui-lo?

— Precisa que eu explique mais devagar?

— Ei, já chega dessa atitude, está bem? Eu fui baleado, e meu corpo ainda está todo abatido, e estou sofrendo perda de sangue. Mas não sou nada imbecil. Na verdade, *vocês dois* são os imbecis. Estão planejando segui-lo até as criaturas arrepiantes e o dispositivo que vai salvar todos nós, mas não podem ligá-lo, não é mesmo? O que estão planejando, então? Dar uma olhadinha nele por um tempo? Ver como é bonito e brilhante? Chamam isso de plano?

— Tem alguma ideia melhor? — perguntou Ardiloso.

— Claro que tenho. Sou do Texas. Todos temos ideias melhores no Texas. A minha é seguir aquele tolo que me baleou, entrar na caverna onde o Apanhador de Almas gigante está e *ligá-lo*, usando esta chave que peguei do bolso da Srta. Porcelana Tristeza. — Sanguíneo ergueu a chave de ouro e a jogou para Ardiloso. — Agora me digam: o que acham *desse* plano em particular?

Eles se mantiveram a uma distância segura, mas não precisavam ter se incomodado. Dalrymple estava tão preocupado em chegar aos seus preciosos Remanescentes que não olhou para trás nem uma vez. Sanguíneo passou a maior parte do tempo reclamando do braço. Estava mastigando uma folha para aliviar a dor, mas era óbvio, só pela sua aparência, que estava ficando mais fraco a cada passo. Na metade do caminho, Ardiloso parou para ajudá-lo a atravessar o terreno pedregoso. Sanguíneo estava cansado demais para questionar a súbita mudança de atitude, mas Tanith sabia que Ardiloso devia ter um último trabalho para ele antes de deixá-lo entregar os pontos.

— Esperem — disse Ardiloso por fim, enquanto Dalrymple desaparecia de vista. A chave de ouro brilhava. Ele a moveu, e o brilho aumentou. — Por aqui. Tanith, fique de olho em Dalrymple.

Ele meio que carregou Sanguíneo por um declive à direita, e Tanith correu até o lugar onde vira Dalrymple pela última vez. Agachou ao se aproximar de uma grande rocha e olhou por cima dela. Abaixo, em um espaço bem extenso de grama e arbustos de tojo, havia dois milhões de pessoas possuídas. Ela viu Dalrymple correr até eles, então se abaixou antes que alguém a visse. Mantendo-se agachada, correu de volta para perto de Ardiloso no momento em que ele ajudava Sanguíneo a se sentar ao lado de uma parede lisa de pedra.

— Estou me sentindo totalmente tonto — murmurou Sanguíneo.

— Parece que estão todos lá — informou Tanith a Ardiloso. — E com isso quero dizer TODOS. Tem um *exército* lá embaixo. É aqui a caverna? Onde está a porta?

— Acho que esta *é* a porta — respondeu Ardiloso. — Reparou como os ângulos são definidos nessa seção? Está vendo? Menos desgastados. Menos corroídos pela ação do tempo.

— Então... e aí? O que significa isso?

— Que são resistentes a danos. E a porta para a caverna teria de ser *bem* resistente a danos.

— Ei — disse ela, cutucando Sanguíneo com o pé —, consegue nos levar lá para dentro?

— Deixe ele descansar — disse Ardiloso. — Vamos precisar dele em breve. Tenho certeza de que conseguimos entrar sozinhos.

— Então como fazemos para abrir? Tem uma palavra mágica ou algo do tipo?

— Espero que não. Estou na esperança de que esta chave ative o dispositivo e abra a porta, mas...

— Mas cadê a fechadura?

— Exatamente.

Ele encostou a chave na parede de pedra. Nada aconteceu. Ela pressionou bem a mão contra a rocha, do jeito que faria para abrir qualquer porta trancada. Ainda

nada.

— Tem certeza de que esta é a porta? — Quis saber Tanith. Não estou vendo nenhuma articulação ou dobradiça, nem nada parecido. Como abre? Será que desliza, levanta, abaixa ou o quê? Se soubéssemos isso, poderíamos imaginar a partir daí.

Ardiloso examinou a pedra mais uma vez.

— Não deve ser fácil de abrir, mas ao mesmo tempo, deveria ser simples. Alguém que precise acessar o Receptáculo deveria poder fazer isso, uma vez em posse da chave.

— Então talvez seja uma combinação dos dois — disse Tanith. — Uma palavra mágica proferida por quem quer que esteja com a chave.

— É possível, mas isso não ajuda muito. A palavra para destrancá-la poderia ser qualquer palavra de qualquer língua, mágica ou mortal.

— Bom, você é o detetive. Descubra você.

Ardiloso suspirou e avaliou a parede de pedra novamente.

— Abra — disse, em voz alta. — *Oscail. Oscailte amach. Enter. Mellon.* Abre-te Sésamo. Remanescente. Apanhador de Almas. Receptáculo. Perigo.

— Uau — disse Tanith, num sussurro. — Pode ser que fiquemos aqui por um bom tempo.

Sanguíneo olhou de onde estava sentado, ao lado de Ardiloso.

— Tem uma coisa escrita ali — disse, as palavras emboladas —, na chave. Veja. Ardiloso a virou, e Tanith se aproximou, mas tudo o que via era ouro liso.

— Não consigo ver nada — disse.

— Eu consigo — murmurou Ardiloso. Ele inclinou a chave até a luz refletir nela. — Está quase apagado, mas está aqui.

Ela olhou mais de perto.

— Tem certeza de que não é só sua imaginação pregando uma peça?

— Quando minha imaginação prega peças — respondeu Ardiloso —, são muito mais elaboradas.

— Eu juro, não estou vendo nada.

— Isso é porque está olhando com os olhos — disse Sanguíneo, deixando a cabeça pender. — Eu e o esqueleto: nenhum de nós *tem* olhos.

— Está escrito “erosão” — disse Ardiloso.

Tanith olhou a parede de pedra.

— Nada aconteceu.

Ardiloso pensou por um momento, então disse:

— *Creim.*

E a parede se moveu com um estrondo.

Tanith olhou para ele.

— Funcionou. Está funcionando. O que você disse?

— *Creim* — repetiu ele. — É “erosão” em irlandês.

Ela foi dominada pela sensação de alívio e sorriu, então a pedra explodiu em uma nuvem de poeira que ardeu em seus olhos e invadiu sua boca. Tanith cambaleou para longe, tossindo e cuspiendo. A poeira estava em seus cabelos e roupas. Sua visão finalmente clareou, e ela viu Ardiloso parado em uma bolha de ar sem poeira.

— Ah — disse ele, reparando no estado dela. — Desculpa.

A nuvem se abriu para ele entrar. Tanith fez cara feia e o seguiu, ajudando Sanguíneo a se levantar e entrar na boca recém-formada da caverna.

— Talvez você devesse me envolver com o braço — disse Sanguíneo. — Estou me sentindo tonto.

— Se desmaiar, vai cair — respondeu Tanith.

Tochas se acenderam nos suportes quando eles passaram. O túnel descia uns 20 metros antes de se abrir em uma caverna. Ardiloso estava logo à frente, esperando que o alcançassem.

— E aí? — Quis saber Tanith. — Está aí?

Ele não respondeu. Não precisava.

Uma esfera, como uma pequena lua de vidro de 100 metros de altura e 100 de largura, descansava em um suporte de estacas de metal e madeira, unidas por cordas e correntes. Os arquitetos, os engenheiros ou quem quer que tivesse construído aquilo tinham usado os afloramentos para escorar o dispositivo, como fundação. A própria caverna parecia ser uma extensão do enorme aparelho, idealizada para acentuar o tamanho e a forma, dando ao Receptáculo a ideia de algo que sempre estivera ali, uma formação natural de magia e ciência antiga incrustada na montanha.

— Maneiro — disse Tanith.

Ela deixou Sanguíneo apoiado contra a parede e se uniu a Ardiloso, que estava correndo até algo que parecia ser o painel de controle. Havia mostradores, contadores, alavancas e uma fenda estreita e retangular. Sem desperdiçar tempo com cerimônias, Ardiloso enfiou a chave na fenda. Imediatamente, um mostrador se acendeu. Ardiloso agarrou uma alavanca e a puxou para baixo num movimento brusco.

E nada aconteceu.

— Bom — Tanith ouviu Sanguíneo dizer —, isso é meio decepcionante.

— Não — disse Ardiloso. — Olhem, está se mexendo.

Agora Tanith também via. O globo tinha começado a girar, muito, muito lentamente. Rangia ao fazê-lo.

— Faz mais de um século que não é usado — disse Ardiloso. — Precisa de um tempo para esquentar. Para os Remanescentes serem puxados até ele, vamos ter que nos certificar de que os possuídos fiquem por perto.

— E como exatamente — disse Sanguíneo — você planeja conseguir *isso*?
Ardiloso olhou para ele e inclinou a cabeça.
A boca de Sanguíneo se curvou para baixo.
— Ai, droga — murmurou.

NO DESFILADEIRO DE MACGILLYCUDDY

A paisagem ao redor de Valquíria era muito bonita: uma montanha coberta de neve, camadas de névoa se erguendo dos vales, o céu azul pálido. Tinham passado por um lago no caminho, e as estradas eram estreitas e sinuosas, ocasionalmente margeadas por paredes baixas de pedra. No geral, era muito bonito, arruinado apenas pelas duas mil pessoas de veias negras que esperavam por ela quando foi puxada para fora da van.

Porcelana a fez andar até uma pequena elevação no meio da clareira, onde todos os Remanescentes estavam reunidos em seus corpos roubados. Porcelana removeu as algemas dos pulsos de Valquíria. Anton Frêmito e Tesserato se uniram a eles na elevação. A multidão estava em silêncio.

— Valquíria Caos — disse Tesserato —, estou muito contente por não ter matado você. Que erro teria sido. Eu teria nos privado de nossa salvadora.

— Deixem-me ir — disse Valquíria. — Se eu sou sua salvadora, então façam como estou mandando. Deixem-me ir.

— Você não é nossa salvadora. Ainda não. Mas com uma ajudinha nossa, em breve será.

— Não sei o que esperam que eu diga. Acham que vou simplesmente concordar com tudo isto? Não vou machucar pessoas inocentes.

— Se a torturarmos o suficiente — disse Tesserato —, vai fazer qualquer coisa que a gente mandar.

Valquíria não disse nada.

— Fui eu que vi você. Através dos olhos de Finbar Errado, devastando o mundo. Isso é tudo o que queremos. Queremos um mundo morto, onde nós seremos livres, onde não precisaremos nos esconder em disfarces de carne. Você pode nos dar esse mundo. Desde o momento em que a vi, soube que precisávamos ajudá-la, guiá-la em seu caminho. Agora não tenho mais tanta certeza de que estava certo.

— Então vão me soltar?

Uma risada se propagou pela multidão.

— Não — disse Tesserato. — Veja bem, estivemos conversando, todos nós, e nos perguntamos se estamos fazendo as coisas da maneira correta. Foi Porcelana quem

teve a ideia, na verdade.

Ela sorriu.

— Somos amigas, não somos, Valquíria? Foi o que você disse. E, por causa disso, porque conheço você tão bem, entendo que daria muito trabalho fazer você machucar as pessoas que ama.

— Não sou Trevária — deixou escapar Valquíria. — Eu mudei tudo isso. Aquele futuro não vai mais acontecer.

— Como pode ter certeza? — perguntou Porcelana.

— Seleí meu nome.

— Ah, entendo. Então você acha que o único motivo pelo qual matou todo mundo é porque alguém estava obrigando você a fazer isso, não é?

— É claro. Por qual outra razão eu faria algo assim?

— Porque quer, talvez? Porque algo acontece, algo tão terrível que leva você ao limite, e para você o único jeito de sair dessa é se todo mundo morrer?

— Isso é loucura.

— Todo tipo de gente quer que o mundo morra, Valquíria.

— Eu, não.

— Ainda não. — Porcelana riu. — Mas concordo com você. Não acho que seja da sua natureza. Então pensei em uma alternativa. E se o que você diz, Valquíria, for verdade? E se você *nunca* fosse fazer isso? E se, na verdade, nem for você?

— O quê?

— Eu acho que Trevária é uma de nós, entende. Acho que Trevária tem um Remanescente dentro dela.

Valquíria se encolheu.

— Não.

— Acho que para o nosso messias aparecer, um de nós vai ter que se unir a você.

— Não.

— E já temos um voluntário — disse Porcelana, com um sorriso.

Fletcher apareceu ao lado de Porcelana.

— Eu amo você — disse ele a Valquíria. — E agora vou poder *ser* você.

Mãos a agarraram. Ela lutou, mas eram muitas. Sua cabeça foi puxada para trás, e havia dedos em sua boca. Ela mordeu e sentiu gosto de sangue, então ouviu um uivo de dor, mas suas mandíbulas foram separadas à força e ela viu o Remanescente disparando da boca de Fletcher enquanto ele caía no chão, inconsciente.

O Remanescente se prendeu ao rosto dela, e ele era frio. As mãos a soltaram, e Valquíria cambaleou para trás, perdendo o equilíbrio. Ela caiu e rolou morro abaixo, o tempo todo tentando arrancar a escuridão de si. Ela sentiu a coisa deslizar por sua garganta. As mãos apertaram o peito quando o Remanescente se dissipou por dentro dela. Tentáculos frios deslizaram pelo seu corpo e perfuraram seu cérebro. Algo

explodiu dentro de sua cabeça, e o medo se foi. Trevária se levantou.

Os outros observavam com expectativa, os olhos cheios de esperança e fome, as bocas retorcidas em sorrisos.

Medonho foi o primeiro a dar um passo à frente.

— Milady? — perguntou, a voz trêmula. Quando Medonho era Medonho, antes de o Remanescente compartilhar seu ser, havia sido um homem bom. Trevária se lembrava da primeira vez em que se conheceram, quando ele lhe disse que a magia não era um jogo e que ela devia se afastar e deixar tudo aquilo para trás. Ele dissera aquelas coisas para seu próprio bem, mas é claro que ela não ouvira. Este era o caminho que sempre estivera em seu destino.

Destino? Ela não acreditava nisso. Mas vira o futuro, e eles a haviam visto queimando o mundo. E *nisso* ela acreditava.

Ela desviou o olhar das pessoas ao seu redor e olhou para o mundo. As montanhas, a neve, as rochas e o céu. Ela sentiu o gosto do ar. Por que iria querer destruir tudo isto? O que poderia levá-la a aniquilar um planeta inteiro? E o que faria, uma vez que tudo e todos estivessem mortos? Quem estaria lá para falar com ela?

Trevária riu diante das perguntas que se fazia. Sem dúvida, quando chegasse a hora, ela compreenderia por completo por que estava exterminando tudo. Quando chegasse a hora, tinha certeza de que tudo faria o mais perfeito sentido.

— Srta. Trevária — disse alguém, abrindo caminho pela multidão para se lançar aos pés dela. O braço esquerdo dele estava em uma tipoia. — Sou seu, estou ao seu serviço. Você me deu um propósito. Me deu um motivo para existir. Qual é a sua vontade?

Ele ergueu os olhos para ela, e estavam cheios de lágrimas.

Ela deu um chute no queixo dele, maravilhando-se com a própria força. A mandíbula dele se quebrou instantaneamente, mas sua bota continuou a subir, a cabeça do homem se rachando em torno dela. Alguma parte importante dele, provavelmente o cérebro, foi atirada para o céu como uma bola de futebol. O corpo dele desmoronou, e ela riu antes de se virar para os outros. O choque diante do que ela acabara de fazer levou alguns a recuarem, mas havia muitos outros rindo com ela, e outros chegaram até a aplaudir. Ela desprezava todos eles.

Deu um salto até o mais próximo, um feiticeiro com quem falara uma vez no antigo Santuário. Seus dedos se fecharam ao redor da garganta do homem, e ela arrancou a traqueia dele. A mulher ao lado bateu palmas, e Trevária trespassou o peito da mulher com o punho, então a jogou para trás.

As risadas estavam morrendo. Ninguém mais comemorava.

Trevária passava por eles, e os gritos eram como uma canção de ninar. Conforme se movia, podia sentir o Remanescente dentro de si. Sentia a presença e a confusão

dele. Não era para ser desse jeito. Ele conseguira deslizar para dentro e a abrir, permitindo que Trevária emergisse. Mas eles não haviam, como os Remanescentes esperavam, se tornado um ser absoluto. Ainda eram duas entidades separadas, e ela sentia o medo dele; isso trouxe uma risada aos seus lábios.

A alma dela estava selada, Nye se certificara disso. Era dela e de ninguém mais. Tudo o que os Remanescentes conseguiram fazer foi quebrar algumas resistências entre Valquíria Caos e a fonte de sua magia. Talvez tivessem corrompido algo no processo, Trevária não tinha como ter certeza. Não que isso importasse. Era Trevária quem estava no controle agora.

O Remanescente queria sair. Estava tentando reunir as forças e se arrastar para fora, mas Trevária não permitiria. Ela o manteve onde estava, isolando-o, extraíndo sua malevolência para acrescentá-la à magia que pulsava por seu corpo.

Os feiticeiros começaram a atacá-la, tentando subjugá-la, tentando se salvar. Ela usou o ar para lançar três deles para o alto, então mandou três sombras contra eles.

Mãos a pegaram por trás, tentando enforcá-la. Ela despejou escuridão da própria pele para a do agressor, e o homem soltou um guincho antes de cair para trás, as mãos derretendo até virarem tocos. Uma torrente de energia chiou pelo corpo dela, e ela a pegou na palma da mão, absorvendo os efeitos sem sequer saber como estava fazendo isso, e a jogou de volta. A torrente atingiu seu dono, e ele se desfez em uma névoa vermelha e fina.

Ela esmigalhou o crânio de um homem lindo e o jogou para longe. O corpo dele girou por cima da multidão raivosa. As coisas não estavam indo conforme tinham planejado.

Trevária estalou os dedos, e uma chama a envolveu. Sua pele e seus cabelos e roupas se queimaram com intensidade e vivacidade, mas o fogo não a machucou. As pessoas lutavam para escapar. Ela esticou uma das mãos, e o fogo saltou contra eles. Eles rolaram e se contorceram e gritaram. Ela riu. Um homem tentou correr. Tesserato o pegou pela garganta.

— Vai fugir de seu salvador, seu ingrato miserável?

— Ela está nos matando — disse o homem, arquejante.

— Isso é o que chamamos de aquecimento. — Tesserato o empurrou de volta. — Trevária, por favor, aceite minhas desculpas. Mate quantos desejar. Quando estiver pronta para dar início à dizimação do mundo, por favor, saiba que estaremos prontos para servir e ajudar no que for preciso.

Trevária usou o fogo para matar o homem que tinha fugido, então deixou a chama se apagar e andou a passos largos até Tesserato, se perguntando por quanto tempo ele se manteria fiel uma vez que ela começasse a arrancar a espinha dorsal dele. Mas então o chão começou a rachar, e Ardiloso Cortês e Tanith Low surgiram em uma explosão de poeira e pedras. Billy-Ray Sanguíneo desabou atrás deles, não se

movendo mais.

— Valquíria — disse Ardiloso —, pare com isto.

Trevária olhou para ele, então para Tanith. Ela parecia assustada, chocada, chateada e preocupada. Empunhava a espada como se estivesse pronta para usá-la em qualquer um que se aproximasse. Trevária pôde ver o próprio reflexo na lâmina. Uma garota bonita de 16 anos, com uma cicatriz na bochecha e cabelos escuros. Seu rosto pálido respingado com o sangue de outras pessoas. Seus olhos envoltos em círculos negros. Era isso o que viam, imaginou, ou seria outra coisa? Algo magnífico e terrível? Algo monstruoso?

— Valquíria — disse Ardiloso. Ela olhou para ele. — Esta não é você. Está me entendendo? Você está confusa. Você é Valquíria Caos. Não é Trevária.

— Você não pode mudar quem ela é — disse Tesserato atrás dele.

— Cale a boca — disse Ardiloso, sem olhar em volta. — Valquíria. Ouça minha voz. Sou seu amigo. Sou seu parceiro. Eu prometi que ajudaria você com isto, e é o que pretendo fazer. Você não quer que isto aconteça, eu sei que não quer.

Um homem se lançou contra Tanith, e Trevária fez um gesto, arrancando a cabeça dele com uma sombra.

— Val — disse Tanith, com a voz trêmula. — Por favor. Sou eu. Somos nós. Você não quer machucar ninguém. Volte para nós.

— Eu poderia matá-la — disse Trevária. Não precisou falar alto para se fazer ouvir. — Eu poderia esticar a mão, pegar o seu rosto e apertar, transformando sua cabeça em mingau. Nos últimos segundos de vida, o que pensaria de mim? Ainda me amaria? E quanto a você, Ardiloso? Eu poderia matá-lo com a mesma facilidade.

— Você não vai me matar, Valquíria.

— Valquíria já era.

— Não é verdade — disse Ardiloso. — Estou falando com ela.

Trevária sacudiu a cabeça.

— Você não compreende.

— Eu compreendo perfeitamente. Trevária não é uma entidade separada. Ela não é outra pessoa. É você. Se você fizer as escolhas erradas, se parar de amar as pessoas que a amam, se permitir que o mundo deturpe, distorça e mude você, então sim, o futuro que vimos vai acontecer. Mas se você lutar, se esparnar, se brigar e se recusar a ceder à apatia ou à raiva ou à desesperança, então vai mudar o futuro, vai traçar seu próprio caminho. E eu estarei bem ali ao seu lado, Valquíria. Sempre estarei do seu lado.

Ela sentiu o Remanescente dentro de si, a angústia dele, e ficou cansada de brincar com ele. Tinha vindo a ela tão avidamente, impaciente para compartilhar de seu ser e ajudá-la a cumprir o destino que os psíquicos haviam previsto. Mas agora ele compreendia que não haveria compartilhamento. A presença do Remanescente

lhe oferecia meramente um vislumbre do que estava por vir — mas ela chegaria lá sozinha. Não precisava de nenhuma ajuda.

Ele se contorcia e lutava, os gritos dele enchendo sua cabeça, e quando ela terminou de deleitar-se com isso, encheu o corpo de calor, queimando o frio que o Remanescente tinha trazido. Ela o expurgou do próprio corpo e da própria mente, fazendo-o desaparecer. E com ele, por enquanto, os maus pensamentos e o vazio.

As pernas de Valquíria se dobraram, e Ardiloso disparou para impedir que caísse.

— Obrigada — murmurou ela, conforme a multidão se agitava ao redor.

— Sem problema — disse Ardiloso suavemente, então pressionou a arma contra a têmpora dela e disse, em voz alta:

— Se algum de vocês der mais um passo, Valquíria morre.

O RECEPTÁCULO

A multidão congelou. Tesserato ficou encarando.

— Está blefando — disse ele.

— Faça o teste — disse Tanith, a espada cintilando até a garganta de Valquíria, onde permaneceu, fria contra a pele dela.

— Vocês não vão matá-la — disse Tesserato. — Abaixem as armas.

Ardiloso usou o polegar para puxar o cão da pistola.

— Valquíria prefere morrer, aqui e agora, a deixar outro de vocês possuí-la e transformá-la no monstro que aniquila o mundo. Estaríamos fazendo um favor a ela, Valquíria sabe que sim.

Mortalha se colocou ao lado de Tesserato, sorrindo.

— Não seja ridículo. Ela é sua amiga. Sua parceira. É uma menina honesta, inocente e boa, com a vida inteira pela frente. Você não vai matá-la a sangue frio.

— Medonho — gritou Ardiloso. — Está aí?

A multidão se abriu, e Medonho andou até a frente.

— Você me conhece há muito tempo — disse Ardiloso. — Acha que eu estaria disposto a matar Valquíria para salvar o mundo?

O punho de Medonho se retesou, e ele olhou para Tesserato.

— Ele vai fazer — disse ele.

— Concordo — disse Porcelana, deslizando com facilidade pelo aglomerado de gente. — Para ser perfeitamente sincera, estou surpresa que ele ainda não tenha puxado o gatilho.

O lábio de Mortalha se curvou em um rosnado.

— Então vamos tirá-la dele.

— Não acho suas chances muito boas — disse Ardiloso. — Tem alguns de vocês que provavelmente poderiam derrubar a mim ou a Tanith antes que pudéssemos agir. Mas nós dois ao mesmo? Não tenham esperança. Vamos dar dez segundos para deixarem as pessoas que possuíram.

— Não vou voltar à prisão — disse Medonho. — Se você for matar Valquíria, então vá em frente. Podemos não conseguir nosso mundo morto, mas qualquer coisa é melhor do que voltar para aquele quarto.

— Não estamos mandando que voltem — disse Tanith. — Deixem essas pessoas e vão embora. Nenhum dos lados vai vencer hoje, então estamos considerando empate. Tentem a sorte de novo amanhã, então vamos acabar totalmente com vocês.

— Esperam que a gente devolva estas pessoas a vocês? — perguntou Porcelana.
— Acho que não. Eu gosto bastante deste corpo e desta mente, e de toda a magia que vem com eles.

— Todos os que estão ocupando feiticeiros se transformaram em *armas* agora — disse Tesserato. — Não vamos renunciar a estas armas para que vocês possam usá-las da próxima vez em que nos encontrarmos.

— Temo que vocês não tenham escolha — disse Ardiloso. — Os dez segundos começam agora.

Tesserato o olhou de cara feia, o ódio nos olhos, então se virou para Valquíria.

— Seus amigos estão prontos para matá-la, Trevária. Eles a temem. Como deveriam.

— Cinco segundos — disse Ardiloso.

— Isto não acabou — disse Tesserato.

Ele forçou a máscara para longe do rosto e abriu bem a boca, e ao seu redor seus companheiros fizeram o mesmo. O Remanescente se espremeu para fora, flutuando para o céu, e Tesserato desabou, inconsciente, a máscara estalando de volta contra o rosto. Ao redor de Valquíria, por todos os lados, os Remanescentes rastejaram para fora de seus receptáculos para emergir como uma nuvem de trevas, que se retorcia e enchia o ar com grunhidos raivosos.

Valquíria ergueu os olhos para Ardiloso.

— O Receptáculo — sussurrou.

— Não se preocupe, Val — disse Tanith. — Já o encontramos. Está vendo aquela caverna ali? É a entrada. — E, enquanto falava, o chão começou a tremer.

O movimento dos Remanescentes começou a ficar errático conforme os primeiros sentiam o puxão. Três deles foram arrancados da nuvem, puxados para a montanha por uma mão invisível, seus guinchos passando da raiva ao terror. Mais seguiram, em números maiores, formando uma corrente contínua de trevas uivantes.

O Remanescente que deixara o corpo de Tesserato mergulhou de volta, agarrando-se à gola do casaco do assassino, lutando contra o empuxo. Ele se arrastou para o rosto mascarado do homem, parando apenas quando Ardiloso se colocou acima dele.

— No momento em que entrar no corpo deste homem — disse Ardiloso, em voz alta para ser ouvido acima dos guinchos e do estrondo —, vou matá-lo, e você será destruído. Acha que estou blefando?

Tanith afastou a espada do pescoço de Valquíria, e esta voltou a respirar. A torrente acabou, desaparecendo pela boca da caverna. O Remanescente que se agarrara desafiadoramente a Tesserato foi o último. Então também soltou.

Mas em vez de se permitir ser puxado para a montanha, mudou de direção e avançou contra Valquíria. Tanith a empurrou para fora do caminho, e o Remanescente colidiu com ela em vez disso. Tanith rolou aterra abaixo, e Valquíria e Ardiloso correram atrás. Tanith tentou forçar o Remanescente para longe, mas foi em vão. A garganta dela inchou, e a ânsia cessou.

Imediatamente, ela se virou de costas, a bota acertando a perna de Ardiloso com um estalo agudo de osso se partindo. Ele gritou de dor, e Tanith se levantou em um pulo, girando no ar para desferir outro chute nas costelas dele. Ardiloso cambaleou e caiu.

Tanith se concentrou em Valquíria, que deu um passo para trás e golpeou a mão dela, afastando-a e lutando para se ajustar à ideia de Tanith como uma inimiga. A outra não tinha tais escrúpulos. O cotovelo dela estalou contra a mandíbula de Valquíria, que caiu esparramada sobre um arbusto de tojo. Ela se levantou e bloqueou um chute que a fez recuar, tentando contra-atacar com outro, mas Tanith apenas riu.

O ar oscilou, e Tanith a levantou do chão.

— Corra! — gritou Ardiloso, enquanto ela tentava se levantar.

Valquíria correu o mais rápido que pode até a caverna. O Receptáculo ainda estava ativo; ela pôde ouvir o estrondo e sentir o chão tremendo sob suas botas. Se pudesse atrair Tanith até a caverna, o dispositivo arrancaria o Remanescente dela, mas não havia muito tempo. Já estava perdendo velocidade. Ela olhou para trás e viu Tanith dando um mortal por cima da cabeça de Ardiloso, aterrissando e pegando algo no chão. A arma dele.

Valquíria se virou para correr de volta. Tanith disparou duas vezes, e Ardiloso estremeceu, tropeçando na perna ferida. Ele caiu, e Tanith jogou a arma longe, olhando na direção de Valquíria com um sorrisinho.

Xingando, Valquíria começou a correr até a caverna. Tanith estava atrás dela, ganhando terreno rapidamente, e Valquíria percebeu o quanto a amiga tinha se contido durante o tempo em que treinaram juntas. Tanith sempre fora mais forte, mais rápida e melhor, mas nunca deixara isso óbvio demais. Havia ocasiões em que Valquíria até imaginava que podiam estar chegando ao mesmo patamar. Agora, com a falta de esforço com que Tanith estava eliminando a distância entre elas, Valquíria pode ver que tola iludida havia sido.

Conseguiu chegar à caverna antes de Tanith alcançá-la. O estrondo profundo do Receptáculo era quase ensurdecador, a poeira caindo do teto. O orbe do dispositivo estava vivo com a escuridão rodopiante. Valquíria se virou, ofegando enquanto Tanith cambaleava atrás dela. O sorriso tinha desaparecido, substituído por uma determinação tensa. O Remanescente dentro dela devia estar gritando de dor.

— Solte-a! — gritou Valquíria.

Tanith continuou se aproximando, se inclinando mais a cada passo. Valquíria empurrou o ar, com força suficiente apenas para machucar e talvez desestabilizar o domínio do Remanescente, mas Tanith avançou, pegando-a de surpresa. Valquíria caiu para trás, chicoteando as sombras, mas Tanith deu uma estrela usando uma mão só e correu para a parede, subindo-a e desaparecendo atrás de um afloramento irregular.

Valquíria continuou recuando, procurando por um lugar onde não ficasse vulnerável. Ela viu pelo canto do olho quando Tanith aterrissou atrás dela, mas foi lenta demais para fazer qualquer coisa a respeito. Tanith envolveu a garganta dela, tentando fazê-la desmaiar com uma chave de braço. O pânico atravessou a mente de Valquíria. As mãos dela se moveram por conta própria, espalmando o ar do jeito que costumava fazer em casa para se erguer até o peitoril da janela. Desta vez, ela foi lançada para trás, ouvindo o grito surpreso de Tanith conforme as duas saíram rolando aos trancos.

Ela esperou que Tanith já estivesse de pé na hora em que olhou para cima, mas o efeito do dispositivo estava mais evidente agora. Os lábios de Tanith estavam negros, e as veias se espalhavam conforme ela se levantava com dificuldade do chão.

Valquíria correu para ela, determinada a aumentar a pressão até que o Remanescente não aguentasse mais. Tanith bloqueou o primeiro soco e se esquivou do segundo, mas Valquíria desferiu um na canela dela, emendando em um terceiro. Ela continuou com um chute lateral, desferindo-o do jeito que a própria Tanith lhe ensinara. O corpo de Tanith se dobrou, e Valquíria puxou a cabeça dela para baixo, contra o próprio joelho. Tanith quicou com o impacto e cambaleou para longe, tropeçando no próprio pé e caindo na poeira.

— Deixe-a — exigiu Valquíria.

Tanith riu e cuspiu sangue.

— Você vai ter que me matar, Val.

Valquíria tentou se mover para a frente, mas pôde ver que Tanith estava tentando atraí-la para si. Em vez disso, pegou um rastro de sombras e o agitou. Tanith mergulhou e fez um rolamento, e as sombras erraram completamente. Ela chutou, dando uma rasteira em Valquíria, que atingiu o chão, sentindo as mãos de Tanith nela, seguida de um puxão forte que arrancou sua jaqueta. Tanith a levantou e a jogou contra a parede. Um punho voou contra o seu rosto, e sóis explodiram na frente de seus olhos. Outro veio por baixo, pegando-a de lado. Sem a proteção da jaqueta, seus pulmões arderam, doloridos, e ela soube que um par de costelas tinha sido quebrado.

Sua visão embaçou por conta das lágrimas, e ela não conseguiu ver o que estava fazendo, mas sabia mais ou menos onde Tanith estava, então jogou a cabeça para a

frente. Sentiu o impacto e ouviu o uivo de dor emitido por Tanith. Avançou aos trancos com um chute que teria derrubado qualquer um que não tivesse os músculos abdominais da amiga. Como não era o caso, tudo o que o chute conseguiu foi abrir um pouco mais de espaço para Valquíria.

Tanith fez uma careta súbita, arquejando, e por um momento as veias se foram e Valquíria soube que aquela era a amiga olhando para ela através dos olhos torturados. Então os olhos se estreitaram conforme o Remanescente recuperou o controle.

Valquíria avançou com um soco que fez seu corpo inteiro estremecer e mandou Tanith para o chão.

— Lute contra ele! — gritou ela. — Tanith, lute!

Tanith rolou para longe. Ela tentou se levantar, então desabou no chão.

— Faça-o sair à força! — gritou Valquíria. — Faça, agora!

O Receptáculo estava começando a desacelerar. Só tinham mais alguns segundos antes que ele se desativasse. Valquíria agarrou os tornozelos de Tanith e começou a arrastá-la mais para perto do orbe que girava. Tanith esperneou e lutou, mas estava enfraquecendo. Valquíria soltou os calcanhares e se inclinou para a amiga, passando as mãos por baixo dos braços de Tanith e erguendo-a. Grunhindo com o esforço, ela empurrou Tanith pelos últimos metros que faltavam até chegar ao dispositivo. Tanith se agarrou a um afloramento para se manter de pé e ficou ali, arquejando.

— Acabou — disse Valquíria. Ela não precisava mais gritar, porque o ruído estava morrendo. — Por favor. Deixe Tanith em paz. Vocês perderam, ok? Não vão vencer esta, portanto deixe-a. Volte para junto dos outros.

— Ora, e por que — Tanith conseguiu dizer — eu iria quer fazer isso?

— Porque você perdeu!

— Não, Val... Eu só terei perdido se voltar a ficar preso naquela sala.

Valquíria marchou até ela. Tanith ergueu uma mão para impedi-la, mas Valquíria a abaixou, e seus dedos se fecharam em torno da garganta da amiga.

— Se eu tiver que enforcar você até tirá-lo daí, vou fazer isso.

Os lábios negros de Tanith se abriram em uma risada fraca, que Valquíria interrompeu com o aperto.

O ruído agora não passava de uma pulsação baixa e ritmada. O orbe girava apenas pelo próprio impulso, que desacelerava a cada volta. Valquíria apertou mais forte, e a mão livre de Tanith deu batidinhas inúteis nela.

— Saia daí! — gritou Valquíria.

O orbe parou de girar, o ruído cessou, e o Receptáculo foi desativado.

— Não... — gemeu Valquíria.

Tanith sorriu, agarrou a camisa de Valquíria e a puxou para perto, seu cotovelo estalando contra a cabeça da garota. A próxima coisa que Valquíria captou foi um

tiro. Ela estava no chão — não se lembrava de ter caído —, e viu Tanith correndo por uma parede de pedras e desaparecendo na escuridão.

Ardiloso mancou até ela, mantendo a mão que segurava a arma apontada para onde Tanith estivera.

— Você está bem? — Quis saber ele.

— Não — sussurrou Valquíria.

VÉSPERA DE ANO-NOVO

A Irlanda estava sob quarentena, todos os voos chegando ou saindo do país cancelados. Não havia barcos ou barcas, e nem mesmo os pescadores podiam zarpar. A Europa estava em estado de alerta máximo, ainda que a cura para o que ficou conhecido como o Vírus da Loucura já tivesse sido encontrada. Os cientistas tinham um nome técnico para ele, mas como não faziam ideia de como tudo começara, ninguém ligava para eles.

Um pequeno grupo de pesquisadores havia se deparado com a cura e estava recebendo toda a atenção e toda a glória. Eles tinham salvado o país de um novo patógeno bizarro e misterioso que desconcertara peritos de todo o mundo. O vírus atacara, regredira e agora estava sendo erradicado.

Alguns achavam que tinha sido um ataque terrorista. Outros colocavam a culpa em experimentos secretos do governo, o que rendeu boas risadas aos representantes governamentais. Pessoas foram machucadas, bens foram avariados e memórias foram apagadas. O número de mortos, noticiaram, foi bem menor do que poderia ter sido, e todos deveriam estar gratos por isso. Mas nessa véspera de Ano-Novo não houve grandes festas ou celebrações. Depois dos últimos dias, pareceu que toda a Irlanda só queria ficar parada sem fazer nada.

Valquíria também não estava se sentindo particularmente grata. O frio ainda estava congelante, ainda severo e inexorável, e Roarhaven era o último lugar em que queria estar naquela noite. Queria estar em sua casa, onde passara a maior parte dos últimos dias, de olho nos pais.

Ardiloso providenciara um esquadrão de Talhadores para protegê-los, caso Tanith decidisse fazer uma visitinha a Haggard, mas Valquíria continuava preocupada e sem a menor disposição de ver outras pessoas brincando de política.

O Santuário de Roarhaven era um aglomerado de corredores que espiralavam até o centro. Era menor que o antigo Santuário em Dublin e menos preocupado com charme ou, aliás, com aquecimento. Portas pesadas levavam a salas de vários tamanhos e funções. Muitos dos corredores estavam inundados pela escuridão, e outros, mal-iluminados demais para servir de alguma coisa.

Eles chegaram ao salão central. Ardiloso empurrou as portas, e Valquíria e

Medonho entraram atrás dele. Enredo assentiu para eles, mas não interrompeu sua conversa com Geoffrey Escrutínio e Filomena Aleatória. Valquíria reconheceu bastante gente do primeiro encontro, antes do Natal. Estavam todos em silêncio e pareciam cansados.

Os Necromantes estavam de pé de um dos lados, conversando entre si. À direita deles estava o Tormento, sozinho. O clima era sombrio. Olhares não se encontravam. A atmosfera pesada era de vergonha, remorso e culpa.

Corrival Revés era um dos mortos. Seu assassino era desconhecido, e virtualmente impossível de determinar, mas isso lançara todos os planos e projetos deles pela janela. Valquíria não o conhecia há muito tempo, mas reconheceu a perda tanto quanto qualquer outro. Ele fora a grande esperança deles, um líder forte o suficiente para convencer a comunidade internacional de que a Irlanda poderia se sustentar sozinha, sem a interferência alheia. E agora essa esperança já não existia mais.

Gradualmente, o burburinho morreu. Enredo limpou a garganta.

— Suponho que deveríamos começar, então. Bem-vindos, todos vocês. Passamos por um bocado de coisas na última semana, e estou imensamente satisfeito por ver tantos de vocês aqui esta noite. Perdemos amigos e familiares, vimos todo o país mergulhado em um pesadelo do qual só podemos esperar que se recupere, mas é claro que não podemos nos dar ao luxo de parar, lambar nossas feridas e ficar de luto pelos que partiram.

“Estamos em estado de emergência. De acordo com uma fonte confiável no Santuário alemão, nos poucos dias em que fomos comprometidos, a comunidade internacional, com o Conselho Americano à frente, estava prestes a entrar em cena e salvar o dia. Enquanto pode ser tranquilizador termos amigos tão bons espalhados pelo mundo, a lastimável verdade é que, se tivessem entrado em cena, jamais teriam saído.”

— O que significa que precisamos consolidar nosso poder o mais rápido possível — disse Escrutínio —, e *isso* significa escolher um novo Conselho de Anciãos.

— Eleições — disse Shakra. — Agora. Esta noite. Precisamos mostrar a eles que somos fortes e decisivos depois do que aconteceu.

— Fenestor — disse Ardiloso —, acho que a escolha evidente seria colocar você como Grande Mago.

Enredo franziu a testa.

— O quê?

— Concordo com Ardiloso — disse Medonho. — Você sabe como funciona o jogo. Na verdade, eu diria que os conselhos internacionais vão *preferir* trabalhar com você do que com Corrival. Foi o braço direito dele por anos, compartilha alguns de seus pontos de vista, mas não está nem perto de ser tão radical.

Enredo esfregou a testa, cansado.

— E o fato de eu não ter o menor interesse em pegar esse cargo tem alguma importância?

— Na verdade, não — disse Ardiloso. — Tempos desesperados pedem medidas desesperadas.

— Vamos votar — disse Escrutínio. — Aquele que são a favor.

Os gritos de aprovação encheram o salão.

Enredo suspirou.

— Está bem. E no espírito do desespero, Ardiloso pode ser meu primeiro Ancião.

Ardiloso sacudiu a cabeça.

— Sem chance.

— Posso saber por que é que você pode recusar a proposta e eu não?

— Porque eu sou eu.

— Tenho uma sugestão — disse o Tormento. Todos olharam para ele. — Já entregamos a vocês as instalações de Roarhaven para usarem como seu novo Santuário, que vocês aceitaram com gratidão. No entanto, alguns dos cidadãos de nossa boa cidade expressaram certa apreensão. Sentem que vocês tiraram proveito de nossa boa-vontade.

— Prossiga — disse Enredo, com desconfiança na voz.

— É de nossa opinião que o Conselho dos Anciãos deveria se constituir de três magos de sensibilidades firmemente diversas. Por tempo demais, todos os membros do Conselho pensaram da mesma maneira, tiveram o mesmo ponto de vista e se apegaram aos mesmos preconceitos. Se Fenestor Enredo for mesmo eleito Grande Mago, penso que o primeiro de seus Anciãos deveria ser a Madame Névoa.

Enredo chegou a se encolher diante da sugestão.

— Mas... a Madame Névoa é uma Filha da Aranha.

— Assim como eu — disse o Tormento. — Você nos rejeitaria por causa disso?

— Não, é claro que não, é só que... Os Filhos da Aranha sempre foram tão reclusos. Até mais que os Necromantes.

O Tormento assentiu, como um velho sábio.

— E é hora de mudarmos nossos modos. A Madame Névoa não apenas atuaria como representante do povo de Roarhaven, e vocês precisariam do apoio deles para que este Santuário seja bem-sucedido, como também seria uma voz para as minorias e para os marginalizados.

— Todos são ouvidos no Santuário — retrucou Enredo.

— E a Madame Névoa se certificará de que essa valiosa tradição se perpetue — disse Tormento. — Infelizmente, isso não está aberto a discussão. Se nosso pedido for negado, seremos forçados a retirar toda a assistência, o que inclui o prédio em que estamos.

— Está fazendo chantagem conosco — disse Flama. — De jeito nenhum que concordaríamos com isso.

— Nos deem licença um minuto — disse Ardiloso, atraindo olhares de todos os presentes. Ele se afastou e foi seguido por Enredo, Medonho e Valquíria.

— Não podem estar falando sério — sussurrou Enredo. — Não podem esperar seriamente que eu trabalhe ao lado de Madame Névoa.

— Era isso que estavam planejando o tempo todo — respondeu Ardiloso. — Quando ofereceram este prédio, sabíamos que haveria uma pegadinha.

— Névoa é mais que apenas uma pegadinha — disse Enredo.

— Seu Conselho vai precisar dela se quiser sobreviver aqui.

— Se eles planejaram isto — disse Valquíria —, então estamos apenas agindo conforme o plano deles. Como é que isso pode ser uma boa ideia? É do Tormento que estamos falando.

Ardiloso sacudiu a cabeça.

— O plano dele era que Névoa fosse uma Anciã junto com Fenestor, sendo Corrival o Grande Mago. Mas esse não é mais o caso. Agora Fenestor é o Grande Mago, portanto qualquer maquinação que tenham elaborado vai precisar mudar.

— Então precisamos de outro Ancião que esteja do nosso lado — disse Medonho. — Para nos certificarmos de que Névoa vai ficar na linha.

— Sim, precisamos — disse Ardiloso. — E é por isso que vai ter que ser você.

Os olhos de Medonho se arregalaram.

— Ficou maluco?

— Por que não? Você é querido, respeitado, e todos sabem de sua coragem no campo de batalha. Esta pode ser sua chance de fazer alguma diferença real.

— Não sou um político — disse Medonho. — Sou um alfaiate.

— Ainda pode costurar minhas roupas no seu tempo livre, mas realmente vamos precisar que faça isto.

Enredo assentiu solenemente.

— O destino o chama, meu amigo.

— Isso não é destino, é você. E se for coragem no campo de batalha que está procurando, por que não ir atrás de Anton ou de Distúrbio ou qualquer um dos Mortos? Havia outros além de você, de mim e do Ardiloso no nosso grupinho, se bem se lembra.

— Anton Frêmito mete medo nas pessoas, e Destro Distúrbio está do outro lado do mundo, vivendo uma vida de aventureiro.

— Medonho, pense no que isto vai significar — disse Ardiloso. — Como Ancião, você pode rastrear Tanith, capturá-la sem a machucar e autorizar que uma equipe de especialistas investigue como se livrar do Remanescente dentro dela. Quem mais vai desperdiçar tempo com isso? Quem mais vai se importar o suficiente?

Medonho fechou os olhos.

— Está bem.

— E então? — perguntou Tormento, quando eles se juntaram aos outros. — Já chegaram a uma decisão?

— Sim, já decidi — disse Enredo. — Precisarei me encontrar com Madame Névoa para discutir uma ampla gama de assuntos, mas será uma honra tê-la ao meu lado, com a condição de que ninguém tenha objeções a minha própria indicação, Medonho Reservado. Não? Nenhuma objeção? Excelente. Nesse caso, já temos um novo Conselho de Anciãos. Acho que uma salva de palmas é devida.

Começaram a aplaudir, e Valquíria também o fez. Ela esperou até estarem caminhando para a saída, até estar sozinha com Ardiloso, para voltar a falar.

— É possível? — perguntou. — Ajudarmos Tanith?

— Não — disse ele. — Pelo que sabemos sobre os Remanescentes, aquilo está permanentemente ligado a ela. Não tem como ajudá-la, não mais.

— Então mentiu para Medonho.

— Medonho sabe — disse Ardiloso, com a voz triste. — Ele só não quer acreditar.

Fletcher estava esperando do lado de fora. Quando Ardiloso os deixou, Fletcher entregou um par de óculos escuros para Valquíria.

Ela franziu o cenho.

— Aonde estamos indo?

— Austrália. — Ele sorriu e pegou a mão dela. Em um instante, estavam parados em um parque de Sydney numa manhã ensolarada e obscenamente radiante apesar dos óculos escuros, e o calor a atingiu como um punho.

— Uau — suspirou Valquíria.

Ela se virou, vendo casais e famílias passeando sob o sol. Viu uma pontinha da Opera House, meio oculta sob árvores altas, e se virou novamente para olhar a cidade.

— Achei que talvez você fosse gostar de uma mudança de ares — disse Fletcher, colocando os próprios óculos escuros.

Valquíria tirou a jaqueta e se sentou na grama, então se recostou, abrindo um largo sorriso apesar de tudo o que acontecera.

— Eu devia te obrigar a me trazer a lugares assim com mais frequência — disse ela. — Pegar uns shorts, um biquíni... Aí eu estaria preparada.

Fletcher se sentou ao lado dela.

— E como ia explicar um bronzado aos seus pais no meio do inverno?

— Tenho certeza de que eu encontraria um jeito.

— Então por que não faz isso? — perguntou ele.

— Por que não faço o quê?
— Me pede para trazer você a lugares assim com mais frequência.
— Não sei. Eu deveria. Acho que estou sempre ocupada.
— Bom — disse ele, com uma risada —, ou é isso ou você prefere passar seu tempo com Ardiloso e não comigo.
— Você sabe que não é verdade.
— Mesmo?
— É parcialmente verdade — admitiu ela.

Fletcher assentiu.

— Não posso culpá-la, para dizer a verdade. Ele não tentou machucar você como eu fiz.

O sorriso dela desapareceu.

— Aquilo não foi culpa sua.

— Mesmo assim, aconteceu.

— E você nem consegue se lembrar de nada.

— Isso significa que não posso me sentir culpado?

— Todos estamos nos sentindo culpados, Fletch.

Ele olhou para ela, que desviou o olhar. À sua direita, um pássaro de um verde vivo, algum tipo de papagaio, estava se banquetecendo em um sanduíche abandonado. Valquíria o observou até que ele terminasse de comer o que queria, então ele pulou para perto. Ela ficou bem parada. O pássaro subiu na jaqueta dobrada dela. Estava tão perto que ela podia se esticar um pouco e tocá-lo, mas não se moveu.

Fletcher olhou para o pássaro e sorriu.

— É isso que eu amo na Austrália. Se estivéssemos em Dublin ou em Londres, este seria um pombo velho e sem-graça, e estaríamos tentando espantá-lo. Mas aqui, tudo é mais vivo, mais colorido. Mais divertido. Eu devia levar você para Gold Coast. Para surfar.

— Espera eu ficar melhor na manipulação de água — respondeu Valquíria. — Aí eu vou.

— Mas isso acaba com toda a graça.

O pássaro subiu na perna dela, e ela riu. Ele continuou subindo, até a barriga, a cabeça dele se inclinando conforme examinava ao redor.

Fletcher deu um sorrisinho.

— Você fez um amigo.

— Está esperando que eu dê alguma comida. Eu não tenho comida nenhuma, passarinho. Olha, está me ignorando completamente. Se subir na minha cara, eu juro por Deus...

— Sorria para mim — disse Fletcher, erguendo o telefone lentamente. Ele tirou três fotos, e na terceira o papagaio, cacatua, ou seja lá o que fosse, olhou para o

lado, e Fletcher assentiu. — Esta vai ficar boa — disse ele. — Você nunca vai poder mostrar para sua família.

O pássaro bateu as asas. Valquíria deu um gritinho e virou o rosto para o lado enquanto ele alçava voo, e quando ela olhou para trás, ele estava sentado na cabeça de Fletcher. Ela irrompeu em gargalhadas e rolou pelo chão, pegando o telefone desajeitadamente antes que a oportunidade se perdesse. Estava rindo tanto que sua mão tremia, e tirou meia dúzia de fotos de um Fletcher cada vez mais horrorizado.

— Por favor, não faça cocô — murmurava ele.

O pássaro bateu as asas e grasnou ao pular da cabeça e descer do outro lado de Fletcher. Imediatamente, ele passou as mãos pelo cabelo, ajeitando e puxando as partes que o pássaro amassara. Então avançou, tentando tirar o telefone das mãos de Valquíria, mas ela o segurou com firmeza e se encolheu, rindo demais para conseguir dizer qualquer coisa. Finalmente, ele desistiu e se deitou.

— Por favor, não mostre essa foto para ninguém — disse ele.

Ela fez o telefone deslizar de volta para o bolso e se encostou nele.

— Não posso prometer.

Fletcher a envolveu com um braço.

— Devíamos fazer isso mais vezes. Você precisava de um tempo, Val. De umas férias. Quando foi a última vez que tirou uma folga? Aposto que faz anos, não? Você precisa ficar uma semana longe de tudo. Uma semana em que as pessoas não fiquem tentando matar você, em que esteja quente e feliz e em segurança.

Ela deu um beijo na bochecha dele.

— Você está sempre cuidando de mim, não é? É por isso que eu amo você.

Ela sentiu o corpo dele enrijecer.

— Você me ama?

O sorriso dela desbotou.

— Finja que eu não disse isso.

Fletcher se sentou para olhar para Valquíria, mas ela fechou os olhos.

— É um dia lindo e foi um momento agradável. Não estrague tudo.

— Ok — disse Fletcher. Depois de uma hesitação, ele voltou a se deitar. — Claro.

E eles ficaram ali na grama, sob o sol.

— Então, quando quer voltar?

— Vamos esperar meia horinha — disse ela. — Estou começando a me aquecer.

Eles ficaram por uma hora, em seguida se teletransportaram de volta à Irlanda. O frio atingiu Valquíria por todos os lados, e ela grunhiu ao devolver os óculos escuros para Fletcher. Ligou para Ardiloso ir buscá-la, e, quando o sol estava se pondo, eles chegaram ao Templo dos Necromantes.

TENEBROSS

Melancolia os levou até a sala de reuniões privativa do Sumo Sacerdote. Ela parecia cansada e magra, e nem se deu o trabalho de olhar de cara feia para Valquíria como geralmente fazia.

— O Sumo Sacerdote vai encontrá-los em instantes — murmurou ela. Oscilou levemente, como estivesse a ponto de desmaiar, mas recuperou a compostura e deixou a sala.

— Ela parece doente — disse Valquíria. Ardiloso assentiu, mas não fez comentários.

A sala de reuniões era uma câmara circular com um teto em forma de cúpula, iluminada por dezenas de velas. Valquíria se sentou à mesa redonda e esperou. Quinze minutos depois entrou o Sumo Sacerdote Tenebross, e ela se levantou. Estava tão acostumada a vê-lo flanqueado por Poltrão e Tremor que encontrá-lo sozinho causou certo estranhamento. Era como se tivesse aparecido sem roupas.

— Detetive Cortês — disse Tenebross —, Srta. Caos, o que posso fazer por vocês? Estamos todos muito ocupados aqui, lidando com as consequências dos ataques dos Remanescentes.

— Você não estava na reunião do Santuário — disse Ardiloso.

— Acreditei que meu tempo seria mais bem-empregado onde não sou desprezado. Pelo que soube, no entanto, vocês todos parecem ter se virado sem mim. Enredo, Reservado e Névoa, companheiros inusitados. Mas devo perguntar o que fazem aqui. Estou, como já indiquei, muito ocupado.

A investida de Ardiloso foi tão súbita que Valquíria pulou para trás. Ele empurrou Tenebross contra a parede.

Consternado, o Sumo Sacerdote tentou se livrar da imobilização.

— O que diabos você pensa que está fazendo?

Ardiloso apontou a pistola para o rosto de Tenebross.

— Onde está o Remanescente?

Tenebross congelou.

— Os Remanescentes estão presos. Você mesmo disse.

— Estou falando do *seu* Remanescente. O que você prendeu no seu

apanhadorzinho de almas. O que tinha entrado no corpo de Conspícuo Lamento, o que torturou Tanith Low. Onde está *aquela* Remanescente?

— Eu... eu presumo que junto com todos os outros...

— Há cinco meses, Salomão Mortalha se apoderou do Apanhador de Almas que continha aquele Remanescente em particular. Nos asseguraram de que ele seria devolvido ao Hotel da Meia-Noite. Anton Frêmito disse que isso nunca aconteceu.

— É evidente que houve algum erro...

— Finbar Errado não se lembra de muita coisa, mas consegue lembrar de Mortalha aparecendo por lá com o Apanhador de Almas alguns dias antes de tudo isto começar.

— Está dizendo que Mortalha libertou o Remanescente de propósito? Com que objetivo? Para que ele entrasse nesse tal de Finbar Errado?

Ardiloso se aproximou ainda mais.

— Estou dizendo que você o mandou fazer isso.

— Absurdo. Esse homem é um Sensitivo, não é? Por que é que eu daria uma ordem dessas?

— Talvez porque quisesse dar uma olhadinha no futuro.

— E nesse caso — disse Tenebross —, eu poderia simplesmente ter pagado um Sensitivo para fazer isso.

— Não se houvesse alguma coisa nesse futuro que você quisesse manter em segredo.

— Detetive Cortês, está me acusando de ter algo a ver com isso sem nenhum fiapo de prova que seja.

— Onde está Mortalha? — Quis saber Ardiloso.

— Temo não saber.

— Está escondido?

— Eu já disse, não sei. Não o vemos desde o ataque dos Remanescentes. Temo que ele possa ter sido assassinado.

— O que seria muito conveniente para você.

— Muito pelo contrário. Se o Clérigo Mortalha estivesse aqui, tenho certeza de que poderia explicar por que não devolveu o Remanescente ao Hotel da Meia-Noite conforme minhas instruções. Não gosto e nem me sinto confortável em ser acusado por algo que não fiz. E se for atirar em mim, então atire. Se não for o caso, guarde essa arma e pare com essa atitude ridícula.

— Eu deveria atirar em você. Eu deveria matar você.

— Assassinato a sangue-frio? Na frente da sua protegida?

— Não seria assassinato. Seria uma execução justificada.

Os olhos de Tenebross pularam para Valquíria.

— E você está pronta para permitir? Se ele me matar, tudo muda para você. Você

será banida da Ordem dos Necromantes. Nunca mais poderá cumprir seu destino. Nunca se tornará o Arauto da Morte...

Ardiloso bateu com a arma na cabeça de Tenebross.

— Pare de chamá-la assim.

— Por quê? — rosnou Tenebross, a mão se erguendo até a testa. — Porque não quer ouvir? Porque ofende suas delicadas suscetibilidades? Se ela for quem o Clérigo Mortalha pensa que é, ela tem a chance de salvar o mundo.

— De quê, exatamente? Você nunca foi muito claro a respeito da *ameaça*, não é? Do que o Arauto da Morte vai nos salvar?

O sangue escorria pelos dedos de Tenebross.

— São assuntos que não vou discutir com não iniciados.

— Então vai contar a Valquíria?

— Quando ela estiver pronta para ouvir.

— E quando vai ser isso? Quando for tarde demais para ela desistir?

— Detetive Cortês, está preocupado que Valquíria escape à sua influência? Eu nunca teria imaginado que é tão inseguro.

— Isto não tem nada a ver comigo.

— O que teoricamente quer dizer que tem tudo a ver com ela, estou certo? E ainda assim, não permitiu que ela falasse por si mesma uma única vez durante toda esta discussão.

— Eu gosto de ouvir — disse Valquíria.

O sorriso de Tenebross não poderia ser descrito como bem-humorado.

— Você não costuma ser tão tímida, Valquíria. Quando está sozinha, é extraordinariamente prolixa, não é? Tem opiniões sobre tudo. Mas quando o Detetive Cortês está, parece contente em deixar que ele fale tudo por você. Já reparou nisso?

— Não posso dizer que tenha notado — disse Valquíria.

— Mas agora que eu comentei, garanto que vai perceber. Ele tem medo, sabe. Está apavorado com a possibilidade de você acabar sendo o próximo Lorde Vil. Não é verdade, detetive?

A voz de Ardiloso estava mais baixa quando ele disse:

— Valquíria trilhará o próprio caminho.

— E se ela acabar mesmo virando o próximo Lorde Vil? Você ainda vai ser tão filosófico? Ou vai caçá-la e matá-la?

— Se chegar a esse ponto — disse Ardiloso, guardando a arma —, você vai estar morto muito antes de poder ver se está certo.

Tenebross tirou a mão da testa e olhou para o sangue.

— Só para sua informação, vou prestar uma queixa formal contra você no Santuário. Não que eles vão dar qualquer atenção. Dois dos seus melhores amigos

no Conselho dos Anciãos, detetive... Isso não teria dado tão certo para você nem que tivesse planejado a coisa toda.

No caminho de volta, o clima no carro estava pesado.

— No que está pensando? — perguntou Ardiloso.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não sei. Em tudo. Não consigo acalmar meus pensamentos. É muita coisa para considerar. Você ficou sabendo algo sobre Clarabela?

— Não — disse ele. — Não ouvi nada.

— Não deveríamos ter permitido que voltasse para o Hibernian sozinha. Devíamos ter imaginado que ela encontraria o corpo de Conspício.

— Valquíria, estávamos organizando o teletransporte de duas mil pessoas, a maioria delas ainda inconsciente. Não tivemos tempo de considerar cada um deles individualmente.

— Deixamos ela ir, Ardiloso. Nem pensamos no que encontraria. Acha que ela descobriu o que fez?

— Ela não vai se lembrar, mas... — Ele suspirou. — As provas estão lá. Nós erramos.

— E agora Clarabela fugiu.

— Se ela quer ficar sozinha, temos que respeitar. Ela perdeu uma pessoa que significava tudo para ela. Precisa de tempo para chorar. Como você está lidando?

— Magnificamente.

— Já teve seu luto? Agora a luta, depois o luto. Como você disse, é o que fazemos. E agora é a hora de chorar as perdas.

— Eu não sei. Não sei como devo me sentir ou como... como processar, sabe? Conspício me lembrava meu avô. Rabugento e irritável e sempre reclamando das minhas companhias. Eu me sentia segura com ele. Toda vez que ele estava por perto, eu sabia que, o que quer que me acontecesse, ele poderia curar. Ele apareceria arrastando os pés, reclamando, fazendo eu me sentir culpada por me meter em outra briga. E aí te insultaria para me fazer rir, e me curaria. E bem antes de sair, ele diria alguma coisa bem legal, para se certificar de que eu sabia que ele se importava.

— Você vai sentir falta dele.

Ela olhou pela janela.

— Por favor, não me faça chorar.

— Claro — disse Ardiloso. — Desculpe.

Ela não disse nada, e eles continuaram em silêncio até que outro nome, importuno, flutuou para seu pensamento.

— Patife — murmurou.

Ardiloso virou a cabeça para ela.

— O que tem ele?

— Ainda está preso na sala de exames de Conspícuo. Os dois estão.

— E?

— Bom, não devíamos deixar eles saírem?

— Para eles poderem nos trazer mais problemas?

— Não podemos simplesmente deixá-los lá. Estão procurando por uma cura, e Conspícuo disse que talvez fosse possível. Temos que soltá-los, para encontrarem outra pessoa que possa ajudá-los.

— Como quem?

— Que tal Nye? Isso seria bem da alçada dele.

— Não queremos ter nada a ver com o Doutor Nye.

— E não *vamos* ter nada a ver com ele. Vamos dizer o nome e deixar que o encontrem. Não podemos deixá-los trancados naquele quarto, Ardiloso. Você sabe que não podemos. Apenas dê uma parada na frente do Hibernian. Vou levar dois minutos.

Ele resmungou sobre o assunto mais um pouco, mas quinze minutos depois Valquíria estava correndo do Bentley para o Hibernian. O lugar estava uma bagunça. As paredes estavam chamuscadas e havia escombros pelos corredores. A tela estava caída, mas os Remanescentes tinham aberto um buraco na parede, e ela entrou. Luzes piscavam nos corredores. Os passos dela ressoavam, altos. De repente, entrar ali sozinha não pareceu uma ideia tão genial. E se algum Remanescente tivesse ficado para trás?

Ela chegou na sala de exames, mas a porta transparente estava aberta.

— Eles disseram que...

Valquíria soltou um guincho e deu um salto, girando ainda no ar para encarar o agressor. Ela caiu e tropeçou, e durante todo esse tempo, Caelan a observou com uma sobrancelha erguida.

— Meu Deus! — arquejou ela. — Não faça isso!

— Fazer o quê?

— Aparecer de fininho perto de mim!

— Eu não vim de fininho.

— Você quase me matou do coração!

— Eu não vim de fininho. Vim andando.

— Você devia usar um sino no pescoço!

— Já acabou de hiperventilar?

— Não! — gritou Valquíria, então se sentiu estúpida. — O que é? O que você quer?

— Eu só ia dizer, antes de você começar a gritar, que eu soltei eles. Os dois

zumbis. Eles disseram que eram seus amigos.

— Eles falaram isso?

— Suspeitei que pudessem estar mentindo, mas o mais alto não calava a boca, então abri a porta e pedi para eles me deixarem em paz. Espero que não se importe.

Ela se obrigou a ficar calma.

— Não. Não, não me importo. Eu vim aqui para deixar eles saírem, então...

— A crise acabou, imagino?

— Sim. Você não ouviu sobre os detalhes?

— Sou um vampiro sem bando. Ninguém me conta nada.

— Ah — disse Valquíria. — Certo. Bem, sim, a crise acabou. E agora que, sabe, você está aqui, eu acho que deveria agradecer por ter aparecido na hora em que apareceu.

— Você estava em perigo. Eu tinha que salvá-la.

Ela assentiu e sorriu. Por gratidão, sabia que tinha que deixar essa passar, mas se ouviu dizendo:

— Bom, obrigada por me *ajudar*. Mas *salvar* é meio... forte.

— Você o viu desde então? O garoto?

— Está falando de Fletcher? Sim, claro que sim.

— Mesmo depois de tudo o que ele fez?

— Aquilo não era ele... era o Remanescente.

— Se o que aconteceu com ele tivesse acontecido comigo, eu nunca machucaria você.

— Não poderia acontecer com você — disse Valquíria —, você é um vampiro. Os Remanescentes não podem possuir os mortos.

— É assim que me vê? Como uma coisa morta?

— Não — admitiu ela.

— Como me vê?

— Como um amigo.

— Nada mais?

Ele tocou o braço dela, e Valquíria sorriu, mas se afastou.

— Caelan, não quero que pense que isto vai dar em alguma coisa. Você tem sido um ótimo amigo para mim, realmente esteve presente, mas estou firme e completamente com Fletcher. E mesmo que não estivesse, ainda assim não acharia uma boa ideia.

— O amor raramente é uma boa ideia.

— Você não me ama.

— Amo, sim.

— Por favor, pare de dizer isso.

— O que é preciso para você me amar?

— Não posso amar um vampiro.

— Porque somos monstros? Porque quando o sol se põe, mudamos? Você já se deu conta, é claro, de que o sol se põe há algumas horas.

Os olhos de Valquíria se arregalaram, e ela recuou imediatamente.

— O que está fazendo?

— Não se preocupe — disse ele, sorrindo —, não vou mudar.

Caelan tirou uma seringa do bolso.

— Crepúsculo usava isto, lembra? É uma mistura de acônito e cicuta, e várias outras ervas. Ele se injetava algumas vezes por noite, e isso o impedia de se transformar. Passei os últimos dias à procura disto. O velho tinha fabricado mais. Dezenas de ampolas, sabe-se lá o motivo.

— Conspícuo odiava vampiros — disse Valquíria, suavemente.

— Peguei todas as ampolas. Não achei que ele fosse se importar, agora que está morto. Eu também li as anotações dele, então sei como fazer eu mesmo. — Os olhos de Caelan se fecharam. — Consigo senti-lo. Ele quer sair. Não entende por que não pode. — Ele olhou para Valquíria. — Não tenho que ser o monstro. Por você... Por você, posso ser normal. Posso ser humano.

— Se você quiser viver deste jeito, tem que ser por si mesmo, não por mim.

Ele sorriu de novo.

— Você é minha recompensa.

— Não, Caelan, não sou.

— Talvez ainda não. Tenho que provar a mim mesmo. Estou disposto a fazer isso.

— Ouça — disse Valquíria. — Estou tentando ser o mais clara possível a respeito disto. Eu não quero ficar com você.

— Consigo ouvir a velocidade com que seu coração bate cada vez que você olha para mim.

— Bom — murmurou ela —, isso não é nada justo.

— Você é uma garota esquisita, Valquíria Caos.

— E tem um Detetive Esqueleto me esperando lá fora.

— É melhor você voltar para ele, então. Vejo você em breve.

Valquíria achou que ele poderia se aproximar e tentar beijá-la, mas, em vez disso, apenas sorriu. Ela se afastou, tentando ignorar o fato de que estava decepcionada.

Não contou a Ardiloso sobre Caelan. Entrou no Bentley, falou que os zumbis já tinham fugido, e eles partiram para Haggard.

— Ainda não acabou — disse Valquíria.

— O que não acabou?

— Toda essa coisa de Trevária. Eu não a detive, não é?

Ardiloso hesitou.

— Não, parece que não.

— Ninguém mais se lembra do que fizeram quando estavam possuídos, mas eu lembro. Lembro de cada vez mais coisas, o tempo todo. O Remanescente não estava me controlando, ele só... abriu uma porta. Aquelas pessoas que morreram. Fui eu que fiz aquilo. — Ela inspirou, depois soltou o ar lentamente. — Não se preocupe. Não vou começar a chorar nem nada. Se eu estivesse no controle, não teria acontecido. Obviamente, eu não estava.

— Estou contente por você ter percebido isso.

— Mas agora temos a prova, certo? De que tem algo dentro de mim capaz de fazer tudo o que vimos naquela visão. O que faremos a respeito?

— O que você sugere?

Valquíria olhou para a frente, em direção à estrada.

— Você poderia me matar.

— Não tenho a menor intenção de matar você, Valquíria. Alguma coisa transforma você. Tem um gatilho que transforma a Valquíria Caos que todos nós conhecemos e toleramos em Trevária, a rainha das bruxas más de Dublin.

— Vai ser uma coisa trágica, não vai? — disse ela. — Algo terrível acontece comigo ou com alguém que conheço, e eu fico maluca, tentando me vingar no mundo inteiro.

— É uma das possibilidades.

— Alguma ideia de qual pode ser esse evento terrível e trágico?

— Eu não sei. Mas o que quer que seja, vou ficar de olho, e você também. Quando ele chegar, estaremos prontos.

Ele a deixou no píer, e Valquíria acenou, observando o carro se afastar. Pegou o telefone enquanto corria para a casa, se certificando de que o reflexo ainda estava na festa da casa de um vizinho.

De acordo com a mensagem que o reflexo enviara, ele estava num canto, sem falar com ninguém. A festa em si estava sendo um fiasco total, ninguém estava com disposição de celebrar. Valquíria, no entanto, conseguiu sorrir diante da ideia de entrar pela porta da frente da própria casa para variar, e deixar o reflexo subir pela janela.

Ela se sentia mal pelos Talhadores, obrigados a ficar de vigia ali fora, no frio congelante. A van deles estava estacionada bem em frente, com o motor desligado para não levantar suspeitas. Ela nunca parou para conversar com um Talhador e nunca os ouvira falar nada, para dizer a verdade, mas se aproximou da van mesmo assim. Podia passar para eles uns copinhos de cafés escondidos caso precisassem se esquentar, e provavelmente dar alguns canudinhos, assim eles nem precisariam tirar os capacetes. Ela nem mesmo sabia se bebiam café. Duvidava que bebessem.

A parte da frente da van estava vazia, então Valquíria bateu levemente na porta lateral. Os vidros tinham um filme escuro. Quando não ouviu nenhum tipo de som do lado de dentro, ela franziu a testa. Havia três talhadores posicionados ali: um ficava na van o tempo todo, e os outros dois faziam patrulhas regulares pela área. Ela segurou a maçaneta. Para sua surpresa, a porta não estava trancada. Ela a deslizou para abri-la. Três Talhadores mortos jaziam lá dentro.

Ela se virou e correu para casa. Tropeçou na rua e caiu, então rolou, se levantou de um pulo e continuou correndo. Pulou o muro baixo que circundava o jardim, aterrissando nas sombras, mantendo-se longe da luz que brilhava na janela da sala de estar. O fogo fazia estrépito na lareira, e a TV estava ligada.

Valquíria viu a mãe e o pai conversando, e seus joelhos enfraqueceram de alívio. Mas estavam conversando com alguém, uma mulher de jeans e um moletom pesado. Valquíria não a reconheceu até que ela virou a cabeça para rir. Valquíria correu para a casa e irrompeu na sala de estar. Todos olharam em volta, surpresos com a entrada dramática.

— Olá, Stephanie — disse Tanith.

INIMIGOS

— O aquecimento — disse a mãe de Valquíria. — O aquecimento!

O pai dela se levantou, correndo até o vestibulo. Valquíria o ouviu fechar a porta para interromper a corrente de ar, mas não conseguia tirar os olhos de Tanith.

— O que você está fazendo aqui?

— Meu carro quebrou. — Tanith sorriu. — Me lembro de você dizendo que morava aqui, então achei que podia ficar num lugar quente até minha carona chegar. Você está bem? Parece em choque.

O pai dela voltou para a sala.

— Foi criada no mato, é? Juro para você, Tanith, não sei de onde ela tira essas coisas.

Tanith riu.

— Não se preocupe, Des, ela é exatamente do mesmo jeito na escola. Posso ser apenas uma professora substituta, mas já tenho experiência o suficiente para saber que Stephanie vagueia para dentro e fora das salas esperando que as portas se fechem sozinhas.

Todos riram, exceto Valquíria.

— Tanith — disse a mãe dela —, você sofreu com esse tal Vírus da Insanidade? Não foi terrível?

— Oh, Melissa, foi sim. Meu vizinho pegou, para dizer a verdade. Ficou maluco. Não machucou ninguém, graças a Deus, mas foi tão assustador. Exatamente como nos noticiários da TV. Mas, apesar de tudo, agora ele está bem.

— Foi um ataque — disse o pai de Valquíria. — Uma coisa assim não acontece na natureza. Aposto com você que quem quer que tenha feito isso está usando a Irlanda como campo de testes. Os próximos serão os Estados Unidos, pode esperar pra ver. Ou Londres.

A esposa balançou a cabeça.

— Tem gente dizendo que foram drogas alucinógenas que bombearam nos reservatórios de água. Estão dizendo até que começou como uma brincadeira. Uma *brincadeira*!

— Tenho certeza de que vocês têm razão — disse Tanith, assentindo. — Mas foi

apavorante. Eu fiquei em casa o tempo inteiro; de jeito nenhum que eu ia botar o pé para fora.

— Mulher sábia.

— Ah, com licença — disse Tanith, pegando o telefone e olhando a tela. — Minha carona chegou.

— Que rápido.

— Essa é parte boa em se ter um namorado: sempre aparece quando você liga. Porém não sei bem como voltar para o meu carro. Estava em *alguma* dessas ruas...

— Oh, tenho certeza de que Steph não vai se incomodar em acompanhá-la de volta.

— Sem problema — disse Valquíria. — Já está pronta para ir? Então vamos.

Tanith se levantou e sorriu de novo.

— Tão ansiosa para colocar a professora para fora de casa. Des, Melissa, muito obrigada pela hospitalidade. Espero vê-los na próxima reunião de pais e professores.

Enquanto os pais se despediam, Valquíria conduzia Tanith para fora da casa.

— Se for atear fogo em mim — disse Tanith, baixinho —, melhor esperar até chegarmos na esquina.

Valquíria olhou para trás. O pai estava no degrau da frente, observando-as se afastarem. Depois de mais alguns momentos deixando o calor escapar da casa, ele fechou a porta.

Imediatamente, ela se afastou de Tanith.

— Por que está aqui?

Tanith continuou andando, obrigando Valquíria a acompanhá-la.

— Somos amigas, Val. Eu só queria dar uma passada, dizer um oi.

— Medonho é um Ancião. Ele está fazendo todo mundo procurar um jeito de ajudar você.

Ela sorriu.

— E por que você acharia que preciso de ajuda? Olhe para mim: não pareço feliz para você?

— Você é um Remanescente.

Elas já tinham dobrado a esquina, para fora das vistas e seguindo para o píer.

— E nós, Remanescentes, somos criaturas felizes — disse Tanith. — Então Medonho é um Ancião, é? Bom, fico contente. Eu não gostaria de vê-lo passando o resto da vida naquela lojinha, sem nunca fazer novos amigos. Talvez agora ele possa conhecer uma garota legal, constituir família...

— Ele ama você.

— Ele é um doce.

Valquíria parou de andar.

— O que você quer, Tanith?

Tanith se virou para ela.

— Estou aqui para dizer que não vou matar seus pais. É com isso que está preocupada, não é? Bom, não precisa ficar. Tive a oportunidade perfeita para matá-los, aqui mesmo, e não aproveitei. A verdade é que vou deixar sua família em paz.

— Por quê?

— Fui algumas pessoas nesses últimos dias. Fui Finbar, Frêmito, Tesserato. Mas preciso dizer, e não estou sendo tendenciosa, que prefiro ser eu. Prefiro ser Tanith. É que sou *mais bonita*, sabe? E tenho um cheiro mais agradável.

“E quando fui Finbar, tive aquela visão com você, no futuro, e fiquei tão animado. Comecei a pensar nas várias maneiras de ajudarmos você. Primeiro, estávamos idolatrando você e aí tentamos possuí-la, e nada disso funcionou. Você falou com algum psíquico ultimamente? Ainda andam sonhando com Trevária, sabia? O que quer que tenha feito, Val, não mudou nada. Você selou seu nome, mas isso só significa que é você quem decide aniquilar o mundo, exclusivamente por conta própria, sem ninguém controlar você. Significa que mata seus pais por sua livre e espontânea vontade.

“Então agora entende por que eu não quero que nenhum mal aconteça a eles. Quero que chegue lá naturalmente: quero que as coisas aconteçam como devem acontecer. E isso significa que seus pais continuam vivos e saudáveis até o momento em que você os mata.”

— E o que você vai fazer? — perguntou Valquíria. — Vai só ficar sentada assistindo?

— Eu não sou muito do tipo que só assiste, sou? Vou me meter em todo tipo de encrenca, não tema. Estarei guiando você, cutucando você. De vez em quando, vou vir dar uma cutucada em você, só para manter sua vida interessante, só para me certificar de que você não está se afastando muito do seu caminho.

— Eu nunca me tornarei Trevária.

— Você já se tornou, Val, por três minutos, e foi lindo. E eu compreendo agora o motivo para ela ter se virado contra meus irmãos e irmãs. Trevária não discrimina quem mata. É uma força verdadeira e pura de destruição. Da próxima vez em que ela emergir, eu não planejo estar em nenhum lugar próximo.

— Vou morrer primeiro — disse Valquíria. — Vou me matar.

— Não — disse Tanith —, não vai.

— Eu prefiro morrer a machucar minha família.

— Mas não vai se matar. Não é capaz.

— Você não sabe do que sou capaz.

— Mas todos vamos descobrir. — Tanith sorriu. — Como está a *minha* família, aliás? Minha *outra* família?

— Os Remanescentes foram presos e trancafiados. Estamos procurando um novo

lugar para mantê-los. Você nunca os encontrará.

— Talvez eu encontre, talvez não. Mas tudo isso ainda está por vir, não é mesmo? Temos tudo isso pela frente. Mas por enquanto, aqui e agora, o máximo que podemos fazer é desfrutar do tempo que nos resta. — Ela estendeu os braços. — Abraço?

Valquíria ficou onde estava, e depois de um tempo, Tanith baixou os braços.

— Você realmente precisa relaxar, sabia? Eu relaxei completamente, agora que estou compartilhando esta consciência. Agora tudo o que quero fazer é me divertir.

— Tanith — disse Valquíria —, por favor. Somos seus amigos. *Eu* sou sua amiga. Amo você como se fosse minha irmã.

— E eu amo você, Val. Amo de verdade, sinceramente. Na época em que eu ainda era eu, sozinha aqui, sem o Remanescente, você era minha pessoa favorita no mundo inteiro. Eu teria morrido por você. E agora que o Remanescente está aqui comigo, eu a amo ainda mais. Agora eu mataria por você.

Valquíria não pôde evitar. As lágrimas escorreram.

— Eu sei que você não quer machucar ninguém.

— Não — Tanith sorriu gentilmente —, eu quero, quero muito.

— Quero minha amiga de volta. Quero minha irmã de volta. Não quero que você seja o inimigo.

— Oh, Val, dentro de algumas semanas você provavelmente vai ter uma irmã *mesmo*, uma irmã *verdadeira*. Aí já não vai precisar mais de mim. E eu vou ficar bem. Sou boa em fazer amigos. Falando nisso, você gostaria de conhecer meu novo namorado?

A parede ao lado dela se rachou e desmoronou, e Billy-Ray Sanguíneo apareceu. Valquíria recuou instintivamente, mas ele mal prestou atenção nela. Tanith se virou, e quando eles se beijaram, as vísceras de Valquíria congelaram. Aquele ato, aquele simples beijo, era mais poderoso do que qualquer demonstração de violência. Tanith já não estava mais ali. Ela estava perdida.

— Não fique tão chateada — disse Sanguíneo, e Valquíria percebeu que ele estava dando um sorrisinho para ela. — Eu vou cuidar dela.

— Obrigada, queridinho — disse Tanith, repousando a cabeça no ombro dele. — Pode nos levar para longe daqui?

— Desde que você tenha mais um pouco daquele anestésico, meu docinho.

Tanith mergulhou a mão no bolso e retirou uma folha, que Sanguíneo colocou na boca e mastigou.

— Ok — disse ele. — Estou pronto.

Valquíria os viu recuar, milhares de fraturas minúsculas se espalhando pela parede atrás deles. Sanguíneo foi primeiro, a parede sugando-o.

— Vamos atrás de você — disse ela.

— Eu sei que vão — respondeu Tanith. — Para que servem os amigos, afinal? Ah, e Val? Feliz Ano-Novo.

A parede a engoliu também, e Valquíria estava sozinha.

A VOLTA

Tesserato não conseguia entender o motivo para tanta agitação — realmente não estava tão frio assim. A Rússia era fria. Partes da Sibéria eram particularmente frias. A Irlanda, no entanto, era quase tropical.

Ele ansiava por voltar para casa. Passara tempo demais ali, fora retido mais de uma vez. Mas agora sua jornada de retorno estava próxima. Tudo o que precisava fazer era resolver um último negócio, então a Irlanda poderia ficar no passado.

Vinha observando o Tormento havia dias, mas o velho nunca ficava sozinho do lado de fora. Syc e Pórtia estavam sempre com ele, e de vez enquanto a Madame Névoa se reunia a eles para uma caminhada pelas ruas de Roarhaven. Tesserato não era fã da ideia de lidar com todos ao mesmo tempo novamente, então observava e esperava.

Ele sabia que havia um túnel subterrâneo que levava de alguma parte da cidade ao Santuário. Já era a segunda vez que o Tormento saía do Santuário sem ter entrado. Tesserato voltou para o trailer, onde examinou mapas da cidade e releu tudo sobre a história da cidade. Um túnel subterrâneo não era mencionado em parte alguma de sua pesquisa.

Ele tentou uma abordagem diferente, se concentrando nos associados conhecidos de Tormento. Como muitos dos cidadãos de Roarhaven, Tormento não nascera na cidade. Ele se aposentara ali, cansado de tolerar a civilização mortal que não dava sinais de que um dia pararia de se espalhar pelo globo. Roarhaven era uma cidade de preconceito e intolerância, de feiticeiros amargos e insatisfações mágicas. O Tormento, e mais tarde, os outros Filhos da Aranha, encontraram ali uma casa que acolhia a eles e a seus pontos de vista.

Sob a máscara, Tesserato sorriu. Ele encontrou uma menção a Vaurien Patife em uma história do passado de Tormento. Patife já fora cidadão deste lugar, antes de ter sido expulso. Até tivera uma taverna por alguns anos.

Tesserato guardou os arquivos e escolheu uma nova máscara da parede. Esta tinha rebites por cima das sobrancelhas e uma longa fenda na boca. As agulhas afundaram nos ferimentos enrugados ao redor do rosto conforme ele saía do trailer. Andou por quinze minutos antes de chegar ao limite da cidade.

Sob a cobertura da noite, ele percorreu furtivamente as ruas, se movendo tão silenciosamente que nem os que estavam à sua frente poderiam ouvi-lo. A taverna estava escura, a porta fechada. Ele arrombou uma janela nos fundos e entrou. Encontrou um alçapão atrás de um dos balcões e seguiu os degraus que levavam para baixo, até um alojamento. As lâmpadas estavam acesas, mas não havia ninguém ali. Tesserato esperou.

Em pouco menos de três horas, ouviu um ruído baixo vindo do quarto, o som de uma parede se abrindo. Ele não se moveu. A parede se fechou novamente, e agora ele pôde ouvir passos arrastados indo para a pequena sala de estar. Uma música começou a tocar. Ele conhecia a banda, era The Carpenters, mas ele não tinha certeza de qual o nome da música. “There’s a Kind of Hush”, talvez. A última música que o Tormento ouviria. Tesserato esperava que ele gostasse dela.

— Não quero alarmá-lo — disse Ardiloso, atrás dele —, mas estou apontando uma arma para sua cabeça.

Tesserato girou, açoitando com um braço, e conseguiu lançar a mão de Ardiloso para o lado bem na hora em que ele disparou. Ele atingiu novamente a mão que empunhava a arma, mandando o revólver pelos ares, e Ardiloso o acertou com um gancho de direita que quase o derrubou.

— Se você apenas se entregasse — disse Ardiloso, enquanto o chutava —, tornaria tudo mais fácil para mim.

Tesserato prendeu o chute seguinte na curva do braço, e Ardiloso pulou imediatamente, girando para se livrar das mãos de Tesserato. Ele tentou empurrar o ar, mas Tesserato avançou, colidindo contra ele e forçando-o a recuar. Tesserato ganhou uma cotovelada na orelha com o movimento e lutou contra uma onda de tontura que ameaçou derrubá-lo. O esqueleto desferiu dois socos na cabeça dele, então mais um, sorrateiro, nas costelas. Tesserato sentiu algo estalar e grunhiu.

Ardiloso se inclinou para escapar de um soco e bloqueou o segundo, mas não conseguiu deter o terceiro. Tesserato o agarrou e puxou a cabeça dele para baixo, lançando-a contra o próprio joelho, então enfiou dois dedos na órbita ocular esquerda de Ardiloso, girando-o pela sala. Ardiloso atingiu o sofá e rolou por cima dele. Tesserato o pegou e jogou sua cabeça contra a parede. Ele fez a mesma coisa duas outras vezes, até ter certeza de que o detetive estava atordoado, então o largou.

Ouviu o estrondo da parede se abrindo e abandonou a sala de estar. O Tormento emergiu do quarto e olhou para cima, e seus velhos olhos se arregalaram por um momento.

— Entendo — disse. — Não vai adiantar tentar discutir com você, não é?

— De nada — admitiu Tesserato. — Você tentou me matar e não me pagou. Não posso aceitar isso.

— Eu devia ter cortado sua garganta.

— Devia.

Tesserato pressionou a mão contra a testa do Tormento e estilhaçou o crânio dele. O corpo do velho caiu, e Tesserato pisou em cima dele. Ele pôde ouvir Ardiloso, de pé novamente, e sem dúvida já com a arma novamente em punho. Tesserato se apressou até o quarto e atravessou correndo o buraco na parede para além do túnel. Alguns momentos depois, ele ouviu Ardiloso correndo atrás dele.

O túnel era longo e escuro. Começou a se inclinar, a escuridão dando lugar a um cinza indistinto que se transformou em uma porta. Tesserato correu por um dos largos corredores do Santuário. Sua tendência natural era a de se manter às sombras, mas os corredores adiante eram mais iluminados, e isso significava que o levariam à saída. Ele continuou correndo.

Uma bala se prendeu em seu casaco no mesmo instante em que ele ouviu o tiro, e ele se esquivou para a direita, irrompendo em uma sala. Ignorou o feiticeiro que estava lá dentro e correu direto para a porta do outro lado.

Viu-se em outra sala, repleta de caixas e caixotes ainda fechados. Agarrou um pé de cabra e deu um passo para o lado. Ardiloso entrou correndo, e Tesserato golpeou suas pernas. Ardiloso deu uma cambalhota no ar e desabou no chão. O pé de cabra o atingiu novamente, e ele grunhiu, em seguida Tesserato o ajudou a levantar chutando-o nas costelas. O pé de cabra estalou contra a bochecha de Ardiloso, fazendo-o recuar.

— Não fui pago para matar você — disse Tesserato. — Deite aí e não se levante. Você não precisa morrer hoje.

Ardiloso estalou os dedos e formou uma bola de fogo nas mãos. Tesserato arremessou o pé de cabra, que atingiu o esqueleto entre as órbitas oculares, fazendo-o cair.

A luz da sala oscilou, e Tesserato franziu a testa. Sombras se moveram pelas paredes, nas quinas e pelo chão. Ele olhou em volta, procurando por quem quer que estivesse fazendo aquilo. As sombras o açoitaram como uma garra gigante, as presas abrindo cortes profundos em suas costas. Tesserato girou quase completamente em um círculo e, por um momento, achou que poderia permanecer de pé. Mas não, suas pernas desmoronaram sob ele, e ele tombou.

Certa vez ele conheceu um homem que lhe disse que a vida dependia de momentos, que tudo mudava num piscar de olhos. Tesserato sabia que isso era verdade tanto quanto qualquer outra pessoa. Era nesses momentos que ele atacava, afinal de contas, arrebatando a vida das pessoas. Ele sempre soube que era apenas questão de tempo até que um desses momentos não estivesse a seu favor. As sombras haviam atravessado diretamente o corpo dele. Ele imaginou que podia sentir seus órgãos se desligando, um por um.

A sala estava silenciosa. O feiticeiro da outra sala, aquele pelo qual passara,

obviamente fugira. Tesserato duvidava que houvesse outros trabalhando durante a noite. Aquele Santuário não estava completamente ativo, afinal de contas. Teriam precisado de algumas semanas para isso.

Ele observou Ardiloso pegar a arma no chão e se levantar. Levou um momento para ver Tesserato, deitado ali em uma poça do próprio sangue. A cabeça do detetive se inclinou. Ele estava perplexo. Então olhou para cima, para algo atrás do homem caído.

Tesserato ouviu passos, mas não conseguiu mover a cabeça. Tudo o que conseguia fazer era observar Ardiloso enquanto este recuava.

— Não — disse o esqueleto.

Ardiloso disparou três vezes. Os passos sequer desaceleraram.

Agora Tesserato pôde ver alguém aparecendo no canto de seu campo de visão. Uma sombra chicoteou a arma para longe da mão de Ardiloso. O detetive tentou empurrar o ar, mas outra sombra golpeou seu braço, jogando-o para baixo. Ardiloso investiu, e a figura de preto o viu avançar, então as sombras desceram.

Elas deslizaram por entre as roupas de Ardiloso — Tesserato pôde ver que se contorciam e serpenteavam dentro dele. Elas estavam dentro do próprio esqueleto, se enrolando em seus ossos, e Ardiloso gritou de agonia quando foi erguido do chão. A escuridão deslizou de sua mandíbula aberta para as órbitas oculares. O corpo dele estava rígido enquanto a escuridão investigava cada parte de seu ser, e ele ainda gritava.

A figura o observou sem se mover, permitindo que as sombras fizessem todo o trabalho. Então, acabou. Ardiloso caiu no chão enquanto as sombras retrocediam, se fundindo de volta na armadura negra que seu mestre usava.

— Você não pode estar aqui — disse Ardiloso. — Você morreu. Está morto.

A figura deve ter dito algo em resposta, mas Tesserato não ouviu.

— Isso é loucura — disse Ardiloso. Ele empregou toda a sua força em se apoiar nas mãos e nos joelhos. — Você não pode estar aqui. Isto é... Você não pode estar aqui.

O homem de armadura negra circundou lentamente o detetive, que sacudia a cabeça, como se desejasse que aquilo tudo não fosse real.

— Você está morto. Você não é real. Você morreu.

A figura parou de andar, e Ardiloso ergueu o olhar para ele como se o estivesse ouvindo. Tesserato pensou escutar o mais suave dos sussurros, então Ardiloso rugiu de raiva e se ergueu de um salto. O punho dele atingiu a figura, e houve uma explosão de trevas, uma onda de sombras que encheu a sala e então desapareceu.

Tesserato piscou, a visão voltando. Ardiloso estava no chão, de joelhos e com a cabeça abaixada. A figura de preto tinha sumido.

Tesserato fez uma careta ao rolar para o lado. Movendo-se devagar, ficou de pé.

Já não sentia mais a dor nas costas. Suas pernas estavam ficando dormentes. Estava consciente de todo o sangue que estava perdendo, mas não pensou no assunto. Em vez disso, se virou para a porta e andou. Cada passo era uma batalha.

— Pare — disse Ardiloso atrás dele.

Tesseracto parou. Ele não se virou. Não precisava. Pelo ângulo da voz, soube que Ardiloso estava de pé e, muito provavelmente, com a arma de volta na mão.

— Quem era aquele? — Quis saber Tesseracto.

— Ninguém.

— A ferida aberta nas minhas costas conta uma história diferente. Eu reconheci a armadura. Era a mesma que o Barão Vingança usou há três anos, não é? Mas aquele não era o Barão Vingança.

— Você está preso.

Sob a máscara, Tesseracto sorriu.

— Estou morto, Detetive. Tenho apenas alguns minutos de vida, se eu tiver sorte. Ele me matou com muita eficiência, não foi? Eu gostaria de ao menos saber o nome dele. Ele lhe disse?

— Disse.

— E qual foi o nome?

Por um momento, Ardiloso não respondeu. Então disse:

— Ele disse que era o Lorde Vil.

Tesseracto trincou os dentes e se virou parcialmente para olhar o Detetive Esqueleto. Ardiloso estava de pé, a arma abaixada do lado do corpo.

— E onde está ele agora? Você o derrubou com um golpe poderoso?

— Ele se foi. Eu não sei onde está. Eu o atingi, e ele... desapareceu.

— O que ele disse a você?

— Que importância isso tem?

— Eu realmente gostaria de saber.

Ardiloso sacudiu a cabeça. Tesseracto aguardou, sentindo aqueles segundos preciosos escorrerem por ele tão, tão lentamente. Quando Ardiloso voltou a falar, estava com a voz surpreendentemente vazia.

— Ele disse que voltou por ela.

— Por Valquíria?

— Ele está reconstruindo sua força. Quando estiver forte o suficiente, vai matá-la. Ele disse que vai matar o Arauto da Morte, e depois todos os Necromantes.

— E por que ele escolheu dizer isso a *você*? Que ligação você tem com ele?

Ardiloso não respondeu. Esvaziou a arma, retirando as cápsulas vazias.

— Eu sei sobre você — prosseguiu Tesseracto. — Tenho um arquivo de todo mundo que eu possa ter de enfrentar. Sei sobre você, e sei que não tem nenhuma ocorrência registrada de que você encontrou Lorde Vil.

— É verdade — disse Ardiloso. Ele deslizou uma bala nova para dentro da câmara.

— Você nunca lutou contra ele. Nunca o enfrentou. Quando ele apareceu, você já tinha desaparecido. Por que escolheu *aquele momento* para ir embora, me pergunto? Já sabia o que ia acontecer?

— Você acha que sabe sobre mim — disse Ardiloso. — Mas não sabe.

Outra bala na câmara.

— Você tem medo dele, não tem, Detetive? Eu reconheço medo. Já senti com certa frequência e já o causei. Você tem pavor dele, tanto que fugiu quando percebeu que ele estava vindo. Me pergunto se também vai fugir desta vez?

Ardiloso recolocou a câmara no lugar com um clique.

— Sem fuga. Não mais. Eu vou ficar e lutar.

— Então qual é a conexão entre vocês? Por que o teme? Que poder ele tem sobre você?

Ardiloso ergueu a arma e usou o polegar para puxar o cão.

Lentamente, Tesserato ergueu as mãos para as correias em torno da cabeça, os dedos insensíveis desafivelando desajeitadamente a máscara. Finalmente, ela se soltou, e ele a deixou cair, sentindo o ar em seu rosto arruinado. A sensação era tão boa. Era como uma gargalhada.

— O último pedido de um moribundo — disse ele. — Responda isto. Você foi morto e ainda assim, voltou. Sabe como aconteceu? Sabe quem teria poder o suficiente para deter a morte, a morte *verdadeira*? Foi a Necromancia que o trouxe de volta, Ardiloso? Foi o Lorde Vil?

O dedo enluvado de Ardiloso pressionou mais o gatilho, mas antes que a arma disparasse, as pernas de Tesserato cederam sob ele novamente. Ele cambaleou contra a parede, atingindo-a com o ombro, e deslizou até o chão. Não houve dor, o que era bom, porque ele podia sentir a putrefação se espalhando por sua cabeça. Quando olhou para cima, Ardiloso estava guardando a arma.

— Não vai me matar? — perguntou.

— Desperdício de bala.

— Sei que não tenho direito de pedir isso, mas você me ajudaria a sair? Está quase amanhecendo, e eu gostaria de sentir o sol no meu rosto.

Ardiloso inclinou a cabeça levemente. Então avançou, passou o braço esquerdo de Tesserato em volta do pescoço e se levantou, erguendo-o da poça formada pelo sangue.

— O problema de viver tanto tempo — disse Tesserato, conforme Ardiloso o levava até a porta —, é que nos acostumamos. Observamos os mortais envelhecendo e morrendo ao nosso redor, vemos o mundo mudar e entrar em decadência... mas independentemente das provações ou das dores ou das aflições que sofremos,

escolhemos continuar a viver. Por puro hábito, eu acho.

— Você está bem falante agora que estamos nos conhecendo melhor — disse Ardiloso.

— Eu tenho um gato, sabe. Em casa.

— Eu sei. Você tinha pelo de gato na lapela no dia em que matou Davina Mácula.

— Você não deixa passar quase nada, não é? Ela não tem nome. É só Gata. Ela se enrola no meu peito sempre que eu sento, e aí dorme. Espero que não sinta a minha falta. Eu vou sentir a falta dela.

Eles saíram para o ar frio da manhã. A alvorada ainda não irrompera. Ardiloso encontrou um banco e deixou Tesserato sentado, de frente para o lago de águas estagnadas e, além dele, o horizonte. Então se sentou ao lado dele.

— Tem alguma coisa de que se arrependa? — perguntou Ardiloso.

— Me arrependo de ter sido mortalmente ferido há alguns minutos.

— Compreensível.

— Tirando isso, não. Eu vivi. Eu matei. Minha vida é só minha.

A podridão se infiltrava pelo corpo de Tesserato. Ele virou a palma da mão para cima, mas provavelmente era uma coisa boa que não conseguisse ver muita coisa naquela luz fraca. Sentia a carne efervescer, como se estivesse sendo cozido de dentro para fora. Com muito esforço, conseguiu olhar para cima de novo.

— E você? — perguntou ele, as palavras pouco além de um murmúrio. — Arrependimentos?

— Muitos — disse Ardiloso.

A respiração de Tesserato crepitava em seu peito.

— Essa é a parte boa de viver. Você pode compensar os erros do passado.

— Ou cometer erros novos em folha.

Tesserato tentou sorrir, mas não teve forças. Sua cabeça tombou, e Ardiloso esticou a mão para firmá-la. O sol irrompeu no horizonte, fendendo-o com uma luz que se derramou pelo céu em faixas laranja e vermelho-escuras.

Ardiloso cortês - Vol 5 - Serpentina Mortal

Sinopse dos livros da série Ardiloso Cortês

<http://livrosaoquadrado.webnode.com.br/products/sr-%20ardiloso%20cort%C3%AAs/>

Booktrailer do livro

http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=XE87tuzw0kM

Wikipédia do autor

http://pt.wikipedia.org/wiki/Derek_Landy

Site do autor

<http://dereklandy.blogspot.com.br/>

Twitter do autor

<https://twitter.com/DerekLandy>

Perfil do autor no Goodreads

http://www.goodreads.com/author/show/165168.Derek_Landy

Capa

Série Sr. Ardiloso Cortês

Rosto

Créditos

Dedicatória

1 A tarefa de Mortalha

2 O detetive sorridente

3 Tesserato

4 Escala maior

5 O Dilema de Valquíria

6 O Novo Messias

7 Sangue

8 O Rei Zumbi

9 O Novo Grande Mago

10 O Quebra-Ossos

11 Os magos de Roarhaven

12 Mantendo a compostura

13 Sofrimento

14 Mortos

15 A Banshee

16 O Interrogatório de Davina Mácula

17 O serviço

18 Lambendo as feridas

19 Manhã de Natal no Hotel da Meia-Noite

20 Época de festividades

21 Nye

22 Em busca da alma

23 A cova

24 A garota morta

25 Terra

26 A verdade

27 De volta a Finbar

[28 A palavra com Z](#)
[29 O anjo da guarda](#)
[30 Conhecendo os pais](#)
[31 A primeira onda](#)
[32 Shenanigans](#)
[33 As gêmeas](#)
[34 Remanescentes à solta](#)
[35 Escrutínio](#)
[36 Silêncio, por favor](#)
[37 As mãos do inimigo](#)
[38 Lutas](#)
[39 Muriel](#)
[40 O plano](#)
[41 A cabeça na caixa](#)
[42 Primeira aula](#)
[43 Pela espada](#)
[44 O cerco ao Hibernian](#)
[45 Pavoroso](#)
[46 De acordo com o plano](#)
[47 Companheiros inusitados](#)
[48 O plano dá errado](#)
[49 Atrás da chave](#)
[50 No desfiladeiro de MacGillycuddy](#)
[51 O Receptáculo](#)
[52 Véspera de ano-novo](#)
[53 Tenebross](#)
[54 Inimigos](#)
[55 A volta](#)
[Colofão](#)
[Saiba mais](#)

DEREK LANDY



DE QUE LADO VOCÊ ESTÁ?